



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

CAROLINA DA SILVA FURTADO

O Presépio: mediação cultural e transmissão religiosa.

Proposta de um itinerário pedagógico no contexto de Educação Moral e Religiosa Católica

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:

Professor Doutor Alfredo Teixeira
Professor Mestre Juan Ambrósio

Lisboa

2024

AGRADECIMENTOS

Ocorrem-me muitos nomes quanto penso em agradecimentos. Penso que gravá-los nesta página seria uma tentativa inglória. Não me atrevo!

Acima de tudo, sou grata pelo misterioso dom da vida. Pelo emaranhado de vidas: fontes de inspiração e sabedoria.

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE FIGURAS	6
ÍNDICE DE TABELAS	6
RESUMO	7
ABSTRACT	8
SIGLÁRIO	9
INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1	12
A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA (PES).....	12
1.1. Enquadramento da PES	13
1.1.1. O meio envolvente.....	13
1.1.2. A escola	15
1.1.3. A turma	18
1.2. A Unidade Letiva 2: Advento e Natal	21
1.2.1. Enquadramento da lecionação da UL 2: Advento e Natal.....	21
1.2.3. Planificações e relatórios das aulas.....	23
a) Planificação e relatório da aula 1	27
b) Planificação e relatório da aula 2	33
c) Planificação e relatório da aula 3	39
d) Planificação e relatório da aula 4	41
a) Planificação e relatório da aula 5	46
b) Planificação e relatório da aula 6	51
c) Planificação e relatório da aula 7	56
1.3. Análise crítica da PES	62
1.3.1. Os objetivos e conteúdos da UL 2 são importantes para os alunos?	62
1.3.2. Aspetos positivos da lecionação	65
1.3.3. Aspetos que necessitam de melhoria	67

1.3.4. O contributo da temática do Presépio para a leção da UL 2	69
CAPÍTULO 2	71
O PRESÉPIO: DO SIGNIFICADO AO ARTEFACTO	71
2.1. O valor e significado do Presépio.....	72
2.1.1. O Presépio e a memória de Francisco de Assis	73
2.1.2. O Presépio é um Evangelho vivo.....	80
a) No centro do Presépio	82
b) Por cima do Presépio	87
c) O mundo no Presépio	90
2.2. O Presépio num contexto de mediação patrimonial e cultural.....	95
2.2.1 A mediação patrimonial e cultural: um novo contexto para a transmissão religiosa?	96
2.2.2. Mediações patrimoniais e itinerários formativos de EMRC	104
2.2.3. Transmissão e identificação segundo o modelo de Hervieu-Léger	107
a) Polo comunitário-identitário	107
b) Polo cultural	109
c) Polo ético-axiológico.....	111
d) Polo afetivo-emocional	113
CAPÍTULO 3 – PROPOSTA DE UM ITINERÁRIO PEDAGÓGICO PARA A LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA 2: ADVENTO E NATAL	115
3.1. Enquadramento da UL 2: Advento e Natal	115
3.1.1. Metas, objetivos, aprendizagens essenciais e conteúdos.....	115
3.1.2. Notas para uma reflexão teológica	121
3.1.3. O Presépio no contexto da UL 2: Advento e Natal	155
3.2. Proposta de um itinerário pedagógico	159
3.2.1. O Presépio do Prior Evaristo Gouveia: caracterização, descrição e justificação do artefacto religioso segundo o modelo de Hervieu-Léger	159
a) Dimensão comunitário-identitário.....	160
b) Dimensão cultural	162

c) Dimensão ética-axiológica	164
d) Dimensão afetivo-emocional.....	165
3.2.2. Presépio do Prior Evaristo Gouveia: exploração das possibilidades de aproximação pedagógica ao artefacto	165
3.2.3. Proposta de ação	168
a) Razões justificativas da visita de estudo	168
b) Objetivos da visita de estudo.....	170
c) Preparação, realização e avaliação da visita de estudo	171
CONCLUSÃO.....	175
BIBLIOGRAFIA	178

ÍNDICE DE FIGURAS

<i>Figura 1 – Mapa da Ilha de São Miguel (Concelhos)</i>	<i>13</i>
<i>Figura 2 – Planta da Escola Sede.....</i>	<i>17</i>

ÍNDICE DE TABELAS

<i>Tabela 1 - Dimensão sociofamiliar: núcleo familiar com quem os alunos habitam.....</i>	<i>20</i>
<i>Tabela 2 - Metas curriculares enquadradas segundo domínios de aprendizagem, 5.º anos</i>	<i>117</i>
<i>Tabela 3 - Metas, objetivos, AE e conteúdos da UL 2: Advento e Natal</i>	<i>118</i>
<i>Tabela 4 - Metas, objetivos, AE e conteúdos da UL 2: Advento e Natal, no contexto da visita de estudo ao Presépio do Prior Evaristo Gouveia.</i>	<i>170</i>
<i>Tabela 5 - Visita de estudo: articulação com outras áreas curriculares</i>	<i>173</i>

RESUMO

Este documento traduz-se no trabalho final realizado no âmbito da frequência do Mestrado em Ciências Religiosas, com especialização em Educação Moral e Religiosa Católica, no contexto do ensino básico e secundário em Portugal. Mais precisamente, apresenta-se a Prática de Ensino Supervisionada realizada no ano letivo de 2021/2022, na Escola Básica e Secundária do Nordeste, localizada no arquipélago dos Açores, na ilha de São Miguel, numa turma de 5º ano.

A prática de ensino supervisionada foca-se na Unidade Letiva 2: Advento e Natal, uma unidade fundamental para a exploração das dimensões religiosa e cultural do cristianismo. A componente de investigação prima pela apresentação de um itinerário pedagógico para o ensino da referida Unidade Letiva. Este itinerário contempla uma visita de estudo, assumida como estratégia pedagógica, incentivando os alunos a envolverem-se com o Presépio de uma forma tangível, tendo em vista um aprofundamento reflexivo que os ajude a relacionar o significado religioso do Presépio e o seu contexto cultural e histórico.

Da análise realizada ao Presépio do Prior Evaristo Gouveia, à luz do modelo de Danièle Hervieu-Léger, considera-se que este artefacto (religioso e cultural) enquanto mediador de uma identidade e tradição religiosa cristã, apresenta características que o definem como tal nos quatro polos contemplados pelo modelo: comunitário-identitário; cultural; ético-axiológico e afetivo-emocional.

Por forma a se facilitar o processo de ensino-aprendizagem face aos conteúdos contemplados na Unidade Letiva 2, preconizou-se uma visita de estudo ao Presépio de Prior Evaristo Gouveia.

Palavras-chave:

EMRC, Natal, Presépio, património, cultura, mediação, transmissão religiosa.

ABSTRACT

This document is the final work carried out as part of the Master's Degree in Religious Sciences, specializing in Catholic Moral and Religious Education, in the context of primary and secondary education in Portugal. More precisely, it presents the Supervised Teaching Practice carried out in the 2021/2022 school year, at the Nordeste Primary and Secondary School, located in the Azores archipelago, on the island of São Miguel, in a 5th grade class.

The supervised teaching practice focuses on Teaching Unit 2: Advent and Christmas, a fundamental unit for exploring the religious and cultural dimensions of Christianity. The research component is based on the presentation of a pedagogical itinerary for teaching this Teaching Unit. This itinerary includes a study visit, taken as a pedagogical strategy, encouraging students to get involved with the Nativity scene in a tangible way, with a view to deepening their reflection and helping them to relate the religious meaning of the Nativity scene to its cultural and historical context.

From the analysis carried out on Prior Evaristo Gouveia's Nativity scene, in the light of Danièle Hervieu-Léger's model, it is considered that this (religious and cultural) artifact, as a mediator of a Christian religious identity and tradition, presents characteristics that define it as such in the four poles contemplated by the model: community-identity; cultural; ethical-axiological and affective-emotional.

In order to improve the teaching-learning process in relation to the content covered in Teaching Unit 2, a study visit to Prior Evaristo Gouveia's crib was planned.

Keywords:

EMRC, Christmas, Nativity scene, heritage, culture, mediation, religious transmission.

SIGLÁRIO

AS – *Admirabile Signum*

AE – Aprendizagens Essenciais

CMN – Câmara Municipal do Nordeste

CV – *Caritas in Veritate*

DOV – Despiste e Orientação Vocacional

EB – Escola Básica

EBSN – Escola Básica e Secundária do Nordeste

EE – Encarregados de Educação

EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica

FT – *Fratelli Tutti*

GAIE – Gabinete de Apoio à Integração Escolar

GCVPC – Gabinete de Combate à Violência e Promoção da Cidadania

JI – Jardim de Infância

NEE – Necessidades Educativas Especiais

PEREE – Programas Específicos do Regime Educativo Especial

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PP – Programa Pré-Profissionalização

SPO – Serviço de Psicologia e Orientação

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

TPC – Trabalho para Casa

UL – Unidade Letiva

INTRODUÇÃO

O presente documento traduz-se no trabalho final realizado no âmbito da frequência do Mestrado em Ciências Religiosas, com especialização em Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), no contexto do ensino básico e secundário em Portugal. Mais concretamente, este documento apresenta a Prática de Ensino Supervisionada (PES), realizada no ano letivo de 2021/2022, na Escola Básica e Secundária do Nordeste (EBSN), localizada no arquipélago dos Açores, na ilha de São Miguel, numa turma de 5º ano.

A componente prática de ensino estruturou-se em torno da Unidade Letiva (UL) 2 do currículo de EMRC – Advento e Natal –, uma unidade fundamental para a exploração das dimensões religiosa e cultural do Cristianismo. Na verdade, a UL 2 não só aprofunda o significado teológico do Advento e do Natal, como também deixa-nos entrever a importância do Presépio enquanto manifestação cultural, onde este pode configurar uma importante ferramenta (ou instrumento) de mediação patrimonial e cultural.

Assim sendo, o primeiro capítulo do trabalho descreve a PES que teve lugar na EBSN, reconhecendo-se que esta experiência se traduziu numa componente crucial do programa de mestrado em Ciências Religiosas, ao proporcionar um envolvimento direto na instrução da EMRC a alunos do 5º ano de escolaridade. Esta parte do trabalho proporcionou uma visão valiosa sobre os desafios práticos e as oportunidades no ensino da disciplina, nomeadamente no que diz respeito à forma de envolver e proporcionar o contato dos alunos com os aspetos religiosos e culturais da tradição cristã.

Após a apresentação desta componente letiva prática, o foco voltou-se para uma abordagem mais teórica à UL 2 (Advento e Natal), a qual incidiu no significado do Presépio e, simultaneamente, no entendimento do Presépio enquanto artefacto de mediação patrimonial e cultural, tendo-se analisado o Presépio à luz do modelo de Danièle Hervieu-Léger. Ou seja, o segundo capítulo foca-se no Presépio, um elemento central das celebrações católicas, por ocasião do Natal. O Presépio é, simultaneamente, um símbolo religioso e um artefacto cultural, que poderá proporcionar aos alunos um exercício de reflexão sobre o seu significado no contexto da sua fé, bem como sobre a amplitude do seu papel nas práticas culturais. Além disso, o Presépio foi analisado à luz do modelo de religião de Danièle Hervieu-Léger como uma cadeia de memória. Esta análise, coloca em evidência o papel dos símbolos e dos rituais religiosos na transmissão da fé e da memória coletiva.

Por fim, o terceiro capítulo, tal como o primeiro, é de cariz prático, mas apresenta um itinerário pedagógico para o ensino da UL 2: Advento e Natal, no âmbito da lecionação da

disciplina de EMRC, no 5.º ano de escolaridade. Desta forma, este último capítulo subordina-se ao Presépio do Prior Evaristo Gouveia, onde se procede a uma análise do mesmo em função do modelo de Hervieu-Léger, enquanto artefacto de mediação patrimonial e cultural açoriano.

O itinerário pedagógico concebido inclui ainda uma proposta de ação, a qual se traduz numa visita de estudo como estratégia pedagógica, mediante a qual os alunos são chamados a se envolverem, de forma tangível, com o Presépio. A visita de estudo tem em vista um aprofundamento reflexivo que ajude os alunos a relacionar o significado religioso do Presépio e o seu contexto cultural e histórico.

CAPÍTULO 1

A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA (PES)

Este primeiro capítulo pretende uma aproximação reflexiva àquela que foi a Prática de Ensino Supervisionada, no ano letivo 2021/22, em regime presencial. Constituindo-se um núcleo de pesquisa educacional, importa considerar os aspetos relevantes inerentes ao processo da prática letiva, desde a análise da escola e da turma até às conclusões da PES da Unidade Letiva que serviu de referência, a UL 2: Advento e Natal.

Em primeiro lugar, interessa olhar o contexto educativo em que a PES foi desenvolvida, analisando o meio envolvente, a escola e a turma. De facto, estes três aspetos são essenciais para o professor orientar a sua prática pedagógica e estão interligados, pois para se conseguir conhecer os alunos com quem se vai trabalhar, é necessário conhecer todo o meio em que estão inseridos, assim como a escola, a casa, os encarregados de educação (EE).¹ Não se pode esquecer que cada aluno, apesar de único, é o resultado de uma educação que lhe é transmitida e de uma sociedade.² Assim, o professor enquanto facilitador de aprendizagens, poderá planificar a leção da sua disciplina com mais informação e conhecimento e alcançar maior eficácia nos resultados pretendidos.

Em segundo lugar, e uma vez que este capítulo se debruça sobre a PES, é apresentado o seu núcleo que dão conta de uma heterogeneidade de elementos. Aqui são reunidas as planificações das aulas utilizadas na leção da UL 2, acompanhadas dos respetivos relatórios.

A seu tempo, dar-se-á espaço às conclusões. Neste sentido, cabe a análise da UL 2: Advento e Natal, destacando-se a pertinência da referida UL no processo de ensino aprendizagem dos alunos. Serão referidos os aspetos positivos e os que necessitam ser melhorados aquando da prática letiva. Por fim, será introduzida a temática do Presépio e o contributo que a mesma pode dar na leção da UL 2.

Este capítulo acaba por reunir e refletir sobre os componentes essenciais do conhecimento base de um professor, categorizadas por Lee Schulman, e elencadas por Arends: o conhecimento dos conteúdos; o conhecimento do conteúdo pedagógico; o conhecimento sobre os alunos; o conhecimento pedagógico geral; o conhecimento dos contextos educacionais; o conhecimento do currículo; e, por fim, o conhecimento das finalidades, objetivos e valores.³

¹ Cf. Vanessa Gonçalves, *Descobrendo Portugal com os Sentidos* (Lisboa: ISEC, 2014), 4.

² Cf. Gonçalves, 4.

³ Cf. Richard I. Arends, *Aprender a ensinar* (Madrid: McGraw-Hill, 2008), 21.

1.1. Enquadramento da PES

Para início do percurso, considerou-se a caracterização do contexto educativo em que a PES se desenvolveu. Assim, parte-se do meio envolvente, o concelho do Nordeste, apontando geograficamente o local onde decorreu a prática letiva, bem como as suas características, nomeadamente, demográficas. Segue-se uma exploração do contexto da Escola Básica e Secundária do Nordeste, bem como a contextualização da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, atendendo às informações disponíveis no Projeto Educativo da Escola, datado de 2020-23. Num último momento, analisa-se a turma no âmbito da PES, procurando referir aspetos determinantes para o exercício da prática letiva.

1.1.1. O meio envolvente

Na ponta oriental da ilha mais populosa do arquipélago dos Açores, São Miguel, concretamente no seu extremo nordeste, facto que provavelmente justifica o seu topónimo, situa-se o concelho do Nordeste. Ladeado por outros dois concelhos a ocidente e a sul, respetivamente, Ribeira Grande e Povoação, e banhado a norte/nordeste pelo Oceano Atlântico, possui uma área de cerca de 101,5 km², o correspondente a cerca de 13,6% da ilha. O concelho subdivide-se em nove freguesias, a saber: Achada, Achadinha, Lomba da Fazenda, Salga, Santana, Algarvia, Santo António Nordestino, São Pedro Nordestino e Nordeste.⁴ É na Vila do Nordeste, a sede do concelho, que está instalado o recinto da escola sede, a Escola Básica e Secundária do Nordeste, local onde decorreu a PES.

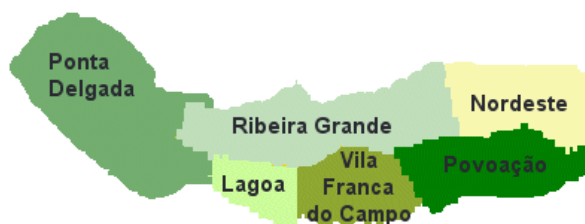


Figura 1 – Mapa da Ilha de São Miguel (Concelhos)

⁴ Cf. Direção Regional da Cultura, «Enciclopédia Açoriana/ Nordeste (concelho)», acessado a 11 de maio de 2024, <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx?id=9012>.

O concelho encontra-se na zona mais acidentada da ilha, apresentando um relevo montanhoso com encostas de declive acentuado, sulcadas por uma rede hidrográfica que se distingue pela sua abundância. Nos vales das ribeiras e encostas estão alocados densos povoamentos florestais que alternam com os aglomerados populacionais envolvidos por mosaicos agrícolas, onde ressaltam elementos da arquitetura rural e religiosa. É, inclusive, neste concelho que se localiza o ponto mais alto da ilha de São Miguel (1103m), o Pico da Vara, habitat da ave endémica mais ameaçada da Europa, o priolo, e onde subsistem resquícios da floresta natural dos Açores. Durante largos anos, foi o concelho mais isolado da ilha, considerado a «10.^a ilha», não só pela distância de cerca de 60 km que o separa dos restantes centros populacionais, mas também pelas deficitárias infraestruturas rodoviárias.⁵

Quanto à dinâmica demográfica, verifica-se um decréscimo populacional contínuo, desde a década de 60, data em que o concelho registou o maior número de habitantes (11180 habitantes). De acordo com os censos de 2021, o concelho regista uma diminuição de 11,5% da população, menos 560 habitantes relativamente a 2011, contabilizando um total de 4368, quantitativo que corresponde a aproximadamente 43 habitantes por km². Relativamente ao resto da ilha, é um concelho com baixa densidade populacional, facto este que se deve, em parte, aos frequentes períodos de fluxos migratórios. Por outro lado, o envelhecimento demográfico é expressivo, registando um índice de envelhecimento de 160,42, significativamente maior ao índice regional (113,19) e face a 2011 (99,66).⁶

Embora se verifique uma tendência de melhoria, relativamente ao nível de escolaridade da população nordestense, em 2021, a percentagem de habitantes sem qualquer formação certificada era de 13,07% (571 habitantes), alinhando-se com a regional de 13,72%. O 1.º Ciclo do Ensino Básico é o grau de escolaridade da maioria dos habitantes do concelho, representando cerca de 27% da população residente, seguindo-se o 2.º e 3.º ciclos, respetivamente, 17,74% e 19%. Quanto à população com grau de escolaridade superior, correspondia a cerca de 7% da população do concelho.⁷ Contudo, ressalva-se o facto de que vários EE e pais dos alunos da escola, já possuem ensino superior.⁸

De acordo com os Censos de 2021, o principal setor de atividade no concelho é o terciário, seguido do secundário e primário.⁹ No entanto, os indicadores de desemprego e da

⁵ Cf. Direção Regional da Cultura, «Enciclopédia Açoriana/Nordeste (concelho)».

⁶ Cf. Instituto Nacional de Estatística, «Censos 2021 – Resultados definitivos», acessado a 4 de junho de 2023, <https://www.ine.pt/xurl/pub/65586079>.

⁷ Cf. Instituto Nacional de Estatística, «Censos 2021 – Resultados definitivos».

⁸ Cf. EBSN, «Projeto Educativo de Escola – Escola Básica e Secundária do Nordeste – 2016-2019», 3.

⁹ Cf. Instituto Nacional de Estatística, «Censos 2021 – Resultados definitivos».

imigração continuam a manifestar-se no seio da população e, por conseguinte, no contexto escolar.¹⁰

Nos últimos anos, o concelho assistiu, não só a uma melhoria substancial das acessibilidades, que potenciaram as deslocações de e para o concelho, mas também ao surgimento de instituições com um papel importante na promoção de novas dinâmicas sociais e culturais. No sítio da Câmara Municipal do Nordeste (CMN), na internet, encontramos uma listagem intensiva de todos os organismos culturais, desportivos, de ação social, e serviços que, por estarem neste contexto, podem estar ao serviço da missão da escola.¹¹ A este propósito, refira-se ainda a existência de outros sítios da internet que promovem o concelho como ponto turístico de paragem obrigatória, aludindo ao seu património cultural, religioso e arquitetónico que é considerável, e, em particular, à natureza deste meio por proporcionar uma autêntica descoberta de pontos importantes como miradouros, trilhos ou paisagens.¹²

1.1.2. A escola¹³

A EBSN é a Unidade Orgânica que serve a população do concelho do Nordeste e é composta por cinco escolas – quatro do ensino pré-escolar e 1.º ciclo e uma do 2.º e 3.º ciclos e ensino secundário – sendo que a escola sede é a EB 2,3/S de Nordeste.¹⁴

As quatro escolas de ensino pré-escolar e 1.º ciclo encontram-se dispersas por quatro freguesias (Salga, Achadinha, Lomba da Fazenda e Vila do Nordeste), sendo que a Escola Básica (EB) de 1.º Ciclo e Jardim de Infância (JI) mais afastada situa-se na freguesia da Salga, a cerca de 30 km da escola sede. Já na escola sede, funcionam as turmas dos 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico e do Ensino Secundário, assim como um curso vocacional para recuperação de escolaridade, um curso de ensino profissional de nível IV – Técnico de Turismo e Ambiente Rural, sob a alçada da escola e as turmas PEREE (Programas Específicos do Regime Educativo Especial).

¹⁰ Cf. EBSN, «Projeto Educativo de Escola – Escola Básica e Secundária do Nordeste – 2016-2019», 3.

¹¹ Cf. CMN, «Município de Nordeste/Câmara Municipal de Nordeste», acessido 4 de novembro de 2021, <https://cmnordeste.pt/>.

¹² Cf. Governo Regional dos Açores, «Vila do Nordeste», acessido 26 de junho de 2021, <https://www.azores.gov.pt/NR/exeres/928FB64A-64C2-4E1D-BBDD-C11351A63D12.htm>.

¹³ A caracterização da escola foi, em grande parte, realizada mediante a informação disponível no Projeto Educativo da Escola Básica e Secundária do Nordeste: Cf. EBSN, «Projeto Educativo de Escola – Escola Básica e Secundária do Nordeste – 2020-2023», <https://ebsn.edu.azores.gov.pt/documentos/>. Não obstante, ressalva-se que o levantamento e tratamento desta informação é fruto de um trabalho conjunto desenvolvido pelo núcleo da PES da Escola Básica e Secundária do Nordeste.

¹⁴ Cf. EBSN, «Composição Unidade Orgânica», acessido a 10 de setembro de 2024, <https://ebsn.edu.azores.gov.pt/2018/11/22/composicao-unidade-organica/?cn-reloaded=1>.

Como projeto de inovação pedagógica, a escola estabeleceu uma parceria com a Escola Profissional do Nordeste, assumindo a responsabilidade científica/curricular de dois cursos profissionais (Técnico Auxiliar de Saúde e Técnico de Design e Comunicação Gráfica), enquanto a Escola Profissional garante a parte prática/tecnológica, rentabilizando-se recursos e tendo como objetivo primordial a fixação de jovens no concelho.

A construção da escola sede data de 1983 e a sua última remodelação contabiliza dezanove anos, o que tem exigido recorrentes trabalhos de manutenção, conservação e segurança, bem como um investimento acrescido na aquisição de meios e materiais informáticos e audiovisuais, por forma a fazer face às exigências da população escolar. Por sua vez, as EB1/JI ocupam edifícios do «Plano dos Centenários»¹⁵, os quais têm vindo a ser alvo de alguns melhoramentos e modestas obras de requalificação, apresentando um nível razoável de usabilidade. Contudo, os espaços interiores de convívio revelam-se pouco adequados ao número de alunos que albergam e ainda apresentam algumas carências ao nível de material e equipamentos.

De entre vários espaços, a escola sede é composta por uma biblioteca, um centro de recursos e uma sala de estudo, um ginásio com balneários masculinos e femininos, bufete, cantina, sala de alunos, sala de reuniões, sala de diretores de turma e de atendimento aos pais e encarregados de educação, duas salas de professores, salas para os vários departamentos curriculares, anfiteatro, sala do pessoal não docente, gabinete comum da Associação de Pais / EE e do Projeto de Educação para a Saúde. A escola possui também uma papelaria, uma reprografia, o Gabinete de Apoio à Integração Escolar (GAIE), Gabinete de Combate à Violência e Promoção da Cidadania (GCVPC) e Serviço de Psicologia e Orientação (SPO).

¹⁵ Como refere a Secretaria-Geral da Educação e Ciência, o Plano dos Centenários, implementado pelo Estado Novo em Portugal entre os anos de 1941 e 1969, foi um projeto de construção de escolas em grande escala e contemplava a organização e a instalação de todas as escolas primárias, por forma a que nenhuma criança deixasse de ter acesso a uma escola. A concretização deste projeto de construção foi da responsabilidade da Delegação para as Obras de Construção de Escolas Primárias e o seu nome deve-se ao terceiro centenário da Restauração da Independência e ao oitavo centenário da Independência de Portugal. Importa ainda acrescentar que o Plano previa a criação de 11458 salas de aula, distribuídas por 6809 edifícios que seriam construídos por fases em todo o Portugal Continental e Ilhas. Cf. Secretaria-Geral da Educação e Ciência, «Escolas Primárias em Portugal (anos 40-70) – Plano dos Centenários», acedido a 11 de setembro de 2024, <https://www.sec-geral.mec.pt/pt-pt/pagina/7a-exposicao>.



Figura 2 – Planta da Escola Sede

As turmas da EBSN são de dimensão reduzida, principalmente as turmas mais afastadas da escola sede. As turmas do 2.º e 3.º ciclos, por norma, são compostas por quinze a vinte alunos em função do número de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), o que exige uma diminuição de alunos por turma. No ensino secundário, e fruto da escolaridade obrigatória, tem-se assistido a um maior número de alunos matriculados, embora alguns dos alunos que terminam o 3.º ciclo optem por prosseguir os estudos em cursos profissionais.

Relativamente ao corpo docente, é notório um espírito acolhedor e potenciador de um ambiente familiar que prima pelo estabelecimento de bons laços, espírito de trabalho em equipa e interagida. De acordo com dados fornecidos pelo Conselho Executivo da EBSN, à data de 8 de novembro de 2021, eram 122 os docentes afetos/em função nesta escola.

No que diz respeito ao pessoal não docente, quer seja nas EB1/JI ou na escola sede, e à luz dos dados fornecidos, em 2021, perfazia um total de 53 elementos que ocupavam os seus cargos de acordo com as categorias a que estão afetos à Unidade Orgânica: 38 assistentes operacionais, 11 assistentes técnicos, um técnico de informática e 3 técnicas superiores (psicopedagoga, psicóloga e terapeuta ocupacional no SPO). Para além destes, estavam ainda em funções 27 trabalhadores de Programas Ocupacionais cedidos pela Câmara Municipal de Nordeste.

Voltando o foco para os alunos, no ano letivo em questão, a escola tinha uma população estudantil composta por 600 alunos: 231 frequentavam as EB1/JI (Educação Pré-Escolar e

Ensino Básico do 1.º Ciclo) e 369 a escola sede. Além disso, existia o curso profissional de nível IV, o curso de recuperação de escolaridade - Vocacional, havendo ainda quatro turmas PEREE (DOV – Despiste e Orientação Vocacional; PP – Programa Pré-Profissionalização; FP - Formação Profissionalizante).

A disciplina de EMRC tem uma presença muito significativa na EBSN, assumindo-se como uma área fundamental para a formação cívica e desenvolvimento pessoal e social da maioria dos alunos. Dos 481 alunos aos quais a disciplina foi oferecida, desde o 1.º ano ao 12.º, incluindo o Ensino Profissional, foram 422 os alunos que a frequentaram, o que corresponde a 87,7% de inscrições na disciplina. A inscrição na disciplina de EMRC, nos vários ciclos e tipos de ensino, foi de: 98,6% no 1.º ciclo (142 alunos em 144); 100% no 2.º ciclo (95 alunos); 99,3% no 3.º ciclo (150 em 151 alunos); 38,5% no ensino secundário (32 em 83 alunos); 37,5% no ensino profissional (três em oito alunos).

1.1.3. A turma

A escola de hoje pertence a todas as crianças e jovens, daí que se defenda uma educação inclusiva, a qual assenta na ideia de «acolher todos, comprometendo-se a fazer qualquer coisa que seja necessária para proporcionar a cada aluno da comunidade – a cada cidadão de uma democracia – o direito inalienável de pertença a um grupo, a não ser excluído»¹⁶. Deste modo, subentende-se que uma escola para todos é uma escola que reconhece a heterogeneidade dos alunos e que, em sala de aula, esta heterogeneidade sobressai, pois, estas crianças e jovens trazem consigo uma grande diversidade de origens culturais, talentos e necessidades que deverão ser consideradas pelo docente. Por isso mesmo, «a educação inclusiva reconhece a diversidade existente entre os alunos de uma turma, determinando que eles recebam uma educação de acordo com as suas características e necessidades educacionais».¹⁷ Neste sentido, o conhecimento dos alunos e suas características é essencial para que a prática pedagógica se revele um instrumento capaz de maximizar o potencial de aprendizagem de cada aluno. Pois, como concluiu Escaraboto, «conhecer o aluno favorece a prática do professor, o qual poderá planear e preparar as aulas de acordo com as necessidades específicas dos seus alunos, fazendo

¹⁶ Maria González, «Educação Inclusiva: Uma Escola para Todos», em *Educação Especial e Inclusão. Quem Disse que Uma Sobrevive Sem a Outra Não Está no Seu Perfeito Juízo*, ed. Luís Correia (Porto: Porto Editora, 2010), 63.

¹⁷ Priscila Teixeira e Kellen Bernardelli, «A Heterogeneidade: Um trabalho para todos e cada um em sala de aula», *Olhares & Trilhas* 18, n.º 3 (2010): 183, <https://doi.org/10.14393/OT2016aXIII.n.25.170-196>.

da prática pedagógica um instrumento para a construção do ser, do aprender, do fazer e do conviver».¹⁸

Neste contexto, pesou a recolha de dados realizada junto dos alunos, através da aplicação de um questionário¹⁹, a par da compilação de informações partilhadas em Conselho de Turma. Este trabalho inicial viabilizou a caracterização da turma onde foi implementada a PES e, por conseguinte, a preparação da prática pedagógica.

A implementação da PES decorreu na turma B do 5.º ano de escolaridade da EBSN, no ano letivo 2021/22, em par pedagógico com a docente Susana Silva. A turma era constituída por 20 alunos (11 do sexo masculino e nove do sexo feminino), com idades compreendidas entre os nove e os 11 anos, sendo um dos alunos de nacionalidade russa e os restantes portuguesa. Neste ano letivo, todos os alunos ingressavam, pela primeira vez, no 5.º ano de escolaridade, oriundos de grupos turma distintos mediante a freguesia de residência. Deste modo, rapidamente se constatou que todos eles se encontravam numa etapa de adaptação devido à mudança de ciclo e de escola que, obviamente, implicou novas dinâmicas na vida dos alunos e respetivas famílias.

De acordo com as informações transmitidas em Conselho de Turma, o aproveitamento global dos alunos da turma foi considerado bom.²⁰ Na generalidade, eram alunos trabalhadores, interessados, participativos e empenhados, sendo de destacar que sete alunos da turma integraram o Quadro de Mérito Escolar devido aos resultados obtidos no ano letivo anterior. Embora se encontrassem alunos com algumas dificuldades ao nível dos conhecimentos e capacidades, nenhum tinha obtido níveis negativos no final do 4.º ano, nem estava sinalizado com NEE. No que respeita ao comportamento, também foi considerado bom, ainda que, pontualmente, se verificassem situações de conversas paralelas, em particular, aquando da realização das tarefas.

Para a caracterização da turma, também foram considerados outros tópicos relacionados com o contexto social, cultural e económico dos alunos. A nível social, nomeadamente, no que respeita à «dimensão sociofamiliar» dos alunos, constatou-se que 18 alunos viviam com o pai e a mãe, sendo que destes, dois viviam com a mãe e o pai em períodos alternados. Quanto aos restantes (2 alunos), um residia com os avós maternos e outro com a mãe e os avós. Da amostra

¹⁸ Kellen Escaraboto, «Sobre a importância de conhecer e ensinar», *Psicologia USP* 18, n.º 4 (2007): 133.

¹⁹ Tal como se pode comprovar pelo Portefólio da PES, no separador 2 «Caraterização da Escola e da Turma», 29-30.

²⁰ Informações prestadas na primeira reunião do conselho de turma, a qual se traduz na reunião de início do ano letivo. Realizou-se 8 de setembro de 2021, pelas 15h20, sob a presidência do docente Dionísio Melo Carreiro da Costa Cardoso.

global, foram contabilizados 13 alunos que partilhavam a residência com um ou dois irmãos, com idades compreendidas entre os dois e os 25 anos.

	Pai	Mãe	Padrasto/Madrasta	Irmãos	Avós
N.º Alunos	18	19	1	13	2
Percentagem (%)	90%	95%	5%	65%	10%

Tabela 1 - Dimensão sociofamiliar: núcleo familiar com quem os alunos habitam

Na maioria dos agregados familiares, tanto a mãe como o pai tinham um emprego ou ocupação profissional, sendo prevalente a atividade no setor terciário. Não obstante, identificaram-se situações de desemprego ou de aposentadoria e atividades profissionais, aparentemente, mais instáveis e/ou de menor rendimento económico, como por exemplo, «doméstica».

Atendendo aos dados recolhidos, todos os alunos usufruíam, em casa, de um espaço individual reservado ao estudo e apenas um aluno não tinha acesso a computador com *internet*, o que poderá ser um indicador da preocupação dos EE em proporcionar condições de estudo aos seus educandos e, portanto, do investimento que faziam na formação dos mesmos. Por outro lado, os dados obtidos demonstravam que os alunos dispunham de maior facilidade de acesso à informação e de comunicação. De facto, a grande maioria dos alunos referiu que gostava de estudar porque desejava adquirir novos conhecimentos e ser bem-sucedido nos resultados escolares como premissa para o exercício de uma profissão, revelando assim intenções de dar continuidade ao seu percurso académico. Também referiram que gostavam de ler, ouvir música, ver televisão e jogar no computador / *tablet* / telemóvel. Já o gosto por frequentar a escola prendia-se, sobretudo, por ser um lugar onde podiam estar com os amigos, tendo-se, ainda, verificado que muitos alunos integravam grupos e/ou atividades extracurriculares de carácter desportivo e/ou artístico.

Relativamente à forma como viviam a fé, dos 17 alunos que responderam à questão, todos frequentavam a catequese, sendo que 11 alunos participavam na eucaristia e seis pertenciam aos escuteiros. De salientar que todos os alunos da turma frequentavam a disciplina de EMRC desde o 1.º ano de escolaridade, tendo apresentado como indicador de maior influência no ato da inscrição a «Família», seguida dos «Professores». Ora, os dados obtidos indiciam que o universo religioso estava presente no quotidiano dos alunos e que as suas vivências neste âmbito, em particular, cristão, eram inspiradas em modelos adultos (pais, avós,

professores) e fruto da apropriação das tradições observadas. A seu tempo, também mostraram que os alunos detinham alguns conhecimentos sobre o Cristianismo.

De acordo com o horário da turma, a disciplina de EMRC foi lecionada uma vez por semana, à segunda-feira, entre as 9h30 e as 10h15, o correspondente a um segmento de 45 minutos. Como era a primeira aula da manhã, os alunos que dependiam do transporte escolar, por vezes, chegavam atrasados devido ao atraso do transporte.

Além do que foi referido, ficou evidente, através do contato semanal com os alunos, que estes não só tinham um bom grau de motivação para a aprendizagem e vontade de fazer coisas, independentemente de terem mais ou menos dificuldades, como valorizavam a dimensão afetiva e relacional entre pares e com os adultos.

1.2. A Unidade Letiva 2: Advento e Natal

O presente ponto pretende espelhar o decorrer da prática letiva, no âmbito da UL 2: Advento e Natal. Neste contexto, cabem exercícios de reflexão, assentes na objetividade que advém dos conhecimentos prévios necessários à prática letiva, embora abrindo espaço à subjetividade, por ser indissociável dos eventos vivenciados aquando da atividade docente.

Neste contexto, serão apresentadas as planificações de Nível IV, etapa fundamental na organização e projeção do trabalho a desenvolver com os alunos, seguidas dos respetivos relatórios de aula e, ainda, da reflexão da PES. A reflexão da PES, com a finalidade de ser esclarecedora, analisa de que forma os objetivos e conteúdos da UL 2 são importantes para os alunos, evidencia os aspetos positivos da lecionação e os aspetos que carecem de uma melhoria, não descurando o contributo da temática do Presépio para a lecionação da UL 2.

1.2.1. Enquadramento da lecionação da UL 2: Advento e Natal

Tendo em conta que o Natal foi um tema abordado no 1.º ano de escolaridade, no âmbito da UL 2: Jesus Nasceu e que todos os alunos frequentaram a disciplina ao longo dos quatro anos do 1.º ciclo, a UL 2: Advento e Natal surge como uma oportunidade para aprofundar o verdadeiro sentido do Natal. Ademais, o Natal é uma celebração que, para além da dimensão religiosa, incorpora outras tantas dimensões da vida humana que, não raras vezes, ocultam e/ou desvirtuam a originalidade do fundamento religioso que as sustentam.

De facto, no decorrer da lecionação, pude constatar que alguns alunos estavam familiarizados com os temas abordados, também, em virtude de frequentarem a catequese.

Contudo, para muitos prevalecia a ideia de que o Advento e o Natal eram quadras reservadas para a decoração das casas, a construção do Presépio e o convívio entre a família, onde se recebem e oferecem presentes. Uma ocasião que suscitava grande fascínio e expectativa nos alunos, pelo que a apresentação da UL foi motivo de entusiasmo e interesse, desde o início.

Atendendo ao itinerário proposto no programa, sublinha-se o modo como o tema do Advento é abordado, pois permitiu aos alunos uma «viagem de olhos fechados», inspirada por testemunhos que se caracterizam por uma atitude de confiança na Palavra de Deus e total abandono à Sua vontade. Mas que também gerou espaço ao questionamento e à reflexão. Desde o Antigo Testamento até ao Novo Testamento, foram explorados textos e identificadas personagens bíblicas que permitiram reconhecer o Advento e o Natal como sinais da presença de Deus. E, por conseguinte, um período oportuno para, por meio das atitudes, promover sinais que caracterizam este tempo de amar, da fraternidade e da paz.

O estudo do Natal na perspetiva da «festa dos dons para imitar Deus», do Deus que se entrega à humanidade, permitiu uma abordagem capaz de incorporar uma visão sociocultural desta celebração. Esta abordagem foi de especial relevância para a turma por duas razões: primeira, a vertente sociocultural do Natal era valorizada e vivida por todos os alunos; segunda, os alunos encontravam-se numa fase de desenvolvimento cognitivo, moral e religioso em que existe uma forte relação com o concreto. Neste sentido, pesou, também, a aproximação realizada à simbologia cristã e figuras históricas alusivas ao Natal. A par da atividade desenvolvida pelo núcleo de estágio, o Concurso de Presépios, a elaboração de um Presépio em contexto de sala de aula, foi uma das estratégias que suscitou mais entusiasmo entre os alunos e, por sua vez, possibilitou trabalhar os símbolos do Natal.

Ao longo da atividade letiva procurei cumprir com as propostas do programa, tendo a preocupação de me centrar nos alunos, partindo da sua experiência e conhecimento, suscitando a sua motivação para as aprendizagens e promovendo um diálogo entre aspetos culturais e religiosos. Em todas as aulas preoquei-me em diversificar as estratégias, procurando que fossem apelativas e possibilitassem a participação dos alunos, tornando as aulas dinâmicas e facilitadoras da integração de todos. Não obstante, considero que foi um processo com alguns desafios. O itinerário encetado pela UL apela ao desenvolvimento da capacidade de abstração e de uma linguagem simbólica capaz de fornecer aos alunos chaves de leitura que clarificam o fundamento religioso da moral cristã e, por conseguinte, a importância e sentido do Natal mediante uma dinâmica dialógica entre cultura e fé. Tendo em conta a faixa etária dos alunos, foi um desafio encontrar estratégias que permitissem «dar o salto» entre o concreto e o abstrato. Neste sentido, constatei que foi essencial valorizar a participação dos alunos como ponto de

partida para a explicação de conteúdos e/ou de atividades, acompanhando-as de exemplos alusivos ao cotidiano dos mesmos; e desenvolver dinâmicas de caráter prático com uma vertente lúdica ou plástica. Estou convencida que, quer a implementação de atividades de caráter plástico, quer as novidades introduzidas referentes á caixa do tesouro, foram uma mais-valia para os alunos. De forma geral, ambas promoveram o desenvolvimento de uma linguagem simbólica. Em particular, a primeira, permitiu o exercício da criatividade, uma competência que a meu ver é muitas vezes formatada e/ou pouco desenvolvida ao longo do percurso académico; a segunda, receber o *feedback* individual e de todos os alunos.

Não obstante, considero que o modo como o programa está pensado vai de encontro às características dos alunos na medida em que combina realidades mais concretas, vivenciadas pelos alunos, e conceitos que exigem maior abstração, dando ênfase aos valores e atitudes subjacentes à temática da UL. Uma abordagem que, numa perspetiva global, consolida as aprendizagens realizadas no 1.º Ciclo e aprofunda-as por forma a que os alunos adquiram, gradualmente, competências que os ajudem a clarificar opções de fé e a agir com responsabilidade e coerência, ou seja, de encontro à evolução das suas capacidades psicológicas dos alunos. Contudo, vale a pena salvaguardar que, mesmo que os alunos não tivessem frequentado a disciplina no 1.º Ciclo, a aquisição de competências e desenvolvimento dos valores propostos para o 5.º ano de escolaridade, em geral, e UL, em específico, não estariam comprometidos, dada a organização em espiral do programa. Ademais, e tal como já foi notado, o Advento e o Natal são quadras que se manifestam em vários níveis do quotidiano, ultrapassando a esfera religiosa.

Por fim, apraz-me referir que foi curioso notar que, em conjunto com os alunos, foi possível criar uma rotina que promoveu um ambiente propício ao desenvolvimento e consolidação das aprendizagens. Em geral, a rotina consistiu no acolhimento dos alunos à porta da sala que, por sua vez, ocupavam os respetivos lugares e registavam de imediato o sumário no caderno diário; seguia-se a apresentação dos temas e atividades que iriam pautar a aula; nos minutos seguintes era realizada uma aproximação teórica aos conteúdos; o restante tempo da aula era dedicado a uma atividade prática; ao preenchimento da síntese e recolha dos emojis. Para o efeito, contribuiu a relação de proximidade, respeito e confiança que procurei promover junto dos alunos.

1.2.3. Planificações e relatórios das aulas

Neste ponto, constam as planificações Nível IV usadas na PES, ao longo da lecionação da UL 2: Advento e Natal, acompanhadas do respetivo relatório de aula. Tal como se prevê, o

processo de planificação foi uma etapa fundamental na organização e projeção do trabalho a desenvolver no âmbito da PES. Mas, não menos importante, foram os momentos de reflexão que acompanharam o referido processo.

De acordo com Arends, a planificação «é vital para o ensino» e a sua importância pode ser ilustrada, por exemplo, se se considerar «a variedade de atividades educacionais que são influenciadas pelos planos e pelas decisões dos professores».²¹ Ainda segundo a mesma autora, tal constatação é descrita por Clark e Lampert:

O currículo, como é publicado, é depois transformado e adaptado segundo o processo de planificação através de adições, eliminações, interpretações e decisões do professor sobre o ritmo, a sequência e a ênfase. [...] Outras funções da planificação do professor abrangem a distribuição de tempo de ensino [...] para um grupo de alunos, a composição dos grupos, a organização dos calendários diários, semanais e de cada período, a compensação das interrupções e as comunicações com os professores substitutos.²²

As seis planificações apresentadas nesta secção dão conta da complexidade deste processo, isto é, a transformação e adaptação do currículo, a distribuição do tempo, a seleção dos métodos de ensino, a promoção do interesse nos alunos e a construção de um ambiente de ensino-aprendizagem produtivo. No processo de planificação das aulas alusivas à UL 2, foram consideradas algumas adaptações que determinaram a seleção dos conteúdos curriculares, por forma a assegurar a unidade do todo, numa sequência que se quer lógica e coerente. Em cada planificação foram elencadas metas, objetivos e as Aprendizagens Essenciais (AE) preconizados para a UL 2, do 5.º ano de escolaridade, e paralelamente os conteúdos e estratégias a desenvolver, sem perder de vista as necessidades dos alunos e respetivos contextos. Em cada documento acresceu, ainda, uma breve descrição das estratégias implementadas e dos anexos correspondentes aos materiais didático-pedagógicos utilizados.²³ Para uma gestão mais eficaz destes elementos, foi estipulado um determinado espaço de tempo para cada atividade, tendo em conta a duração e frequência da aula. A sua estruturação implicou três momentos: o primeiro momento corresponde ao «acolhimento», consiste efetivamente no acolhimento dos alunos e introdução das atividades planeadas; o segundo momento, o «corpo da aula», ao qual é reservado a maior parte do tempo de aula, diz respeito à aplicação/desenvolvimento de atividades tendo em vista a aquisição/ consolidação de aprendizagens; e, por fim, o terceiro

²¹ Arends, *Aprender a ensinar*, 92-3.

²² Arends, 93.

²³ Os materiais didático-pedagógicos, anexos às planificações, podem ser encontrados no Portefólio da PES, no separador 3 «Lecionação das Unidades Letivas», 37-113.

momento é o de «síntese», em que são revisitadas as principais aprendizagens e formulada uma frase que espelhe estas mesmas aprendizagens.

No contexto da PES, refira-se ainda a necessidade de articular com a colega estagiária Susana Silva e a professora cooperante Fátima Rocha a lecionação das Unidades Letivas preconizadas no programa de EMRC, para ano de escolaridade em questão. Por conseguinte, destaca-se mais uma das funções da planificação: a comunicação entre as professoras, já que, através deste documento, cada uma das partes pode tomar conhecimento do sentido (de direcção) do processo de ensino-aprendizagem, possibilitando o apoio mútuo no decorrer das aulas e a reflexão conjunta sobre as mesmas.

A seu tempo, importa também reconhecer os efeitos da planificação aplicada ao ensino, nomeadamente, as consequências que esta acarreta para os professores e alunos. Segundo Arends, «os processos de planificação iniciados pelos professores podem dar um sentido de direcção tanto aos alunos como aos professores, e podem ajudar os alunos a terem consciência dos fins implícitos nas tarefas de aprendizagem que têm que cumprir.»²⁴ Mais, os estudos sobre o processo de planificação associado ao uso de fins e objetivos educacionais claros têm implicações na concentração dos alunos, portanto, produz «um efeito de atração nos alunos e na sua aprendizagem»²⁵ e pode fazer com que as aulas funcionem regularmente, com menos problemas de disciplina e interrupções. Outra consequência é que «proporcionam meios para avaliar a aprendizagem dos alunos.»²⁶ Não obstante, e tal como adverte a referida autora, este tipo de planificação pode acarretar consequências imprevisíveis e nem sempre desejáveis, em particular, no que diz respeito ao comportamento do professor, pois pode torná-lo insensível às ideias e necessidades dos alunos.²⁷

No meu entender, as planificações das aulas, aliadas aos respetivos relatórios, deixam a descoberto a experiência dos efeitos acima descritos. Concomitantemente, ilustram o fluxo geral da planificação e, portanto, o facto de que a planificação integra um ciclo educacional.²⁸ Deste modo, se a planificação inicial da UL 2 e das respetivas aulas precederam o ensino e a avaliação das aprendizagens dos alunos, os relatórios constituíram-se instâncias de reflexão e avaliação que proporcionaram a identificação de aspetos, nos vários âmbitos da atividade letiva, que influenciaram o conjunto das demais planificações.

²⁴ Arends, 95.

²⁵ Arends, 95.

²⁶ Arends, 97.

²⁷ Cf. Arends, 96.

²⁸ Cf. Arends, 101.

Refira-se, ainda que, no que diz respeito à seleção de ferramentas pedagógicas, privilegiou-se o uso do *PowerPoint* que funcionou grandemente como referência visual das exposições orais. Esta preferência reflete a consciência de que o processo de aprendizagem e, em particular, de memorização é potenciado aquando da conjugação dos diferentes sentidos, como a audição e a visão. Porém, com a consciência de que a sua utilização deverá ser ponderada em paralelo com outros recursos pedagógicos que facilitem, de igual modo, a aquisição de aprendizagens mais duradouras e o aprofundamento de conhecimentos.

a) Planificação e relatório da aula 1

Nível: 5.º ano

Unidade Letiva: 2 – Advento e Natal

Aula: 1/7

Lição n.º 9

15/11/2021

AE	Saber que os cristãos aprendem com Deus a comprometer-se numa vida com os outros, tal como estabelecido na Aliança. ²⁹					
Sumário	Atividade no âmbito do 50º Aniversário da Escola. A Aliança de Deus com Humanidade ao longo dos tempos. Exploração de um <i>PowerPoint</i> .					
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	T	AVALIAÇÃO FORMATIVA ³⁰
P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã	5. Reconhecer as implicações da Aliança na vida quotidiana.		Acolhimento; Sumário;	Quadro e giz. Caderno diário. <i>PowerPoint</i> . (An. 1) Computador, projetor e colunas.	5'	Assiduidade Pontualidade
		Os valores essenciais para a convivência.	Os valores da escola: - Atividade no âmbito 50º Aniversário da escola.	Fitas (15 cm) e material riscador.	10'	Empenho Participação
	1. Reconhecer que Deus é sempre fiel à sua Aliança	Deus é sempre fiel à sua Aliança	A Aliança de Deus com a Humanidade: - O que é uma Aliança? - A Aliança de Deus com Abraão, Noé e Moisés; - Atividade: cronograma das Alianças.	Cronograma das Alianças impressos. (An. 2) Cadernos diário, cola e tesoura.	20'	Empenho Participação Atenção
			Síntese da aula.	Caderno diário e sínteses impressas. (An. 3)	5'	Empenho Participação
			Caixa do tesouro	Envelopes e emojis (An. 4)	5'	Participação
A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa						Comportamento

SÍNTESE: Deus está sempre atento ao seu Povo e é fiel à sua Aliança.

²⁹ AE da Unidade Letiva 1: Viver Juntos. Por opção das docentes, esta AE foi lecionada na primeira aula da Unidade Letiva 2: Advento e Natal, tendo em vista a integração da atividade desenvolvida no âmbito das Comemorações do 50.º Aniversário da Escola Secundária de Nordeste. Ademais, os objetivos que lhe são inerentes, permitiram uma ponte entre as referidas Unidades Letivas.

³⁰ Observação direta registada em grelha própria.

Breve descrição das estratégias e dos anexos

Anexo 1 – PowerPoint «A Aliança de Deus com a Humanidade»

O *PowerPoint* começa com o sumário da aula. No início da aula, os alunos serão convidados a realizar uma atividade que integrará a comemoração do 50.º aniversário da Escola: escrever uma frase ou, simplesmente, um valor que promova a boa convivência na Escola. Recordar-se-á o exercício desenvolvido na aula anterior – «Os Valores da Turma» – que permitiu refletir e registar os valores que devem orientar o comportamento de cada um, permitindo o bom funcionamento do grupo. Aplicar-se-á a mesma lógica num contexto mais amplo, o escolar. Esta atividade permitirá uma ponte com os conteúdos da aula – a Aliança de Deus com a Humanidade – que serão introduzidos com questões e, por conseguinte, explorados e apresentados recorrendo a três vídeos alusivos à Aliança de Deus com Noé, Abraão e Moisés. Após a apresentação de cada vídeo, segue a esquematização dos conteúdos a reter e cuja lógica se mantém ao longo dos três diapositivos. Deste modo, os alunos deverão ser capazes de compreender a dinâmica subjacente ao conceito de Aliança, bem como o propósito da mesma, mediante uma sequência cronológica que culminará com a atividade síntese - o cronograma das Alianças. O *PowerPoint* termina, deixando em aberto a seguinte questão: «Será que, nos dias de hoje, continuamos a ter sinais da presença de Deus e da sua Aliança?».

Os vídeos integrados no *PowerPoint* têm a seguinte proveniência:

«Noé»: <https://www.youtube.com/watch?v=K9vviHY9jhM>;

«Abraão»: <https://www.youtube.com/watch?v=HIFuNpZvzX0>;

«Moisés»: <https://www.youtube.com/watch?v=VHjvcvrfSkI> .

Anexo 2 – Cronograma das Alianças

A atividade cronograma das Alianças é um exercício individual, cuja impressão será distribuída pelo docente no final da apresentação e exploração dos conteúdos. Cada aluno deve recortar as imagens das figuras e símbolos da Aliança, colar por ordem cronológica e registar o nome da figura bíblica e símbolo correspondente.

Anexo 3 – Síntese da aula

Optou-se por uma síntese «encriptada» que será decodificada em grande grupo. Cada aluno recebe uma síntese para completar e colar no caderno. A docente, também, irá utilizar o «Mural de EMRC» para colar a síntese da aula.

Anexo 4 – Caixa do Tesouro

Foi realizada uma adaptação: ao invés recorrer aos cartões escritos, utilizou-se emojis, como forma de facilitar a expressão dos alunos. Cada aluno recebe um envelope com os emojis, seleciona um emoji em conformidade com o seu feedback e entrega à docente. A docente reúne os emojis, coloca-os no interior de um envelope colorido e datado; o envelope, por sua vez, é inserido na «Caixa do Tesouro».

Foram criadas legendas para os emojis que constam nos envelopes entregues: adorei a aula – senti-me feliz e motivado para aprender mais; a aula foi muito divertida – diverti-me a aprender; gostei da aula – senti-me feliz por aprender mais; não gostei da aula – senti-me entediado; emoji em branco - sugestões de legenda.

Relatório da aula 1

A data do presente relatório marca o início da minha intervenção como docente estagiária. Tal como plasmado na planificação a que se refere o presente relatório, o primeiro acrescento visou a integração de uma atividade alusiva à comemoração do 50.º Aniversário da EBSN. Ao pensar a atividade, considerou-se pertinente a revisitação dos conteúdos lecionados na Unidade Letiva anterior, Viver Juntos, pelo que foi assumida a meta «P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã» e o objetivo «5. Reconhecer as implicações da Aliança na vida quotidiana», visando a aprendizagem essencial «Saber que os cristãos aprendem com Deus a comprometer-se numa vida com os outros, tal como estabelecido na Aliança». Esta opção permitiu não só a contextualização da atividade, mas também a possibilidade de se estabelecer uma ponte com a nova UL, Advento e Natal, cujo itinerário faz presente a memória do Antigo Testamento, nomeadamente, das Alianças estabelecidas entre Deus e a humanidade.

Como previsto, a aula iniciou-se com o acolhimento dos alunos, de forma individual, à medida que os alunos iam entrando, e em grande grupo, após o registo do sumário, seguindo-se a exposição oral dos principais temas e atividades planificados para a aula. No meu modo de ver, este primeiro momento e, também, primeiro contato com os alunos em contexto de aula traduz-se num espaço temporal oportuno para promover uma relação de maior proximidade com os alunos, bem como a responsabilização dos mesmos face ao processo de ensino e aprendizagem.

A primeira atividade, alusiva ao 50.º Aniversário da EBSN, consistiu na formulação e registo de uma frase ou de um valor que promovesse a boa convivência na Escola, tendo como suporte uma fita que seria fixada, *a posteriori*, no portão de entrada da escola. A este propósito, foi solicitado aos alunos que repetissem o exercício de reflexão e definição dos valores que devem orientar o comportamento de cada um, tendo em vista o bom funcionamento do grupo. Mas, desta vez, contemplando um contexto mais amplo, o escolar.

A aplicação deste exercício, colocou em evidência a necessidade de integrar, aquando das exposições, exemplos concretos que aludissem ao quotidiano dos alunos, por forma a facilitar o processo de ensino e aprendizagem. Uma constatação que se coaduna com a faixa etária dos alunos e, por conseguinte, com as características do estágio cognitivo em que se encontravam, pois ainda apresentavam dificuldades relativamente à capacidade de abstração. Neste sentido, cabe também referir que o carácter prático da atividade despertou não só o entusiasmo dos alunos, bem como a sua criatividade.

Terminada a tarefa, procedeu-se à explanação dos conteúdos preconizados para a

unidade temática, Advento e Natal, a partir da seguinte questão «Será que Deus também se preocupa com os valores que guiam a humanidade?». O momento que se seguiu correspondeu a uma espécie de *brainstorm*, com intuito de promover o envolvimento e participação dos alunos. Este objetivo foi atingido, concluindo-se que a resposta à pergunta inicial era afirmativa e que, por isso, Deus tomou a iniciativa de estabelecer Alianças com a humanidade, tendo-se explicitado o conceito de Aliança do ponto de vista bíblico.

Por forma a atingir o objetivo «1. Reconhecer que Deus é sempre fiel à sua Aliança», foram revisitadas as Alianças encetadas por Deus ao longo da história da humanidade - com Noé, Abraão e Moisés. Privilegiou-se a apresentação de vídeos de curta duração, e respetiva exploração através de esquemas compostos por imagens e palavras-chave.

O vídeo como ferramenta pedagógica, permitiu a concretização de ideias através da conjugação de imagens animadas e sons, pelo que, a par do *PowerPoint*, constituiu-se outro meio facilitador de aprendizagens e memorização. No contexto de ensino, imprimiu uma nova dinâmica à aula, renovando a atenção e motivação dos alunos. Atendendo ao facto de que o uso do vídeo não deve descurar uma discussão adequada sobre o seu conteúdo, o recurso a esquemas, revelou-se uma estratégia capaz de orientar os alunos para as principais ideias a reter.

Findos os vídeos e respetiva exploração, foi apresentado um exercício individual, de carácter prático, para aplicação e consolidação das aprendizagens, o «Cronograma das Alianças». O exercício implicava o recorte de imagens, por forma a serem fixadas e identificadas nos espaços correspondentes, mediante uma sequência temporal. Note-se que as imagens disponíveis correspondiam a três Alianças, mas o cronograma aludia a quatro.

Na conceção do cronograma foram contemplados aspetos como: a sequência temporal dos acontecimentos, espelhada na apresentação dos três vídeos; a identificação das figuras bíblicas e símbolos correspondentes a cada Aliança; e o mote para a aula seguinte. Acresce que como atividade de consolidação de conhecimentos, atendeu a um dos aspetos centrais que caracterizavam a fase em que o grupo de alunos se encontrava: a de fazer coisas, produzir. O aprender fazendo traduz-se em mais uma alavanca motivacional, capaz de insuflar a autoestima dos alunos.

De facto, foi notório o entusiasmo com que a tarefa foi recebida. Contudo, nem todos os alunos conseguiram realizar a tarefa em tempo útil e, por isso, foram convidados a concluí-la em casa. Refira-se ainda que os alunos se aperceberam, rapidamente, que não existiam imagens suficientes para completar o cronograma. Esta constatação, levantou uma série de questionamentos, nomeadamente, sobre qual seria a quarta Aliança: o mote para introduzir uma

última questão - «Será que, nos dias de hoje, continuamos a ter sinais da presença de Deus e da sua Aliança?» - cuja resposta foi deixada em suspenso, com a pretensão de ser retomada na aula seguinte.

Os últimos minutos da aula foram dedicados à formulação da síntese e à atividade caixa do tesouro. A caixa do tesouro, foi uma atividade de curta duração, implementada no início da prática letiva, ou seja, transversal a todas as Unidades Letivas com intuito de recolher o *feedback* dos alunos. Constitui-se, por isso, mais uma estratégia para promover o envolvimento e participação dos alunos; mais um elemento a partir do qual se poderá refletir sobre prática letiva e os interesses dos alunos.

Com a introdução da nova unidade temática, Advento e Natal, ambas as atividades sofreram adaptações, por forma a atender à abundância simbólica da mesma e, portanto, à necessidade de promover, nos alunos, a interpretação e utilização da linguagem simbólica. Não obstante, visaram também a gestão mais eficaz do tempo de aula.

O momento de síntese passou a incluir uma frase previamente elaborada, mas incompleta. Para completar a frase, os alunos teriam de recorrer às imagens associadas a cada espaço deixado em branco, correspondentes a uma ou mais palavras. Cada síntese reclamou a atenção dos alunos ao longo da aula, bem como a associação entre imagens e palavras-chave, possibilitando a memorização das mesmas e, por conseguinte, dos principais conteúdos a reter. Não obstante, considero que acarretaram, pelo menos, um risco: de não conseguir perceber com clareza se os alunos atingiram com sucesso os objetivos da aula. Assim, para colmatar este possível lapso, foi solicitada a participação oral dos alunos antes da apresentação da síntese.

No que diz respeito à caixa do tesouro, ao invés do registo por escrito, realizado em grande grupo, optou-se pela utilização de *emojis*, um total de cinco, devidamente legendados. O uso dos *emojis* permitiu a recolha do *feedback* de todos os alunos, de forma individual, mediante uma linguagem que lhes é familiar.

Os alunos receberam e participaram nas novidades com entusiasmo, mas nem todos se mostraram totalmente esclarecidos quanto à nova dinâmica da caixa do tesouro. Deste modo, entendeu-se que a explicação do funcionamento da atividade deveria ser reforçada, não só na aula em questão, mas também nas seguintes, até que os alunos interiorizassem a dinâmica.

Em suma, a aula decorreu como previsto, os objetivos foram cumpridos e o *feedback* dos alunos foi bastante positivo. Contudo, considero que, ao longo da aula, evidenciaram-se dois aspetos menos positivos. O primeiro prende-se com a minha dificuldade em valorizar todas as intervenções e orientá-las para a resposta ou ideia pretendida; o segundo, com a dificuldade

em prestar apoio a todos os alunos durante a realização das tarefas práticas.

Quanto à avaliação das professoras observantes, a colega estagiária Susana Silva referiu que a aula decorreu como previsto, os objetivos foram cumpridos. Acrescentou que material didático recolhido e contruído suscitou entusiasmo nos alunos e motivou a participação dos mesmos, salientando os vídeos apresentados e esquematização dos mesmos, o Cronograma das Alianças, bem como a síntese. Referiu, ainda, que os conteúdos foram transmitidos com clareza. A este propósito, alertou para a importância dos exemplos concretos como forma de facilitar a compreensão dos conteúdos e das atividades por parte dos alunos.

A professora cooperante Fátima Rocha afirmou que a aula correu bem: houve uma boa gestão do tempo, que permitiu o cumprimento da planificação; que a estagiária transmitiu com clareza os conteúdos, sabendo fazer uso da linguagem científica; definiu corretamente os conceitos inerentes aos conteúdos; prestou esclarecimento aos alunos sempre que necessário; utilizou recursos apelativos, bem como, envolveu os discentes em atividades práticas que foram do agrado dos mesmos.

b) Planificação e relatório da aula 2

Nível: 5.º ano

Unidade Letiva: 2 – Advento e Natal

Aula: 2/7

Lição n.º 10 22/11/2021

AE	Saber que o Natal é a celebração do Nascimento de Jesus e a realização da esperança cristã. Reconhecer o Advento como tempo de preparação para o Natal.					
Sumário	Correção do TPC. Início da Unidade Letiva 2: Advento e Natal. Advento e Natal: sinais da presença e da Aliança de Deus. Atividade «De olhos fechados».					
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	T	AVALIAÇÃO FORMATIVA ³¹
A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa G. Identificar os valores evangélicos.	2. Interpretar textos bíblicos sobre a esperança de Israel 3. Reconhecer em Jesus a nova Aliança de Deus com a Humanidade.		Acolhimento; Sumário;	Quadro e giz. Caderno diário. <i>PowerPoint</i> . (An. 5) Computador e projetor.	5'	Assiduidade Pontualidade
		Deus é sempre fiel à sua Aliança	Correção do TPC: - Cronograma das Alianças	Caderno diário.	5'	Responsabilidade
		A grande esperança de Israel, Deus está atento às necessidades do seu povo. O nascimento de Jesus: a palavra e o amor de Deus que chega até nós. A nova Aliança, Jesus. O cumprimento da esperança de Israel.	O nascimento de Jesus concretiza: A esperança de Israel/ A Palavra de Deus/ A nova Aliança: Dinâmica «De olhos fechados»; - Exploração do texto de IS 7, 14 ; - Relação entre a experiência dos alunos (dinâmica) e a do profeta/ povo de Israel; - Definição de Advento; - Alusão a Jesus como um presente de Deus e sinal da nova Aliança.	Venda; Caixa de Cartão: - Texto bíblico Is. 7, 14 ; - Palavra «Advento»; - Prenda/ Imagem «Jesus». (An. 6)	25'	Participação Atenção
			Síntese da aula.	Caderno diário e sínteses impressas. (An. 7)	5'	Empenho Participação
			Caixa do tesouro	Envelopes e emojis.	5'	Participação Responsabilidade

Comportamento

SÍNTESE: O Advento e o Natal são sinais da presença e da Aliança de Deus. Jesus é o cumprimento da esperança de Israel.

³¹ Observação direta registada em grelha própria.

Breve descrição das estratégias e dos anexos

Anexo 5 – *PowerPoint* «Advento e Natal»

Uma vez mais, o *PowerPoint* inicia com o sumário da aula e correção do TPC. Para explorar os conteúdos, retoma-se a questão que ficou, propositadamente, em aberto na aula anterior - «Será que, nos dias de hoje, continuamos a ter sinais da presença de Deus e da sua Aliança?». Através da dinâmica «De olhos fechados» serão dadas pistas que conduzirão os alunos à resposta; afinal, o Advento e o Natal são sinais da presença e da Aliança de Deus. Para cada pista foram elaborados diapositivos com questões que permitirão orientar o diálogo com os alunos.

Pista 1 – Identificar o autor do texto bíblico/profeta, o que significa ser profeta e qual a sua mensagem: enquanto mensageiro de Deus, Isaías anuncia a vinda de Jesus/ Emanuel/ «Deus connosco»; pede para que o povo de Israel preste atenção aos sinais enviados por Deus. Fazer o paralelo entre a experiência dos alunos aquando da dinâmica e a do profeta, tendo em conta os conteúdos da aula anterior: relação de confiança/ Deus está atento às necessidades do seu povo e é fiel à sua Aliança.

Pista 2 – Explorar o significado de «Advento» enquanto tempo de esperança, espera e preparação do Natal, festa do nascimento de Jesus. Relacionar a experiência do profeta e do Povo de Israel com a dos cristãos: à semelhança dos profetas, os cristãos, também se preparam para o nascimento de Jesus; esta preparação começa 4 semanas antes do Natal; alusão à preparação da casa com enfeites e do coração.

Pista 3 – Imagem alusiva ao acontecimento que dá origem ao Natal: nascimento de Jesus. O nascimento de Jesus é, simultaneamente, uma oferta de amor de Deus que envia o seu próprio filho para junto de nós – por isso, a pista encontra-se dentro de uma caixa com fita vermelha – realização do anúncio do profeta; concretização da esperança de Israel e sinal da nova Aliança.

O *PowerPoint* termina com a síntese da aula e a atividade «Caixa do Tesouro».

Anexo 6 – Dinâmica «De olhos fechados»

São seleccionados dois alunos: um para abrir a caixa e terá os olhos vendados; outro, para orientar oralmente o colega que tem os olhos vendados. Após a abertura da caixa, explora-se o conteúdo da mesma, bem como a experiência realizada pelos alunos. O *PowerPoint*, bem como os objetos (devidamente numerados) que estão no interior da caixa, servirão, respetivamente, de guia e ponto de partida para exploração dos conteúdos.

A caixa contém: 1) O texto bíblico - Is. 7, 14 – em canudo, com fita verde; 2) Palavra «Advento» de cor verde, dentro de um envelope; 3) Imagem «Menino Jesus», dentro de uma caixa com fita vermelha.

Relatório da aula 2

A segunda aula da UL 2, contou com a presença professor Juan Ambrósio. Neste dia, os alunos entraram na sala cinco minutos mais cedo, ocuparam os respectivos lugares e registaram o sumário que já se encontrava disponível. O acolhimento foi marcado pelo aniversário de um aluno. Por sugestão da professora cooperante, a turma entoou a música de «Parabéns». Seguiu-se uma breve explicação sobre o que se iria suceder ao longo da aula, informando os alunos de que a estagiária Susana Silva iria prestar apoio na verificação do TPC (Trabalho para Casa).

Deu-se início à correção do TPC: um momento breve de revisão dos conteúdos lecionados e, simultaneamente, de avaliação formativa das aprendizagens realizadas na aula anterior. Alguns alunos não realizaram a tarefa de casa, pelo que aproveitaram o momento para terminá-la, mesmo sabendo que podiam apresentar na aula seguinte.

A questão «Será que nos dias de hoje encontramos sinais da presença e da Aliança de Deus?» foi retomada como mote da atividade «De olhos fechados», mediante a qual os alunos iriam receber pistas que os conduziram a uma resposta. A atividade dividiu-se em dois momentos: o primeiro, exigia a participação de dois alunos aos quais seriam atribuídas funções distintas. O objetivo era encontrar uma caixa com três pistas. O segundo momento, correspondia à interpretação da dinâmica experienciada/testemunhada e das pistas.

Do ponto de vista teórico, o título atribuído à atividade traduz, através de uma linguagem simples e acessível, aquela que poderá ser a dinâmica / experiência subjacente à experiência de quem confia em Deus, na Sua palavra – a mesma do profeta Isaías, do Povo de Israel, dos cristãos. A nível pedagógico, resultou numa atividade capaz elucidar os alunos sobre ideias de carácter mais abstrato, através da experiência pessoal.

Foram selecionados, à sorte, dois alunos. A um foi-lhe vendado os olhos e ao outro foi-lhe incumbida a tarefa de orientar oralmente o colega até à caixa. Foi notório o entusiasmo de todos os alunos, inclusive, dos que estavam a assistir, pelo que foi necessário apelar ao silêncio. A caixa foi rapidamente encontrada.

Aberta a caixa, deu-se início à exploração das pistas, segundo ordem numérica: a primeira, um texto de Isaías; a segunda, a palavra «Advento»; e a terceira, uma caixa (presente) celada com uma fita vermelha que continha, no seu interior, a imagem de Jesus menino na manjedoura. As pistas foram pensadas como sinais da presença e da Aliança de Deus, e meio através do qual poderia introduzir dois dos principais termos desta Unidade Letiva «Advento» e «Natal».

Ao desvendar a primeira pista, foi surpreendente verificar que os alunos já estavam familiarizados com alguns aspetos do texto bíblico. A partir do texto de Isaías foi possível concluir que o profeta, sendo mensageiro de Deus, proferia as palavras de Deus e anunciava a vinda de Emanuel, «Deus-connosco». Seguiu-se o momento em que os alunos foram questionados sobre a relação de semelhança entre a experiência do profeta, do Povo de Israel e a sua própria experiência aquando da dinâmica, apelando a conteúdos lecionados na aula anterior. Neste momento, os alunos também foram participativos e chegaram rapidamente às conclusões ou respostas esperadas. No que diz respeito às restantes pistas, concluiu-se que o Advento era um tempo de preparação, espera e esperança da concretização do anúncio de Isaías, promessa de Deus ao Povo de Israel. Por sua vez, o Natal, a comemoração do nascimento de Jesus, que vem a ser a concretização do anúncio, oferta de amor de Deus e sinal da Nova Aliança de Deus com a humanidade.

Finalizada a exploração das pistas e apresentação dos conteúdos, de acordo com o *PowerPoint*, verifiquei que sobravam 25 minutos do tempo total da aula. Uma constatação que me deixou pávida e sem reação; ademais, não tinha ponderado um «plano B». O que seguiu foi um momento de silêncio interrompido pela intervenção do meu par pedagógico, a docente Susana Silva, que lançou a seguinte questão: «Como podemos ser profetas, nos dias de hoje?». A pertinência da intervenção traduziu-se num apelo ao sentido crítico dos alunos e à capacidade de estes relacionarem conteúdos. Um desafio que contou com a participação dos alunos e orientação da docente Susana.

Estes poucos minutos, permitiram-me recuperar do impacto negativo causado pela situação anteriormente referida. Quando voltei a intervir na aula, tomei como ponto de partida a síntese para explorar aspetos e conteúdos que haviam sido negligenciados, num momento anterior, apelando à participação dos alunos e valorizando-a como possibilidade de acrescentar novos itens ao diálogo que se gerou. Foi, portanto, a partir deste momento que comecei a gerir efetivamente o tempo de aula.

Aquando da exploração da síntese foi possível levar a cabo um diálogo com os alunos sobre a forma como estes viviam o Advento enquanto tempo de preparação para o Natal. Os alunos reconheceram o Natal como sendo a celebração do nascimento de Jesus, sinal de uma Nova Aliança, fruto do amor de Deus. Ainda, através do diálogo, foi possível aludir ao significado simbólico das cores eleitas para as fitas que envolviam as pistas, verde e vermelho. Em suma, a síntese viabilizou a revisão e aprofundamento dos conteúdos expostos, tendo como referência a experiência quotidiana dos próprios alunos.

Por fim, os alunos foram novamente esclarecidos sobre as novidades introduzidas

referentes à caixa do tesouro. Expliquei e exemplifiquei a dinâmica subjacente à caixa do tesouro e pude ter a certeza de que os alunos ficaram mais esclarecidos quanto à lógica da atividade. A seu tempo, os alunos puderam dar, individualmente, o seu contributo, elegendo e/ou desenhando um *emoji* que correspondesse ao seu *feedback* da aula. Foi o professor Juan que recolheu os *emojis*.

Mediante o que foi referido, conclui-se que a aula não decorreu como previsto. Houve um lapso na gestão de tempo. No meu entender, a causa primeira deveu-se a um sentimento de insegurança que se traduziu na forma como geri a exposição dos conteúdos. Com intuito de orientar e valorizar com maior eficácia a intervenção dos alunos, projetei um *PowerPoint* com opções de resposta às questões que foram sendo lançadas. No decorrer da aula, esta estratégia revelou-se castradora, pois ao apresentar as opções de resposta, sem auscultar primeiro os alunos, acabei por limitar o espaço de reflexão e diálogo.

Em segundo lugar, a atividade «De olhos fechados» foi pouco explorada, em particular, no que toca ao grau de dificuldade do trajeto que o aluno teria de percorrer de olhos vendados até à caixa. Na verdade, esta situação podia ter sido ultrapassada se optasse por alterar a disposição da sala. Ao invés, mantive a disposição da sala e utilizei um pequeno espaço da sala sem mesas e cadeiras. Deste modo, ainda que tenha adotado uma estratégia para atenuar este constrangimento espacial, posicionando a caixa depois de vender o aluno, esta não surtiu o efeito desejado.

Apesar de todos os constrangimentos ocorridos e o impacto que estes tiveram no desenrolar da atividade letiva, foi possível retomar o curso da aula e atingir os objetivos preconizados. Neste contexto, ressalvo a intervenção da docente Susana Silva, resultado de uma relação de proximidade dentro e fora do contexto de sala de aula.

Na reunião de avaliação, a colega estagiária referiu que, apesar da situação ocorrida, a aula correu bem, visto que a colega estagiária conseguiu retomar a aula, atingindo os objetivos da mesma. Referiu, ainda, que atendendo ao facto de que havia tomado conhecimento do plano de aula e estava ciente das possíveis dificuldades que poderiam surgir no contexto de uma aula assistida, nomeadamente, na gestão do tempo, sentiu a necessidade prestar apoio sempre que possível. Assim sendo, diante de um momento de total ausência da colega, tomou a liberdade de intervir, promovendo a participação dos alunos.

A professora cooperante referiu que, apesar da situação ocorrida, nomeadamente, da professora estagiária quase ter dado por terminada a aula, faltando 25 minutos, para o término estipulado e ao se aperceber da situação ter bloqueado, a mesma foi bastante clara e assertiva

relativamente aos conteúdos transmitidos nas suas intervenções (antes e após o bloqueio) e as atividades realizadas e os recursos utilizados foram do agrado dos alunos.

Por fim, o professor supervisor do estágio Juan Ambrósio começou por fazer referência ao documento onde consta a planificação da aula, apontando que este carecia de uma abordagem mais detalhada, de modo a clarificar as dinâmicas projetadas para a aula. Neste sentido, lembrou que a planificação de Nível IV é um elemento essencial para a lecionação quer do próprio professor estagiário, quer de outro professor que possa ocupar o seu lugar.

Destacou o acolhimento, marcado pela entoação da música de «Parabéns», como um momento de particular importância para fortalecer a relação pessoal entre professor e alunos.

Referiu que diante do facto da professora estagiária quase ter dado por terminada a aula, faltando 25 minutos para o término estipulado, seguido da «ausência» da mesma, ficou expectante quanto ao desfecho da situação. A este propósito, mencionou que a dinâmica inicial poderia ter sido mais explorada, em particular, o trajeto até à caixa; e que durante a exposição dos conteúdos, a professora estagiária poderia ter apelado a uma maior participação dos alunos.

A seu tempo, reconheceu a pertinência da intervenção da estagiária Susana Silva, em particular, da questão levantada – «Como podemos ser profetas, nos dias de hoje?». Quanto à estagiária observada, elogiou a forma como a mesma retomou a aula, apontando este momento como «o momento em que a professora começou a lecionar a aula para os alunos» e onde pode constatar o estudo e trabalho que havia sido realizado na preparação da aula. Acrescentou que, na lecionação das aulas, é sempre possível o professor encontrar obstáculos, pelo que este deve ter a capacidade de os ultrapassar; uma das estratégias, é ter em consideração um «plano B». Neste sentido, salientou o diálogo desenvolvido a partir da síntese, porque permitiu explorar os conteúdos propostos para a aula, valorizar a participação dos alunos e acrescentar outras informações, como por exemplo, a associação entre as cores elegidas para os materiais didáticos e os conteúdos. Contudo, observou que a dada altura a professora estagiária combinou duas culturas diferentes ao tentar «encaixar» o Pai Natal na cultura cristã.

Tendo recolhido o *feedback* dos alunos, através dos *emojis*, informou que a apreciação dos mesmos era positiva, à exceção de um aluno.

c) Planificação e relatório da aula 3

A aula 3 realizou-se no dia 29 de novembro, sendo que este dia foi dedicado à comemoração do 50.º aniversário da EBSN.³²

Relatório da aula 3

O presente relatório data o dia da comemoração do 50.º aniversário da EBSN que decorreu de acordo com o programa projetado e divulgado pela escola. Um dia atípico no que respeita ao normal funcionamento das atividades letivas, que implicou um interregno na lecionação dos conteúdos programáticos da disciplina. Com efeito, a redação deste relatório visa o registo sucinto do referido evento, dando a conhecer alguns dos aspetos mais relevantes para o contexto de estágio.

Antes de mais, cabe referir que a planificação das atividades alusivas ao 50.º aniversário da EBSN contou com o contributo do núcleo de estágio. Aquando dos preparativos, os estagiários foram desafiados pela professora cooperante a desenvolver uma atividade para integrar o programa deste evento. O processo inicial foi marcado pelo debate de ideias entre os envolvidos, tendo incluindo os membros do Conselho Executivo. Chegados a um consenso, ficou acordado que a atividade seria, na sua essência, um ato simbólico. Na prática, iria consistir na fixação de fitas no portão da escola; a cada ciclo seriam atribuídas fitas de cores distintas e cada aluno deveria registar uma mensagem alusiva à escola.

Tal como já foi referido no relatório da aula do dia 15 de novembro, a primeira etapa da atividade foi desenvolvida com os alunos em contexto de sala de aula, assumindo metas, objetivos e conteúdos da UL 1, Viver Juntos. Os alunos foram convidados a aplicar a mesma lógica do exercício «Os Valores da Turma» num contexto mais amplo, o da Escola, e escrever nas fitas uma frase ou, simplesmente, um valor promotor da boa convivência na Escola.

A segunda etapa decorreu no dia 29 de novembro, fora da sala de aula. A turma reuniu-se na entrada da escola e dispôs as fitas no portão, marcando o início das festividades. Os momentos seguintes foram marcados pelo hasteamento das bandeiras que contou com a animação musical do Clube Forte Musical e pela apresentação da coreografia «50 Humanos» dos alunos da ADE do 2.º ciclo. Por fim, os alunos foram acompanhados até ao auditório para

³² A aula 3 não foi planificada devido o interregno das atividades letivas. As atividades desenvolvidas durante o espaço de tempo reservado à aula de EMRC foram previamente projetadas e divulgadas pela EBSN junto dos docentes.

assistirem à encenação de uma peça de teatro promovida pelo clube de leitura e pela biblioteca escolar.

No cômputo geral, as atividades decorreram como previsto. Os alunos revelaram interesse e agrado pelas mesmas; também foram ordeiros, respeitando as orientações das professoras. Atendendo a que a maioria das atividades teve lugar no recreio, proporcionaram-se momentos de maior descontração pautados pelo diálogo entre alunos e professoras e, por conseguinte, o estreitar da relação entre as partes.

d) Planificação e relatório da aula 4

Nível: 5.º ano

Unidade Letiva: 2 – Advento e Natal

Aula: 4/7

Lição n.º 12 6/12/2021

AE	Reconhecer o Advento como tempo de preparação para o Natal. Identificar as figuras do Advento e Natal.					
Sumário	Revisitação dos conteúdos lecionados na aula anterior. O Advento: tempo de esperança. As figuras do Advento. Atividade «Eu espero».					
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	T	AVALIAÇÃO FORMATIVA ³³
G. Identificar os valores evangélicos.	4. Compreender o sentido do Advento.	O Advento: tempo de esperança.	Acolhimento; Sumário;	Quadro e giz. Caderno diário. <i>PowerPoint</i> (An. 8) Computador e projetor.	5'	Assiduidade Pontualidade
			Revisitação da aula anterior; Esquematização: Alusão ao Advento e Natal como sinais da presença e da aliança de Deus com a Humanidade.	<i>PowerPoint.</i>	5'	Responsabilidade
	5. Identificar as figuras do Advento.	As figuras do Advento, modelos de quem espera o Senhor que vem: -João Batista; - S. José e - Maria, mãe de Jesus.	As figuras do Advento; Exploração de imagens e identificação das características das figuras: - João Batista; - S. José e - Maria, mãe de Jesus.	Imagens e características de Maria, João Batista e S. José; (An. 9) Livro «Eu espero»; (An. 10) Cartões em formato panorâmico; Materiais riscadores.	20'	Participação Atenção Empenho
			Advento: tempo de esperança; Questionar-se como ser modelos de quem espera Jesus? Exploração da estória «Eu espero»; Atividade «Eu Espero».	Caderno diário e sínteses impressas. (An. 11)	5'	Empenho Participação
			Síntese da aula.	Envelopes e emojis.	5'	Participação Responsabilidade
		Caixa do tesouro				

Comportamento

SÍNTESE: O Advento chama-nos a sermos modelos de quem espera Jesus, tal como João Batista, Maria e José.

³³ Observação direta registada em grelha própria.

Breve descrição das estratégias e dos anexos

Anexo 8 – *PowerPoint* «O Advento»

A aula iniciará com o registo de duas lições e respetivos sumários, visto que, na aula anterior, os alunos participaram nas atividades de comemoração do 50.º aniversário da Escola e não houve oportunidade de concretizar esta tarefa. Seguir-se-á uma breve revisão dos conteúdos lecionados a propósito da temática Advento e Natal, por forma a consolidar os conhecimentos e dar uma sequência lógica à aula. Aquando da introdução dos conteúdos relacionados com as figuras do Advento, recorrer-se-á a uma dinâmica de grupo (consultar Anexo 9). Deste modo, abordar-se-á as figuras do Advento – Maria, José e João Batista – apontando as suas características e respetiva importância na preparação da vinda do Messias. Tomando como ponto de partida a questão «Como podemos ser modelos de quem espera Jesus?», a docente irá realizar a leitura da estória «Eu espero» e convidar os alunos a fazer o mesmo exercício (consultar Anexo 10). O *PowerPoint* termina com a síntese da aula e a atividade «Caixa do Tesouro».

Anexo 9 - As figuras do Advento

As imagens das figuras do Advento serão fixadas no quadro e as palavras alusivas às suas características serão espalhadas em cima de uma mesa. A docente irá solicitar a participação de três alunos, cada um por sua vez, para selecionar as palavras que correspondem a cada imagem e fixá-la no quadro, justificando a sua escolha. À medida que a atividade decorre, os conteúdos são explorados.

Anexo 10 – Atividade «Eu espero»

A estória «Eu espero» resulta de uma adaptação de um livro infantil, com o mesmo nome. A leitura da estória e respetiva atividade pretende uma abordagem mais concreta do sentido do Advento, tendo em conta o quotidiano dos alunos. Contudo, a docente deverá ter o cuidado de explicitar o sentido de cada página, por forma a facilitar a compreensão da estória e capacitar os alunos para a realização do exercício que será proposto neste âmbito.

O título da estória alude, por si só, ao próprio sentido do Advento – de espera, esperança e expectativa. O «anjo que fala ao meu coração» traz consigo a mensagem de esperança subjacente ao nascimento de Jesus e que só poderá ser escutada com o coração; «cantar canções de Natal» torna presente a mensagem e estória do nascimento de Jesus, que ao ser verbalizada constitui-se um veículo de difusão da mesma; «acender uma vela pela paz» refere-se a um ato intencional, por outras palavras, a expectativa de um mundo mais pacífico, depende das atitudes de cada um; «sentir amor no meu coração» é o ingrediente necessário para nutrir as palavras e ações, tornando-nos verdadeiros testemunhos da mensagem de Jesus.

Relatório da aula 4

Neste dia, os alunos voltaram a entrar na sala de aula antes da hora preconizada, procedendo como habitualmente: ocuparam os respectivos lugares e registaram o sumário. Aproveitei este momento para verificar os cadernos diários e recolher alguns registos fotográficos. Desta vez, ao se deparem com o sumário, expressaram alguma curiosidade quanto às atividades que iríamos desenvolver. Tomando como ponto de partida a intervenção dos mesmos, pude fazer uma breve introdução, pondo-os a par dos principais momentos que iriam pontuar a aula.

Num primeiro momento, foram revisitados os conteúdos lecionados no dia 22 de novembro, pois na semana anterior o tempo de aula havia sido reservado às atividades de comemoração de 50.º aniversário da EBSN.

Para facilitar a consolidação das aprendizagens, recorreu-se a esquemas, lembrando os principais conteúdos lecionados. Terminada a revisão dos conteúdos, adentrou-se no tema do Advento, tendo como referência figuras bíblicas cujas características se contextualizam neste tempo - Maria, mãe de Jesus; João Batista e São José. Como estratégia pedagógica, optou-se por aplicar uma dinâmica de grupo que promovesse aprendizagens através da descoberta.

Foram impressas e disponibilizadas imagens referentes a cada uma das figuras do Advento, bem como palavras que permitissem a respetiva identificação e caracterização, tendo em conta a importância de cada uma na preparação da vinda do Messias. Para a figura de Maria, foram apresentadas duas imagens de autor desconhecido: na primeira, deparamo-nos com a representação de uma figura feminina grávida interagindo com o próprio ventre, numa atitude contemplativa, apaziguada e afetuosa. A figura encontra-se num ambiente doméstico humilde, despojado de adereços. Dos poucos elementos que compõem o espaço doméstico, destaca-se o berço como evidência de um gesto de preparação para receber a criança recém-nascida. Neste espaço, as janelas não têm portadas, constituindo-se um canal de abertura permanente para a paisagem exterior, embelezada por alguns lírios brancos, símbolo da pureza, da maternidade e do amor incondicional. Na relação entre si, os elementos que constituem a imagem parecem aludir às características físicas, emocionais e espirituais de Maria, que resultam de uma relação de proximidade com Deus, de aceitação da Sua vontade e, portanto, de total abandono.

A segunda imagem, representa a visita de Maria a Isabel, momento em que ambas se encontravam grávidas e se assinala uma das primeiras manifestações de esperança no evangelho perante a vinda do Messias. A imagem indicia um momento de alegria partilhado entre ambas as figuras, plasmado na expressão dos rostos, decorrente do estado de «graça» em

que se encontravam. A representação do ventre de cada figura revela através de traços luminosos as duas crianças, de tamanhos diferentes e, portanto, de idades distintas. Facto que nos permite identificar as figuras femininas representadas, Maria e Isabel, o evento bíblico, bem como as respetivas crianças, Jesus e João Batista.

A imagem referente a São João Batista reúne um conjunto de características iconográficas comuns a outras representações de São João: a mão direita levantada, a cruz, o cordeiro e vestes vermelhas. O episódio narrado pelo pintor Mattia Preti, retirado do Evangelho de Mateus, ilustra o momento em que São João pregava no deserto da Judeia, anunciando a vinda do Messias e convidando os presentes à conversão. Nesta representação, a conjugação de elementos como a luz e a composição, situam Batista numa posição de destaque relativamente às restantes figuras, indiciando a sua importância na preparação da vinda do Messias, como profeta e precursor de Jesus.

Por fim, a imagem de São José sugere que este, tal como Maria, aceitou a missão que lhe foi confiada, nomeadamente, assumindo a responsabilidade da paternidade e da educação de Jesus.

As imagens foram fixadas no quadro. Os alunos, mediante um exercício de exploração das imagens, fizeram corresponder a cada imagem um conjunto de palavras, justificando o motivo da sua escolha. Inicialmente, foi selecionado um aluno por figura, contudo, à medida que a atividade ia avançando, houve necessidade de solicitar a participação de mais alunos. A dado momento, todos os alunos acabaram por se envolver, dando o seu contributo e ajudando o colega a concluir a tarefa com sucesso. Acresce que, foi possível constatar que os alunos desconheciam algumas das palavras destacadas para a atividade, pelo que foi uma oportunidade para lhes dar a conhecer o seu significado no contexto dos conteúdos em questão.

Tomando como modelo as figuras do Advento, os alunos foram convidados a refletir sobre «Como ser modelos de quem espera Jesus?», por outras palavras, como poderão preparar a vinda do Messias tendo em conta a realidade que os rodeia. A este propósito foi apresentada e explorada uma adaptação da estória infantil «Eu espero», em suporte físico, a título de exemplo. Aos alunos, acresceu a concretização de uma réplica da estória que espelhasse a resposta à questão inicial. Refira-se que a atividade «Eu espero» constitui-se, não só um convite à reflexão, mas também um desafio à interpretação de símbolos e tradições alusivas ao Advento e Natal. Portanto, duas tarefas exigentes que suscitaram algumas dificuldades entre os alunos. Não obstante, pude verificar, através das ilustrações, que os alunos estavam, aos poucos, a desenvolver a capacidade de criar associações entre imagens, conceitos e atribuir-lhes significados.

No final da aula, antes de apresentar a síntese e propor a atividade caixa do tesouro, questionei os alunos sobre uma possível síntese para a presente aula. As respostas foram bastante satisfatórias, ou seja, aproximaram-se da síntese previamente definida.

Em suma, a aula decorreu como previsto, tendo cumprido com os objetivos propostos. As dinâmicas desenvolvidas suscitaram o interesse e, por conseguinte, o envolvimento de todos os alunos, promovendo novas aprendizagens através de momentos, ora de descoberta, ora de maior descontração e criatividade. Nesta aula, consegui valorizar e orientar as intervenções dos alunos de forma mais eficaz, bem como formular oralmente exemplos que facilitassem a compreensão dos conteúdos. Considero que o plano de aula foi ambicioso, visto que me propus a desenvolver duas estratégias de carácter prático. Uma vez mais, o apoio das professoras que me observaram foi relevante para garantir que todos os alunos vissem as suas dificuldades supridas, nomeadamente, na realização do exercício «Eu espero». Pessoalmente, foi uma aula que me desencadeou prazer e satisfação, visto que o meu papel foi essencialmente guiar os alunos nas respetivas aprendizagens, tendo eles assumido uma postura ativa diante das tarefas que lhes eram propostas e atingido com sucesso os objetivos da aula.

No que se refere à avaliação das professoras observantes, a colega estagiária referiu que a aula correu bem. Se por um lado, houve uma boa gestão do tempo, e, por conseguinte, o cumprimento da planificação; por outro, as dinâmicas aplicadas aquando da exploração dos conteúdos foram adequadas aos objetivos da aula e promoveram o envolvimento dos alunos. Os recursos utilizados foram apelativos e do agrado dos alunos. Reconheceu a complexidade da atividade «Eu espero» e constatou que os alunos revelaram dificuldades na realização da mesma, pelo que tomou a iniciativa de os apoiar individualmente. Não obstante, salvaguardou que os conteúdos haviam sido transmitidos com clareza e assertividade.

A professora cooperante afirmou que a aula correu bem: houve uma boa gestão do tempo, que permitiu o cumprimento da planificação; que a estagiária transmitiu com clareza os conteúdos, sabendo fazer uso da linguagem científica; definiu corretamente os conceitos inerentes aos conteúdos; prestou esclarecimento aos alunos sempre que necessário; utilizou recursos apelativos, bem como, envolveu os discentes em atividades práticas que foram do agrado dos mesmos.

a) **Planificação e relatório da aula 5**

Nível: 5.º ano

Unidade Letiva: 2 – Advento e Natal

Aula: 5/7

Lição n.º 13 13/12/2021

AE	Compreender as manifestações culturais e artísticas das comunidades cristãs relativas ao Advento e Natal.					
Sumário	Presépio: representação artística do Natal. Atividade alusiva ao Natal. Autoavaliação.					
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	T	AVALIAÇÃO FORMATIVA ³⁴
G. Identificar os valores evangélicos.	Reconhecer o presépio como símbolo central do Natal.	Jesus, o Salvador; Emanuel, Deus conosco na história.	Acolhimento; Sumário;	Quadro e giz. Caderno diário. <i>PowerPoint</i> (An. 12) Computador e projetor.	5'	Assiduidade Pontualidade
			O presépio como símbolo central do Natal; Simbologia: - Maria, José e o menino Jesus; - Os Magos e as oferendas; - A estrela de Belém e as luzes; História do Presépio; Representações artísticas do presépio. Atividade plástica: Criar uma representação do presépio.	<i>PowerPoint.</i>	25'	Participação Atenção Empenho Criatividade
			Autoavaliação: Preenchimento da ficha de autoavaliação ³⁵ .	Ficha de autoavaliação.	10'	Empenho
			Síntese da aula.	Cadernos diários e sínteses impressas. (An. 14)	5'	Empenho Participação
			Caixa do tesouro	Envelopes e emojis.		Participação Responsabilidade
			Comportamento			

SÍNTESE: O Presépio é a principal representação artística do Natal.

³⁴ Observação direta registada em grelha própria.

³⁵ A ficha de autoavaliação encontra-se na sala da turma, já impressa.

Breve descrição das estratégias e dos anexos

Anexo 12 – *PowerPoint* «O Presépio»

A aula iniciará, lembrando os alunos que o Natal é a celebração do nascimento de Jesus, momento em que Deus entra na História. Neste sentido, o presépio é a principal representação artística do nascimento de Jesus e, por conseguinte, símbolo central desta época festiva. Seguir-se-á a apresentação dos principais elementos que compõem o presépio, nomeadamente, a sagrada família, os reis magos e a estrela de Belém e respetivo significado. Far-se-á uma breve referência ao local e tempo em que surgiu esta tradição, bem como às diferentes expressões artísticas que a pontuam, destacando exemplos da cultura açoriana. Os exemplos de construções com materiais reciclados servirão para instigar a criatividade dos alunos para a atividade que lhes será proposta, tendo em conta uma perspetiva ecológica. Por fim, os alunos serão convidados a criar o seu próprio presépio que poderá servir de objeto de participação no concurso de presépios, promovido pelo núcleo de estágio de Nordeste. Findo o tempo de realização da atividade plástica, a docente sugere aos alunos que a concluem em casa, com auxílio dos familiares e distribui as fichas de autoavaliação. O *PowerPoint* termina com a síntese da aula e a atividade “Caixa do Tesouro”.

Anexo 13 – Atividade plástica «O Presépio»

Para a apresentação da atividade foi criado um diapositivo, onde se alude a três etapas do processo de criação: 1) «dar asas» à imaginação e criatividade; 2) selecionar os materiais necessários; 3) «pôr mãos à obra». Neste âmbito, a docente também apresentará um resultado possível para a atividade, utilizando os materiais disponíveis. Sabendo que os alunos terão uma série de materiais à disposição, num dos espaços da sala, a docente irá solicitar que estes se dirijam ao local em pequenos grupos e retirem apenas o material necessário para a concretização da atividade.

Relatório da aula 5

A preparação da presente aula implicou a ponderação de alguns aspetos programáticos e, portanto, escolhas que comprometeram o itinerário das aulas. Ao confrontar a aprendizagem essencial «Compreender as manifestações culturais e artísticas das comunidades cristãs relativas ao Advento e Natal», verificou-se que esta não encontrava correspondência nos objetivos preconizados no programa da disciplina. Optou-se por acrescentar um novo objetivo «Reconhecer o presépio como símbolo central do Natal».

Ao considerar as características dos alunos e do meio envolvente, entendeu-se que seria pertinente aprofundar o sentido das manifestações culturais e artísticas cristãs atinentes ao Advento e Natal, tendo o presépio como principal referência. De facto, os alunos encontravam-se num estágio em que ainda necessitam de modelos concretos, de preferência, que lhes fossem familiares. Não obstante, a presente UL, por acarretar uma grande riqueza simbólica, constituiu-se uma janela de oportunidade para promover junto dos alunos o desenvolvimento da sua capacidade de abstração, de atribuir significado e sentido à realidade que os circunda, que é manifestamente cristã. Ademais, no concelho de Nordeste encontra-se um dos mais emblemáticos presépios da ilha de São Miguel, o presépio da Achadinha.

O início da aula foi pautado pelas habituais rotinas de acolhimento. Tal como plasmado na planificação da aula, o «corpo da aula» foi dividido em dois momentos. O primeiro, de carácter expositivo, visou a exploração simbólica do presépio e respetivos elementos, uma breve alusão à origem histórica desta tradição e às suas diferentes expressões artísticas. Como ferramenta pedagógica, privilegiou-se o *PowerPoint*, tendo funcionado como referência visual orientadora do diálogo entre docente e alunos. O segundo momento, de carácter prático e plástico, introduziu uma nova dinâmica na aula, de maior descontração e criatividade.

Iniciada a apresentação dos conteúdos, sem descurar o apelo à intervenção dos alunos, o ponto de partida temático foi o presépio como principal manifestação artística do nascimento de Jesus, do Natal, e, por isso, o símbolo central desta efeméride. Atendendo a que a exploração do presépio e dos seus elementos pretendia descortinar o seu respetivo sentido e significado, houve o cuidado de esclarecer o conceito de símbolo junto dos alunos. Foram identificadas as várias figuras envolvidas no nascimento de Jesus, nomeadamente, Maria, São José, o Menino Jesus, os Reis Magos e os pastores. Todavia, salvaguardou-se o facto de também encontrarmos outras figuras que aludem a um outro tempo, diferente do de Jesus. No que toca à simbologia do presépio, deu-se ênfase ao significado da sagrada família, dos Reis Magos, respetivas oferendas e à estrela de Belém. No que respeita às diferentes manifestações artísticas do presépio, destacaram-se imagens alusivas aos presépios açorianos e de vertente ecológica.

Ao longo da exposição oral, os alunos mantiveram-se atentos e participativos, chegando a manifestar surpresa diante de alguns conteúdos, por se constituírem novidade.

Terminado o primeiro momento, foi tempo de orientar os alunos para a construção de um presépio, tendo presente o essencial dos conteúdos lecionados. Para o efeito, foi disponibilizado um exemplo físico de um possível produto final, bem como materiais variados (folhas de diferentes texturas e cores, cartão, paus, musgo sintético, um suporte de tela para cada aluno, entre outros). Como fator motivacional, os alunos foram convidados a elaborar o presépio com a intenção de o oferecer a alguém especial e a fotografá-lo, por forma a participar no Concurso de Presépios da Escola.

A turma foi dividida em quatro grupos, que se dirigiram, faseadamente e de forma organizada, ao local onde se encontravam os materiais. Os alunos respeitaram as indicações que lhes foram dadas; aguardaram, pacientemente, o momento para escolher os materiais e quando o fizeram, foram conscientes, recolhendo apenas o material que necessitavam para concretizar a sua ideia. Apesar de alguns terem manifestado insegurança quanto aos materiais que iriam utilizar ou, até mesmo, em relação ao aspeto que o seu trabalho poderia vir a ter, na hora de começar a trabalhar as dúvidas dissiparam-se, dando lugar à criatividade. Ao longo da atividade, foi notório o entusiasmo e empenho da turma.

Ao implementar uma atividade de caráter plástico, reservando apenas cerca de 15 a 20 minutos de aula, seria muito provável que esta ficasse por concluir. Tal como se sucedeu. Contudo, esta situação que à partida sugere-se pouco satisfatória quer para os alunos, quer para a docente, transformou-se na oportunidade de envolver a família na realização da atividade, à semelhança do que acontece na altura de construir o tradicional presépio.

A aula terminou com a autoavaliação dos alunos, preenchimento das sínteses e recolha dos *emojis*. Refira-se aqui que para além dos alunos terem revelado bastante facilidade em encontrar uma frase próxima da síntese exibida, o *feedback* recolhido através dos *emojis* foi particularmente positivo, destacando-se dois: «senti-me um artista» e «foi a melhor aula de moral». No cômputo geral, apesar da atividade alusiva ao Natal ter ficado por concluir, considero que a aula decorreu como previsto e que os objetivos foram atingidos.

Relativamente à avaliação da colega estagiária, esta começou por destacar o impacto que a atividade plástica surtiu nos alunos, elogiando o facto de ter optado por colocar os materiais à disposição dos alunos e lhes ter concedido total liberdade na criação do seu presépio. Referiu que, no momento da atividade, foi evidente o entusiasmo e envolvimento com que os alunos desenvolveram o seu trabalho, tal como a criatividade dos mesmos. Lamentou o facto

de a atividade não ter sido concluída em sala de aula. Não obstante, reconheceu a importância de uma abordagem mais teórica e expositiva, num momento anterior à atividade de Natal, já que os alunos revelaram desconhecer os conteúdos lecionados.

A seu tempo, a professora cooperante afirmou que a aula correu bem: houve uma boa gestão do tempo, que permitiu o cumprimento da planificação; que a estagiária transmitiu com clareza os conteúdos, sabendo fazer uso da linguagem científica; definiu corretamente os conceitos inerentes aos conteúdos; prestou esclarecimento aos alunos sempre que necessário; utilizou recursos apelativos, bem como, envolveu os discentes em atividades práticas que foram do agrado dos mesmos.

b) Planificação e relatório da aula 6

Nível: 5.º ano

Unidade Letiva: 2 – Advento e Natal

Aula: 6/7

Lição n.º 14 10/01/2021

AE	Conhecer a situação histórica do nascimento de Jesus.					
Sumário	Advento e Natal – Consolidação dos conteúdos lecionados. Jesus encarna numa realidade histórica: a Palestina no tempo de Jesus.					
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	T	AVALIAÇÃO FORMATIVA ³⁶
G. Identificar os valores evangélicos.	6. Conhecer a situação histórica do nascimento de Jesus.	Jesus encarna numa realidade histórica. A Palestina do tempo de Jesus: situação geográfica, política e social.	Acolhimento; Sumário;	Quadro e giz. Caderno diário. <i>PowerPoint</i> (An. 15) Computador e projetor.	5'	Assiduidade Pontualidade
			Revisão e consolidação de conhecimentos: - Jogo «Pergunta, mímica ou desenho?»	Dado e cartões. (An. 16)	15'	Participação Atenção
			A Palestina no tempo de Jesus: - Construção de puzzles alusivos ao contexto geográfico, político e social da Palestina.	Puzzles. Envelopes. <i>Bostik/ Ímanes.</i> (An. 17)	15'	Participação Empenho
			Síntese da aula.	Caderno diário e sínteses impressas. (An. 18)	5'	Empenho Participação
			Caixa do tesouro	Envelopes e emojis.	5'	Participação Responsabilidade

Comportamento

SÍNTESE: Jesus é Deus que se faz Homem.

³⁶ Observação direta registada em grelha própria.

Breve descrição das estratégias e dos anexos

Anexo 15 – *PowerPoint* «A Palestina no tempo de Jesus»

O *PowerPoint* servirá de guia ao longo da aula, quer para apresentação das duas atividades que irão ser propostas, quer dos conteúdos alusivos à Palestina no tempo de Jesus. Como de costume, os alunos irão registar o sumário. A docente irá prosseguir com a apresentação do jogo “Pergunta, mímica ou desenho?” como forma de rever os conteúdos lecionados no âmbito da UL “Advento e Natal” e de consolidar conhecimentos. Seguir-se-á uma segunda atividade que visa dar a conhecer aos alunos a situação geográfica, política e social da Palestina no tempo de Jesus. Para contextualizar o tema a que se refere a atividade, a docente tomará como exemplo o quotidiano dos alunos e questioná-los acerca do lugar onde nasceram e respetivas características políticas e sociais, por forma a fazer um paralelismo com Jesus e, por conseguinte, destacar a Sua humanidade. Finda a atividade, a docente solicitará aos alunos que fixem os puzzles montados no quadro; com auxílio do *PowerPoint* e sem descurar a participação dos alunos nesta tarefa, indicará o lugar geográfico onde Jesus nasceu, viveu e morreu; apresentará a situação política, destacando as figuras de César Augusto e Herodes, o Grande como símbolos do poder romano; e, por fim, as características da sociedade da época, em particular, dos grupos sociais judaicos.

Anexo 16 – Jogo «Pergunta, mímica ou desenho?»

A docente começa por explicar o intuito da dinâmica e agrupa os alunos em pares. Dá a conhecer os materiais necessários para a dinâmica e o funcionamento da mesma. Cada par lança o dado uma vez e, em conformidade com a imagem do dado que ficar voltada para cima, os alunos retiram o cartão correspondente. Se for mímica ou desenho, os alunos que lançaram o dado executam a tarefa e os demais tentam adivinhar qual a palavra correta. Se for uma pergunta, a professora faz a leitura da mesma e o par responde; caso não responda acertadamente, perde a vez para o par seguinte. Não obstante, poderá solicitar a ajuda de outro par. A seu tempo a docente regista a participação dos pares.

Anexo 17 – Atividade: a Palestina no tempo de Jesus

A docente começa por ressaltar que os alunos continuarão a trabalhar em pares. Seguir-se-á a contextualização e explicitação da atividade em questão, passando à distribuição do material. Cada par receberá um envelope numerado com conteúdo diferenciado e em formato de puzzle: imagens e/ou palavras alusivas ao tema. Os alunos terão de montar as imagens e/ou palavras e colar num suporte de cartolina A4. A cor dos suportes foi selecionada e atribuída a cada par de modo que os alunos conseguissem encontrar uma ligação lógica. Por exemplo: dois dos pares que trabalharam o mapa da Palestina e sua localização no mapa mundo, receberam uma cartolina de cor azul. As imagens, tal como as palavras alusivas ao tema encontram-se no *PowerPoint*.

Relatório da aula 6

Ao contrário do habitual, os alunos chegaram depois da hora estipulada para início da aula e de forma faseada devido ao atraso dos autocarros, pelo que o acolhimento acabou por ser mais demorado. Aproveitei o momento para conversar com os alunos presentes, à medida que os demais entravam, ocupavam os respetivos lugares e registavam o sumário no caderno diário. Pouco usual, foi também a agitação dos alunos. Depois de garantir que todos os alunos se encontravam instalados e podia dispor da atenção dos mesmos, iniciei a aula, apontando sucintamente os principais temas e atividades da aula.

Atendendo ao longo período de férias, os alunos foram convidados a revisitarem os conteúdos lecionados no âmbito da Unidade Letiva «Advento e Natal» através de um jogo, «Pergunta, mímica ou desenho?». Ao projetar a apresentação do jogo, preocupei-me em preparar um diapositivo que facilitasse a associação entre as palavras/tarefas e imagens correspondentes. Afinal, estas imagens iriam estar presentes no dado e nos cartões elaborados para o jogo.

Apresentado o jogo e intuito do mesmo, agrupei os alunos em pares, formando um total de dez pares. Dei-lhes a conhecer os materiais necessários para a dinâmica e o funcionamento da mesma. Os alunos mostraram-se entusiasmados e motivados desde início. À medida que o jogo avançava, pude constatar que nem sempre conseguiam responder corretamente às questões, pelo que foi necessário solicitarem ajuda de outros pares; por outro lado, também revelaram alguma timidez no momento da mímica e insegurança aquando do desenho. Neste contexto, a par da gestão das intervenções, o meu papel passou essencialmente por orientar os alunos através de pistas, apelando à memória e situações do seu quotidiano.

Terminado o jogo, introduzi o principal tema da aula, a Palestina no tempo de Jesus, aludindo ao facto de Jesus ter nascido num determinado tempo e espaço, no seio de uma sociedade concreta. Para facilitar a compreensão do que estava a ser exposto oralmente, evoquei o quotidiano dos alunos como exemplo. Seguiu-se a proposta da segunda atividade de pares, com o objetivo de lhes dar a conhecer a situação geográfica, política e social da Palestina no tempo de Jesus, tendo explicitado o seu intuito e funcionamento. Após a distribuição dos envelopes e cartolinas, os alunos iniciaram a montagem dos *puzzles* e colaram-nos nas cartolinas. Ao longo da atividade, foi evidente o envolvimento e perspicácia dos alunos, pois, não só a realizaram com alguma celeridade, como intuíram o propósito dos pares terem recebido cartolinas de cores diferentes. Não obstante, os pares que obtiveram *puzzles* de maior complexidade, reclamaram o apoio das professoras.

Numa fase seguinte, procedeu-se à fixação dos *puzzles* no quadro. Solicitei a cada um dos pares que se dirigisse ao quadro e fixasse o seu trabalho, tendo em conta a ordem pela qual havia distribuído o material. Apelei à atenção dos alunos para a relação entre as cores das cartolinas e respetivos conteúdos, confirmando que cada uma das cores agrupava conteúdos referentes ao contexto geográfico, político e social da Palestina no tempo de Jesus.

Como a hora do final da aula se estava a aproximar, a exploração das imagens, realizada com apoio do *PowerPoint*, ficou por concluir. Houve, apenas, oportunidade de localizar a Palestina no continente asiático, apontar o local onde Jesus nasceu, Belém, e fazer uma breve referência ao facto da Palestina se encontrar sob o domínio romano e respetivas implicações sociais. Terminei a aula, informando os alunos que o tema seria retomado e finalizado com a síntese, na aula seguinte. E procedi à recolha dos *emojis*.

Ao longo da prática letiva, referente à Unidade Letiva 2, apostei em estratégias que implicavam dinâmicas menos expositivas e, portanto, mais centradas na experiência dos alunos, por forma a promover aprendizagens significativas. Neste sentido, revelei-me ambiciosa ao planificar uma aula de 45 minutos com mais do que uma atividade prática, mesmo sabendo, de antemão, que seria sempre necessária uma abordagem teórica, ainda que breve. Desta vez, não consegui cumprir com o plano de aula. Ademais, e apesar do *feedback* dos alunos continuar a ser bastante positivo, evidenciou-se a necessidade de repensar e/ou aprimorar alguns aspetos do meu trabalho.

Ao pensar numa forma lúdica para revisitare os conteúdos já lecionados, entusiasmei-me com a possibilidade de aplicar um jogo que fosse além de uma dinâmica assente em perguntas e respostas. De facto, o jogo «Pergunta, mímica ou desenho?» pareceu-me uma boa estratégia para atingir os objetivos pretendidos: recordar conteúdos, cativar os alunos e trabalhar competências no âmbito da expressão e/ou interpretação simbólica. A seu tempo, esta estratégia colocou a descoberto dois aspetos, que considero menos positivos: os alunos revelaram algumas dificuldades ao nível da interpretação e/ou expressão simbólica; os cadernos diários dos alunos careciam de mais referências aos conteúdos lecionados. Ora, se por um lado, as dificuldades reveladas pelos alunos poderão ser facilmente justificadas com “n” razões, como por exemplo, a inibição sentida por estar diante da turma; por outro, a ausência de registos que vão além das sínteses da aula, põe em questão algumas das estratégias aplicadas ao longo da leção. Sugere-se, por isso, relevante encontrar soluções que possam colmatar este último aspeto.

Como aspetos positivos, destaco o ambiente de diversão que se gerou entre os alunos e as professoras; bem como a pertinência de um momento de reavaliação de conteúdos.

Quanto à abordagem do tema a Palestina no tempo de Jesus, cabe-me referir que ao construir o *PowerPoint*, preocupei-me em apresentar uma perspetiva sucinta do contexto geográfico, político e social da Palestina no tempo de Jesus, mediante imagens e palavras-chave, de modo a facilitar a compreensão e memorização dos conteúdos. A atividade que antecede a exploração e apresentação dos conteúdos, surge como primeira etapa de um processo de descoberta, em que os alunos são convidados a encontrar pistas sobre o tema em questão, à medida que vão construindo os *puzzles*. Apesar de alguns alunos terem revelado dificuldades em construir os *puzzles*, nomeadamente, o par que recebeu os nomes dos grupos sociais judaicos; foi surpreendente observar a celeridade, perspicácia e a persistência de tantos outros, bem como a capacidade de superarem autonomamente as suas dificuldades. Destaco, também, o modo como a entrega dos materiais foi organizada - em envelopes numerados, entregues sequencialmente – já que permitiu agilizar a fixação dos trabalhos no quadro de acordo com a ordem pretendida, ou seja, pela qual os conteúdos iriam ser apresentados. No entanto, e tendo em conta que o plano de aula não foi cumprido, concluiu-se que uma das duas atividades teria de ser repensada.

Por fim, quer o sumário, quer a síntese da aula não foram os mais felizes. A minha proposta de alteração seria, respetivamente: «Advento e Natal – Consolidação dos conteúdos lecionados. A Palestina no tempo de Jesus.»; «Jesus é verdadeiro homem».

Na reunião de avaliação, a colega estagiária referiu que, apesar do plano de aula não ter sido cumprido, a aula correu bem. Elogiou as estratégias e recursos utilizados, pois eram do agrado dos alunos e iam de encontro aos objetivos da aula. Referiu, ainda, que aquando da montagem dos *puzzles*, alguns pares revelaram dificuldades na tarefa, em particular, os alunos que receberam os nomes dos grupos sociais judaicos. A este propósito, acrescentou que eram nomes totalmente desconhecidos para os alunos em questão, pelo que foi indispensável prestar-lhes apoio na realização da tarefa.

A professora cooperante mencionou que, apesar do não cumprimento total da planificação; e do facto de alguns alunos terem tido dificuldades em responder às questões e em fazer a mímica, aquando da estratégia do jogo «Pergunta, mímica ou desenho?», a aula correu bem, a estagiária soube orientar os alunos no sentido de eles conseguirem responder ou realizar a mímica e dos objetivos pretendidos com as atividades serem atingidos. Salientou, ainda, que os recursos/materiais utilizados cativaram os alunos, pois constatou que os discentes demonstraram algum entusiasmo e empenho aquando da montagem dos *puzzles*.

c) **Planificação e relatório da aula 7**

Nível: 5.º ano

Unidade Letiva: 2 – Advento e Natal

Aula: 7/7

Lição n.º 15

17/01/2021

AE	Saber que o Natal é a celebração do Nascimento de Jesus e a realização da esperança cristã; Reconhecer o Advento como tempo de preparação para o Natal; Identificar as figuras do Advento e Natal; Compreender as manifestações culturais e artísticas das comunidades cristãs relativas ao Advento e Natal; Conhecer a situação histórica do nascimento de Jesus; Assumir a construção de uma sociedade mais justa, humana e responsável de acordo com a mensagem de Jesus.					
Sumário	Conclusão da aula anterior. A esperança cristã. Dinâmica «Esperança-te». Ficha de consolidação de conhecimentos.					
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	T	AVALIAÇÃO FORMATIVA³⁷
G. Identificar os valores evangélicos.	6. Conhecer a situação histórica do nascimento de Jesus.	Jesus encarna numa realidade histórica.	Acolhimento; Sumário;	Quadro e giz. Caderno diário. <i>PowerPoint (An. 19)</i> Computador e projetor.	5'	Assiduidade Pontualidade
		A Palestina do tempo de Jesus: situação geográfica, política e social.	Conclusão da aula anterior: - Exploração das imagens e palavras a propósito dos conteúdos «A Palestina no tempo de Jesus».	Puzzles montados. <i>Bostik / Ímanes.</i>	10'	Participação Atenção
P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã. L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	7. Promover o valor da esperança cristã na sociedade de acordo com a mensagem de Jesus	Jesus veio para nos salvar: o significado da esperança cristã.	A Esperança cristã: - Leitura da BD; - Dinâmica «Esperança-te»	Velas Banda Desenhada (An. 20)	15'	Participação Empenho
		A construção de uma sociedade mais justa, humana e responsável de acordo com o projeto de Jesus.	Síntese da aula.	Caderno diário e sínteses impressas. (An. 21)		Empenho Participação

Comportamento

³⁷ Observação direta registada em grelha própria.

<p>A. Compreender o que são o fenômeno religioso e a experiência religiosa</p> <p>G. Identificar os valores evangélicos.</p> <p>P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.</p> <p>L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.</p>	<p>1. Reconhecer que Deus é sempre fiel à sua aliança.</p> <p>2. Interpretar textos bíblicos sobre a esperança de Israel</p> <p>3. Reconhecer em Jesus a nova Aliança de Deus com a Humanidade.</p> <p>4. Compreender o sentido do Advento.</p> <p>5. Identificar as figuras do Advento.</p> <p>6. Conhecer a situação histórica de Jesus.</p> <p>7. Promover o valor da esperança na sociedade de acordo com a mensagem de Jesus.</p>	<p>Deus é sempre fiel à sua Aliança.</p> <p>A grande esperança de Israel, Deus está sempre atento às necessidades do seu povo.</p> <p>O nascimento de Jesus: a Palavra de Deus que chegam até nós.</p> <p>Advento: tempo de espera e esperança.</p> <p>As figuras do Advento, modelos de quem espera o Senhor que vem: Maria, José e João Batista.</p> <p>Jesus, o Salvador, Emanuel, Deus conosco.</p> <p>A Palestina no tempo de Jesus.</p> <p>Jesus veio para nos salvar: o significado da esperança cristã.</p>	<p>Ficha de consolidação de conhecimentos.</p>	<p>Panfleto. (An. 22) Ficha e caneta. (An. 23)</p>	<p>10'</p>	<p>Empenho</p>
			<p>Caixa do tesouro</p>	<p>Envelopes e emojis.</p>	<p>5'</p>	<p>Participação Responsabilidade</p>

SÍNTESE: A esperança é a chama que o Natal acende em nós através de Jesus.

Breve descrição das estratégias e dos anexos

Anexo 19 – *PowerPoint* «A Esperança cristã»

A docente começa por lembrar os conteúdos lecionados na aula anterior, utilizando os mesmos recursos e estratégias da aula anterior, por forma a concluir a leção dos conteúdos acerca da Palestina no tempo de Jesus. Terminada a contextualização da situação histórica do nascimento de Jesus, a docente irá introduzir os conteúdos seguintes, realçando a importância do nascimento de Jesus na história universal e apelando a uma reflexão sobre a necessidade de construir uma sociedade mais justa. De seguida, os alunos recebem uma folha com uma banda desenhada alusiva à estória que servirá de apoio quer à dinâmica «Esperança-te» (Anexo 20), quer à reflexão. Após a atividade, entregam-se as sínteses, os panfletos e aplica-se a ficha de consolidação de conhecimentos.

Anexo 20 – Dinâmica «Esperança-te»

Por forma a consolidar a aprendizagem essencial relacionada com a construção de uma sociedade mais justa, humana e responsável de acordo com a mensagem de Jesus, tendo como pano de fundo a temática da esperança, a turma será dividida em três grupos. Para a dinâmica serão necessárias quatro velas, de cores diferentes: verde, branca, vermelha e amarela. Cada grupo receberá uma vela que corresponde a um valor – paz (branca), amor (vermelha), amarela (fé) – e a docente ficará com a vela verde (esperança) que será acesa logo de início. Procede-se à leitura e exploração da estória. Os alunos são convidados a refletir sobre situações em que os valores já mencionados estão ausentes e propor atitudes que promovam os mesmos. Deste modo, pretende-se concluir que é possível (re)acender a paz, o amor e a fé a partir de esperança. Cada membro do grupo levanta-se e acende a vela que lhe foi entregue a partir da vela verde e verbaliza uma intenção.

No final, pretende-se concluir que os cristãos são as velas da esperança em Cristo; só a esperança é capaz de (re)acender todas as velas/valores da nossa vida; quem tem esperança, tudo consegue; para um cristão que acredita num Deus que protege as pessoas, a esperança não desaparece; e quando um cristão sente que a vida está difícil a sua esperança deve estar em Deus.

Anexo 22 – Panfleto

O Panfleto como pretensão ser um apoio à realização da ficha de consolidação de conhecimentos, bem como um registo sucinto dos conteúdos mais relevantes, lecionados ao longo da Unidade Letiva 2: Advento e Natal.

Anexo 23 – Ficha de consolidação de conhecimentos

A ficha de consolidação de conhecimentos versa a Unidade Letiva 2: Advento e Natal.

Relatório da aula 7

O presente relatório refere-se à última aula da Unidade Letiva 2: Advento e Natal. À semelhança da aula anterior, foi necessário prolongar o acolhimento devido ao atraso dos autocarros. Passados alguns minutos estavam reunidas as condições para dar início à aula.

Retomei o tema da aula anterior, «A Palestina no tempo de Jesus», tendo como referência os puzzles já construídos e apelando à participação oral dos alunos. Constatei que os alunos ainda tinham presente os conteúdos lecionados e, por isso, prossegui, resgatando a apresentação em *PowerPoint*. Evidenciei o facto de a Palestina ser constituída por uma população heterogénea e profundamente dividida, onde coabitavam diferentes povos e culturas. Apresentei os quatro grupos sociais judaicos – Fariseus, Saduceus, Essénios e Zelotas – e as respetivas características. Ao longo da exposição, os alunos mostraram-se atentos e esclareceram algumas dúvidas.

Ao dar por concluída esta parte dos conteúdos, prossegui com a distribuição das sínteses e introduzi a última temática da UL 2, a esperança cristã. Comecei por questionar os alunos sobre a importância do nascimento de Jesus para, posteriormente, convidá-los a refletir sobre a importância de construir uma sociedade mais justa, humana e responsável, de acordo com a mensagem de Jesus. As respostas foram bastante assertivas e adequadas, pelo que, rapidamente, deu-se início à dinâmica «Esperança-te» mediante a leitura da estória «A Esperança Cristã». A turma foi dividida em três grupos com respetivo porta-voz, ao qual seria entregue uma das três velas. Terminada a leitura em voz alta, por um dos alunos, foi solicitado a cada grupo que, de acordo com o significado da cor da vela recebida, refletisse sobre as razões e/ou situações em que os valores como a paz, a fé e o amor estão ausentes nos dias de hoje e as partilhasse com a turma. Uma vez mais, os alunos foram assertivos nas suas respostas, mostrando compreender os motivos da ausência dos valores em questão. Assim, partindo das respostas apresentadas e através do diálogo, foi possível reconhecer a centralidade da esperança como valor capaz de reacender os outros valores, cuja presença é crucial para a construção de um mundo mais justo e humano. De seguida, os alunos expressaram uma intenção para a escola e/ou mundo, relacionada com o valor que a sua vela representava, acendendo-a a partir da vela verde, da esperança. Esta última etapa, constituiu-se um ato simbólico que permitiu reforçar a ideia de que o valor da esperança é essencial nas nossas vidas, em particular, na vida dos cristãos, pois estes são as velas que se (re)acendem constantemente a partir de Jesus. A dinâmica terminou com um momento de síntese, em que foram revisitadas as principais aprendizagens e completada a frase síntese.

Para concluir a UL, foi introduzida a última atividade planejada para a aula: a realização de uma ficha de consolidação de conhecimentos. Para o efeito, apresentei um panfleto com o resumo dos conteúdos da lecionados, informando que este material era passível de ser utilizado aquando da realização da tarefa proposta. Após a leitura da ficha, os alunos procederam ao seu preenchimento.

Durante a atividade, constatei que a maior parte dos alunos não demonstrava dificuldades na sua execução e, inclusive, dispensou o material de apoio. Também pude observar que outros, devido ao seu ritmo de trabalho mais lento, não teriam hipótese de concluir a tarefa em tempo útil. Para colmatar esta situação, foi proposto para trabalho de casa a conclusão da ficha. A aula encerrou com a recolha dos *emojis*.

De um modo geral, esta foi a aula que me despertou maior ansiedade. Se, até então, estava confiante dos riscos que corria por ser ambiciosa na preparação dos planos de aula; nesta aula, senti que não tinha outra escolha, senão arriscar. Com efeito, teria de encontrar as estratégias mais adequadas para garantir a lecionação dos conteúdos previstos e a promoção das aprendizagens.

No que toca ao início da aula, a principal estratégia consistiu na exposição oral e sucinta da temática «A Palestina no tempo de Jesus», recorrendo ao *PowerPoint* e aos *puzzles* construídos pelos alunos. Considero que a estratégia implementada foi a mais adequada dadas as circunstâncias e objetivos, pois permitiu uma melhor gestão do tempo e dos conteúdos, sem comprometer a participação oral e o esclarecimento de dúvidas, por parte dos alunos.

Quanto às estratégias utilizada para a lecionação do tema «A esperança cristã», considero que viabilizaram uma associação equilibrada entre os conteúdos e a experiência realizada pelos alunos. Ademais, desde a leitura e interpretação da estória até ao ato simbólico de acender cada uma das velas, foi possível integrar elementos concretos e visuais presentes no quotidiano dos alunos, promover uma reflexão crítica sobre a realidade envolvente e, por conseguinte, uma maior consciência da centralidade do valor da esperança na construção de uma sociedade mais justa e humana.

Pude observar que a dinâmica de grupo renovou o entusiasmo e motivação dos alunos e, como expetável, imprimiu uma nova cadência à aula. A meu ver, este evento poderia ser compreendido como a consequência do que a dinâmica de grupo implica para os alunos: a oportunidade trocar impressões com os seus pares e de se moverem da sala de aula. Não obstante, considero que a pertinência desta estratégia é muito mais ampla e frutífera, pois convida os alunos a se envolverem ativamente no processo de ensino aprendizagem e, sobretudo, a desenvolverem as suas competências sociais. O que, de facto, aconteceu.

Na sequência da reflexão da aula anterior, constatei que os alunos careciam de mais registos, no caderno diário, alusivos aos conteúdos lecionados. A solução encontrada para fazer face a este aspeto passou pela construção e entrega de um panfleto a cada um dos alunos. Na construção do panfleto, houve a preocupação de organizar os conteúdos de forma sucinta e clara, de acordo com a sequência das aulas. Para o efeito, apostei no aspeto visual, fazendo uso de diferentes tipos de letras, cores e imagens. No contexto da aula, o panfleto também surgiu como material de apoio à realização da ficha de consolidação de conhecimentos, mediante um trabalho de exploração autónomo. Deste modo, aquele que seria apenas um momento de avaliação formal, transformou-se numa oportunidade para os alunos revisitarem os conteúdos lecionados, aferindo as aprendizagens realizadas ao longo da leção da UL 2 e, uma vez mais, assumirem um papel ativo neste processo. Esta estratégia e forma de entender a avaliação tornou-se ainda mais clara quando me deparei com os diferentes ritmos de trabalho e me apercebi que parte dos alunos teria dificuldades em concluir a ficha em tempo útil. Concluiu-se, por isso, que a decisão de propor a conclusão da ficha em casa foi a mais sensata. Afinal, também o ritmo dos alunos deve ser respeitado.

No que se refere à avaliação da aula, a colega estagiária Susana Silva, destacou a abordagem feita aos conteúdos referentes à temática «A esperança cristã», em particular, a dinâmica de grupo, intitulada «Esperança-te». Referiu que os alunos se envolveram na atividade e mostraram compreender o intuito da mesma, pelo que os objetivos foram atingidos. Elogiou a ideia do panfleto como uma forma criativa de colmatar a ausência de registos nos cadernos diários dos alunos.

A professora cooperante referiu que a aula correu bem, apesar do não cumprimento total do planificado, ou seja, da ficha de consolidação de conhecimentos não ter sido concluída em contexto de sala de aula, tendo os alunos concluído a mesma em casa. Mas acrescentou que a conclusão da ficha de consolidação de conhecimentos em casa não é descabida, uma vez que, uma estratégia desta escola é os alunos poderem realizar um instrumento de avaliação em casa (que pode ser inclusive uma ficha de consolidação de conhecimentos), que é depois entregue ao docente, este corrige-a, e depois entrega novamente ao aluno para ele responder novamente já com as devidas correções, devolvendo-a ao docente para este a avaliar.

A orientadora referiu também que a atividade «Esperança-te» correu muito bem; que a exposição proferida pela estagiária foi sucinta, clara e conteve os conteúdos essenciais; que o material utilizado suscitou interesse e curiosidade por parte dos alunos e que a atividade realizada pelos discentes foi bem-sucedida, tendo os alunos participado com entusiasmo e demonstrado os conhecimentos transmitidos.

1.3. Análise crítica da PES

Após a lecionação da UL 2, no âmbito da PES, importa realizar uma reflexão global da mesma, com a certeza de que a reflexão acerca dos métodos de ensino implementados, no decorrer da lecionação, potencia o aumento do repertório de estratégias do professor e reflete o seu processo de desenvolvimento.

Os professores, em particular, os que estão em início de carreira, devem aprender a utilizar um conjunto de conhecimentos sobre o ato de ensinar, acumular a sabedoria da prática e refletir sobre as suas expectativas. Por isso mesmo, concorda-se com Arends:

[N]a nossa sociedade, os professores têm direito a um estatuto profissional. Enquanto especialistas e profissionais, deles se espera que utilizem as melhores práticas para ajudar os alunos a aprenderem competências e atitudes essenciais. Um professor amigo e carinhoso para as crianças já não é suficiente, tal como já não é suficiente que os professores utilizem métodos de ensino exclusivamente baseados na sua intuição, preferência pessoal ou senso-comum. Os professores de hoje têm a obrigação de utilizar práticas de ensino consideradas eficazes.³⁸

Nesta ótica, o conhecimento, a prática e a reflexão são quesitos indispensáveis à arte de ensinar.

1.3.1. Os objetivos e conteúdos da UL 2 são importantes para os alunos?

Considera-se que objetivos e conteúdos da UL 2: Advento e Natal são relevantes para os alunos do 5.º ano. E, para listar os respetivos motivos, sugere-se oportuno também considerar as características que distinguem a população discente do 5.º ano.

Em primeiro lugar, a lecionação da UL 2 surge como oportunidade para descobrir o significado do Advento e Natal, dando a conhecer aos alunos o calendário cristão. Os alunos são desafiados a conciliar a dimensão experiencial e cultural, que caracteriza o período de preparação e celebração do Natal, com uma dimensão religiosa fundada na fé cristã. O Advento convida a viver uma espiritualidade genuína centrada na vinda do Senhor. O Natal pede que olhemos o nascimento de Jesus como sinal da radical proximidade de Deus e do Seu amor, da Encarnação de Deus na história.

Em segundo, os conteúdos e objetivos da UL alinham-se segundo uma perspetiva histórica e teológica. Desde os relatos da Aliança, no Antigo Testamento, passando pelas profecias de Jeremias e Isaías, até ao nascimento de Jesus, os alunos poderão identificar um fio

³⁸ Arends, *Aprender a ensinar*, 4.

condutor que os permitirá compreender a amplitude da História da Salvação e a Identidade (Pessoa e Missão) de Jesus.

Em terceiro, a visão cristã das celebrações acarreta uma componente ético-moral, já que promovem valores essenciais para a dignificação da vida humana, como a esperança, a paz, a justiça social, a solidariedade e o amor ao próximo. Os alunos, inspirados pelo exemplo das várias personagens bíblicas, são chamados a reconhecer a importância de uma interioridade alinhada com a mensagem cristã. Neste contexto, sublinha-se o valor da esperança que, à luz da fé, encoraja a viver com otimismo e confiança no futuro. Assim, aprender a cultivar a esperança e a confiança em Deus pode ser um instrumento poderoso que ajuda a fortalecer a resiliência e, conseqüentemente, lidar de forma mais positiva com situações adversas. A seu tempo, e não menos importante, os alunos são também estimulados a refletir sobre o papel e a importância da fé na vida quotidiana. E, portanto, a viver uma espiritualidade ativa, capaz de gerar e integrar atitudes que espelhem a mensagem e os valores cristãos.

Este itinerário de descoberta é feito mediante uma relação dialógica entre as manifestações culturais e o fundamento da fé cristã, o que nos leva a um último ponto: o fortalecimento e/ou esclarecimento da identidade e cultura cristã.³⁹ Assim o aprofundamento dos conhecimentos sobre o Advento e Natal, aliados às vivências das tradições e práticas cristãs⁴⁰, promovem nos alunos uma maior consciência do caráter evolutivo da fé e, em última instância, o amadurecimento da fé adotada. As manifestações culturais e religiosas ganham um novo sentido: não são apenas rituais, mas expressões vivas da fé que orienta os comportamentos humanos. Com efeito, os alunos são encorajados a olhar o mundo com outros olhos. Neste sentido, acresce, ainda, o reforço do sentimento de pertença a uma comunidade (caraterizada pela fé que professa) que se estende no tempo e no espaço, pelos aspetos em comum que os alunos possam encontrar: crenças, valores, tradições e práticas.

A seu tempo, ao considerar as características psicológicas dos alunos que constituem o corpo discente do 5.º ano, verificamos que os conteúdos e objetivos da UL 2: Advento e Natal incrementam e guiam os alunos num processo de desenvolvimento pessoal, social e religioso, partindo do estágio em que estes se encontram.

Do ponto de vista cognitivo, são crianças totalmente enraizadas no mundo real. E, apesar de serem capazes de formar conceitos, observar relações e resolverem problemas, estes têm de

³⁹ A experiência mostra que os alunos inscritos em EMRC não estão enquadrados, necessariamente, em contextos de vivência crente e modos de pertença católica.

⁴⁰ No seguimento da nota anterior, assume-se que as manifestações culturais e religiosas do Advento e, em particular, do Natal, estão amplamente difundidas.

envolver objetos e situações que lhes sejam familiares.⁴¹ A UL propõe o desenvolvimento da capacidade de abstração e o domínio da competência da transitividade⁴², mantendo um diálogo com a concretude da realidade experienciada pelos alunos.⁴³

Quanto ao desenvolvimento pessoal e social, esta é uma fase em que as crianças se iniciam no mundo social, observando-se uma progressiva diminuição da influência parental. Destaca-se, ainda, a forma maniqueísta como percebem e vivem o mundo.⁴⁴ Neste contexto, a UL surge como oportunidade para conhecer melhor uma comunidade (cristã) que vai para além do núcleo familiar, com a qual os alunos se poderão identificar e, em última instância, estabelecer um vínculo pessoal e emocional com a mesma. Estes aspetos têm especial relevância no âmbito da reflexão moral⁴⁵, visto que esta também é orientada segundo uma perspetiva de exterioridade. Por norma, os alunos adotam as regras de grupo, sendo que o comportamento adequado é aquele que agrada e ajuda os outros. Uma vez mais, a UL estimula os alunos a «dar o salto». Se na UL 1, Viver Juntos, a reflexão moral estava circunscrita a prescrições morais específicas (como os «Dez Mandamentos»), necessárias à (con)vivência dos grupos; com a UL, Advento e Natal, o aluno é iniciado a uma reflexão moral de interioridade. Surgem princípios abstratos e éticos, como a fé, a paz, o amor, a esperança, cuja aplicabilidade, por meio das atitudes, estende-se a todos os seres humanos. E, portanto, o reforço dos princípios que, de acordo com a mensagem cristã, devem orientar o comportamento humano.

No que respeita ao desenvolvimento religioso⁴⁶, evolui no sentido da adoção da fé e apropriação das tradições afirmativas observadas. Pela primeira vez, a criança admite a existência de uma força mais poderosa que os adultos. Deus é uma força ativa e exterior ao ser humano. Ora, partindo destas premissas, com UL 2, os alunos são estimulados a compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa. E, por conseguinte, a encetarem um processo de amadurecimento da fé. Por outras palavras, a desenvolver uma compreensão mais profunda, sólida e pessoal das crenças, valores e práticas cristãs, relacionando-os com a própria vida.

⁴¹ Cf. Cristina de Sá Carvalho, *Curso Geral de Catequistas - Psicologia* (Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2004), 29.

⁴² A competência da transitividade traduz na «capacidade para inferir uma relação entre dois objetos com base no conhecimento da sua respetiva relação com um terceiro.» Carvalho, *Curso Geral de Catequistas - Psicologia*, 29 - 30.

⁴³ Esta apreciação teve em linha de conta os estádios do desenvolvimento cognitivo definidos por Piaget. Cf. Carvalho, *Curso Geral de Catequistas - Psicologia*, 27 - 30.

⁴⁴ Foi considerada a teoria de desenvolvimento pessoal e social de Erikson. Cf. Carvalho, *Curso Geral de Catequistas - Psicologia*, 41 - 2.

⁴⁵ Quanto ao desenvolvimento moral, atentou-se às teorias de Piaget e Kohlberg. Cf. Carvalho, *Curso Geral de Catequistas - Psicologia*, 44 - 9.

⁴⁶ Para compreender o desenvolvimento religioso e as representações da religião, na idade escolar, contou-se com o contributo de Fowler e Oser. Cf. Carvalho, *Curso Geral de Catequistas - Psicologia*, 61 - 2.

Em conclusão, verifica-se que os objetivos e conteúdos da UL 2: Advento e Natal são relevantes para os alunos do 5.º ano, porque, não só permitem o aprofundamento da compreensão acerca das celebrações cristãs, como promovem o desenvolvimento pessoal, social e religioso dos alunos, respondendo às características e necessidades dos mesmos. A lecionação da UL constitui-se uma oportunidade para fortalecer a fé, incentivar a interiorização dos valores cristãos e reforçar o sentido de pertença a uma comunidade de fé. Ao explorar os aspetos históricos, teológicos e ético-morais, os alunos são guiados num processo de amadurecimento da fé e de desenvolvimento de uma visão mais ampla e integrada da vida e da espiritualidade cristã.

1.3.2. Aspetos positivos da lecionação

Tendo em conta que a PES surge como etapa final de um longo percurso despoletado pela exigência de uma profissionalização, cabe-me em primeiro lugar ressaltar o contributo das várias disciplinas da Licenciatura e do Mestrado em Ciências Religiosas, pois tudo o que aprendi tem sido muito útil na minha atividade como docente de EMRC. E, precisamente, por não ser o primeiro ano que leciono EMRC, posso afirmar que a ingressão neste curso foi um acrescento valioso na minha vida profissional e, inclusive, pessoal. Reconheço que adquiri mais competências a nível pedagógico e teológico, bem como conhecimentos que me permitiram refletir com maior profundidade sobre o papel do Cristianismo, da Escola e da disciplina.

Ao longo do ano letivo, validei a pertinência de uma postura pacífica como forma mais acertada de gerir a sala de aula e de promover uma boa relação pedagógica com os alunos. De facto, a gestão da sala de aula nem sempre foi fácil e, por isso, questionei-me muitas vezes sobre qual seria a postura mais adequada aos momentos de maior agitação. Em verdade, os alunos eram interessados e acatavam com facilidade as minhas solicitações, no entanto, o entusiasmo que muitas vezes revelaram pelas atividades realizadas em sala de aula traduziu-se em momentos de maior agitação. Apesar de olhar este entusiasmo com agrado e considerar normal a sua expressão, senti a necessidade de adotar e reforçar algumas estratégias, como por exemplo: explicitar a importância de participar de forma organizada; esperar que os alunos me dessem espaço para intervir, fazendo silêncio; abordar individualmente os alunos, solicitando que baixassem o tom de voz; manter o meu tom de voz e mostrar disponibilidade para os ouvir.

Deste modo, procurei ser coerente em todas as situações e com todos os alunos, tratando-os com equidade e respeitando as suas diferenças. Admito que as estratégias aplicadas nem sempre surtiram efeito durante o tempo desejado, no entanto, constatei que foram notadas e valorizadas pelos alunos.

A seu tempo, consegui criar uma boa relação pedagógica com os alunos, assente na confiança e no respeito mútuo. Um facto que se tornou evidente, não só pelo ambiente que se gerou, mas também pelas partilhas mais pessoais que pontuaram as aulas e o carinho que demonstravam por palavras ou gestos. Todavia, também é facto que, desde o início, os alunos revelaram respeito pelas docentes presentes. Neste contexto, ainda validei a importância da planificação na supressão de alguns problemas de gestão de sala de aula. A planificação das atividades letivas permitiu criar uma rotina, do início ao fim das aulas, que promoveu um ambiente propício ao desenvolvimento e consolidação das aprendizagens. Notei, inclusive, que esta rotina acarretava para os alunos um sentimento de maior segurança, fornecia-lhes um sentido de orientação, promovia o seu envolvimento no decurso da aula e lhes inculcia maior responsabilidade pelas aprendizagens realizadas.

Quanto às soluções testadas, posso afirmar que, de um modo geral, as planificações foram testadas pela primeira vez, pois a PES constitui uma oportunidade para repensar a lecionação das aulas de EMRC e desenvolver a minha capacidade de planificação; um propósito que penso ter cumprido.

De todas as atividades realizadas, existem algumas que são «as meninas dos meus olhos» e dos alunos também, como as de carácter mais prático e/ou plástico, como a atividade «De olhos fechados» e a elaboração de um Presépio. Estou convencida de que estas atividades, para além de terem sido do agrado dos alunos e fator de motivação, promoveram aprendizagens (e memórias) significativas, pelo que do ponto de vista pedagógico cumpriram com os objetivos propostos. Por outro lado, foram atividades para as quais pude canalizar as minhas competências ao nível da expressão artística, uma área onde me reconheço, colocando-as ao serviço da disciplina.

A meu ver, os procedimentos e estratégias de planificação das aulas e produção de materiais pedagógicos foi um trabalho positivo. A maior parte das estratégias aplicadas em sala de aula resultaram, já que os alunos alcançaram os objetivos propostos sem grande dificuldade. Quanto aos materiais pedagógicos, utilizei com frequência apresentações em PowerPoint com intuito de gerir os conteúdos/atividades e tempo com maior eficácia, bem como ajudar os alunos a se situarem na aula; para que fossem apelativas e dinâmicas, privilegiei uma estética coerente e desprovida de adereços, integrando recursos como vídeos e imagens. Não obstante, considero que foram as atividades práticas e/ou plásticas que imprimiram maior dinamismo às aulas, pela sua variedade e respetivas características.

Como elementos que irão influenciar o meu futuro na lecionação de EMRC, identifico o modelo de planificação, as aprendizagens de gestão de sala de aula e a tipologia de atividades, não perdendo de vista que terão de ser adaptados ao contexto em que irei lecionar.

1.3.3. Aspetos que necessitam de melhoria

Apesar de encontrar um leque razoável de aspetos positivos, existem outros tantos que necessitam de melhoria e, por isso, de especial atenção. Afinal, a identificação das dificuldades manifestadas ao longo da prática letiva permitirá progredir na docência de EMRC.

Em primeiro lugar, considero que apresentei algumas falhas ao nível do conhecimento teológico. Este aspeto revela-se no presente relatório, mas também persistiu ao longo da prática letiva. Porventura, o reflexo desta lacuna será a insegurança muitas vezes sentida ao longo da lecionação aquando da exposição dos conteúdos e, sobretudo, na orientação da participação oral dos alunos. Não descurando o investimento formativo levado a cabo nestes últimos anos, que me permitiu construir uma base teológica mais sólida, estou ciente que ainda necessito de aprofundar e atualizar os meus estudos. Porém, não me é menos evidente o entusiasmo que me suscita, a curiosidade que me impulsiona a descobrir a «ciência de Deus». No contexto da unidade letiva de referência, é possível identificar algumas lacunas nas planificações das aulas e, conseqüentemente, nos respetivos materiais didático-pedagógicos. Refira-se, por exemplo, a primeira aula, onde nos debruçamos sobre o tema da Aliança: na Aliança de Deus com Abraão, o símbolo da Aliança (a circuncisão) é confundido com as promessas de Deus (a terra prometida e a descendência de Abraão); com Moisés, o símbolo (sangue aspergido sobre o altar e o povo) é novamente confundido com o compromisso da Povo de Israel (observar a Lei, isto é, os dez mandamentos). Devido aos constrangimentos próprios da calendarização da PES, só consegui desenvolver uma reflexão mais profunda sobre a UL 2, como será apresentada no capítulo 3, após a conclusão da lecionação da mesma.

Em segundo, reconheço que algumas vezes a comunicação verbal poderá não ter sido a mais eficaz o que, a seu tempo, me revelou a necessidade de integrar e conciliar dois tipos de linguagens, oral e visual. Não obstante, considero que a solução encontrada para tentar suprir esta minha dificuldade acabou por, de alguma forma, ir de encontro ao propósito da UL 2, mas, sobretudo, às características e necessidades dos alunos. Com efeito, o uso de uma linguagem que vá para além da simples expressão verbal, tornou-se uma exigência: a comunicação visual foi uma constante no decorrer da lecionação e, surgiu sempre que possível aliada à Arte ou expressão artística.

O terceiro tem que ver com a gestão do tempo de aula. Tal como é descrito nos relatórios, nem sempre consegui gerir com eficácia o tempo definido para a realização das atividades planificadas. Entendo que, este facto, poderá ser o resultado de outras variantes e, porventura, dificuldades inerentes ao processo de lecionação como, por exemplo, a minha insistência em implementar estratégias de carácter prático, que exigiam (ou poderiam exigir) um tempo considerável para a sua realização. Apesar de ainda não possuir total consciência de como poderia ultrapassar esta dificuldade, pude retirar pelo menos duas conclusões: por um lado, as planificações são documentos orientadores da prática letiva e poderão ser sempre adaptadas, até mesmo no próprio contexto de aula, com efeito, é fundamental existir um «plano B ou C»; por outro, atendendo à fase de desenvolvimento cognitivo, moral e religioso dos alunos, a implementação de estratégias de componente prática, nomeadamente, lúdica ou plástica, permitem desenvolver um leque mais amplo de competências - «saber-saber», «saber-fazer» e «saber-ser» - ancoradas em experiências concretas.

Por fim, e sob uma perspetiva mais abrangente, considero pertinente aludir, no presente ponto, aos traços que definem o perfil geral do docente de EMRC, já que aqui também encontro aspetos a melhorar, dignos de um constante aperfeiçoamento. Estes traços podem ser concretizados em três aspetos fundamentais, a saber: personalidade humana, personalidade docente e personalidade crente.⁴⁷ No que toca à minha personalidade humana, continuo a sentir necessidade de cultivar um perfil que inclua as dimensões humanas que me permitam desenvolver relações adequadas com os alunos, pessoal docente, pessoal não docente e encarregados de educação. Afinal, uma boa base humana é determinante para que o educador se reconheça como tal, um «servidor e sementeiro de fraternidade», um construtor de pontes e não de muros. Moita refere que «o professor de EMRC tem de apostar numa relação pedagógica de qualidade porque tudo o que é racional é relacional. Atitude de atenção/escuta ativa, acolhimento libertador, fazedor de pontes e profeta da alegria e da esperança.»⁴⁸ Só assim poderá ver cumprida a sua missão de transformar o mundo que o rodeia. É neste sentido que pretendo caminhar, um caminho de total abertura de coração a Deus, concretizada no amor pelo próximo. Este é, porventura, um dos meus maiores desafios, mas também a possibilidade de testemunhar a Boa Nova de Jesus Cristo. Quanto à dimensão docente, reconheço que o contexto em que me integro é volátil e complexo, pelo que me exige um esforço acrescido. Se por um lado, a disciplina que leciono, sendo de natureza religiosa, impõe alguma sensibilidade, é

⁴⁷ Cf. D. Tomaz Silva Nunes, «O perfil do professor de Educação Moral e Religiosa Católica», Fórum de Educação Moral e Religiosa Católica (Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2005), 87.

⁴⁸ Fernando Moita, *A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual*, Pastoral Catequética - Revista de Catequese e Educação, n.º 26: 71.

geradora de controvérsias e, no limite, pode ferir suscetibilidades. Por outro lado, o fenómeno religioso afigura-se cada vez mais complexo. Diante deste panorama, ser docente de EMRC não é, tão só um desafio no sentido de promover uma atualização de conteúdos teológicos, sintonizados com a Conduta Social da Igreja; passa, também, por integrá-lo no quotidiano e ser capaz criar canais que permitam uma transmissão eficaz. No que respeita à personalidade crente, assumo-a como herança que tenho amadurecido, a par de uma cultura e visão da vida, inspiradas nos valores do Evangelho.

Em suma, embora considere que tenho vindo a desenvolver o meu perfil de docente de EMRC, reconheço que ainda existem aspetos que necessitam melhorias significativas. Desafios que se apresentam como oportunidades para consolidar a minha personalidade humana, docente e crente, mas que exigem dedicação contínua. Pois, só assim, poderei desempenhar o meu papel como mediador do conhecimento e da fé, promovendo o desenvolvimento integral dos alunos.

1.3.4. O contributo da temática do Presépio para a lecionação da UL 2

Por altura do Natal, o Presépio é o principal símbolo e representação artística do nascimento de Jesus, constituindo-se uma tradição que tem sido assumida durante séculos. Ao confrontar o programa de EMRC da UL 2 do 5.º ano e a temática do Presépio rapidamente descobrimos que não existe uma referência direta a esta última, salvo se folhearmos o manual da disciplina e atentarmos às Aprendizagens Essenciais preconizadas para o referido ano de escolaridade. Não obstante, entende-se que o tema do Presépio poderá prestar um contributo significativo na lecionação da UL 2.

Em primeiro lugar, o Presépio permite a visualização da história do Natal, tornando-a mais acessível aos alunos. Ou seja, oferece uma representação visual e tangível do evento do nascimento de Jesus, narrado nos Evangelhos. No contexto da lecionação poderá tratar-se de um recurso pedagógico capaz de deter a atenção dos alunos, servindo como ponto de partida para discussões sobre o significado do Natal e a importância da Pessoa e Missão de Jesus.

Em segundo, o Presépio convida a uma experiência espiritual. Ao contemplar o Presépio é inevitável depararmo-nos com uma das mais espantosas e inexplicáveis histórias da humanidade, o Mistério da Encarnação de Deus. Deste ponto de vista, a experiência primeira, a visual, ganha um novo sentido que poderá ajudar os alunos interiorizar o verdadeiro significado do Natal. Atendendo a que a reflexão religiosa é uma das dimensões trabalhadas na disciplina de EMRC, em geral, e na UL 2, em particular, a referência ao Presépio avista-se como oportunidade para promover o amadurecimento da fé cristã.

Em terceiro, a representação da Natividade agrega uma dimensão moral e ética, dimensão esta que, também, ocupa um lugar fundamental na lecionação da disciplina e da UL. Ao olhar o Presépio deparámo-nos com personagens que se apresentam como verdadeiros modelos concretos da vivência dos valores cristãos. Para os alunos, este confronto e descoberta poderá ajudá-los a refletir sobre como estes valores podem ser incorporados nas suas atitudes diárias, especialmente durante o Advento e Natal.

Em quarto, admitindo a inquestionável importância que o Presépio tem na cultura cristã e nas tradições de Natal, revela-se um recurso pedagógico poderoso para dar a conhecer as raízes culturais e religiosas da celebração natalícia, promovendo um elo entre o acontecimento histórico do nascimento de Jesus e a prática contemporânea de armar o Presépio. Neste contexto, o próprio gesto de montar o Presépio pode ser uma estratégia didática, de caráter prático e colaborativo, capaz de envolver os alunos de forma ativa e criativa nas referidas tradições, reforçando o sentido de continuidade e pertença à comunidade cristã. Enquanto atividade prática, fomenta a consolidação de conhecimentos, abarcando as diferentes áreas do saber e imprimindo dinamismo e significado às aprendizagens. Concomitantemente, permite o diálogo entre a Arte e a Religião, a Cultura e a fé, estimulando a criatividade dos alunos.

Em suma, parece evidente que estudo do Presépio pode enriquecer significativamente a lecionação da UL 2. No entanto, o elenco de aspetos identificados como possíveis contributos, não deixam de parte uma série de questões como, por exemplo: Até que ponto o Presépio pode assumir um papel de maior destaque no itinerário proposto pelo programa de EMRC, no âmbito da UL 2? Será que este itinerário deverá considerar o Presépio apenas como representação simbólica do Natal? Ou também deverá ponderá-lo como «objeto» de mediação patrimonial e cultural?

As respostas a estas interrogações exigem o aprofundamento do estudo do Presépio não só como representação simbólica do Natal, mas também como artefacto de mediação patrimonial e cultural; passando pelo aprofundamento da análise das metas, objetivos e conteúdos da UL 2, por forma a apurar uma possível proposta de ação ou de planificação. Com efeito, os capítulos seguintes do presente trabalho, seguem esta proposta de estudo.

CAPÍTULO 2

O PRESÉPIO: DO SIGNIFICADO AO ARTEFACTO

Tal como nos sugere o título do presente capítulo, o estudo que aqui se almeja tem como tema central o Presépio e visando o aprofundamento do estudo acerca deste, discorre segundo um movimento que encontra dois polos: ora, perscrutando o seu significado; ora, identificando os elementos que o compõem. Poderíamos até dizer que o que aqui se faz é um exercício de diálogo entre cultura e fé. De um ponto de vista geral, este movimento, do significado ao artefacto, também nos oferece a visão da estrutura do capítulo, que nos permitirá fundamentar e apurar uma proposta de ação ou planificação para a lecionação da UL 2: Advento e Natal.

Num primeiro ponto, interessa compreender qual o valor e significado do Presépio. E, para isso, não podemos deixar de parte o «presépio-artefacto». Isto é, as manifestações que tornam visíveis e palpáveis um dos lugares mais enigmáticos da humanidade, relevando o seu papel no acesso ao Mistério que o Presépio de Belém nos dá conta. Assim, analisando e interpretando alguns dos seus elementos, mergulhamos nas páginas do Evangelho e, por conseguinte, no coração da fé e da mensagem cristãs. Neste contexto, deve referir-se que quer as palavras do Papa Francisco, quer as de João Cesar das Neves foram a principal fonte de inspiração.

No segundo ponto, o Presépio como artefacto assume um papel de maior destaque, aferindo-se o seu contributo num contexto de mediação patrimonial e cultural, no âmbito da identificação e transmissão religiosa, em geral, e na disciplina de EMRC, em particular. De facto, não há dúvidas de que o Presépio nasce no ceio da Igreja e, com efeito, é símbolo e gesto religioso que condensa o essencial da fé cristã. No entanto, resta-nos saber se o diálogo entre o significado e o significante poderá encontrar outros itinerários que possam colmatar os processos de identificação e transmissão religiosa, outrora fortemente regulados pelo núcleo institucional, igreja. Portanto, é neste sentido, que se deixa entrever o Presépio como artefacto de mediação cultural e transmissão religiosa, a partir do qual podem nascer novos itinerários, sobretudo, na disciplina de EMRC. Para o efeito, considerou-se as dimensões de transmissão e identificação crente enunciadas no modelo de Danièle Hervieu-Léger (comunitária-identitária, cultural, ética-axiológica, afetivo-emocional).

2.1. O valor e significado do Presépio

O Presépio é a principal representação material e simbólica do Natal. E como refere o Papa Francisco, na Carta Apostólica *Admirabile Signum*, «o sinal admirável do Presépio, muito amado pelo povo cristão, não cessa de suscitar maravilha e enlevo».⁴⁹ O Presépio é a representação do acontecimento da Natividade de Jesus que anuncia, com simplicidade e alegria, o Mistério da Encarnação do Filho de Deus (cf. AS, 1). É a expressão visível e corpórea do «Mistério de Belém» que nos estimula a uma profunda reflexão sobre a essência do amor de Deus:

Ao mesmo tempo que contemplamos a representação do Natal, somos convidados a colocarmos espiritualmente a caminho, atraídos pela humildade d’Aquele que Se fez homem e a fim de Se encontrar com todo o homem, e a descobrir que nos ama tanto, que Se uniu a nós para podermos, também nós, unir-nos a Ele (AS, 1).

Diante do Presépio somos confrontados com o «escândalo da manjedoura»⁵⁰: o nascimento de uma criança, frágil e terna, que passa os primeiros momentos de vida reclinada numa manjedoura, num estábulo, em Belém. Esta criança é Jesus. Deus inteiro que vem na pequenez: de um recém-nascido, da condição humana, de um local que em nada reflete «o supremo do mais sublime.»⁵¹ Estes são os termos do grande Mistério que envolve o Presépio, cujo significado ultrapassa em tudo a realidade humana, o verdadeiro Natal. É sob esta luz que as diferentes personagens e criaturas que povoam Belém adquirem um profundo simbolismo. É a partir deste «sinal admirável», que resplandecem os valores e os gestos assumidos durante séculos pela Igreja, mantendo viva a memória do grande Mistério da fé cristã e falando à vida daqueles que nele participam. De facto, «o Presépio é muito mais que o Presépio».⁵² Pois, tal como refere Neves, «o Presépio está cheio de animação e movimento, à volta do Menino que dorme pacificamente [...] Ele, Deus, está a nascer no meio de nós [...] Aquele facto mudava as suas vidas.»⁵³

Neste contexto, podemos, inclusive, pensar o Presépio como um recurso pedagógico que nos ajuda a reavivar a memória do evento sucedido em Belém, isto é, um ensinamento que se constitui uma verdadeira forma de evangelização. Enquanto símbolo, linguagem da transcendência, torna acessível o inacessível, isto é, estende uma ponte entre duas realidades

⁴⁹ Papa Francisco, *Carta Apostólica Admirabile Signum sobre o significado e valor do Presépio* (Prior Velho: Paulinas, 2019), n.º 1.

⁵⁰ Papa Francisco, *O meu presépio – Vou falar-vos das personagens do Natal* (Parede: Lucerna, 2023), 46.

⁵¹ Neves, *As figuras do Presépio* (Parede: Lucerna, 2014), 105.

⁵² Neves, 137.

⁵³ Cf. Neves, 4.

distintas, possibilitando a tradução e comunicação no mundo da nossa sensibilidade do Mistério.⁵⁴ Deste ponto de vista, e atendendo a que a linguagem simbólica é uma dimensão «típica e tipificante»⁵⁵ da condição humana, não será difícil compreender o Presépio como expressão material e simbólica da fé cristã e, por conseguinte, produto cultural de uma comunidade crente, mediante o qual são assinaladas ideias e comportamentos amplamente distribuídos no espaço (difusão) e no tempo (transmissão). E, portanto, parte de um vasto património simbólico. Primeiro, verificamos que, em diferentes locais do mundo e períodos da história da humanidade, o Presépio assumiu formas e expressões variadas, sendo visível a integração de costumes locais e estilos artísticos. Em segundo, também o gesto de armar o Presépio constitui uma tradição que ano após ano, geração após geração, perpetua de modo peculiar o espírito de Natal. Uma experiência valorizada pelo Papa Francisco:

Com esta Carta, quero apoiar a bonita tradição das nossas famílias de prepararem o Presépio, nos dias que antecedem o Natal, e também o costume de o armarem nos lugares de trabalho, nas escolas, nos hospitais, nos estabelecimentos prisionais, nas praças... Trata-se verdadeiramente dum exercício de imaginação criativa, que recorre aos mais variados materiais para produzir, em miniatura, obras-primas de beleza. Aprende-se em criança, quando o pai e a mãe, juntamente com os avós, transmitem este gracioso costume, que encerra uma rica espiritualidade popular (AS, 1).

Neste sentido, o Presépio está envolto de uma dimensão cultural e social que nos remete para noção de uma identidade coletiva caracterizada por valores, gestos e crenças sustentadas pela fé cristã, difundida geograficamente e transmitida ao longo da história. Pois, de pequenas construções familiares a grandes construções públicas, o Presépio assume-se como um espaço onde convergem fé e cultura, proporcionando o diálogo entre o sagrado e o secular, o pessoal e o comunitário.

2.1.1. O Presépio e a memória de Francisco de Assis

Porque se trata de um Mistério, Neves aponta como primeiro passo para compreender o Presépio a «escuta» dos textos bíblicos que situam o Presépio original: o Presépio de Belém,

⁵⁴ Cf. Alfredo Teixeira e Juan Ambrósio, *A Religião como modo de habitar e transformar o mundo. Manual do aluno – EMRC – Ensino Secundário* (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2015), 18-20. Os autores recorrem às expressões «realidade última» e «realidade penúltima», propostas por Lluís Duch, para esclarecer a importância da linguagem simbólica no contexto religioso: «Deus é a realidade última à qual o ser humano só tem acesso através das realidades penúltimas, porque a presença do último sempre adota roupagem do penúltimo.» Teixeira e Ambrósio, *A Religião como modo de habitar e transformar o mundo*, 18.

⁵⁵ Teixeira e Ambrósio, 19.

confiado a São José e Maria, e que a Trindade construiu no ano 6 a. C.⁵⁶ Depreende-se, pois, que é necessária uma leitura atenta dos textos bíblicos, pois são eles que relatam o contexto original do surgimento do Presépio. Ao fazer referência à Santíssima Trindade que construiu o Presépio, direciona-nos para a ação divina de um evento, envolto de profundo significado espiritual que requer reflexão e contemplação, em que Deus Pai, Filho e Espírito Santo estão envolvidos no Mistério da Encarnação. Faz-nos, inclusive, recuar ao acontecimento do nascimento de Jesus. Deste modo, o Presépio pode ser entendido como um símbolo visual do Natal, mas também como a manifestação do divino na história da humanidade, cujo acesso poderá ser feito através da escuta dos textos bíblicos, a par da reflexão acerca do Mistério. Neste contexto, importa referir que a origem do Presépio evoca alguns detalhes do nascimento de Jesus em Belém, descrito no Evangelho. Um desses detalhes deve-se ao facto de Jesus ter sido colocado numa manjedoura, em latim *praeseptium*, a partir do qual deriva a palavra «presépio».⁵⁷

Mas, segundo Neves, o Presépio, tal como é hoje conhecido, teve de nascer mais uma vez, em Greccio: o Presépio que Deus confiou a São Francisco de Assis, em Itália, inspirado pela Trindade em 1223.⁵⁸ Este é o «momento oficial» em que a representação do «Mistério de Belém» é introduzido na devoção dos fiéis, transvazando as páginas da Escritura e as telas eruditas para o coração dos fiéis.⁵⁹ Nesta secção, é o momento em que reavivamos a originalidade com que de São Francisco de Assis expressou a sua experiência evangélica, marcando a memória cristã - «e [que], pela sua novidade profética, não cessa, até hoje, de espantar e inquietar salutarmente.»⁶⁰

De facto, o singular Natal que o Santo de Assis realizou em Greccio concedeu-lhe a fama de «pai do presépio», dada a «alma e beleza novas» que conferiu a esse ritual religioso, universalizado nos nossos dias. Todavia, importa ter presente que, cerca de dois séculos antes de Francisco, já se registavam representações da Natividade, nas igrejas, por ocasião do Natal. Ou seja, o Santo não pode ser o «inventor do presépio», em sentido absoluto. Este mérito carece

⁵⁶Neves refere-se aos textos do Evangelho de Mateus (Mt 1, 24-2.12) e de Lucas (Lc 2, 1-20), os quais são apresentados nas páginas seguintes da sua obra. Cf. Neves, *As figuras do Presépio*, 8.

⁵⁷ Cf. Francisco, *O meu presépio - Vou falar-vos das personagens do Natal*, 12. Em nota de rodapé, Lamelas e Esteves, apresentam uma descrição mais exaustiva do significado da palavra *praeseptium*: «significa, antes de mais, “recinto” ou espaço cercado (*prea-saepit*) por sebe (*saepes*); do verbo *saepire* (cerca com sebe), designando assim o lugar protegido em que guardavam os animais. Com o andar dos tempos, *presépio* passou a significar a “manjedoura”, situada no recinto dos animais. No sentido mais lato, o “presépio” designa uma representação do nascimento de Cristo.» Isidro Pereira Lamelas e Ana Lúcia Esteves, *De Belém a Greccio. O Presépio de São Francisco de Assis* (Prior Velho: Paulinas, 2023), 145.

⁵⁸ Cf. Neves, *As figuras do Presépio*, 8.

⁵⁹ Cf. Neves, 17.

⁶⁰ Lamelas e Esteves, *De Belém a Greccio*, 22.

de algum rigor histórico.⁶¹ Aliás, o atual Bispo de Roma reconhece que o Presépio, tal como hoje o concebemos, remonta a São Francisco de Assis (cf. SA, 2), sem deixar de parte a hipótese de o Santo ter sido influenciado pelas representações da Natividade que observou em Roma:

E é possível que, em Roma, o «Poverello» de Assis tenha ficado encantado com os mosaicos, na Basílica de Santa Maria Maior, que representam a natividade de Jesus e se encontram perto do lugar onde, segundo uma antiga tradição, se conservam precisamente as tábuas da manjedoura (AS, 2).

Ainda assim, na perspectiva de Lamelas e Esteves, «estes precedentes históricos em nada diminuem a relevância do Natal idealizado por São Francisco.»⁶² Pois, se por um lado, o Santo não pretendeu reproduzir um modelo já existente; por outro, tampouco «inventar» algo completamente novo. A intenção do *Poverello* foi proporcionar uma experiência única:

[N]ão se tratou apenas de uma representação da Natividade, mas sobretudo da «recriação ao vivo» do nascimento de Jesus, com a intenção clara de reavivar, nos corações, o amor a Cristo, e com uma mensagem clara de paz e bem, dirigida a todos [...] ele quis reconduzir-nos ao coração do Natal, recuperando o seu profundo significado, de múltiplas consequências para os homens e mulheres de cada tempo.⁶³

Retomando as fontes documentais mais próximas dos acontecimentos, podemos compreender não só como o Santo de Assis entendia, vivia e queria que fosse celebrado o Natal, mas também «observar» a forma como concretizou o seu pensamento e entusiasmo místico.⁶⁴ É, portanto, à luz da centralidade do Natal de Cristo, na vida e espiritualidade de São Francisco de Assis, que os acontecimentos de Greccio, na noite de 24 de dezembro de 1223, se tornam compreensíveis.⁶⁵

A história do presépio de Greccio começa, precisamente, com a referência ao Evangelho.⁶⁶ Tomás de Celano, ao introduzir a descrição do Natal de Greccio, lembra que «O

⁶¹ Cf. Lamelas e Esteves, 22-3. A este propósito, importa apontar que as representações da Natividade estão patentes: na arte paleocristã das catacumbas e sarcófagos (desde o século III), nos «dramas sagrados, conhecidos sob múltiplos nomes e formatos (*Officium pastororum*, *Officium Rachelis*, *Officium Prophetarum*)» e nas representações «teatrais», nas igrejas, na noite de Natal. Cf. Lamelas e Esteves, 170-1. Aliás, no Ocidente, também o uso de construir o presépio, nas igrejas, no Natal, era conhecido. Cf. Lamelas e Esteves, 23.

⁶² Lamelas e Esteves, 23.

⁶³ Lamelas e Esteves, 23-4.

⁶⁴ A obra *De Belém a Greccio*, da autoria de Lamelas e Esteves, apresenta um espólio considerável de fontes diretas e indiretas, devidamente comentadas, que nos permite compreender e enquadrar o Presépio de São Francisco de Assis.

⁶⁵ Cf. Lamelas e Esteves, 37. Embora, no corpo do trabalho, não se proceda a uma reflexão exaustiva da centralidade do Natal na vida e espiritualidade de São Francisco de Assis, importa referir que é possível identificar quatro vertentes na devoção do Santo: o amor ao Evangelho, que ele abraçou e viveu de forma radical; a devoção a Maria, Mãe de Jesus; a fé e a caridade desencadeadas pela «descida» do Verbo Encarnado, intimamente ligadas à Eucaristia; «e a nova “cosmovisão”, que o levava a ver o mundo e a Humanidade como a casa da fraternidade universal.» Lamelas e Esteves, 35.

⁶⁶ Cf. Lamelas e Esteves, 155.

seu desejo mais vivo e mais elevado propósito era observar em tudo e sempre o Santo Evangelho»⁶⁷; Julião de Espira, relatando o mesmo acontecimento, reforça que «o Santo que, em assídua meditação revivia todos os acontecimentos da vida de Cristo, fazia todo o possível por não deixar de lado, nem sequer o mais simples sinal gráfico do que dele narram os livros do Santo Evangelho.»⁶⁸ Deparamo-nos, assim, com a grande originalidade do *Poverello*: «em não ter pretendido ser original em nada, senão em regressar ao Evangelho, pondo-o em prática e atualizando-o na sua vida e na missão – que deve ser sempre contemporânea.»⁶⁹ Com este objetivo, o Santo de Assis queria:

[V]er com os seus próprios olhos a pobreza em que o Senhor Jesus se dignou nascer, como que «tocar» um Deus verdadeiramente pobre e despojado. Porque [...] parece que não lhe basta viver o Evangelho; ele quer entrar nele, fazer parte dele, saboreá-lo; quer experimentar o que acredita, com toda a sua vontade e amor.⁷⁰

O Papa homónimo, Francisco, apoiado nas *Fontes Franciscanas*, narra detalhadamente o que aconteceu em Greccio:

Quinze dias antes do Natal, Francisco chamou João, um homem daquela terra, para lhe pedir que o ajudasse a concretizar um desejo: «Quero representar o Menino nascido em Belém, para de algum modo ver com os olhos do corpo os incómodos que Ele padeceu pela falta das coisas necessárias a um recém-nascido, tendo sido reclinado na palha de uma manjedoura, entre o boi e o burro.» Mal acabara de o ouvir, o fiel amigo foi preparar, no lugar designado, tudo o que era necessário segundo o desejo do Santo. Na noite de 24 para 25 de dezembro, chegaram a Greccio muitos frades, vindos de vários lados, e também homens e mulheres das casas da região, trazendo flores e tochas para iluminar aquela noite santa. Francisco, ao chegar, encontrou a manjedoura com palha, o boi e o burro. À vista da representação do Natal, as pessoas lá reunidas manifestaram uma alegria indescritível, como nunca tinham sentido antes. Depois, o sacerdote celebrou solenemente a Eucaristia sobre a manjedoura, mostrando, também, deste modo, a ligação que existe entre a Encarnação do Filho de Deus e a Eucaristia. Em Greccio, naquela ocasião não havia figuras, o Presépio foi formado e vivido pelos que estavam presentes (AS, 2).

No presépio do Santo de Assis, somos confrontados com algumas surpresas desconcertantes. A primeira, é a inusitada ausência das personagens humanas e sobre-humanas envolvidas no relato bíblico, em particular, o Menino Jesus: são as pessoas humildes daquela

⁶⁷ Lamelas e Esteves, 155. Citação de Tomás de Celano, *Vida Primeira* XXX, 84 (FF I, 305), trad. por Frei José David Antunes, OFM.

⁶⁸ Lamelas e Esteves, 155. Citação de Julião de Espira, *Vida de São Francisco*, 53, 2 (FF IV, 277), datada entre 1232 e 1235, trad. por Frei José Maria da Fonseca Guimarães, OFM.

⁶⁹ Lamelas e Esteves, 155.

⁷⁰ Lamelas e Esteves, 7.

região que estão presentes. A segunda, tem que ver com o lugar do acontecimento: decorre no meio da natureza e não numa catedral ou igreja, como era costume. Contudo, são, sobretudo, estes aspetos, insuflados pela pretensão pastoral do Santo, que põem a descoberto a originalidade do presépio de Greccio e, por conseguinte, o seu contributo para a história do presépio.

Segundo os seus biógrafos, São Francisco de Assis mandou colocar apenas uma manjedoura com feno, ladeada por dois humildes animais (um boi e um jumento), tendo, portanto, valorizado estes três elementos. De acordo com Lamelas e Esteves, o surpreendente destes elementos é, efetivamente, a presença do boi e do jumento que ao contrário da manjedoura, não encontram qualquer referência evangélica. Não obstante, os referidos autores não nos deixam sem resposta diante de tal facto: «a chave da interpretação parece residir na pregação patrística e nos Evangelhos apócrifos, designadamente o *Pseudo-Mateus*.»⁷¹ O que nos leva a quer que Francisco quis ver representados no seu presépio todos os povos, os de longe e os de perto, pacificados no Menino. Por outro lado, torna-se evidente o fundamento da sua «cosmovisão» que vê «na Natividade de Jesus a realização das profecias e da ancestral utopia da “idade de ouro” que prometia um mundo recriado a partir do parto especial de uma Criança divina.»⁷² E, neste sentido, a intenção de viver o Natal como festa de todas as criaturas, racionais e irracionais, e até inanimadas, que por serem realidades criadas, fruto da bondade do Criador, são chamadas a comungar o mesmo sentimento de alegria e redenção.

Ora, atendendo a que o sentido do Natal de São Francisco de Assis revê-se na Eucarística, neste contexto simbólico, o feno é uma clara alusão à Eucaristia:

[A]ssim como os dois animais se alimentam da manjedoura guarnecida, também os crentes podem nutrir do Corpo de Cristo quês está no altar como na manjedoura. [...] Encontramo-nos, assim, perante um presépio «eucarístico», que também pode chamar-se uma «Eucaristia» natalícia ou uma liturgia para o mundo. A presença e virtude atribuída ao «feno» remete-nos, de novo, para o «foco» com que Francisco ilumina o *preasepium* (manjedoura) como expressão do amor total de Deus pelos Homens e todas as criaturas.⁷³

E, por conseguinte, torna-se também «um sacramental da ação curativa e renovadora dos homens e animais.»⁷⁴

⁷¹ Lamelas e Esteves, 160.

⁷² Lamelas e Esteves, 73. Esta profecia e ancestral utopia da «idade de ouro» remete-nos para a passagem bíblica de Isaías 11, 6-8 (que será transcrita e, portanto, retomada no capítulo seguinte).

⁷³ Lamelas e Esteves, 162-4.

⁷⁴ Lamelas e Esteves, 73. De acordo com Celano e Espira, o feno da manjedoura foi conservado, tendo curado os animais daquela região que dele comiam e ajudado inúmeros homens e mulheres a recobrar a saúde. Cf. Lamelas e Esteves, 113-4; 121.

De facto, o presépio de Greccio presta-se a uma excepcional riqueza espiritual, oferecendo uma profunda simbologia eucarística que não se deixa ficar pelos elementos escolhidos pelo Santo de Assis. Tal como refere Celano, «o rito solene da Eucaristia foi celebrado sobre a manjedoura»,⁷⁵ reiterando o nexo entre a Eucaristia e o Natal. Afinal, «para Francisco ambas as realidades – Eucaristia e Encarnação – remetem para a mesma realidade de um Deus que se humilha para a salvação do Homem.»⁷⁶ Consequentemente, o seu presépio despojado, distinto dos já conhecidos *ludi thetralis*, torna-se verdadeira liturgia: «não há figurantes, mas esperam-se participantes; não encontramos Maria, José, anjos e pastores, mas são convocados todos os habitantes para tomarem parte no mistério da descida do Deus quem vem morar entre nós.»⁷⁷ E, a ausência da imagem do neonato filho de Deus é suprida eucaristicamente pela memória e atualização do mistério salvífico de Belém, presente na hóstia.⁷⁸

Neste contexto litúrgico, o «sermão» da Missa da noite de Natal é também um momento fundamental, uma vez que «o pregador não se limitou a proferir palavras bonitas ou teologicamente adequadas.»⁷⁹ Pelo contrário, o Santo de Assis «degusta a mensagem, saboreando as palavras como se elas fossem o próprio Verbo [...] faz-se ele mesmo Evangelho, “Boa Notícia” para os que o escutam.»⁸⁰ As suas palavras fogosas, acompanhadas de animação gestual, arrastaram os participantes para uma vivência única e uma conversão, ao ponto de despertar a visão do Menino de Belém. Uma visão que, de acordo com Celano, não se encontra desfasada da realidade das coisas, porque, de facto, o Santo de Assis fez «reacender no endurecido e “esquecido” coração dos presentes – e até no do sacerdote que celebra a Missa – a alegria do Menino Divino.»⁸¹

Quanto ao lugar destes acontecimentos: Greccio foi o lugar escolhido, onde São Francisco de Assis encontrou o cenário para fazer dele a nova Belém. Tal como já foi referido, a celebração do Natal teve lugar longe dos edifícios sagrados, numa gruta escavada na

⁷⁵ Lamelas e Esteves, 112. Citação de Tomás de Celano, *Vida Primeira* XXX, 84 (FF I, 305).

⁷⁶ Lamelas e Esteves, 64.

⁷⁷ Lamelas e Esteves, 61.

⁷⁸ Salvaguarda-se que nem todas as fontes que aludem ao acontecimento de Greccio, permitem discorrer uma narrativa que vá de encontro à da ausência da imagem do divino Infante. Tal é o caso da Crónica de Salimbene ou dos argumentos apresentados por Terzi, ao subscrever esta possibilidade. Cf. Lamelas e Esteves, 158-9.

⁷⁹ Lamelas e Esteves, 131. Segundo Lamelas e Esteves, as *Fontes Franciscanas* não conservaram o «sermão» da Missa de Natal de 1223. Para o efeito, serviu, em particular, a narrativa de Tomás de Celano, que nos dá conta da importância da «pregação» do Santo e a partir da qual é possível reconstituir o seu teor pelo resultado descrito. Neste contexto, os referidos autores fazem nota de um aspeto interessante: o modo como estão envolvidos todos os sentidos (vista, ouvido, olfato, paladar e tacto) na «representação» da Francisco, só é compreensível se pensarmos que o «sermão» do Santo foi proferido na língua e dialeto vulgares, falados pelo povo, e não em latim, como era habitual entre os clérigos. Cf. Lamelas e Esteves, 130-4.

⁸⁰ Lamelas e Esteves, 134.

⁸¹ Lamelas e Esteves, 136.

montanha, em Reiti, nos confins da Úmbria. Dado este que, independentemente das circunstâncias e motivos, também se relaciona muito mais com a simbólica da iniciativa de Francisco do que com a geografia ou a história. Pois, a pretensão do Santo de Assis era «tornar Belém e o seu Mistério bem presente e próximo de todos, convidando-nos a participar, tanto na simbólica do cenário que criou [...] como dos ausentes.»⁸² Desta feita, Francisco opera uma verdadeira «democratização» do sagrado, mostrando que «toda a terra pode ser “santa” se os humanos permitirem que Deus seja Deus.»⁸³ E, por conseguinte, «o presépio não é um lugar, mas é *o lugar* que cada um reserva ao Amor que quis fazer-se carne e habitar entre nós.»⁸⁴

Em suma, podemos afirmar que o seu maior contributo para a história do presépio assenta no facto de Greccio sinalizar uma renovação na forma de representar e vivenciar o Mistério do Natal, deslocando-o do espaço sacro e reservado aos clérigos e tornando-o acessível ao povo simples, a todos os fiéis devotos:

Mais do que «inventar» o presépio, Francisco reinterpreta o Natal. O seu contributo coloca-se ao nível do significado e não tanto do lado do significante. Em Greccio, o Santo de Assis propõe-nos uma visão religiosa diversa da que então vigorava numa Igreja demasiado poderosa e envolvida em conflitos de vária ordem. Em vez disso, indica o caminho da simplicidade e da fraternidade universal, onde os seres humanos e todas as demais criaturas (racionais e irracionais) confraternizam em paz, independentemente das diferenças mais ou menos acentuadas – e se unem louvando a Deus, fonte de todo o bem.⁸⁵

Desta feita, importa sublinhar que ao enquadrar o presépio num espaço secular e, sobretudo, a convocar a intervenção de leigos e valorizar o envolvimento do povo daquela região, o *Poverello* antecipou uma das componentes dos futuros presépios: passariam a ser povoados por uma variedade de homens e mulheres, representando todos os sectores e atividades da vida real quotidiana. Com efeito, a partir de Greccio, acentuaram-se duas tendências: a integração de novos elementos e figuras no presépio e a consequente popularização que se traduziu na vontade de inscrever a vida quotidiana no Mistério de Belém, mais do que representar o acontecimento concreto da Natividade.

Acresce, ainda, outra inovação motivada por Francisco: a crescente acessibilidade ao *Praeseipium*. As figuras de arte escultórica passam a substituir, gradualmente, as representações dramáticas, permitindo que o nascimento de Cristo fosse contemplado em qualquer lugar e, não apenas em Belém. Afinal, Belém faz-se presente no coração de quem n’Ele renasce e, por isso,

⁸² Lamelas e Esteves, 153.

⁸³ Lamelas e Esteves, 154.

⁸⁴ Lamelas e Esteves, 156.

⁸⁵ Lamelas e Esteves, 165.

todos podem fazer o seu próprio presépio ou levá-lo para casa. Inicialmente, presentes nas igrejas, os presépios, a partir de então, disseminaram-se pelas casas e famílias. «E graças a esta secularização ou “domesticação”, o *Praeseptium* torna-se, de facto, o presépio de todos.»⁸⁶

O presépio de Greccio, embora não seja o primeiro em sentido absoluto, foi o «primeiro» em muitos aspetos, destacando-se:

[A] focalização e centralidade do *praeseptium*; a passagem do espaço sacro (igreja) para os ambientes seculares e familiares; a inclusão do povo e da vida quotidiana, com todos os seus lugares e atividades; uma abordagem ecológica, na medida em que o presépio se configura como um microcosmo, em que tudo está presente e interligado: divino e humano, liturgia e vida, humanos e animais, criaturas animadas e inanimadas, sagrado e profano, religião e política, culto e cultura.⁸⁷

E, por isso, podemos afirmar em uníssono com o Papa Francisco: «assim nasce o presépio, a nossa tradição: todos à volta da gruta de Greccio e repletos de alegria, sem qualquer distância entre o acontecimento que se realiza e as pessoas que participam no mistério» (AS, 2). O presépio é «sinal admirável» que o *Poverello* concebeu como obra de evangelização, cujo ensinamento trespassou o coração dos cristãos, permanecendo até hoje «como uma forma genuína de repor com simplicidade, a beleza da nossa fé» (AS, 3). Deste modo, «armar o presépio», em cada Natal, não só «ajuda-nos a reviver a história sucedida em Belém» (SA, 3), como, «de modo particular, desde a sua origem franciscana, o Presépio é um convite a “sentir”, a “tocar” a pobreza que escolheu, para si, o Filho de Deus na sua encarnação» (SA, 3).

2.1.2. O Presépio é um Evangelho vivo

Nas palavras de João César das Neves, «o Presépio é um dos locais mais enigmáticos da humanidade».⁸⁸ Trata-se de algo comum que, ano após ano, surge nos mais variados locais por volta da mesma data. Presépios é algo que nos habituamos a ver na época de Natal, mas cuja familiaridade não se reduz a uma «fantasia criativa» (SA, 1) que utiliza os materiais mais díspares para dar vida a pequenas e belas obras-primas. O seu aspeto vulgar oculta uma das

⁸⁶ Lamelas e Esteves, 170. Na verdade, a influência do presépio de Greccio não se fez «sentir» tão só nos dois aspetos referenciados. Nesta listagem, poderíamos incluir a valorização da criança e da mulher, no quadro social, o maior relevo dado à humanidade de Cristo e de sua Mãe nas representações artísticas ou, até mesmo, a difusão do culto do Menino Jesus e da Virgem. Cf. Lamelas e Esteves, 166-70.

⁸⁷ Lamelas e Esteves, 172-3.

⁸⁸ Neves, *As figuras do Presépio*, 7.

realidades mais espantosas e ininteligíveis da história da humanidade.⁸⁹ Com efeito, é a tradição que assinala o período natalino, o cenário onde se reproduz o Mistério de Belém.

De facto, o presépio é lugar onde se condensa de forma visual e tangível a mensagem central da fé cristã: o Mistério da Encarnação do Filho de Deus. E neste sentido, tal como refere Francisco «o Presépio é como um Evangelho vivo que transvaza das páginas da Sagrada Escritura».⁹⁰ Com efeito, leva o Evangelho para o quotidiano das pessoas, transformando a narrativa escrita numa experiência sensorial e espiritual: «estimula afetos, convida a sentirmo-nos envolvidos na história da salvação, contemporâneos daquele evento que se torna vivo e atual nos mais variados contextos históricos e culturais».⁹¹ Armar o Presépio é reviver o acontecimento da Natividade de Jesus, ainda que os Evangelhos continuem a ser a fonte, é celebrar a proximidade de Deus. O Presépio é um «*Evangelho doméstico*»⁹², a «antiabstração»⁹³ que nos convida ao encontro com Deus, um Deus que Se faz próximo, tornando-Se homem, uma criança: «o Deus eterno reduz-Se a Si próprio a um ser humano indefeso, pobre, humilde. [...] rebaixou-Se para que nós possamos caminhar com Ele e para que Ele possa pôr-se ao nosso lado»⁹⁴; este é o sinal concreto do Seu amor. Aliás, «a única utilidade do Presépio é centrar-nos em Deus, é dirigir toda a realidade para Deus».⁹⁵ E, por isso, a representação do Natal é também um convite à contemplação e meditação, «a colocar-nos espiritualmente a caminho»⁹⁶, deixando que o Presépio fale à concretude da vida, de forma íntima e pessoal.

No entanto, para que nos deixemos envolver por esta história de amor de Deus, urge uma explicação simbólica que toque as profundezas do Mistério que é recordado, ou melhor, um olhar atento sobre os vários sinais do Presépio, desde o céu estrelado, às imagens de Jesus, Maria e José, até às outras muitas imagens que nada têm que ver com o relato bíblico. Não obstante, vale a pena ter presente que o todo é imensamente maior que a soma das partes. Pois, como refere Neves, «a simples inspeção de cada uma das peças fica muito aquém daquela realidade, que sempre nos ultrapassa radicalmente.»⁹⁷

⁸⁹ Cf. Neves, 7.

⁹⁰ Francisco, *O meu presépio – Vou falar-vos das personagens do Natal*, 11.

⁹¹ Francisco, 13.

⁹² Francisco, 14.

⁹³ Esta expressão foi retirada de um dos artigos de José Tolentino Mendonça. Um artigo sucinto, mas que nos coloca, precisamente, no caminho da contemplação e meditação do Presépio: a própria dimensão visiva das leituras de Advento e Natal condensam a proximidade de Deus, O qual somos chamados a contemplar na figura de um nascituro, Seu Filho, dando a possibilidade de nos tornarmos também Seus filhos, ou seja, de viver uma vida que revele o impacto da vida divina. «Neste sentido, não somos nós a fazer o presépio, para que Deus nele nasça: é Deus que prepara as condições de um nascimento para cada um de nós»: José Tolentino Mendonça, «Não somos nós a preparar o presépio para Deus nascer».

⁹⁴ Francisco, *O meu presépio – Vou falar-vos das personagens do Natal*, 7.

⁹⁵ Neves, *As figuras do Presépio*, 22.

⁹⁶ Francisco, *O meu presépio – Vou falar-vos das personagens do Natal*, 11.

⁹⁷ Neves, *As figuras do Presépio*, 8.

a) No centro do Presépio

«O Presépio é um quadro orientado. Embora se possam ver muitas figuras, por vezes uma multidão, o Presépio tem uma ordem, com um centro»⁹⁸ a partir do qual tudo em redor se organiza e compõe. «No centro do Presépio está o Menino, para onde todos olham. O primeiro círculo é ocupado por Maria e José, totalmente absorvidos no Menino»⁹⁹. Porém, se se ganhar uma perspetiva geral deste quadro, o centro do Presépio está na gruta, seja qual for o lugar que ela ocupe na composição, porque é lá que se encontra o Menino, no qual todos são absorvidos. É lá que se encontra a família humilde de Nazaré, junto à manjedoura, no meio do estábulo do gado, em Belém.

No centro do Presépio está o Menino de Belém. Nas palavras do Papa Francisco, é a figura do Menino Jesus que faz palpitar o coração do Presépio. (cf. SA, 8) E esta centralidade da figura do Menino não é um mero acaso. Naquela fraqueza e fragilidade de uma criança recém-nascida, está a essência da fé cristã, o Mistério da Encarnação. «De facto, a vida manifestou-se» (1 Jo 1, 29), diz-nos o evangelista João, resumindo o Mistério do Verbo Encarnado: o acontecimento único e extraordinário que mudou a história da humanidade, a partir do qual também se contam os anos (antes e depois de Cristo), e que através do Presépio podemos ver e tocar.

O nascimento de uma criança é, sem dúvida, um evento que suscita alegria e encanto, porque nos confronta com o grande mistério da vida. Afinal, «o nascimento é sempre fonte de esperança, é a vida que desabrocha, é promessa de futuro.»¹⁰⁰ Um mistério manifestado em cada ser humano que nasce e que nos direciona para um dos aspetos mais importantes da vida humana: a continuidade da vida. Deste modo, não é difícil compreender «os sentimentos de Maria e José que, olhando o Menino Jesus, entreviam a presença de Deus.»¹⁰¹ Uma experiência tão próxima e humana, em nada distinta daquela que os jovens esposos vivenciam diante do seu filho recém-nascido.

De facto, «O modo de agir de Deus cria vertigens, pois parece impossível que Ele renuncie à sua glória para Se fazer homem como nós. Que surpresa ver Deus adotar os nossos próprios comportamentos: dorme, mama ao peito da mãe, chora e brinca, como todas as crianças.»¹⁰² Assim Se apresenta Deus, num menino, para Se fazer acolher nos braços de cada ser humano. Ele surpreende-nos numa criança, escondendo o Seu poder que tudo pode e

⁹⁸ Neves, 87.

⁹⁹ Neves, 87.

¹⁰⁰ Francisco, *O meu presépio – Vou falar-vos das personagens do Natal*, 21.

¹⁰¹ Francisco, 18.

¹⁰² Francisco, 18.

transforma: «e, nesta condição, quis revelar a grandeza do seu amor, que se manifesta num sorriso e nas suas mãos estendidas para quem quer que seja.»¹⁰³ Em Jesus, Deus escolheu descer desprovido de grandeza. Antes, na pequenez, com humildade e dependência, sendo esta a forma de Ele se aproximar do ser humano: tocar-lhe o coração, salvá-lo e levá-lo de volta para aquilo que importa. O Seu modo de agir aparece fora dos nossos esquemas, invertendo tudo: «Deus vem pequenino ao mundo. A sua grandeza oferece-se na pequenez.»¹⁰⁴ Ele quer vir às pequenas coisas da vida, habitar nas realidades quotidianas, nos gestos simples que se realizam em casa, na família, na escola e no trabalho, e nelas realizar coisas extraordinárias.¹⁰⁵ Ele quer vir «também à nossa pequenez: ao nosso sentir-nos fracos, frágeis, inadequados, talvez até errados.»¹⁰⁶ Com a Sua pequenez convida-nos a «abraçar Jesus nos pequenos de hoje. Ou seja, amá-l’O nos últimos, servi-l’O nos pobres.»¹⁰⁷ Com a Sua pequenez «convida-nos a reconhecer l’O no rosto das crianças [...] de todo o mundo, onde a paz e a segurança se encontram ameaçadas pelo perigo de tensões e novos conflitos.»¹⁰⁸ Somos chamados a reconhecer nas crianças um sinal de esperança, de vida, como sucede com Jesus. «Mas também *sinal de “diagnóstico”* para compreender o estado de saúde duma família, duma sociedade, do mundo inteiro.»¹⁰⁹

Também no centro do Presépio, ao lado do Menino Jesus, está a figura de Maria, sua Mãe. Maria é, antes de mais, apresentada à luz da profecia: «Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamarão com o nome de Emanuel» (Mt 1, 23).¹¹⁰ Com efeito, «a sua figura faz pensar no mistério que envolve esta jovem, quando Deus bateu à porta do seu coração imaculado.» (SA, 7) O evangelista Mateus reconhece esse Mistério: Maria concebeu Jesus por obra do Espírito Santo. No seu ventre, Deus vem para Se tornar homem e aproximar-Se do ser humano assumindo a carne de uma mulher, mudando o destino da humanidade.¹¹¹

Diante do anúncio do anjo que lhe pede para ser Mãe de Deus, Maria responde «Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo tua palavra!» (Lc 1, 38). Responde «sim», expressando um desejo forte e vivo de que algo se cumpra, de total aderência a Deus. É um «sim» repleto de fé, pois Maria não sabe que caminhos irá trilhar, que dores irá suportar, que riscos irá enfrentar. Lembremos, por isso, o «escândalo da manjedoura»¹¹². No desconsolo da

¹⁰³ Francisco, 18.

¹⁰⁴ Francisco, 19

¹⁰⁵ Cf. Francisco, 19.

¹⁰⁶ Francisco, 20.

¹⁰⁷ Francisco, 20.

¹⁰⁸ Francisco, 31.

¹⁰⁹ Francisco, 32.

¹¹⁰ Ao longo do trabalho utilizou-se como referência a 1.º edição da *Bíblia de Jerusalém* (São Paulo: Paulos, 200).

¹¹¹ Cf. Francisco, 40-1.

¹¹² Francisco, 46.

Mãe de Deus ao colocar o seu Filho na pobre manjedoura, a quem havia sido prometido pelo anjo «o trono de David, seu pai» (Lc 1, 32). Contudo, e como nos diz o Evangelho de Lucas, «Maria [...] conservava cuidadosamente todos esses acontecimentos e os meditava em seu coração.» (Lc 2, 19) Ela guarda meditando: esta é a expressão da fé adulta, madura de Maria, duma fé geradora e não inicial, porque passa através da prova.¹¹³ Portanto, não nos admiremos se no nosso Presépio, a figura de Nossa Senhora está sempre de joelhos a rezar, «porque é isso que ela faz em cada momento da sua existência, o que quer que ela ocupe.»¹¹⁴

A figura de Maria inspira-nos! Nas suas palavras e atitudes encontramos o testemunho de fé, de total abandono à vontade de Deus e de participação ativa no plano de salvação. «Ela é uma apaixonada disposta a servir o seu Senhor em tudo e imediatamente.»¹¹⁵ Que também nos ensina a reconhecer o tempo de Deus, isto é, «a captar o momento favorável em que Jesus passa na nossa vida e pede uma resposta pronta e generosa.»¹¹⁶ Afinal, e como refere Neves, «para Maria Santíssima, o único assunto é Deus. Só Deus existe, em tudo o que ela faz.»¹¹⁷

Outra figura que compõe o centro do Presépio é José. Segundo Neves, ele «é o homem do silêncio.»¹¹⁸ O que não infere o real papel deste na Economia, tão central quanto o de Maria. Aliás, as figuras de José e Maria não podem ser consideradas separadamente. «A vocação do Justo José ou o seu chamado especial sustenta a vocação ou chamado de Maria, a Virgem cheia de Graça.»¹¹⁹

Na verdade, José «não o disse, mas também ele era o servo do Senhor e queria que se fizesse nele segundo a sua palavra (cf. Lc 1, 38). Palavra que ele acolhia no silêncio.»¹²⁰ Ele é «um homem que não diz palavra, para melhor ouvir a Palavra de Deus, o Verbo de Deus encarnado»¹²¹ E, sempre em silêncio, cumpre a Sua palavra. Porque era justo, declarou a sua adesão ao Mistério do Deus da Aliança: não difamou Maria e, junto com ela, deu-Lhe o nome de Jesus. É, deste modo, que José entra de forma definitiva no coração do Mistério da Encarnação pela sua dimensão religiosa e social:

Se Maria enraíza Jesus na História humana pelo nascimento humano, José enraíza Jesus na História de Israel e na esperança do Povo de Deus. José é o portador da herança religiosa de

¹¹³ Cf. Francisco, 46-7.

¹¹⁴ Neves, *As figuras do Presépio*, 81.

¹¹⁵ Francisco, *O meu presépio – Vou falar-vos das personagens do Natal*, 38.

¹¹⁶ Francisco, 39.

¹¹⁷ Neves, *As figuras do Presépio*, 81.

¹¹⁸ Neves, 83.

¹¹⁹ Mauro Negro, «O justo José – A vocação de José, no relato de Mateus», *Revista de Cultura Teológica* 20, n.º 77 (2012): 137.

¹²⁰ Neves, *As figuras do Presépio*, 85.

¹²¹ Neves, 84.

Jesus que é muito quando se considera a mensagem evangélica como desdobramento e plenitude desta mensagem que Jesus ouve aos pés de José e com ele aprende.¹²²

Através das palavras do Papa Francisco, na Carta Apostólica *Admirabile Signum*, também é reivindicada a importância do papel de José na vida de Jesus e Maria, pelo modo como soube proteger: como guardião «que nunca se cansa de proteger a sua família» (AS, 7) e como «primeiro educador de Jesus, na sua infância e adolescência.» (AS, 7) Pois, se por um lado, diante da ameaça de Herodes ele não hesitará em pôr-se a caminho, emigrando para o Egito, assumindo a sua grande missão. Por outro, constituiu-se um modelo de educador, «*que protege e acompanha Jesus no seu caminho de crescimento, “em sabedoria, idade e graça”*», como reza o Evangelho de Lucas (2, 52).»¹²³

A figura de José, representada de pé com um bordão na mão e, por vezes, um lampião, deixa-nos entrever toda a grandeza da sua alma. Enquanto «homem que ouvia sempre a voz de Deus, profundamente sensível ao seu desejo secreto» e «atento às mensagens que lhe chegavam do fundo do coração e das alturas»,¹²⁴ ensina-nos a confiar no Senhor, nos Seus desígnios, ao invés de seguir obstinadamente o próprio projeto de vida, sem abrir portas ao rancor e ao medo. E, portanto, a tornarmo-nos mais livres e disponíveis para aceitar a vontade de Deus.¹²⁵ Pois, tal como refere o Papa Francisco, Deus «é um especialista em transformar crises em sonhos: sim, Deus abre as crises a novas perspectivas que nunca imaginávamos antes, talvez não como esperamos, mas como Ele sabe.»¹²⁶ A seu tempo, a figura de José também nos lembra «que todos aqueles que estão, aparentemente, escondidos ou em segundo plano têm um protagonismo sem paralelo na história da salvação.»¹²⁷ E, por fim, poderá ser uma fonte de inspiração para todos educadores, como o modelo do educador. Em particular, para os professores de EMRC, já que a estes também lhes cabe a missão de proteger e acompanhar os respetivos alunos no seu processo de crescimento, «*em sabedoria, idade e graça*»¹²⁸. Ou seja, de lhes proporcionar um crescimento físico e psicológico saudáveis, de lhes transmitir conhecimentos e vivências que promovam o desenvolvimento das suas competências e o amadurecimento da fé.

¹²² Negro, «O justo José – A vocação de José, no relato de Mateus», *Revista de Cultura Teológica*, 137.

¹²³ Francisco, *O meu presépio – Vou falar-vos das personagens do Natal*, 52.

¹²⁴ Francisco, 50.

¹²⁵ Cf. Francisco, 50-1.

¹²⁶ Francisco, 52.

¹²⁷ Francisco, 55.

¹²⁸ Francisco, 52.

É no centro do Presépio que se encontra a Sagrada Família, composta pelo Menino Jesus, Maria e José, totalmente aberta à vontade de Deus.¹²⁹ Esta «colocou a presença do Filho de Deus na família humana. Este fato valorizou as ações que a família faz e também da família que o Senhor deseja de cada um de nós. Ela é dom de Deus e é também missão.»¹³⁰ O Filho de Deus quis vivenciar a necessidade de qualquer criança: o calor de uma família. Tal facto, evidencia a dignidade e o valor que Deus atribui à família como núcleo da vida humana. E, por ser a família de Jesus, é um ponto seguro de referência e inspiração para cada crente e, em especial, para as famílias. De facto, «em Nazaré floresceu a primavera da vida humana do Filho de Deus [...]. Dentro das paredes hospitaleiras da Casa de Nazaré, a infância de Jesus teve lugar na alegria, rodeada pelos cuidados maternais de Maria e de José na qual Jesus pôde ver a ternura de Deus.»¹³¹

À semelhança da família de Nazaré, somos convidados a redescobrir o valor educativo do núcleo familiar. Segundo o Papa Francisco:

Ele deve fundar-se no amor que sempre regenera as relações e abre horizontes de esperança. A comunhão sincera pode ser experimentada na família quando é uma casa de orações, quando os afetos são sérios, profundos e puros, quando o perdão prevalece sobre a discórdia, quando a dureza diária da vida é suavizada pela ternura mútua e pela serena adesão à vontade de Deus. Deste modo, a família abre-se à alegria que Deus concebe a todos os que sabem doar alegremente. Ao mesmo tempo, encontra a energia espiritual para se abrir ao mundo exterior, aos outros, ao serviço dos irmãos, à colaboração para a construção de um mundo sempre novo e melhor; por conseguinte, capaz de se tornar portadora de estímulos positivos; a família evangeliza através do exemplo de vida.¹³²

Torna-se, portanto, evidente o papel da Sagrada Família no Presépio, reconhecendo o seu simbolismo para todas as famílias humanas. De que este núcleo familiar é «uma autêntica escola do Evangelho.»¹³³ Com a Sagrada Família, admiramos o cumprimento dos desígnios de Deus de tornar a família uma comunidade de vida e amor. Aprendemos, inclusive, que cada família cristã é convidada a ser «igreja doméstica», onde as virtudes evangélicas podem

¹²⁹ O Papa Francisco, na sua obra *O meu presépio – Vou falar-vos das personagens do Natal*, esclarece-nos sobre o termo que caracteriza a família de Nazaré: «O termo “sagrado” insere esta família no âmbito da santidade, que é dom de Deus mas, ao mesmo tempo, é adesão livre e responsável aos desígnios de Deus.» Francisco, *O meu presépio – Vou falar-vos das personagens do Natal*, 113.

¹³⁰ Vital Corbellini, «O sentido da Sagrada Família», acedido a 10 de setembro de 2024, <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2022-12/sentido-da-sagrada-familia.html>.

¹³¹ Francisco, *O meu presépio – Vou falar-vos das personagens do Natal*, 108.

¹³² Francisco, 108.

¹³³ Francisco, 111.

florescer, tornando-se um modelo positivo e influente para a sociedade.¹³⁴ Sendo que os traços que caracterizam a família de Nazaré são: «recolhimento e oração, compreensão mútua e respeito, espírito de sacrifício, trabalho e solidariedade.»¹³⁵

b) Por cima do Presépio

Por cima do Presépio está o céu. E o céu que cobre o Presépio é sempre negro e repleto de estrelas. São infinitas! E de entre todas elas, há uma com um brilho especial. Mas, «porque é que o Presépio é sempre à noite? Por que razão celebramos a noite de Natal e não a manhã de Natal ou a tarde de Natal?»¹³⁶ Com estas interrogações somos convidados a erguer os olhos para o alto e a reconhecer os sinais que nos guiam para o encontro com o Senhor: a luz, a estrela e os anjos.

De facto, a ideia de que o Natal foi à noite surge em virtude de alguns detalhes laterais, que, embora, presentes, revelam-se ambíguos e inconsequentes.¹³⁷ O que não significa que não possamos encontrar uma razão, bastante forte, para acreditar que o Natal aconteceu á noite. É que «O povo que andava nas trevas viu uma grande luz, uma luz raiou para os que habitavam uma terra sombria» (Is 9, 1); «O Anjo do Senhor apareceu-lhes [aos pastores] e a glória do Senhor envolveu-os de luz». Foi isso que aconteceu no Presépio: o nascimento do Salvador é «a luz que penetra e dissolve a mais densa escuridão. A presença do Senhor no meio do seu povo cancela o peso da derrota e a tristeza da escravidão e restabelece o júbilo e a alegria»¹³⁸ Aquele que nasce em Belém é a luz, anunciada pelo profeta Isaías, «concedida por Deus a Jerusalém e destinada a iluminar o caminho de todos os povos.»¹³⁹ Ele é luz para todos os povos, a salvação para todos os seres humanos. O Menino de Belém, Cristo, é a luz que encerra o poder transformador e dá um novo sentido à vida. Pois, «o Filho de Deus nasceu: tudo muda. A verdadeira luz vem iluminar a nossa existência, muitas vezes encerrada na sombra do nosso pecado.»¹⁴⁰ Resta-nos, portanto, saber como se difunde a luz de Cristo! Nas palavras de Francisco:

Esta luz tem o poder de atrair todos, próximos e distantes, e todos se põem a caminho para a alcançar (cf. v. 3). [...] O Evangelista Mateus [...] mostra que esta luz é o Menino de Belém, é Jesus, [...]. Ele é a estrela que apareceu no horizonte, o Messias esperado, aquele que

¹³⁴ Cf. Francisco, 111.

¹³⁵ Francisco, 111.

¹³⁶ Neves, *As figuras do Presépio*, 77.

¹³⁷ Cf. Neves, 77.

¹³⁸ Francisco, *O meu presépio - Vou falar-vos das personagens do Natal*, 76.

¹³⁹ Francisco, 77.

¹⁴⁰ Francisco, 76.

através de quem Deus realiza o seu reino de amor, o seu reino de justiça, o seu reino de paz. A luz é para todos os povos, a salvação é para todos os povos. [...] A luz de Cristo difunde-se através da proclamação do Evangelho. [...] Com o mesmo «método» escolhido por Deus para vir entre nós: a Encarnação, isto é, aproximar-se do outro, conhecendo-o, assumindo a sua realidade e dando testemunho da nossa fé, cada um de nós. [...] A fé, a palavra, o testemunho: assim se difunde a luz de Cristo.¹⁴¹

No Presépio, na noite de Natal, vemos surgir uma estrela. Uma estrela nova, diferente, que brilha muito mais. Porventura, diríamos o mesmo que Neves:

Há uma estrela na minha vida. Um sinal no Céu que me indica o caminho. A minha vida não se resume ao que se passa aqui em baixo. Quando levanto os olhos da rotina, dos meus sonhos e planos, das minhas dificuldades e trabalhos, quando levanto os olhos para o Céu, há uma estrela que me dirige para um outro local.¹⁴²

E ao dizê-lo, reconheceríamos duas atitudes essenciais à vida da humanidade: olhar o Céu, isto é, estar abertos à «novidade» de Deus; e seguir o que o Céu nos diz. Atitudes estas que contrastam com a realidade de muitos que prezam a grandeza, «o brilho aparente do poder»¹⁴³, ao invés de acreditarem no amor humilde e na bondade de Deus. Pois como refere Francisco, «A estrela de Jesus não encandeia, não atordoia, mas gentilmente convida.»¹⁴⁴ É um convite a levantar os olhos de tudo o que é imediato e terreno, para perceber que o verdadeiro sentido da nossa existência se dá no encontro pessoal com Deus. Um convite de encontro marcado com Deus, que nem sempre exige uma viagem literal ou geográfica. «Mas, mesmo nesses casos, é preciso deixar tudo e seguir Jesus.»¹⁴⁵ Ou seja, pede uma transformação interna, coragem para deixar para trás as nossas certezas e seguir a «novidade».¹⁴⁶

Tomemos, então, como modelo, os Reis Magos:

Aquela estrela mudou-os. Fê-los esquecer as ocupações diárias e puseram-se imediatamente a caminho. Deram ouvidos a uma voz que, no íntimo, os impelia a seguir aquela luz – é a voz do Espírito Santo, que atua em todas as pessoas; e a luz guiou-os até encontrarem o rei dos judeus numa pobre casa em Belém.¹⁴⁷

Mas seguir o que o Céu nos diz nem sempre é fácil. A estrela de Jesus está sempre lá, mas nem sempre é visível. Os próprios Magos viram surgir a estrela no Oriente e puseram-se a

¹⁴¹ Francisco, 77-8.

¹⁴² Neves, *As figuras do Presépio*, 115.

¹⁴³ Francisco, *O meu presépio – Vou falar-vos das personagens do Natal*, 83.

¹⁴⁴ Francisco, 97.

¹⁴⁵ Neves, *As figuras do Presépio*, 116.

¹⁴⁶ Cf. Neves, 116.

¹⁴⁷ Francisco, *O meu presépio – Vou falar-vos das personagens do Natal*, 96.

caminho. E seguramente deixaram de a ver, porque tiveram de pedir orientações: «Onde está o rei dos judeus recém-nascido?» (Mt 2, 2) Os Magos não podiam ter consultado pior pessoa para pedir informações, mas o que interessa é que encontraram o caminho.¹⁴⁸ De facto, «a estrela do Senhor nem sempre é fulgurante, mas está sempre presente: é meiga, guia-te pela mão na vida, acompanha-te. Não promete recompensas materiais, mas garante paz e dá, como aos Magos, uma “imensa alegria” (Mt 2, 10). Pede, porém, para caminhar.»¹⁴⁹

De facto, o Presépio, em geral, é um complexo escultural que costuma a exigir a representação de um céu estrelado, sendo este um dos aspetos técnicos mais exigentes de toda a sua estrutura. Mas não podia ser de outro modo, «porque afinal o Presépio tem apenas a ver com Céu.»¹⁵⁰ Por isso, o Presépio acontece à noite! Ponhamos, então, os olhos no alto e aceitemos o convite para procurar os sinais que Deus oferece, cientes de que teremos de nos esforçar para os interpretar e, deste modo, compreender a vontade divina.

Na noite do Natal, são os anjos, que descendo dos céus, anunciam a glória do Senhor, envolvendo-nos de luz, e louvam a Deus: «Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens que ele ama!» (Lc 2, 14) Eles sabem porque exultam! Nós sabemos porque é que eles são indispensáveis nos nossos presépios!

Segundo Neves, não existem anjos no Presépio original. «No Evangelho, há anjos nos campos dos pastores (Lc 2, 9). [...] Mas é-nos dito explicitamente que aqueles homens só seguiram para Belém “assim que os anjos se foram para o céu” (Lc 2, 9).»¹⁵¹ Na visão do autor, a presença dos anjos no Presépio, «constitui, em grande medida, um erro técnico.»¹⁵² Porque, de facto, o Senhor não precisa deles, nem os quer. Só assim se poderiam ver cumpridas as Escrituras, isto é, a vinda do Messias que inauguraria o Reino de Deus, um Reino de amor, justiça e de paz. São os homens que precisam de anjos. Eles são precisos para indicar «o *signal de sempre* para encontrar Jesus»¹⁵³: um menino envolto em panos, deitado na manjedoura (cf. Lc 2, 12) A manifestação da luz, profetizada por Isaías, que rasgou a escuridão da noite e envolveu os pastores, homens marginalizados. «O mundo não se apercebe de nada, mas no Céu os anjos que estão ao corrente exultam.»¹⁵⁴: nasceu o Salvador, o Messias Senhor. Celebremos, por isso, com a «multidão do exército celeste» (Lc 2, 13), Aquele que nasce.

¹⁴⁸ Cf. Neves, *As figuras do Presépio*, 116-7.

¹⁴⁹ Francisco, *O meu presépio – Vou falar-vos das personagens do Natal*, 97.

¹⁵⁰ Neves, *As figuras do Presépio*, 109.

¹⁵¹ Neves, 111.

¹⁵² Neves, 112.

¹⁵³ Francisco, *O meu presépio – Vou falar-vos das personagens do Natal*, 73.

¹⁵⁴ Francisco, 68.

c) O mundo no Presépio

«Se pelo Presépio passa toda a vida, ele também inclui todo o mundo.»¹⁵⁵ E todo esse mundo tem encontro marcado com Deus em Belém. Os pastores vão «a Belém ver o que aconteceu e que o Senhor nos deu a conhecer.»¹⁵⁶ Os Reis Magos «tendo observado a estrela, aqueles ricos e sábios senhores do Oriente puseram-se a caminho rumo a Belém para conhecer Jesus e oferecer-Lhe de presente ouro, incenso e mirra.» (SA, 9) Depois, vão a vendedora de pão, o homem dos queijos, o casal de namorados, os músicos... Vamos nós... Pois, no Presépio de Belém, «o Senhor marca encontro com a humanidade.»¹⁵⁷ E, a Terra transforma-se.

Como refere Neves, «o Presépio situa-se num local. O Presépio é um acontecimento histórico e, como todos os acontecimentos históricos, acontece num sítio e num momento.»¹⁵⁸ E acrescenta, citando São Beda Venerável: «Ainda hoje e todos os dias até ao fim dos tempos, o Senhor será continuamente concebido em Nazaré e nascido em Belém.»¹⁵⁹ O Presépio situa-se em Belém, local que viu nascer o Deus Menino: «pequeno povoado da Judeia, onde mil anos antes tinha nascido David, o pequeno pastor escolhido por Deus como rei de Israel. Belém não é uma capital, e por isso é preferida pela providência divina, que gosta de agir através dos pequeninos e dos humildes.»¹⁶⁰ Porém, este local não é um mero espaço físico que dá conta de um evento histórico. É, de igual modo, um lugar simbólico a partir do qual Deus marca a Sua presença de forma íntima e concreta na vida humana. Belém é a «casa do pão», onde Deus Se encontra com a humanidade, porque «sabe que precisamos de alimento para viver. Mas sabe também que os alimentos do mundo não saciam o coração.»¹⁶¹

Belém é o ponto de viragem no curso da história. Lá, Deus, na *casa do pão*, nasce numa *manjedoura*; como se quisesse dizer-nos: Estou aqui ao vosso dispor, como vosso alimento. Não agarra, oferece de comer; não dá uma coisa, mas dá-Se a Si mesmo. [...] A partir da «casa do pão», Jesus traz o homem de regresso a casa, para que se torne familiar do seu Deus e irmão do seu próximo. Diante da manjedoura, compreendemos que não são os bens que alimentam a vida, mas o amor; não a voracidade, mas a caridade; não a abundância, mas a simplicidade que devemos preservar.¹⁶²

¹⁵⁵ Neves, *As figuras do Presépio*, 153.

¹⁵⁶ Francisco, *O meu presépio – Vou falar-vos das personagens do Natal*, 71.

¹⁵⁷ Francisco, 58.

¹⁵⁸ Neves, *As figuras do Presépio*, 35.

¹⁵⁹ Neves, *As figuras do Presépio*, 36. Citação de São Beda Venerável, *In Evangelium S. Lucae*, 2: PL 92, 330.

¹⁶⁰ Francisco, *O meu presépio – Vou falar-vos das personagens do Natal*, 59.

¹⁶¹ Francisco, 58.

¹⁶² Francisco, 62.

Ao entrar neste mundo, Jesus, Aquele que um dia havia de dizer «Pois a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida.» (Jo 6, 55) é reclinado na manjedoura, num depósito onde os animais vão comer. Nas palavras de Neves, «este facto, o primeiro que constitui o Presépio, só nos pode dirigir imediatamente para a Eucaristia, a plenitude do mistério da Redenção.»¹⁶³ Neste sentido, a manjedoura «é uma presença original da Eucaristia»¹⁶⁴, manifestada no Presépio de Greccio, e cuja simbologia havia sido entrevista por Santo Agostinho, a par de outros Padres da Igreja, quando escreveu:

Agora, porém, jaz na manjedoura Aquele que havia de apresentar-Se a Si mesmo como o verdadeiro pão descido do céu, (...). É o alimento que dá ao homem a vida verdadeira: a vida eterna. Desta forma, a manjedoura torna-se a alusão à mesa de Deus, para a qual é convidado o homem a fim de receber o pão de Deus.¹⁶⁵

Assim, Jesus, desde que nasceu, já Se prepara para ser o alimento de todos os dias, servido no próprio local, na manjedoura. Agora, o gado que antes era sacrificado em oferenda ao Senhor encontra no seu comedouro Aquele que o irá substituir. No lugar do gado, oferece-se o pão que repousa pacificamente na manjedoura. Deus escolheu esta peça de mobília para ser o Seu primeiro sacrário, o primeiro altar do Seu sacrifício que, até aos dias de hoje, se faz presente em cada Presépio, fazendo do acontecimento histórico da Natividade não apenas um «ontem», mas o «hoje» da salvação, atualizada no altar de cada Eucaristia.¹⁶⁶

«“Vamos a Belém...” (Lc 2, 15): assim disseram e fizeram os pastores»¹⁶⁷, depois do anúncio do anjo: «Não temais! Eis que vos anuncio uma grande alegria que será para todo o povo: Nasceu-vos hoje um Salvador, que é Cristo-Senhor, na cidade de Davi.» (Lc 2, 10-11) Os pastores¹⁶⁸ são os primeiros a receber a Boa-Nova e, por conseguinte, as primeiras testemunhas da salvação que nos é oferecida por Deus. Reconhecendo o sinal, os pastores, «aqueles que não tinham lugar na mesa e nas ruas da cidade»¹⁶⁹ – «pagãos, pecadores e estrangeiros»¹⁷⁰ – respondem, pondo-se a caminho para ver Jesus, para um encontro de amor e de agradecida admiração. São, portanto, os pastores que nos mostram como ir de encontro ao Senhor: eles vigiam durante a noite e erguem os olhos para o céu. Porque «permanecem

¹⁶³ Neves, *As figuras do Presépio*, 35.

¹⁶⁴ Neves, 38.

¹⁶⁵ Neves, *As figuras do Presépio*, 38. Citação de Bento XVI, *Jesus de Nazaré, Prólogo. A infância de Jesus* (Principia Editora, 2012), 16.

¹⁶⁶ Cf. Neves, 38-40.

¹⁶⁷ Francisco, *O meu presépio – Vou falar-vos das personagens do Natal*, 58.

¹⁶⁸ Cf. Francisco, 70-3.

¹⁶⁹ Francisco, 70.

¹⁷⁰ Francisco, 70.

vigilantes; aguardam, acordados na escuridão»¹⁷¹; a glória do Salvador «envolve-os de luz» (Lc 2, 9). Porque ergueram os olhos para o céu, «viram um sinal, ouviram a sua mensagem e seguiram-no.»¹⁷² Deste modo, juntamente com as figuras dos pastores que povoam o nosso Presépio, somos convidados a partilhar, celebrar e anunciar a alegria desta santa noite. A alegria com que Deus nos abraçou e nos impulsiona a abraçar os últimos. A fazer o que Jesus nos pediu por diversas vezes: vigiar (Cf. Mt 25, 13; Mc 13, 35; Lc 21, 36). E, a olhar o céu: «ter o coração e a mente abertos ao horizonte de Deus, que nos surpreende sempre, saber acolher as suas mensagens, e responder com prontidão e generosidade.»¹⁷³

Os Reis Magos também estão de viagem para Belém. E, nas palavras de Neves, «se havia grupo que nunca poderia andar com Cristo, esse é a seita dos magos.»¹⁷⁴ Mas, «o Presépio é o sítio de impossibilidades concretizadas.»¹⁷⁵ E, precisamente, aquelas pessoas que nunca poderiam ser encontradas ao lado de Jesus, estão com Ele logo nos primeiros momentos da Sua vida: «eis que vieram magos do Oriente a Jerusalém, perguntando: “Onde está o rei dos judeus recém-nascido? Com efeito, vimos sua estrela no seu surgir e viemos homenageá-lo”» (Mt 2, 1-2).

De acordo com a tradição, refere o Papa Francisco, «os Magos era homens sábios; estudiosos dos astros, perscrutadores do céu, num contexto cultural com crenças que atribuíam às estrelas explicações e influxos sobre as vicissitudes humanas.»¹⁷⁶ E, neste sentido, eles representam todos os homens e mulheres «à procura de Deus nas religiões e nas filosofias do mundo inteiro».¹⁷⁷ Porém, são os Magos que indicam o caminho por onde seguir, pois «eles procuravam a verdadeira luz: [...] Seguindo *uma* luz, eles buscam *a* luz. Andavam à procura de Deus. Tendo visto o sinal da estrela, interpretaram-no e puseram-se a caminho, fazendo uma longa viagem.»¹⁷⁸ É, portanto, neste caminho, guiado pelo Espírito Santo, por meio da estrela, que os Magos farão a sua experiência pessoal de encontro com o verdadeiro Deus. É a graça do Espírito Santo que os faz entrar no Mistério, passando dos cálculos humanos ao Mistério, sendo esta a sua conversão.¹⁷⁹

Os Magos ensinam que se pode partir de muito longe para chegar a Cristo: são homens ricos, estrangeiros sábios, sedentos de infinito, que saem para uma viagem longa e perigosa e que

¹⁷¹ Francisco, 71.

¹⁷² Francisco, 72.

¹⁷³ Francisco, 72.

¹⁷⁴ Neves, *As figuras do Presépio*, 157.

¹⁷⁵ Neves, 158.

¹⁷⁶ Francisco, *O meu presépio – Vou falar-vos das personagens do Natal*, 82.

¹⁷⁷ Francisco, 82.

¹⁷⁸ Francisco, 82.

¹⁷⁹ Cf. Francisco, 82-3.

os leva até Belém (cf. Mt 2, 1-12). À vista do Menino Rei, invade-os uma alegria. Não se deixam escandalizar pela pobreza do ambiente; não hesitam em pôr-se de joelhos e adorá-Lo. Diante d'Ele compreendem que Deus, tal como regula com soberana sabedoria o curso dos astros, assim também guia o curso da história, derrubando os poderosos e exaltando os humildes. (SA, n.º 9)

Assim, vindos do Oriente, é-lhes revelada a maior e mais inesperada novidade da história: Deus Se fez homem. Encontram o Menino Jesus, diante do qual se prostraram e ofereceram as suas preciosidades (ouro, incenso e mirra), manifestando generosidade de coração. Segundo o Pontífice Francisco, «estes presentes têm também um significado alegórico: o ouro honra a realeza de Jesus; o incenso, a sua divindade; a mirra, a sua humanidade sagrada que experimentará a morte e a sepultura.» (SA, 9)

Deste modo, evidenciam-se três gestos dos Magos sobre os quais devemos refletir, pois este é o caminho para Belém: «*eles veem a estrela, põem-se a caminho e oferecem presentes.*»¹⁸⁰ O ponto de partida é ver a estrela e com isso perguntarmo-nos: será que os nossos olhos estão voltados para a terra? «Sabemos nós ainda levantar os olhos para o céu?»¹⁸¹ A segunda ação é caminhar e, por isso, interroguemo-nos: Estaremos de tal modo acomodados ao que sabemos e temos, que não nos deixamos inquietar pela mesma pergunta e pelo mesmo sinal, que levaram os Magos a encontrar Jesus? Onde posso encontrar o Menino Jesus? Estaremos nós dispostos a arriscar tudo para adorar aquele Menino? Por último, oferecer: «quando chegam ao pé de Jesus, depois de uma longa viagem, os Magos fazem como Ele: dão.»¹⁸² Deste modo, ainda nos podemos interrogar: E, nós? O que podemos oferecer a Jesus? Que presente gratuito podemos oferecer, sem esperar retribuição? De que forma nos podemos tornar dom como Jesus? Estas interrogações fazem-nos visitar as palavras de Bento XVI:

O Natal veio a ser a festa dos dons para imitar Deus que por nós doou-se a si próprio. Deixemos que o nosso coração, a nossa alma e a nossa mente fiquem tocados por este fato! Entre os inúmeros dons que compramos e recebemos não esqueçamos o verdadeiro dom: de doarmos-nos mutuamente algo de nós próprios! De doarmos-nos mutuamente o nosso tempo. De abrir o nosso tempo para Deus.¹⁸³

¹⁸⁰ Francisco, 88.

¹⁸¹ Francisco, 89.

¹⁸² Francisco, 89.

¹⁸³ Papa Bento XVI, «Homilia do Santo Padre Bento XVI, 24 de dezembro de 2006», acedido a 29 de setembro de 2024, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2006/documents/hf_ben-xvi_hom_20061224_christmas.html

De facto, se acolhermos a vida de Deus, «a história muda a partir de cada um de nós.»¹⁸⁴ Nesta noite, em que o Verbo Encarnado desceu como alimento da vida, todos nós somos chamados a ir a Belém. E, assim parece. No Presépio, passa toda a vida, todas as pessoas de todo o mundo. Por isso, não nos admiremos se encontrarmos «outras figuras que parecem não ter nenhuma relação com as narrações do Evangelho.»¹⁸⁵ Com efeito, como nos diz Neves,

O Presépio é muito mais que o Presépio. O que há de extraordinário no Presépio é que ele é muito mais que ele próprio. O próprio Presépio é o Menino, sua Mãe e São José. [...] Pode ser o estábulo, a vaca, o burro e a estrela. [...] Mas o Presépio é muito mais do que o Presépio, e por isso poucos presépios se ficam por aí. O que há de espantoso no Presépio é que por lá pode passar toda a vida.¹⁸⁶

Essa é, por exemplo, a intuição expressa nos presépios barrocos portugueses. Obras de arte que evocam com genialidade a essência de toda a vida quotidiana do tempo, misturando o magnífico e o ingénuo, o sofisticado e o simples. Neles encontramos personagens como a vendedora de pão, o homem dos queijos, o casal de namorados, a mãe amamentando a criança, os grupos de músicos, soldados e diversas figuras do povo, algumas até inusitadas. E, tal como em Portugal, ao redor do mundo, «o mundo habituou-se a colocar-se a si mesmo no Presépio.»¹⁸⁷ Porém, apesar das numerosas e distintas formas e expressões, prevalece sempre a mesma ideia: o Presépio transcende a sua representação literal. E, por isso, cada um de nós está no Presépio.¹⁸⁸

Deste modo, segundo o Papa Francisco, «do presépio podemos extrair, em última análise, um ensinamento sobre o próprio sentido da vida.»¹⁸⁹ Pois, todas as cenas quotidianas que compõem o presépio, recordam-nos que, em Jesus, «Deus veio até nós, nasceu de nós, nos acompanha na vida, é homem como nós, tornou-Se homem como nós. Na vida de todos os dias já não estamos sozinhos, Ele vive connosco. Não muda magicamente as coisas, mas se O aceitarmos, tudo pode mudar.»

De facto, em todo o mundo, há um antes e depois de Cristo. O nosso calendário é o testemunho infalível deste evento. Mas este impacto não é apenas visível nas pessoas que

¹⁸⁴ Francisco, *O meu presépio – Vou falar-vos das personagens do Natal*, 58.

¹⁸⁵ Francisco, 116.

¹⁸⁶ Neves, *As figuras do Presépio*, 137.

¹⁸⁷ Neves, 138.

¹⁸⁸ Cf. Neves, 137-8.

¹⁸⁹ Francisco, *O meu presépio – Vou falar-vos das personagens do Natal*, 116.

caminham até Belém, também o é na Terra. E é o musgo¹⁹⁰, que cobre toda a superfície do presépio ainda antes da chega do Menino e das restantes figuras, que nos diz isso: «o Menino mudou a a Terra.»¹⁹¹ Deus, na história da salvação, não veio só para libertar a humanidade, também veio para libertar toda a Criação. Lembrando-nos, por isso, que o pecado afetou todo o Universo:

O Menino do Presépio não veio apenas por causa dos pastores e dos magos, não veio só para as multidões da Galileia e os soldados da Judeia, não nasceu só para Maria e José. Também veio pela vaca e o burro. Também veio por causa do musgo. Veio para salvar a terra de Israel, para salvar todas as terras. Quando o Senhor do Universo pisa o musgo, anda nas estradas, respira o ar, bebe a água dos rios, toda a Terra fica consagrada. Porque ele ao passar transforma a terra no Céu.¹⁹²

O Menino do Presépio, Senhor do Universo, também toca toda a Criação. Assim como a humanidade é chamada à salvação e redenção, também a Natureza participa deste mesmo plano, sendo consagrada e transformada pela presença divina. E, tal como refere Neves, «esta é a parte que temos mais dificuldade de entender. Entendemos a Encarnação de Cristo como fenómeno espiritual [...]. Mas não vemos que Ele chega para mudar até a poeira do chão. Até o musgo das pedras.»¹⁹³

Portanto, o musgo é importante, não tanto por aquilo que é – uma humilde erva dos campos que, de tão rasteira que é, não chega a ser erva – mas por aquilo que diz. E, neste sentido, somos convidados a olhar e a cuidar com reverencia toda a Criação. Pois, Aquele que Encarnou andou sobre a Terra, santificando-a, mostrando que o Reino de Deus está entre nós, em cada elemento da Natureza.

2.2. O Presépio num contexto de mediação patrimonial e cultural

O presépio, uma das mais icónicas representações do nascimento de Cristo, reconhecido como manifestação material e simbólica da fé cristã, transcende o universo religioso em que se vê circunscrito. Visto como experiência simbólica, mediante a qual temos acesso ao essencial da fé cristã, também nos remete para a própria génese da experiência social humana, uma vez que a atividade simbólica está presente no quotidiano humano. Por outras palavras, não é

¹⁹⁰ Interessante será notar que, em alguns presépios o musgo é o primeiro elemento, ainda antes de qualquer figura. Deste modo, este elemento remete-nos, inevitavelmente, para a experiência cósmica da Criação.

¹⁹¹ Neves, *As figuras do Presépio*, 64.

¹⁹² Neves, 64.

¹⁹³ Neves, 65.

possível compreender o presépio sem ter em conta que esta forma de habitar e transformar o mundo se enraíza nas capacidades simbólicas próprias da espécie humana. E que, neste sentido, o presépio incarna um conjunto sistémico de significações herdadas que permite a comunhão e a comunicação entre as pessoas, constituindo-se, assim, como uma manifestação cultural. Desde os relatos bíblicos da Natividade, passando por Greccio, o presépio evoca não só o evento que lhe deu origem, o Mistério de Belém, mas também o tecer da memória da cultura que o acolhe, transmitida no espaço e no tempo.

Neste contexto, entende-se que o presépio, símbolo e artefacto religioso, pode ser considerado um lugar de mediação e transmissão que articula o sagrado e o profano, o passado e o presente, o recebido e o construído, a tradição e a inovação. A criação e exposição de presépios, seja em igrejas, museus, ou em espaços domésticos, põe a descoberto o processo dinâmico de atualização e ressignificação da fé cristã que permite a contínua transmissão dessa herança religiosa. Contudo, sob a pressão da atualidade e da mudança, enfrenta-se hoje, particulares dificuldades na gestão dos processos de transmissão religiosa, fundamentais para a recomposição das identidades. Evidencia-se, assim, a necessidade de refletirmos sobre a relevância do presépio num contexto de mediação patrimonial e cultural, abraçando os desafios que a contemporaneidade nos impõe.

Considerando que a mediação patrimonial torna o presépio acessível às gerações atuais, através da sua conservação e interpretação, reconhecendo o seu valor cultural, histórico e simbólico; e a mediação/transmissão cultural confere ao presépio um espaço de diálogo com o presente, integrando novas vivências, sem perder de vista a sua essência espiritual e devocional, sugere-se pertinente aferir até que ponto estamos diante de uma oportunidade para repensar um novo contexto de transmissão religiosa que vá de encontro à leitura dos «sinais dos tempos» hodiernos. E, portanto, a partir deste símbolo e artefacto, ponderar novos itinerários educacionais e formativos, nomeadamente, na disciplina de EMRC, que facilitem o acesso à memória religiosa cristã das culturas.

2.2.1 A mediação patrimonial e cultural: um novo contexto para a transmissão religiosa?

A interrogação que aqui se introduz revela a sua pertinência quando consideramos os desafios que as instituições religiosas enfrentam, em particular, no que se refere aos modos de transmissão e identificação crente. Desafios estes decorrentes das profundas e complexas mudanças que caracterizam as sociedades modernas. A pretensão de ensaiar uma resposta à

interrogação supracitada traduz-se num exercício de reflexão que se quer capaz de propor um novo contexto para a transmissão religiosa, em consonância com os desafios contemporâneos.

Nos dias de hoje, observa-se um crescente distanciamento socio-religioso face às instituições religiosas, evidenciando-se limitações na capacidade dessas instituições regularem dinâmicas sociais que antes se articulavam em torno de universos de credibilidade e práticas comuns, de um *background* homogêneo que legitimava a autoridade de uma memória coletiva autorizada. A religião institucionalizada, em particular, a cristã foi colocada no meio de um «mercado de mundividências», lugar onde a sua visão do mundo é apenas mais uma e se constitui uma «preferência» na narrativa pessoal de cada indivíduo.¹⁹⁴ Tal fenómeno põe em causa a capacidade de mobilização de uma memória comum e, por conseguinte, os processos de constituição de uma linhagem crente. De acordo com Alfredo Teixeira:

[A] distância face aos dinamismos da pertença tem cavado o fosso que separa as gerações mais recentes e as instituições religiosas, distância que empurrou as palavras, os gestos e os significados de índole religiosa para o território das memórias esquecidas. Tal «amnésia» é não só o contexto de variadíssimos problemas que afetam frequentemente a comunicação entre as Igrejas históricas e a sociedade em geral, mas também a razão pela qual as figuras, os símbolos e as narrativas cristãs ficam à mercê das mais espantosas reciclagens e «folclorizações».¹⁹⁵

Neste sentido, podemos falar de uma crise de transmissão que vai além das adaptações entre gerações, revelando fraturas profundas que afetam as identidades e os modos de comunicação. Esta crise corresponde: «a uma remodelação das referências coletivas, a uma ruptura da memória, a uma reorganização dos valores, ou seja, a uma radical transformação dos fundamentos do laço social, facto que não poderia deixar de ter um amplo impacto nos itinerários de identificação religiosa.»¹⁹⁶

No entanto, a complexidade da nossa atualidade revela a presença de fenómenos em sentido oposto. O afastamento socio-religioso em relação às instituições religiosas está a par de um certo «re-investimento» cultural na esfera da religião-património.¹⁹⁷ O que leva a crer que a mediação patrimonial e cultural poderá oferecer um novo contexto para a transmissão religiosa, ao ser entendida como canal de acesso e, por conseguinte, de encontro e diálogo entre o sagrado e o secular, o passado/tradição e o presente. Trata-se, portanto, de reconhecer ou

¹⁹⁴ Cf. Alfredo Teixeira, «A cultura religiosa na escola», Pastoral Catequética, n.º 5 (2006): 43.

¹⁹⁵ Alfredo Teixeira, *Não sabemos já donde a luz mana. Ensaio sobre as identidades religiosas* (Prior Velho: Paulinas, 2004), 12.

¹⁹⁶ Teixeira, *Não sabemos já donde a luz mana*, 18.

¹⁹⁷ Teixeira, 13.

descobrir na memória das culturas o lugar da religião, sabendo que a atividade religiosa dispõe de um vasto *stock* simbólico, fruto dos processos de memoração, disponível para diferentes reutilizações, nomeadamente, a patrimonialização.

A mediação patrimonial refere-se às práticas e processos que procuram interpretar, preservar e valorizar os bens culturais e patrimoniais, materiais e imateriais, tornando-os acessíveis aos indivíduos. Com efeito, visa estabelecer pontes entre o património e as pessoas, por forma a que elas consigam, não só, compreender o seu valor histórico, cultural e simbólico, como também percebam a importância de o preservar.¹⁹⁸ O património, interessa sublinhar, «sob todas as suas formas, deverá ser preservado, valorizado e transmitido às gerações futuras enquanto testemunho da experiência e das aspirações humanas, de forma a fomentar a criatividade em toda a sua diversidade e a inspirar um diálogo genuíno entre as culturas».¹⁹⁹

[O] património tem vindo a ser alvo de atenção especial, sendo trabalhado, através de uma planificação estratégica com vista à sua disponibilização integrada, articulado na forma de rotas, itinerários, percursos ou outro tipo de programa, por forma a incorporar diversos elementos, como espetáculos, contactos com tradições e comunidades locais, os quais potenciam as atividades de “marketing”, facilitando a sua promoção que destacará a autenticidade, qualidade e esforço despendido na sua conservação, permitindo uma comunicação mais adequada com a criação de brochuras, catálogos, mapas e outros instrumentos de comunicação desenvolvidos de forma a aumentar a eficácia na promoção do produto.²⁰⁰

Através dessas ações e iniciativas, a mediação que se desenvolve promove o conhecimento, envolve a comunidade e a sociedade em si no processo de preservação do património e, em última instância, liga o passado ao presente, fortalecendo a identidade cultural desta.²⁰¹

Por seu turno, a mediação cultural amplia o campo de ação da mediação patrimonial, uma vez que visa «construir um interface entre esses dois universos, possivelmente, estranhos um ao outro (o do público e o, digamos, do objeto cultural) com o fim precisamente de permitir uma apropriação do segundo pelo primeiro.»²⁰² E, neste sentido, não se restringe à preservação

¹⁹⁸ Cf. António Ponte, «Património a norte», em «Centros interpretativos: técnicas, espaços, conceitos e discursos», ed. Direção Regional de Cultura do Norte – Ministério da Cultura, n.º 3 (2019): 4-5.

¹⁹⁹ UNESCO, «Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural», acessado a 16 de setembro de 2024, <https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/decl-diversidadecultural.pdf>, artigo 7.º.

²⁰⁰ Ponte, «Património a norte», 4-5.

²⁰¹ Cf. Diana Carvalho, «Mediação do Património Cultural», acessado a 16 de setembro de 2024, https://www.academia.edu/39135452/Media%C3%A7%C3%A3o_do_Patrim%C3%B3nio_cultural.

²⁰² António Ponte, «Património a norte», em «Mediação Cultural: objetos, modelos e públicos», ed. Direção Regional de Cultura do Norte – Ministério da Cultura, n.º 5 (2020): 4.

e divulgação do património cultural, mas implica a transmissão de valores, crenças e práticas culturais entre diferentes grupos e contextos, contemplando os processos dinâmicos que moldam e modificam as identidades culturais.

Transitando para o plano religioso, a mediação patrimonial emerge como uma ferramenta que permite estabelecer a ligação entre a herança religiosa e a contemporaneidade, dando a conhecer a sua relevância histórica, cultural e espiritual. Figurando-se uma valiosa ferramenta para transmitir conhecimento, a mediação patrimonial permite que os símbolos, práticas e narrativas religiosas, sejam compreendidos, e valorizados.

Pensando nos benefícios que decorrem desta mediação, desde logo se pode referir a preservação de uma memória coletiva e da tradição a ela associada:

[O]s indivíduos não se lembram apenas a partir da sua experiência subjetiva. A sua capacidade de discernimento interage com os «quadros coletivos da memória». Para se lembrarem, precisam da memória coletiva, como instrumento comum, ou seja, necessitam da memória construída na interação entre sujeitos – nenhuma lembrança pode existir sem a sociedade.²⁰³

Portanto, embora os símbolos, práticas e narrativas religiosas sejam apresentados em contextos que vão para além das instituições religiosas, como museus, espaços públicos e plataformas digitais, a mediação patrimonial possibilita aos indivíduos, muitas vezes afastados das instituições de fé, o contato com o conteúdo religioso de forma significativa, permitindo a reativação dessa memória coletiva e, em última, instância a sua releitura.

Tendo o presépio como exemplo, percebe-se que este símbolo ultrapassa a simples representação da Natividade, é a expressão da memória cristã que, através da mediação patrimonial, encontra um lugar onde poderá ser preservada e partilhada. Ao transformar-se em património, o presépio contribui para manter uma memória coletiva viva, proporcionando às comunidades uma continuidade com o passado e a oportunidade de se identificarem, de algum modo, com uma narrativa partilhada, mesmo num contexto de fragmentação identitária e distanciamento religioso.

Nesta linha de pensamento, entende-se que a mediação patrimonial facilita a mediação/transmissão cultural e a este respeito, também Alfredo Teixeira se pronuncia, sustentado pela perspetiva mediológica de Regis Debray²⁰⁴: a transmissão se reflete no campo

²⁰³ Alfredo Teixeira, «Religião, memória e cultura: perspetivas teóricas a partir de Maurice Halbwachs», *Horizonte* 17, n.º 53 (2019): 921.

²⁰⁴ Regis Debray apresenta-nos uma perspetiva sobre a transmissão cultural que classifica de mediológica. Mediante esta abordagem o autor sublinha o papel dos «veículos» e o seu objeto é a transmissão. «Debray atém-se àquilo que faz o transporte cultural [...] interessam os vasos de transporte ou os pergaminhos e não os textos

simbólico do político, pois engloba os processos necessários à preservação da experiência do «nós» na sua razão de ser e esperar.²⁰⁵

O autor vai mais além e explica que a transmissão implica duas ordens específicas a que chama de duplo corpo do *medium*. Estas duas ordens são a «matéria organizada» (MO) e a «organização materializada» (OM), sendo que não há um Império sem comunicação e vias que a possibilitem.²⁰⁶

Transmitir é «informar o inorgânico» por meio de mediações organizadoras da memória (MO), que suportam a construção de totalidades persistentes e transcendentais aos seus membros (OM). No campo MO incluem-se os meios de difusão e transporte; no campo OM, as instituições, as diversas formas de coesão que unem os operadores humanos da transmissão.²⁰⁷

Neste contexto, também a articulação religiosa da «origem» e do «destino» está bem presente neste processo de transmissão materializada historicamente. A tradição não se limita a preservar o passado, mas transforma-se para dar sentido ao presente e assegurar um legado para o futuro. Tal é o exemplo do Cristianismo: a igreja, enquanto instituição que sustenta a tradição e organiza o legado cultural e espiritual da fé, disponibiliza suportes materiais que permitem a comunicação e preservação da memória ao longo do tempo. A partir desta referência, percebe-se. Inclusive, como a tradição cristã combinou conservação e inovação para dar continuidade à sua identidade cultural ao longo das diversas idades técnicas da memória - da oralidade à escrita, da imprensa ao audiovisual e, mais recentemente, ao digital.²⁰⁸

Segundo Teixeira, a análise de Debray sobre as figuras históricas do cristianismo, vistas como «matéria organizada» e «organização materializada», encontra o seu fundamento na representação da Encarnação enquanto evento central da civilização ocidental: a Encarnação é mais do que um evento teológico; serve como matriz simbólica para a organização e perpetuação da memória coletiva, fornecendo um modelo de presença divina no mundo material em conformidade com as diferentes «mediasferas» (ou sistemas sociotécnicos de transmissão).²⁰⁹ Neste sentido, poderíamos afirmar que também o presépio encontra na

que neles se transmitem.» Alfredo, «A exterioridade Deus. Uma aproximação à teoria da religião de Régis Debray», *Didaskalia* 457 (2008): 458. «É na radical distinção que estabelece entre transmissão e comunicação que o autor descobre a chave epistemológica da ciência do médium. “Comunicação” remete para o interior dos códigos, ou seja, para a imaterialidade da linguagem. “Transmissão” evoca a mecânica do transporte.» Teixeira, «A exterioridade Deus. Uma aproximação à teoria da religião de Régis Debray», 459.

²⁰⁵ Teixeira, 460.

²⁰⁶ Teixeira, 461.

²⁰⁷ Teixeira, 461.

²⁰⁸ Cf. Teixeira, 461.

²⁰⁹ Cf. Teixeira, 462.

Incarnação o seu suporte simbólico, uma vez que ele próprio revela a capacidade de permeiar e estruturar as formas de comunicação e transmissão cultural nas culturas que fizeram a experiência histórica do cristianismo. A sua patrimonialização em espaços culturais ou públicos funciona como meio através do qual a tradição cristã é renovada e transportada para novas esferas de comunicação. Tal processo, permite que o presépio funcione como um «veículo» de transmissão religiosa que adaptado às linguagens e sensibilidades contemporâneas, proporciona um diálogo simbólico entre o passado e o presente, dando sentido ao presente e assegurando um legado futuro. Neste sentido, os museus podem ser uma instância ao serviço da mediação/transmissão cultural. Pois, tal como refere Armindo Vaz, «o museu, transformado no último santuário dos descrentes ou não praticantes, mobilado com as peças trazidas das igrejas à medida que estas se foram esvaziando de crentes e praticantes, é uma escola de interpretação do património cultural da humanidade, um serviço educativo que ensina a rescrever a história e a aprender dela».²¹⁰

No contexto da mediação/transmissão cultural, entende-se que a perspetiva antropológica de Lluís Duch, também poderá ser um contributo significativo, uma vez que o autor evidencia a cultura como instância de mediação fundamental para o ser humano. Aliás, segundo Ambrósio, Duch afirma que é «a disposição cultural do ser humano e não as possibilidades da sua dotação genética que constitui a sua verdadeira natureza.»²¹¹ Para Duch, a cultura é vista como um processo contínuo: «um modo de existência que em cada momento histórico recria e transmite o passado no presente para que possa nascer o futuro.»²¹² Portanto, em vez de instintos, o ser humano conta com tradições que oferecem os princípios fundamentais e fundadores que permitem a construção da identidade individual e coletiva, num determinado espaço histórico-cultural.²¹³

Tendo a cultura como horizonte a partir do qual se pensa o ser humano, torna-se evidente que a religião não pode ficar excluída desta dimensão cultural. A religião é parte da cultura humana: «de todas as maneiras, positiva e negativamente, a história antiga e atual mostram suficientemente a impossibilidade prática da mútua ignorância, ou da mútua excomunhão sem paliativos. Toda a religião expressa-se culturalmente e toda a cultura tem dimensões

²¹⁰ Armindo Vaz, «A Bíblia, património cultural e formativo», *Comunio*, XXIII (2004): 449.

²¹¹ Juan Ambrósio, «A experiência religiosa e as suas múltiplas expressões culturais», acessido a 30 de setembro de 2014, https://www.snpcultura.org/a_cultura_como_dimensao_especifica_do_humano.html.

²¹² Ambrósio, «A experiência religiosa e as suas múltiplas expressões culturais».

²¹³ Cf. Ambrósio, «A experiência religiosa e as suas múltiplas expressões culturais».

religiosas.»²¹⁴ Embora cultura e religião sejam realidades distintas e com identidade própria, na verdade elas se necessitam e auto-implicam.

A religião tem como núcleo central a procura e a experiência do Absoluto, como lugar capaz de dar sentido à vida humana e responder às questões fundamentais da existência. No entanto, essa procura pelo Absoluto não ignora a realidade dos condicionamentos históricos e culturais em que se manifesta: este só poderá ser experienciado dentro dos limites da condição humana e no contexto específico de cada cultura, onde a presença do divino é sentida. O Transcendente só pode acontecer e tornar-se presente no mundo concreto como «transcendente encarnado» (símbolos, rituais, ...) ou, dito de outro modo, através das formas culturais que, por seu turno, irão reclamar continuamente uma «tradução» cultural.²¹⁵

A religião cristã é um exemplo claro da relação entre cultura e religião. Ao longo da história, moldou uma vasta gama de práticas, símbolos e modos de pensar que influenciam tanto o pensamento quanto as ações das sociedades ocidentais. Através de suas doutrinas, rituais e valores, consolidou-se como um referencial de orientação espiritual e moral, com impactos profundos na construção das normas e na formação da memória coletiva. O seu vasto *stock* simbólico, permite preservar e perpetuar narrativas que são continuamente reinterpretadas ao longo das gerações, participando ativamente na configuração de identidades culturais e sociais. Tal é o exemplo da Bíblia:

[A]parece-nos assim disseminada pelo pensamento, imaginação e quotidiano. Ela continua a ser um texto, claro. Mas também, e de um modo irrecusável, a Bíblia constitui hoje um metatexto, uma espécie de chave indispensável à decifração do real. Da filosofia às ciências políticas, da psicanálise à literatura, da arquitectura explícita das cidades ao desenho implícito dos afectos, da arte dita sacra às formas da expressão artística que enchem, por toda a parte, galerias, museus, escaparates: a Bíblia é um parceiro, voluntário ou involuntário, nessa comunicação global. O mundo constrói-se na intertextualidade: é zapping, link, corta-e-cola. O texto bíblico participa neste mosaico que é a construção do mundo, ao mesmo tempo que viabiliza a sua legibilidade.²¹⁶

Deste modo, a religião cristã transcende o seu papel meramente religioso para se tornar um componente da memória e da identidade ocidentais. Esse legado religioso-cultural pode ser

²¹⁴ Ambrósio, «A experiência religiosa e as suas múltiplas expressões culturais».

²¹⁵ Cf. Ambrósio, «A experiência religiosa e as suas múltiplas expressões culturais».

²¹⁶ José Tolentino Mendonça, «A mediação cultural. Um novo contexto para a transmissão religiosa?», *Comunio*, XXIII (2006): 435-6.

visto tanto na fundação de estruturas sociais como na orientação das formas de pensamento, refletindo um impacto que continua a dialogar com os desafios de um contexto moderno plural.

Portanto, ao falar de património cultural, estamos, na verdade, a falar dos desafios atuais e futuros que ele representa, e não apenas a revisitar o passado. Entende-se, por isso, que o património serve como um recurso dinâmico para a construção contínua de identidades e valores nas sociedades contemporâneas. Afinal, a sede de infinito, a abertura ao Absoluto, só é realmente significativa para o ser humano se vivida de forma concreta no seu quotidiano, exigindo por parte deste um constante exercício de assimilação e assunção de uma tradição. Sem esta concretização, o desejo pelo infinito será sempre uma realidade distante, correndo o perigo de ser pouco ou nada significativa para a existência humana. Por outro lado, uma vivência desvinculada de qualquer tradição corre o risco de se tornar superficial e isolada, uma vez que perde o contato com a sabedoria acumulada e o sentido de pertença que fortalece e fundamenta a existência humana. Desta forma, ela permanece limitada pelo tempo e espaço de uma única geração, deixando de contribuir para a construção de uma continuidade histórica e cultural que enriqueça o presente e oriente o futuro.²¹⁷

Assim, a mediação patrimonial, no contexto religioso, é extremamente valiosa, uma vez que apoia a preservação da memória religiosa das sociedades. Ao promover a preservação, interpretação e valorização do património religioso, tornando-os acessíveis aos indivíduos, não só sustenta as tradições, como também contribui para um processo mais amplo e fundamental de mediação cultural. Processo este, essencial para a transmissão cultural e, por conseguinte, para a transmissão religiosa, visto que permite manter o diálogo entre o passado e o presente (a «origem» e o «destino») de forma significativa, e construir um futuro. Deste modo, a mediação cultural centra-se nas influências culturais, influenciando o processo de compreensão de cada comunidade em relação a si mesma e em relação às outras comunidades num mundo globalizado.

Não obstante, importa salientar que, neste contexto, os processos de mediação patrimonial torna-se mais restritos se deixarem de parte a mediação/transmissão cultural, porque uma tradição que seja mera repetição, pode se converter em letra morta e testemunho arqueológico, relevante para conhecer a história dos antepassados, mas pouco relevante para a vida contemporânea. A tradição, para permanecer viva e significativa, deve-se renovar continuamente na experiência pessoal e coletiva.

²¹⁷ Cf. Ambrósio, «A experiência religiosa e as suas múltiplas expressões culturais».

2.2.2. Mediações patrimoniais e itinerários formativos de EMRC

O ensino de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) nas escolas desempenha um papel essencial ao proporcionar um espaço de formação que permite aos alunos refletirem sobre as diferentes dimensões da existência humana e, de forma muito particular, a dimensão religiosa. Nos últimos anos, a noção de «mediação patrimonial» tem ganhado importância dentro do contexto educativo, especialmente no que se refere ao desenvolvimento dos itinerários formativos em EMRC.

Esta importância poderá revelar-se quando falamos, em particular, de processos de passagem ou de transmissão. Alfredo Teixeira, no II Congresso Nacional da Escola Cristã, visando o tema «Escola Católica – identidade e pacto num mundo global», referiu que nas últimas décadas, muitas instituições religiosas «organizaram processos de passagem, de transmissão, que agora incluem outros protagonistas».²¹⁸ Alertou, inclusive, para as particulares dificuldades que estes processos podem suscitar:

Por várias razões. Antes de mais porque, de alguma maneira, muitos desses novos atores podem pertencer ao mundo da tal «exculturação» do cristianismo, ou seja, ao mundo em que a distância em relação ao reconhecimento do que é o lugar do cristianismo nas nossas sociedades, na nossa cultura, pode já sofrer até, no mínimo, de uma certa iliteracia.²¹⁹

Deste modo, Teixeira lançou o desafio às escolas católicas, recordando que o processo de transmissão pode ser um «contexto criativo», afirmando que «são estes momentos que, em muitos casos, implicam que um arquivo, que uma memória deixe ser algo morto e possa ser revitalizado.»²²⁰

De facto, tal como ficou evidente no ponto anterior, a mediação patrimonial, como um dos fulcros dos processos de transmissão cultural, configurar-se uma forma de atualizar a dinâmica da memória, transformando-a em algo vivo e atual. E, portanto, uma mediação através da qual a tradição pode ser revitalizada, adaptando-se às novas experiências e desafios vividos pelas gerações atuais.

²¹⁸ ECCLESIA, «Educação: Professor Alfredo Teixeira desafia à partilha do que se está a fazer para operar «movimento de transmissão», no âmbito da escola católica», acessado a 14 de outubro de 2024, <https://agencia.ecclesia.pt/portal/educacao-professor-alfredo-teixeira-desafia-a-partilha-do-que-se-esta-a-fazer-para-operar-movimento-de-transmissao-no-ambito-da-escola-catolica/>.

²¹⁹ ECCLESIA, «Educação: Professor Alfredo Teixeira desafia à partilha do que se está a fazer para operar «movimento de transmissão».

²²⁰ ECCLESIA, «Educação: Professor Alfredo Teixeira desafia à partilha do que se está a fazer para operar «movimento de transmissão».

Com efeito, ao considerar o património religioso e cultural como um recurso pedagógico, a disciplina de EMRC apropria-se de uma vasta gama de símbolos, histórias e espaços que dialogam diretamente com a experiência humana. Apoiados na mediação do vasto *stock* patrimonial cristão, os professores poderão encontrar um novo contexto para a transmissão de conhecimentos e apropriação dos mesmos por parte dos alunos. Por seu turno, também os alunos poderão ter acesso a uma memória coletiva e à tradição da fé cristã. Nesta linha de pensamento, através da mediação patrimonial, o professor dá a conhecer este património aos seus alunos, ligando-os à tradição católica, permitindo-lhes ver como os valores e ensinamentos acompanharam o devir histórico e como podem ser vividos atualmente. Um processo de imersão na tradição que poderá contribuir para que estes desenvolvam uma identidade cultural e religiosa fundamentada na compreensão histórica e no respeito pelos valores que constituem a sociedade em que estão inseridos.

Os itinerários formativos da EMRC estão ligados ao desenvolvimento da consciência moral e da identidade religiosa do aluno. Neste caso, a mediação patrimonial integrada nos conteúdos da disciplina, através do acesso a símbolos e narrativas religiosas e culturais, permite que os alunos explorem os valores éticos de forma concreta e contextualizada, facilitando uma abordagem formativa que os poderá orientar para a prática do bem comum e do respeito pelo outro. Este encontro com o passado possibilita, portanto, que os alunos interiorizem valores fundamentais como a caridade, a justiça, a compaixão e a humildade, e que a história cristã e as experiências que retrata podem ser aplicadas à nossa vida.

Ao mesmo tempo, a EMRC visa transmitir conhecimento e formar indivíduos com capacidade de reflexão crítica sobre a moral e as questões com ela relacionadas, pelo que integrar a mediação patrimonial no itinerário da disciplina vai proporcionar outras aprendizagens aos alunos, especialmente, sobre a cultura do seu país. Através dela, eles vão conhecer histórias, símbolos e ensinamentos e os quais vão proporcionar e promover a reflexão. Assim, ao integrar a mediação patrimonial no seu itinerário, a EMRC está a contribuir para o reforço da matriz cultural portuguesa.²²¹ E a própria disciplina «estabelece pontos de contato entre a cultura portuguesa, nas suas vertentes literária, patrimonial e artística e a mensagem cristã. De facto, a ponte entre a cultura portuguesa e o Cristianismo é uma realidade amplamente documentada, uma vez que a cultura portuguesa, nas suas mais variadas manifestações, reflete, em constante intertextualidade, as expressões simbólicas, rituais e doutrinárias do Cristianismo».²²²

²²¹ Cf. Jorge Pereira, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Ensinos Básico e Secundário*, 15.

²²² Jorge Pereira, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Ensinos Básico e Secundário*, 15.

Por outro lado, entende-se também que a mediação patrimonial na disciplina de EMRC fomenta o sentido de pertença a uma comunidade com um longo percurso na história. Por exemplo, aprendendo sobre as lutas históricas da Igreja, as suas conquistas e o seu contributo para a sociedade, os alunos são levados a sentirem que fazem parte da história. Este sentido de pertença que os alunos podem alcançar através da mediação patrimonial na EMRC, desenvolve nelas a sua identidade católica, dá-lhes a conhecer os ensinamentos morais e éticos da Igreja, recebendo e construindo uma tradição renovada durante há séculos. Além disso, num mundo cada vez mais global, marcado pela diversidade, é urgente que a EMRC promova a literacia cultural e religiosa. A mediação patrimonial ajuda os alunos a compreenderem as suas próprias tradições de fé e mostra-lhes o papel que o catolicismo desempenhou na formação da cultura global. A mediação patrimonial expõe-nos mediante os contributos católicos para áreas como a arte, a ciência e a justiça social, aumentando a sua literacia cultural e religiosa e dotando os alunos de conhecimento para articularem as suas perspetivas morais de forma fundamentada:

[E]m contexto escolar os conteúdos da fé não subsistem por si como verdades alternativas ou concordantes com as restantes áreas do saber. Torna-se, por isso, necessário criar então uma via que seja eficaz para esta transmissão. A arte, nomeadamente o património cultural, surge como uma possível via de trabalhar a dimensão religiosa no contexto escolar, mais concretamente, nos itinerários formativos de EMRC.²²³

Considera-se também que a herança católica encontra fundamento em práticas religiosas como os sacramentos, a liturgia e a oração. A mediação destas práticas no contexto educativo proporciona-lhes, aos alunos, uma compreensão intelectual e, ao mesmo tempo, uma aprendizagem experimental. Por meio de ações como a participação em peregrinações ou visitas a locais históricos, os alunos têm contacto com o património imaterial religioso e o seu desenvolvimento pessoal e formativo é estimulado. Por seu turno, o símbolo é um elemento constituinte da experiência religiosa, assim, quando os alunos vivenciam esta experiência simbólica, é-lhes facilitada a comunhão e comunicação entre pessoas, dentro da realidade cultural em que se encontram, mas também a transmissão do património simbólico.²²⁴

Em suma, para rematar a importância da mediação patrimonial nos itinerários formativos da disciplina de EMRC, considera-se que esta poderá pôr em evidência o facto da tradição cristã não ser uma história estática do passado, mas em constante metamorfose. Integrando o património nos itinerários formativos da disciplina, o professor coloca ao dispor

²²³ Fernando Apolinário, *A arte, alma da cultura e caminho de transcendência. O uso da arte no ensino de EMRC* (Lisboa: Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, 2020), 6.

²²⁴ Teixeira e Ambrósio, *A Religião como modo de habitar e transformar o mundo. Manual do aluno – EMRC – Ensino Secundário*, 15.

dos seus alunos os instrumentos necessários para que tenham acesso a uma educação que respeita e valoriza a diversidade cultural e religiosa, capaz de formar cidadãos conscientes e éticos, aptos a contribuir para o bem comum.

2.2.3. Transmissão e identificação segundo o modelo de Hervieu-Léger

O Presépio, de acordo com o modelo de Danièle Hervieu-Léger, visando a articulação do processo de transmissão e identificação, é um artefacto de mediação patrimonial e cultural. Conforme explica a autora, o modelo apresentado revela que «os processos de identificação religiosa nas nossas sociedades modernas passam pela livre combinação de quatro dimensões típicas de identificação, que a regulação institucional já não articula, ou articula cada vez menos, entre elas».²²⁵ Este modelo põe em destaque o papel dos símbolos e das práticas religiosas na transmissão da memória coletiva através das gerações, onde a fé individual se transforma numa expressão comunitária e cultural.

A forma como se perspectiva o Presépio, um canal de transmissão religiosa e de identidade cultural, converge com a teoria da religião de Hervieu-Léger na sociedade moderna. Isto significa que o Presépio não só condensa uma mensagem cristã, mas também funciona como um objeto patrimonial que espelha as variações históricas, sociais e artísticas das comunidades que o adotam e reinterpretam. Em seguida, analisa-se o Presépio à luz do referido modelo, entendendo-se que na ligação das tradições do passado ao presente, o Presépio é um mediador entre gerações, promove uma memória cultural partilhada por todos, adaptando-se à realidade dos dias de hoje. Ele torna-se um símbolo religioso e, concomitantemente, um artefacto dinâmico de mediação patrimonial e cultural que mantém viva a identidade e a história religiosa na atualidade.

a) Polo comunitário-identitário

O polo comunitário-identitário é o primeiro do modelo apresentado pela socióloga, dizendo respeito ao «conjunto de marcas sociais e simbólicas que definem as fronteiras do grupo religioso que permitem distinguir “os que pertencem” dos “que não pertencem”».²²⁶ Explicado de outra forma, este polo refere-se ao aspeto da religião que funciona como um marcador de identidade coletiva, unindo os membros de uma comunidade através de tradições, símbolos e práticas partilhadas. Neste polo, a religião é encarada como uma crença pessoal, mas também como um laço cultural e social que define e fundamenta o sentido de pertença e

²²⁵ Danièle Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido, a religião em movimento* (Lisboa: Gradiva, 2005), 74-75.

²²⁶ Cf. Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido, a religião em movimento*, 75.

identidade de uma comunidade. Este conceito realça a forma como as tradições religiosas (por exemplo, rituais, celebrações e objetos materiais) perpetuam a memória comunitária e consolidam a identidade coletiva do grupo comunidade.

[A] construção de uma identidade religiosa passa fundamentalmente pelo desejo de manutenção de uma linhagem crente, num regime de transação entre a família e a Igreja, que vai organizar, sobretudo, os momentos que assinalam o ritmo de longo curso das identidades (principalmente, nascimento, casamento e morte). Nestes casos, o material simbólico religioso está ao serviço da construção de um processo social de diferenciação.²²⁷

Analisado sob o prisma do polo comunitário-identitário deste modelo, o Presépio afirma-se como um símbolo de pertença comunitária e de memória cultural partilhada, em especial nas comunidades cristãs. Veja-se, enquanto:

Símbolo de tradição partilhada: o Presépio, com a sua representação artística do nascimento de Cristo, provavelmente a mais bela das manifestações de caridade,²²⁸ funciona como uma representação coletiva da fé cristã, uma vez que o seu nascimento levou a que muitos peregrinos se deslocassem a Belém.²²⁹ A sua presença em casas, igrejas e espaços públicos durante a época natalícia reforça os laços comunitários ao reafirmar visualmente as crenças partilhadas. Por isso, seja qual for a opção religiosa individual, um Presépio cria uma ligação entre os membros da comunidade através de uma tradição cultural e religiosa comum, reforçando uma identidade coletiva;

Transmissão da memória coletiva: recorde-se que na opinião de Danièle Hervieu-Léger, como refere Sousa, a religião atua como uma «cadeia de memórias»²³⁰ que estabelece a ponte entre o passado e o presente. O Presépio, transmitido de geração em geração, é disso exemplo, uma vez que a sua contínua presença na cultura cristã durante o Natal serve para recordar o nascimento de Jesus, perpetuando a memória religiosa e assegurando a sua relevância para as gerações vindouras. Não se trata apenas de um símbolo de fé, mas também de um artefacto cultural que sustenta a ligação de uma comunidade ao seu património histórico e religioso;

Adaptação à identidade local: um dos aspetos que caracteriza o Presépio é precisamente a sua adaptabilidade aos contextos locais. É comum ver-se, em diferentes comunidades e

²²⁷ Cf. Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido, a religião em movimento*, 27.

²²⁸ Cf. Sónia da Cunha, *A simbólica Cristã da Unidade Letiva 2 “Jesus Nasceu”, no 1.º ano do 1.º ciclo do Programa de de Educação Moral e Religiosa Católica* (Braga: Faculdade de Teologia, da Universidade Católica Portuguesa, 2015), 17.

²²⁹ Cf. Cunha, *A simbólica Cristã da Unidade Letiva 2 “Jesus Nasceu”, no 1.º ano do 1.º ciclo do Programa de de Educação Moral e Religiosa Católica*, 17.

²³⁰ Cf. Rodrigo Sousa, «Símbolos, memória e a semiótica da cultura: religião entre a estrutura e o texto», *Estudos de Religião* 29, n.º 1 (2015): 84.

regiões, a integração de elementos culturais locais nas suas representações do Natal. Por exemplo, a construção dos Presépios de lapinha é uma arte cultural secular dos Açores, mais precisamente, da ilha de São Miguel e a sua origem remonta ao século XVI, devido à presença da Ordem dos Franciscanos na ilha.²³¹ Isto é claramente uma adaptação do Presépio, à identidade da ilha, colocando em evidência a identidade e o património cultural desta localidade. Assim, reforça-se o polo comunitário e identitário do Presépio, onde este se torna um símbolo de fé e de pertença cultural. E através da exposição pública e comunitária, constata-se que mesmo para as pessoas que não são fiéis, o Presépio pode induzir um sentido de pertença e identidade cultural, unindo a comunidade por meio desta tradição cristã;

Prática ritualizada: o gesto de montar e visitar Presépios é um exemplo evidente do funcionamento dentro do polo comunitário-identitário. O facto de as famílias, todos os anos, por ocasião do Natal, manterem a tradição de montar o Presépio é uma prática que é tampouco pessoal, mas também comunitária, uma vez que liga cada indivíduo à comunidade cristã. Ao partilharem este ritual enquanto evento religioso, evocam uma identidade comum, partilhada por todos.

Portanto, à luz do polo comunitário-identitário, o Presépio emerge como um objeto dinâmico que reafirma, por um lado, a fé religiosa e, por outro, a identidade cultural. Através da tradição, do ritual de construir o Presépio, mantém-se e transmite-se uma memória coletiva, que se adapta a cada realidade local, ligando cada indivíduo à sua comunidade.

b) Polo cultural

O polo cultural do modelo apresentado por Hervieu-Léger, enfatiza a amplitude cultural da atividade religiosa na medida em que extravasa o limiar da fé pessoal e da própria comunidade crente, desempenhando um papel nas esferas secular, social e artística da sociedade:

[E]nvolve o conjunto dos elementos cognitivos, simbólicos e práticos que constituem o património particular: a doutrina, os livros, os saberes e as suas interpretações, as práticas e os códigos rituais, a história [...] modos de pensamento [...] práticas das comunidades, nos hábitos alimentares, relativos ao vestuário [...] associados ao sistema de crenças, arte, as produções estéticas, os conhecimentos científicos desenvolvidos em ligação com as crenças, etc..²³²

²³¹ Cf. Açores Natureza Viva, «Os tradicionais presépios de lapinha», acessado a 10 de setembro de 2024, <https://pt.azoresguide.net/os-tradicionais-presepios-de-lapinha-2/>.

²³² Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido, a religião em movimento*, 76.

No polo cultural, as práticas e os símbolos religiosos são entendidos como elementos do património cultural ou da expressão artística. Nesta ordem de ideias, destacam-se as dimensões culturais, históricas e estéticas da religião, que podem ser apreciadas e respeitadas por todos os indivíduos, independentemente da sua crença religiosa. Por isso, «a dimensão cultural, cuja riqueza e variedade marcam o enraizamento de uma tradição na longa duração, pode igualmente, nos dias de hoje, ser apropriada como “bem cultural”, implicando cada vez menos, a adesão pessoal ao sistema das crenças que construiu esse património de conhecimentos e de símbolos».²³³

Situado neste polo, o presépio é mais do que um artefacto religioso, assumindo-se como uma expressão cultural e artística que possui significado para o público em geral, cristãos e não cristãos. É, portanto, parte do património cultural que nos remete para dimensões inerentes á humanidade: por um lado, para a noção de família, de generosidade, solidariedade e paz, tornando-o objeto evocativo de valores universais e, por conseguinte, o Natal, uma celebração religiosa e de carácter cultural. Por outro, sublinha o valor histórico e artístico do presépio, afirmando-o como obra de arte: uma apropriação artística da Natividade, passível de ser valorizada pela sua estética e significado histórico. O presépio de Arnolfo di Cambio (1289), encomendado pelo Papa Nicolau IV, para a Basílica de Santa Maria Maior é um entre vários exemplos desta dimensão cultural.

Neste contexto, importa ainda salientar que a vertente cultural do Presépio concorre para a identidade cultural das comunidades e locais, mergulhando nos seus costumes e hábitos culturais. Veja-se, por exemplo, no arquipélago dos Açores, a cidade da Ribeira Grande é considerada a «capital dos presépios da ilha de São Miguel».²³⁴ Por altura do Natal, milhares de pessoas deslocam-se a esta cidade para visitar o Presépio do Museu Municipal, onde é possível vislumbrar «aspetos culturais da Ribeira Grande, como as cavalhadas, as vindimas, o sapateiro, [...] e ainda aspetos relacionados com a arquitetura religiosa e civil.»²³⁵ Neste contexto, pode-se, ainda incluir, a construção e exibição de presépios ao ar livre, «que mantêm a tradição ano após ano, como é o caso do que é arquetado no adro da igreja de S. Pedro da Ribeira Grande.»²³⁶

À luz deste polo, o processo de apropriação e atribuição de significado ao presépio, cujo acesso poderá ser facilitado por meio da sua patrimonialização, traduz-se num processo de

²³³ Hervieu-Léger, 76.

²³⁴ José de Almeida Mello, *Presépios na ilha de São Miguel, séculos XVIII e XIX* (Ponta Delgada: Publiçor Editores, 2008), 9.

²³⁵ Mello, *Presépios na ilha de São Miguel*, 9.

²³⁶ Mello, 11.

mediação cultural que, embora possa atuar como marcador de identidade, não possui força suficiente para incorporar alguém numa comunidade cristã. Neste plano de análise, o presépio é um objeto de aprendizagem cultural que promove a compreensão do encontro entre religião, história e cultura. E, deste ponto de vista, «o acesso educativo a uma cultura religiosa pode ser visto como uma forma de “historicização” da experiência do mundo através de dois recursos fundamentais: a narrativa e a genealogia».²³⁷

Em suma, o Presépio é um artefacto religioso, mas inscrito num contexto histórico e cultural. Essa inscrição permite processos diversos de rememoração e patrimonialização.

c) Polo ético-axiológico

O polo ético ou axiológico do modelo de Hervieu-Léger sublinha a dimensão da religião que se centra nos valores para a orientação da vida, na ética e nos princípios morais que são transmitidos por meio de tradições e símbolos religiosos. Ou seja, «é a aceitação pelo indivíduo dos valores ligados à mensagem religiosa acarretada por uma tradição particular».²³⁸ Aqui, a religião é encarada como fonte de orientação moral, fornecendo uma estrutura para o comportamento ético. Neste sentido, este polo destaca a dimensão axiológica, informando os indivíduos e as sociedades sobre os valores mais decisivos, o que é certo e errado, justo e injusto. Através deste polo, torna-se possível desenvolver uma interpretação dos símbolos e das histórias religiosas enquanto veículos de desenvolvimento da moral e de valores universais, como a solidariedade, a justiça e a paz.

Sob o prisma do polo ético-axiológico, o Presépio evoca valores éticos e morais essenciais. Desde o cenário que acolhe o evento do nascimento do Menino Jesus, passando pelas figuras que participam nesta trama, é possível retirar lições que apontam a importância da humildade, da simplicidade e da compaixão pelos desfavorecidos. Tal como refere Lamelas e Esteves, «o presépio é essa casa aberta em que todos têm lugar, especialmente os sem-teto nem lugar na cidade dos homens.»²³⁹ E, neste sentido, apela a um compromisso social de partilha, solidariedade e justiça social, pois, segundo o Papa Francisco, «do Presépio, com meiga força, Jesus proclama o apelo à partilha com os últimos, como estrada para um mundo mais humano e fraterno, onde ninguém seja excluído e marginalizado» (AS, 6). A este propósito, e sem renunciar à centralidade do Menino Jesus, poderíamos falar, por exemplo, dos pastores ou até mesmo dos Reis Magos. Os pastores eram, efetivamente, os homens e mulheres obrigados a

²³⁷ Alfredo Teixeira, «A exterioridade Deus: Uma aproximação à teoria da religião de Régis Debray», *Didaskalia* 38, n.º 2 (2008): 457.

²³⁸ Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido, a religião em movimento*, 75.

²³⁹ Lamelas e Esteves, *De Belém a Greccio*, 226.

viver à margem da sociedade, contudo, foram chamados a ser as primeiras testemunhas do Mistério de Belém. Quanto aos Magos, eram homens ricos e estrangeiros sábios, mas humildes e generosos: renunciaram à grandeza do seu estatuto social e, sem sucumbir ao escândalo da pobreza do ambiente, manifestaram a sua generosidade de coração, prostrando-se diante do Menino e oferecendo-Lhe preciosidades.

A família é também um tema central no Presépio, em particular, a Sagrada Família, cujo simbolismo se reconhece em todas as famílias humanas. Afinal, a família é lugar de origem da vida humana e pedra angular sobre a qual é fundada a prática relacional que nos humaniza. Nas palavras de Francisco:

Aqui admiramos o cumprimento do desígnio divino de tornar a família uma especial comunidade de vida e de amor. [...] Do exemplo e do testemunho da Sagrada Família, cada família pode obter indicações preciosas para o estilo e as escolhas de vida, e pode haurir força e sabedoria para o caminho de cada dia.²⁴⁰

Neste contexto, a família vista como o lugar onde se experienciam e transmitem os valores morais essenciais e fundadores de uma sociedade mais fraterna e humana, nomeadamente, o sentido da verdade, da bondade, do perdão, do respeito, da justiça e do amor. Ao cumprir com a função de humanização, valida as suas restantes funções de socialização, educação, afetividade, proteção e interajuda. Pois, é na família que acolhe, cria e educa no amor que se dá sentido à vida, que se desenvolve a capacidade de relacionamento, de escuta e compreensão, de respeito pelo próximo, pelas leis, pela natureza.

No âmbito deste polo, o presépio alude a outro valor fundamental, a paz. Entende-se que o Presépio espelha o ideal ético de promover a paz e a reconciliação entre os homens. São os anjos que, em louvor, anunciam o desígnio do Menino de Belém: «Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens que ele ama!» (Lc 2, 14) Por outro lado, é a figura de Herodes personifica «todo um mundo construído sobre o domínio, o sucesso, a riqueza, a corrupção [que] é posto em crise por um Menino!»²⁴¹ Uma realidade que não é de todo desconhecida ao ser humano e que reivindica a urgência da paz como princípio moral essencial para a convivência e harmonia social: «O presépio é atual como nunca, enquanto todos os dias se fabricam no mundo tantas armas, com imagens violentas, que entram nos olhos e no coração. O presépio é, ao contrário uma imagem artesanal da paz.»²⁴²

²⁴⁰ Francisco, *O meu presépio – Vou falar-vos das personagens do Natal*, 111.

²⁴¹ Francisco, 102.

²⁴² Francisco, 15.

Os valores até aqui enunciados são, hoje mais do que nunca, necessários, urgentes no nosso mundo. O Presépio é um exemplo que se enquadra na nossa atualidade, refletindo o que as nossas sociedades deveriam ser: solidárias, justas e pacíficas. Constata-se a existência de uma dimensão ética e moral que reconhece e promove o valor da dignidade humana.

Situado no polo ético-axiológico, o Presépio é um símbolo que funciona como veículo do desenvolvimento da moral e evoca princípios éticos relevantes para a humanidade, independentemente da religião:

[O]s valores da mensagem, inseparáveis do alcance universal que lhe é reconhecido ao mesmo tempo, podem, no entanto, ser apropriados sem implicar necessariamente a pertença a uma comunidade de fiéis claramente identificada – na cultura em vivemos, a ética da fraternidade cristã pode encontrar-se concretizada em lógicas da acção que não necessitam de se fundar na pertença a uma qualquer Igreja cristã.²⁴³

Nesta ordem de ideias, não surpreende que ao perscrutar a Declaração Universal dos Direitos Humanos, nos deparemos com princípios éticos conducentes com a mensagem cristã. Que, por ocasião do Natal, sejam promovidas um sem número de campanhas solidárias por diversas instituições com intenção de apoiar diferentes causas e que as pessoas tendam a demonstrar uma maior predisposição para a solidariedade; ou que o Natal seja celebrado como a festa da família.

d) Polo afetivo-emocional

Por fim, o polo afetivo-emocional destaca as dimensões emocionais e experienciais da religião, evidenciando o papel dos sentimentos, das relações pessoais e da carga emocional dos símbolos e práticas religiosas. Segundo Alfredo Teixeira, visando o modelo de Hervieu-Léger, este polo refere-se:

[À] experiência afectiva associada ao processo de identificação. O dado novo, nas sociedades modernas, é que esta experiência, que produz o sentimento colectivo do «nós», está frequentemente ligada ao «acontecimento». Ela é cada vez mais frequentemente – em particular no seio das culturas juvenis – o momento onde se estabelece uma experiência elementar de comunhão colectiva, que pode estabilizar ou não em formas de identificação comunitária.²⁴⁴

²⁴³ Cf. Alfredo Teixeira, «“Casar pela Igreja”: Pedagogia paroquial e “terciarização” dos estilos de vida», *Theologica* 41, n.º 1 (2006): 81.

²⁴⁴ Teixeira, «“Casar pela Igreja”: Pedagogia paroquial e “terciarização” dos estilos de vida», 82.

Observa-se, assim, que o sucesso das experiências religiosas de grupo depende, grandemente, do suporte afetivo-emocional que o grupo pode oferecer ao crente. Nestas dinâmicas, muitas vezes descritas como comunidades narrativas, os crentes encontram um espaço de reconhecimento e partilha de uma «micro-história da salvação» que dá sentido ao seu quotidiano e ao dos demais crentes. O eixo emocional pode facilitar uma integração rápida e intensa de alguém numa determinada identidade crente, mas, pela sua própria condição, pode tornar-se frágil se não estiver ligado a outras dimensões da identidade.²⁴⁵

No contexto do polo afetivo-emocional, o Presépio poderá ser entendido como símbolo capaz de provocar respostas emocionais que consolidam as ligações pessoais e comunitárias com a tradição cristã. Através dele, é possível explorar uma série de emoções e sentimentos como a paz, a alegria e a nostalgia. Enquanto representação visual da Natividade tem um impacto emocional, seja pela alusão à família, seja por tudo o que o nascimento de uma criança evoca nos seus pais. O Presépio faz torna presentes as memórias de infância; evoca a alegria e a esperança em tempos conturbados como os de hoje.

Lamelas e Esteves, no seguimento da carta apostólica *Admirabile Signium* (AS, 5), afirmam que «fazer o presépio é um ato emocional que nos leva a viajar no tempo, guiados pelas profecias e movidos pela esperança dos pastores»²⁴⁶ De facto, o Papa Francisco ao debruçar-se sobre o Presépio, não se cansa de evocar uma série de emoções e sentimento – como «maravilha e enlevo» (AS, 1) – até mesmo, quando refere que montar o presépio «aprende-se em criança, quando o pai e a mãe, juntamente com os avós, transmitem este grandioso costume» (SA, 1).

Portanto, no que diz respeito a este polo, entende-se que o Presépio poderá produzir nos indivíduos um sentimento coletivo, de um «nós», despoletado por emoções e sentimentos associados à experiência desta tradição (como por exemplo, montar o presépio), amplamente, vivida pelas comunidades cristãs. Não obstante, importa ter em conta as fragilidades deste eixo emocional, uma vez que a diáspora social tende a separar da sua fonte, os fragmentos de vivências e as memórias cristãs.

²⁴⁵ Cf. Teixeira, 83.

²⁴⁶ Lamelas e Esteves, *De Belém a Greccio*, 225.

CAPÍTULO 3 – PROPOSTA DE UM ITINERÁRIO PEDAGÓGICO PARA A LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA 2: ADVENTO E NATAL

3.1. Enquadramento da UL 2: Advento e Natal

O presente ponto pretende enquadrar a Unidade Letiva de referência, a UL 2: Advento e Natal, relevando o seu contributo no âmbito do programa de EMRC. Urge, portanto, atender a um conjunto elementos que permitirão o aprofundamento do estudo da referida UL. Com efeito, destacam-se as finalidades, domínios de aprendizagem, metas curriculares, objetivos e conteúdos plasmados no programa de EMRC, documento orientador da tarefa letiva dos docentes da disciplina, cuja gestão permitirá «encaminhar e distribuir as propostas de aprendizagem de acordo com as necessidades e realidades pessoais e escolares dos alunos.»²⁴⁷ Acrescem, ainda, as aprendizagens essenciais que tendo por base os documentos curriculares em vigor²⁴⁸, permitem uma «maior agilidade na construção dos conhecimentos, das capacidades e das atitudes, por parte dos vários intervenientes no processo ensino-aprendizagem.»²⁴⁹ Neste contexto, foi dada especial atenção aos conteúdos a ensinar, pelo que se considerou relevante introduzir algumas notas teológicas.

Num segundo momento, prepõe-se um olhar sobre o Presépio no contexto da UL 2, contemplando o estudo realizado no capítulo anterior. Deste modo, retomamos as questões colocadas, quando, numa primeira abordagem, discorreremos sobre a importância da temática para a referida UL, procurando aferir as respetivas respostas mediante o confronto com as metas, objetivos, conteúdos e respetivas Aprendizagens Essenciais. Assim, serão, inclusive, consideradas hipóteses de itinerários pedagógicos que permitam pôr em prática as conclusões retiradas do presente estudo.

3.1.1. Metas, objetivos, aprendizagens essenciais e conteúdos

A Unidade Letiva 2: Advento e Natal, tal como a própria designação refere, é a segunda grande unidade temática do programa de EMRC para o 5.º ano de escolaridade, no universo de quatro, a saber: «UL 1: Viver Juntos»; «UL 2: Advento e Natal»; «UL 3: Família, Comunidade de Amor»; «UL 4: Construir Fraternidade».

²⁴⁷ Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 2014, VII.

²⁴⁸ Dos documentos curriculares orientadores das Aprendizagens Essenciais, destacam-se «o Programa, as Metas Curriculares, a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania, e ainda os Referenciais de Educação, tais como o Referencial de Educação para a Segurança, a Defesa e a Paz, o Referencial de Educação para o Desenvolvimento e o Referencial para a Dimensão Europeia da Educação»; Ministério da Educação, *Aprendizagens Essenciais de Educação Moral e Religiosa Católica: 5.º ano, 2.º ciclo do Ensino Básico*, 1.

²⁴⁹ Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 1-2.

Tal como as demais unidades letivas, a UL 2: Advento e Natal encontra o seu primeiro fundamento naquelas que são as finalidades da disciplina de EMRC. Afinal, «as finalidades de uma disciplina constituem um dos elementos essenciais do currículo escolar»²⁵⁰, refletindo as intenções da própria disciplina e dos professores que a lecionam, e servindo de referência para as metas a alcançar pelos seus alunos. De acordo com os Bispos portugueses, a grande finalidade de EMRC funde-se com a missão da Escola: a formação global dos alunos. Fá-lo, abrindo, na escola, um espaço de «diálogo da cultura e dos saberes adquiridos nas outras disciplinas com a mensagem e os valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa».²⁵¹ Deste modo, entende-se que a formação integral do aluno deverá considerar a dimensão religiosa, por ser constitutiva da pessoa e componente imprescindível para o crescimento humano em liberdade e responsabilidade; porque o Evangelho inspira os valores de fé e da humanidade que constituem a cultura e a história europeia, e ajuda a amadurecer as respostas do sentido último da vida.²⁵² A este propósito, salienta-se a finalidade «XI. Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência», transversal a todas as finalidades e, conseqüentemente, a todos os domínios e metas. Pois, tal como refere Cristina Sá de Carvalho, a disciplina de EMRC deve ter como objetivo:

Ajudar o aluno a posicionar-se face ao fenómeno religioso, proporcionando-lhe um conhecimento estruturado e global [...] da mensagem cristã, fornecendo-lhe meios para apreender o fundamento religioso da ética cristã – sempre decorrente do encontro e da proposta de Cristo – e facultando-lhe experiências relevantes para a aquisição de uma visão cristã da vida, à qual poderá, ou não aderir.²⁵³

As metas do programa - «os conhecimentos e as capacidades essenciais que os alunos devem adquirir, nos diferentes anos de escolaridade ou ciclos e nos conteúdos dos respetivos programas curriculares»²⁵⁴ - emergem na mesma linha de pensamento, tendo sido definidas a partir das finalidades da disciplina. No computo geral, o programa, para o ano de escolaridade em questão, contempla o total de nove metas distribuídas pelos três domínios de aprendizagem - «Religião e Experiência Religiosa; Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida; Ética e Moral» - verificando-se que as metas com maior frequência pertencem ao domínio «Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida». Esta lógica organizacional dos domínios de aprendizagem que culmina com a distribuição/frequência das metas e objetivos, estende-se a todas as Unidades Letivas do 5.º ano de escolaridade e aponta, de forma clara, um itinerário de leitura e ação/transformação

²⁵⁰ Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 4.

²⁵¹ Secretariado Nacional de Educação Cristã, 5.

²⁵² Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, 4.

²⁵³ Cristina Carvalho, «Pastoral Juvenil e Diálogo Entre Carismas», *Theologica* 47, n.º 1 (2012): 132-133.

²⁵⁴ Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 6.

da vida, da sociedade e da história, feito à luz de uma proposta concreta, o cristianismo/catolicismo.²⁵⁵

As metas curriculares preconizadas para a UL 2: Advento e Natal, estão assinaladas a negrito na *Tabela 2*, mediante a qual é possível verificar a presença de todos os domínios de aprendizagem, com maior incidência do domínio «Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida», pois contempla duas metas. No total, a UL 2 prevê o desenvolvimento de quatro metas e sete objetivos, evidenciando-se a meta «G. Identificar os valores evangélicos», comum a quatro objetivos. Uma constatação que nos conduz ao cerne da UL: descobrir o verdadeiro significado do Advento e do Natal, discernindo valores e atitudes espirituais, e assumir um compromisso de construção de uma realidade mais justa, responsável e humana, de acordo com a mensagem de Jesus.

Domínios de Aprendizagem		
Religião e da Experiência Religiosa	Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida	Ética e Moral
Metas Curriculares		
<p>A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.</p> <p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p>	<p>F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.</p> <p>G. Identificar os valores evangélicos. (3x)</p> <p>L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé. (3x)</p>	<p>M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.</p> <p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p> <p>P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã. (3x)</p> <p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p>
2 Metas	3 Metas	4 Metas

Tabela 2 - Metas curriculares enquadradas segundo domínios de aprendizagem, 5.º anos²⁵⁶

Não obstante, confrontado os objetivos e as aprendizagens essenciais²⁵⁷, é possível identificar discrepâncias que deverão ser levadas em conta e, portanto, analisadas.

²⁵⁵ Cf. Juan Ambrósio, «Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares. Programa de EMRC, edição 2014», *Pastoral Catequética*, n.º 31/32 (2015), 73.

²⁵⁶ Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 8.

²⁵⁷ Cf. Ministério da Educação, «Aprendizagens Essenciais de Educação Moral e Religiosa Católica: 5.º ano, 2.º ciclo do Ensino Básico», acessado a 15 de agosto de 2024, https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/emrc_2c_5a.pdf, 7-8.

Metas	Objetivos	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos
A.	1. Reconhecer que Deus é sempre fiel à sua Aliança.		- Deus é sempre fiel à sua Aliança.
	2. Interpretar textos bíblicos sobre a esperança de Israel.		- A grande esperança de Israel, Deus está atento às necessidades do seu povo: Ex 3,7-10; Jr 31, 31-33; Is 9, 1-6; 11, 1-9.
G.	3. Reconhecer em Jesus a nova Aliança de Deus com a Humanidade.	Saber que o Natal é a celebração do Nascimento de Jesus e a realização da esperança cristã.	- O nascimento de Jesus, a Palavra e o amor de Deus que chegam até nós. Mt 1, 18-25. - A nova Aliança, Jesus, o cumprimento da esperança de Israel: Mt 26, 26-28; Lc 22, 20.
	4. Compreender o sentido do Advento.	Reconhecer o Advento como tempo de preparação para o Natal.	- O Advento: tempo de espera e de esperança.
	5. Identificar as figuras do Advento.	Identificar as figuras do Advento.	- As figuras do Advento, modelos de quem espera o Senhor que vem: João Batista; Maria, a mãe de Jesus.
	6. Conhecer a situação histórica do nascimento de Jesus.	Conhecer a situação histórica do nascimento de Jesus.	- Jesus, o Salvador; Emanuel, Deus conosco na história. - Jesus encarna uma realidade histórica: Jo 1, 1-4. 14. - A Palestina do tempo de Jesus: situação geográfica, política e social.
--	-----	Compreender as manifestações culturais e artísticas das comunidades cristãs relativas ao Advento e Natal.	-----
P. L.	7. Promover o valor da esperança de acordo com a mensagem de Jesus.	Assumir a construção de uma sociedade mais justa, humana e responsável de acordo com a mensagem de Jesus.	- Jesus veio para nos salvar: o significado da esperança cristã. - A construção de uma sociedade mais justa, humana e responsável de acordo com o projeto de Jesus.

Tabela 3 - Metas, objetivos, AE e conteúdos da UL 2: Advento e Natal²⁵⁸

Em primeiro lugar, considera-se que os objetivos «1. Reconhecer que Deus é sempre fiel à sua Aliança» e «2. Interpretar textos bíblicos sobre a esperança de Israel» não encontram paralelo com as aprendizagens essenciais definidas para a UL 2. A tónica dos objetivos 1 e 2, em diálogo com a meta «A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa», é colocada na experiência religiosa do povo de Israel e respetiva leitura destes acontecimentos à luz da fé. Não obstante, pressupõe-se que a AE «Saber que o Natal é a

²⁵⁸ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 56-7; Cf. Ministério da Educação, «Aprendizagens Essenciais de Educação Moral e Religiosa Católica: 5.º ano, 2.º ciclo do Ensino Básico», 7-8.

celebração do nascimento de Jesus e a realização da esperança cristã» só poderá ser alcançada mediante um itinerário onde se faz presente a memória do Antigo Testamento, da esperança messiânica do povo de Israel e das Alianças celebradas entre Deus e o Seu povo, tal como sugerem os objetivos e conteúdos. Ora, neste sentido, nota-se uma continuidade pedagógica e teológica com a UL: 1 Viver Juntos, ao apresentar Abraão como modelo de mudança, cujo exemplo inspira-nos à abertura de coração e a confiar em Deus, e introduzir o conceito de Aliança como pressuposto de um compromisso de cuidado das relações interpessoais através de comportamentos, atitudes e valores humanizadores.

Em segundo lugar, o objetivo «3. Reconhecer em Jesus a nova Aliança de Deus com a Humanidade» poderá encontrar correspondência implícita na AE «Saber que o Natal é a celebração do Nascimento de Jesus e a realização da esperança cristã». De facto, o objetivo 3 parece ser o culminar do itinerário iniciado com os objetivos 1 e 2, na medida em que aponta Jesus como a nova Aliança. Confrontado com a meta «G. Identificar os valores evangélicos» e respetivos conteúdos, entende-se que a proposta programática orienta para descoberta do verdadeiro significado do Natal, nomeadamente, dos valores que sustentam esta quadra e, portanto, para o aprofundamento da AE em questão. Assim, saber que o Natal é a celebração do nascimento de Jesus e realização da esperança do povo de Israel, implica reconhecer em Jesus o cumprimento da Palavra de Deus, de uma nova Aliança, profetizada por Isaías, e manifestação máxima da gratuidade do amor de Deus, que nos chama a agir em conformidade.

Em terceiro lugar, os objetivos «4. Compreender o sentido do Advento» e «5. Identificar as figuras do Advento» encontram relação clara com as aprendizagens essenciais, respetivamente, «Reconhecer o Advento como tempo de preparação para o Natal» e «Identificar as figuras do Advento». Deste modo, adentra-se na temática do Advento, na descodificação do seu sentido que traz consigo a motivação para uma tomada de decisão e, portanto, uma proposta de ação/transformação: viver o Advento como oportunidade para, por meio das atitudes, promover a construção de uma sociedade mais justa, humana e responsável. Neste âmbito, as figuras do Advento – João Batista; Maria, mãe de Jesus e São José – constituem-se modelos de quem espera o Senhor que vem e, por isso, referências de uma participação ativa motivada pela relação de proximidade com Deus, pela mesma esperança e confiança que nutria o povo de Israel.

Em quarto lugar, o objetivo «6. Conhecer a situação histórica do nascimento de Jesus» também encontra de forma explícita paralelo com a AE «Conhecer a situação histórica do nascimento de Jesus». No confronto com os conteúdos preconizados e tomando em linha de conta a meta a atingir, considera-se que o itinerário de descoberta do verdadeiro significado do

Natal, iniciado com o objetivo 3, é retomado, ainda que a tónica do objetivo e da AE recaia sobre o marco histórico do nascimento de Jesus.

Quanto à AE «Compreender as manifestações culturais e artísticas das comunidades cristãs relativas ao Advento e Natal» não encontra correspondência com nenhum dos objetivos. Portanto, ter em conta esta AE implicará acrescentos que enquadrem conteúdos relacionados com a simbologia e tradições cristãs alusivas ao Advento e Natal. Uma decisão que terá influência na forma de organizar a UL 2. Não obstante, note-se que apesar do programa não fazer referência a estes conteúdos, eles estão presentes do manual da disciplina.²⁵⁹ Neste âmbito, o Presépio, recriação artística da Natividade, encontra real destaque como símbolo central do Natal, precisamente, por compilar toda a sua carga simbólica.

Por fim, o objetivo «7. Promover o valor da esperança de acordo com a mensagem de Jesus» encontra correspondência na AE «Assumir a construção de uma sociedade mais justa, humana e responsável de acordo com a mensagem de Jesus», complementando-se. O objetivo evoca a esperança como valor primordial, nomeadamente, para os cristãos que acreditam num Deus que nunca os abandona, e força motriz que os impele à dignificação da vida. Por sua vez, a AE coloca a tónica numa ação/transformação comprometida que tem como fundamento a mensagem de Jesus. Atendendo às metas correspondentes «L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé» e «P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã», a par dos conteúdos, esta perspetiva parece tornar-se mais clara.

Em suma, para que os alunos alcancem os parâmetros preconizados para a UL 2: Advento e Natal, considera-se crucial a implementação de uma estratégia de lecionação que promova a integração contínua entre a tradição bíblica e teológica, a vivência litúrgica e a aplicação prática dos valores cristãos. Uma estratégia eficaz passará por desenvolver a UL de forma sequencial e interligada. Neste sentido, sugere-se pertinente seguir a sequência dos objetivos, conforme ilustrado no programa que, tal como se verificou, encontram correspondência com maioria das aprendizagens essenciais. Não obstante, entende-se que a AE «Compreender as manifestações culturais e artísticas das comunidades cristãs relativas ao Advento e Natal» não deverá ser descurada, pois permitirá, por meio de elementos concretos e visíveis, presentes no quotidiano dos alunos, facilitar a apreensão e consolidação das aprendizagens.

²⁵⁹ Cf. Elisa Urbano et al., *Conta Comigo*, Manual do aluno - Educação Moral e Religiosa Católica - 5.º ano (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2015), 47-54.

3.1.2. Notas para uma reflexão teológica

Após uma primeira análise global da UL, com o confronto entre os domínios, metas, objetivos e aprendizagens essenciais, dar-se-á lugar à identificação de algumas notas que ajudem a desenvolver uma reflexão teológica acerca dos conteúdos do programa, da UL 2: Advento e Natal.

O título da UL 2, aponta, desde logo, uma das solenidades mais importantes do ano litúrgico, o Natal, marcada por um período antecedente de preparação, o Advento. Deste modo, debruçamo-nos sobre um dos núcleos centrais do Cristianismo, o nascimento do Senhor, o mistério da Encarnação que, a par dos mistérios pascais, ultrapassa em significado outro momento particular da vida de Cristo.²⁶⁰ Se o Advento é o «tempo de lugar» da espera e da esperança, um «já» mas «ainda não», uma realidade que se densifica como experiência simbólica; o Natal é a concretização da novidade que emerge na história, da expectativa e realidade maior (divina) antecipada.²⁶¹

O itinerário que se propõe parece claro: a descoberta do verdadeiro significado do Natal. Um itinerário pautado pela esperança e confiança na Palavra e amor de Deus, cujo horizonte se concretiza na celebração do dom, de uma nova Aliança. Em que Deus é o único assunto. Um itinerário que contraria uma crescente lógica consumista e materialista que envolve a época natalícia e o trabalho de *patchwork* operado pela sociedade moderna; onde a simbologia cristã é deslocada do seu contexto original e o verdadeiro sentido religioso das principais celebrações da liturgia cristã é ocultado. Antes, a UL 2, prioriza os valores e atitudes que decorrem da originalidade da mensagem cristã e promove um diálogo entre a cultura e a fé. De forma a simplificar esta reflexão, optou-se por analisar faseadamente os conteúdos, isto é, por objetivos, tal como plasmado no Programa de 2014.

a) Reconhecer que Deus é sempre fiel à sua Aliança

Analisando o programa, depressa se percebe que o primeiro objetivo da UL 2 introduz uma continuidade não só pedagógica, mas também teológica com a UL anterior, «Viver Juntos». Aliás, a própria expressão «reconhecer» remete-nos para pelo menos dois sentidos: o de rever um conhecimento e o de o admitir como autêntico. Por sua vez, o primeiro e único

²⁶⁰Atendendo às práticas litúrgicas da Igreja, considera-se o Natal e a Páscoa as solenidades de maior importância do ano litúrgico. Afinal, são estas duas que têm um período antecedente de preparação, respetivamente, o Advento e a Quaresma. Cf. Neves, *As figuras do Presépio*, 16.

²⁶¹ Cf. Luís Manuel Pereira da Silva, «O tempo É advento», acedido a 10 de janeiro de 2024, <https://agencia.ecclesia.pt/portal/o-tempo-e-advento/>.

conteúdo - «Deus é sempre fiel à sua Aliança» - insiste no assunto a tratar. Portanto, não há dúvidas de que o convite será tornar presente as promessas que Deus concretizou e cumpriu ao longo da história da humanidade. Ou melhor, as promessas e Alianças que Deus sempre gostou de fazer. Até à última promessa, a promessa do Natal.²⁶² Deste modo, o itinerário que introduz o tema «Advento e Natal» faz-se reavivando a memória do Antigo Testamento, das Alianças celebradas entre Deus e a humanidade. Faz-se evocando aqueles que com abertura de coração e confiança na Palavra de Deus, constituíram-se testemunhos da total disponibilidade de Deus para Se prender a Si a compromissos, juramentos e promessas.

Neste sentido, cabem questões como: qual o significado do termo Aliança, no contexto bíblico? Que Alianças foram estabelecidas? Quem são estes testemunhos? Qual o sentido dessas Alianças? E, porventura, não se trata de um único assunto, de uma única promessa? Algumas dessas são, certamente, questões já respondidas na UL «Viver Juntos». Não obstante, devemos retomá-las, por forma a «Reconhecer que Deus é sempre fiel à sua Aliança».

Antes de mais, importa salvaguardar que não é possível entender o termo Aliança exatamente como os povos no tempo de Abraão ou Moisés e até mesmo como no tempo de Jesus.²⁶³ Contudo, também não é possível compreender toda a trama bíblica²⁶⁴ sem ter presente a categoria da Aliança.²⁶⁵ Deste modo, e atendendo a que a compreensão do termo é imprescindível para que o objetivo seja alcançado, o que se segue é uma tentativa de aproximação ao conceito de Aliança. Uma tarefa que passa por entender a dinâmica subjacente à experiência da Aliança.

No contexto bíblico, em particular, no Antigo Testamento, o termo hebraico para Aliança é «berith» e aparece pelo menos 286 vezes, identificando a relação entre Deus e o Seu povo. Não sendo a única indicação, é considerada a mais expressiva e a que melhor comunica a história do encontro de Deus com o Seu povo.²⁶⁶

A Aliança é a categoria fundamental para compreender a edificação do povo de Deus. É a partir da experiência da Aliança que se desenvolve a relação entre Deus e o Seu povo e do povo com o seu Deus. Relação mediante a qual Israel se identificará como o povo eleito por

²⁶² Neves, *As figuras do Presépio*, 54.

²⁶³ De acordo com Surian, esta dificuldade deve-se ao facto de os cristãos se terem distanciado do tema da Aliança como chave de leitura da sua experiência da fé, relegando-o para segundo plano na reflexão catequético-teológica: cf. Francisco Emílio Surian, *Teologia da Aliança e sua relação com a dignidade humana: aspetos coincidentes entre a Nova Aliança e as principais celebrações da Aliança no Antigo Testamento* (São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011), 16.

²⁶⁴ Entenda-se aqui «trama bíblica» como história da Revelação de Deus e sua ação na história da humanidade, a história da Salvação.

²⁶⁵ Cf. Surian, *Teologia da Aliança e sua relação com a dignidade humana*, 19.

²⁶⁶ Cf. Surian, 17.

Deus. Neste processo, Deus toma a iniciativa e apresenta a sua promessa, impelindo a uma resposta por parte do ser humano. Resposta esta que impõe um compromisso para com Deus. Promessa e compromisso são duas faces da mesma moeda, de uma única Aliança, assinalada e celebrada com um símbolo entregue por Deus.²⁶⁷ Cada um destes elementos – promessa, compromisso e símbolo²⁶⁸ - que estruturam e identificam cada Aliança têm um sentido profundo, cujo significado transcende a razão humana, podendo apenas ser compreendido pelos olhos da fé. Deste modo, a experiência da Aliança, que é a experiência da relação entre Deus e o Seu povo, constitui-se um evento estruturante:

Assume concretude e, a partir da decisão humana, faz-se história em meio às necessidades do povo em determinado contexto e, uma vez vivenciada, age como força motora internalizada e modifica esta história à luz da experiência vivida, cuja base é a fé no Deus da Aliança.²⁶⁹

No Antigo Testamento, destacam-se três relatos da Aliança: Noé (Gn 6-7), Abraão (Gn 12-25) e Moisés (Ex 19 - 24, 18). Em Gn 6, 18, encontramos o primeiro evento bíblico que utiliza o termo *berith*, referindo-se à Aliança entre Deus e Noé.²⁷⁰ Quando Deus parece determinado a extinguir todas as criaturas, «Noé encontrou graça aos olhos de Iahweh» (Gn 6, 8). Noé, homem justo, bom, honesto e cumpridor, serena o coração²⁷¹ de Deus que, imediatamente, Lhe ordenou a construção de uma arca para que nela sobrevivesse ao dilúvio que estaria para acontecer. Uma arca que abrigaria um casal de cada espécie dos animais existentes (cf. Gn 6, 9 - 22). Passado um longo tempo, é Deus que se lembra Noé e de todas as criaturas que se encontravam com ele na arca e tem a iniciativa de cessar a chuva e baixar as águas (cf. Gn 8, 1). É Ele que ordena a saída da arca (cf. Gn 8, 16-17) para que seja celebrada a Aliança com Noé e toda a criação. A celebração da Aliança inicia-se com a bênção de Deus e com a apresentação dos princípios que vão reorganizar a vida que começa. O compromisso de Noé e dos seus descendentes é, também por Ele, definido: cuidar da vida e respeitá-la. Por fim, Deus promete que «tudo o que existe não será mais destruído pelas águas do dilúvio; não haverá mais dilúvio para devastar a terra» (Gn 9, 11), instituindo como sinal da Aliança, o «arco

²⁶⁷ Cf. Surian, 16-7.

²⁶⁸ Surian atribui à dinâmica interna destes três elementos, presentes ao longo dos principais relatos da Aliança, a denominação de «tripé hermenêutico»: «esses elementos conformam-se em uma inter-relação dinâmica, iluminando-se mutuamente, gerando significados específicos à Aliança». Surian, 14.

²⁶⁹ Surian, 14.

²⁷⁰ «Mas estabelecerei minha aliança contigo e entrarás na arca, tu e teus filhos, tua mulher e as mulheres dos teus filhos contigo» (Gn 6, 18).

²⁷¹ De acordo com Surian, «O coração tem lugar de destaque em alguns textos da Aliança. [...] No AT, o coração é a sede dos sentimentos, mas também é no coração que se planeja e as decisões humanas são tomadas. [...] É no coração de Deus que se vislumbra o destino do mundo». Surian, *Teologia da Aliança e sua relação com a dignidade humana*, 37.

na nuvem» (cf. Gn 9, 14).²⁷² Assim, no arco colorido desenhado no firmamento, cruzam-se o olhar esperançoso do ser humano e o olhar amoroso de Deus.

A saga de Abraão inicia com as bênçãos de Deus, a promessa de uma extraordinária fecundidade (cf. Gn 12, 2) e do dom da terra (cf. Gn 12, 7). Abraão deixa a casa de seu pai convicto da proteção divina (cf. Gn 12, 3). Em seu caminho, por diversas vezes ouve a promessa de Deus e edifica altares. A Aliança é proclamada diversas vezes, mas a promessa é sempre a mesma: dos animais repartidos, passando pela circuncisão até ao pedido do sacrifício de Isaac, a promessa repete-se. Não obstante, é em Gn 17 que a Aliança se apresenta na sua estrutura completa. À semelhança da Aliança com Noé, Deus define os termos da Aliança, dividindo tarefas: «Quanto a mim» (Gn 17, 4); «Quanto a ti» (Gn 17, 9) e define a responsabilidade de cada uma das partes. O compromisso de Abraão e da sua descendência é observar a Aliança e para que se cumpra, todos os homens da casa de Abraão devem ser circuncidados. A circuncisão é o sinal da Aliança, a marca definitiva de Deus no próprio corpo que envolve uma decisão positiva e pessoal.²⁷³ Toda a saga de Abraão é narrada de forma a revelar um Deus que procura um povo e quer estar a seu lado: «Quanto a mim [...] serei o vosso Deus» (Gn 17, 4, 8). «Serei vosso Deus» é, portanto, um dos afazeres de Deus que por meio da Aliança se prende num vínculo eterno: «De geração em geração, uma aliança perpétua» (Gn 17, 7).²⁷⁴

No relato de Moisés, revela-se com maior evidência a imagem de um Deus próximo, comprometido com a história do Seu Povo e que, por isso, através da Aliança, constrói e propõe caminhos para uma vida mais digna. É Moisés que recebe o chamamento de Deus. O episódio da sarça ardente marca a origem da experiência religiosa de Moisés, de encontro com Deus, que culminará com a Aliança entre Deus e Israel. Um espetáculo, cujos sentimentos de maravilha e assombro levam Moisés a reconhecer o mistério sagrado, por conseguinte, expressos na sua atitude de abertura e escuta. É a partir do diálogo com Deus que Moisés fará a sua experiência de Deus e nascerá a confiança para assumir como seu o projeto divino, fazendo da sua experiência religiosa a sua missão: libertar o povo hebreu do Egito e guiá-lo «para uma terra que mana leite e mel» (Ex 3, 8). À semelhança de Moisés, a pedagogia divina também agiu na história do povo de Israel, pois só assim poderia compreender os eventos especiais que marcaram a própria história, ou seja, compreender que era escravo no Egito, acreditar que podia ser livre e professar um Deus único. Com efeito, a libertação do Egito é tão só o início de uma relação íntima entre Deus e Israel e garantia da constituição de um povo,

²⁷² Cf. Surian, 33-43

²⁷³ Cf. Surian, 43-55.

²⁷⁴ Cf. Surian, 50.

o povo de Deus.²⁷⁵ O deserto, o caminho, o sofrimento e alegrias são parte deste processo em que o povo aprende a ser povo de Deus, reconhecendo o Seu nome e o Seu modo de agir no cotidiano da história. Mas é na experiência da privação e das dificuldades que o este entende a importância de honrar a sua relação com Deus, consigo mesmo e com o próximo.²⁷⁶ No Sinai, Deus toma a iniciativa de celebrar a Aliança (cf. Ex 9, 5), prometendo fazer de Israel sua propriedade exclusiva (cf. Ex 19, 5). O povo compromete-se a guardar os dez mandamentos (cf. Ex 20, 1-18), que determinam as principais normas de convivência, condição necessária para uma vida melhor e para que se mantenha a sua continuidade da sua história como povo eleito. A celebração da Aliança, marcada pelo sacrifício de animais, é selada com o sangue do sacrifício aspergido sobre o altar e o povo e termina com uma refeição comum. (cf. Ex 24, 5-11).²⁷⁷

No Novo Testamento, o principal personagem histórico da Aliança é Jesus de Nazaré. Em Jesus é reconhecido o cumprimento das promessas de Deus e de uma Nova Aliança, outrora profetizada. A celebração da Aliança tem lugar na Última Ceia, onde se assume como símbolo a partilha do pão e do vinho.²⁷⁸

Ao final de cada relato as imagens produzidas na mente podem conduzir a uma possível conclusão: as celebrações da Aliança são um pronúncio de esperança em dias melhor, pois estamos diante do Deus da vida que, ao aproximar-se do ser humano, intervém por forma a que a vida se realize e compromete-Se para que seja digna. Nas palavras de Surian:

A Aliança é uma experiência única e sua força está na percepção de continuidade, renovação constante, sempre ao serviço da vida e sensível às necessidades humanas: a Aliança se insere na história humana e contribui para escrever as páginas desta mesma história, a partir da perspectiva de um Deus que se preocupa com a vida e indica caminhos para que ela seja vivida em plenitude.²⁷⁹

O conceito de Aliança traz implícito a noção de intimidade, de encontro e proximidade com Deus. Esta forma de relacionamento entre Deus e o ser humano, narrada desde os primeiros capítulos da Bíblia, é o fio condutor de toda a narrativa bíblica, que se apresenta distinta a cada época, mas fundada sempre sobre o mesmo eixo: «Estarei no meio de vós, serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo» (Lv 26,12). Uma relação dialética e dinâmica, pois fazendo Suas as

²⁷⁵ Cf. Surian, 57-60.

²⁷⁶ Cf. Surian, 107-8.

²⁷⁷ Cf. Surian, 62-6.

²⁷⁸ Os pontos seguintes permitirão aprofundar o estudo da Aliança no Novo Testamento, pelo que se entendeu fazer uma breve referência à mesma.

²⁷⁹ Surian, *Teologia da Aliança e sua relação com a dignidade humana*, 16

mãos do ser humano, Deus realiza na história as transformações necessárias para salvaguardar a dignidade da vida, respondendo no aqui e agora da existência. «Serei o vosso Deus» (Gn 17, 8) ou «Eu serei quem eu serei» (Ex 3, 14) é indício deste processo histórico, sempre em desenvolvimento, que se atualiza no presente, na vida do povo de Deus que se apresenta em construção. Este é, simultaneamente, o desejo e promessa a que Deus se mantém fiel. É um Deus que quer mostrar a Sua fidelidade e, por isso, toma a iniciativa de celebrar Alianças, de manter um vínculo eterno em favor do Seu povo. Este é o alicerce da esperança que fecunda o ser humano, tornando-o capaz de sonhar aquilo que nem sequer é imaginável e de caminhar na vida. Com os olhos da fé o ser humano abre-se à esperança, pois escuta a voz de Deus e aceita a Sua Aliança, aceita a vida e o projeto de Deus. Com efeito, «apesar de, aos olhos mais desatentos, parecer que são diversas as Alianças celebradas por Deus com o seu povo, o que há é uma única Aliança, renovada e lembrada por Deus diversas vezes, correspondendo, a cada vez, às necessidades do povo, sempre em função e em proteção da vida.»²⁸⁰

Na sequência das notas realizadas anteriormente, para alcançar o primeiro objetivo, sugere-se relevante construir uma ponte com a UL «Viver Juntos» e, por isso, retomar as Alianças celebradas por Deus, destacando os principais relatos do Antigo Testamento – Noé, Abraão e Moisés. A exploração destes relatos, que ilustram a promessa de salvação, permitirão rever o tema da Aliança, enfatizando a fidelidade de Deus às Suas promessas e Alianças, bem como a experiência pessoal e comunitária que advém do encontro com Deus. Por outras palavras, rever o ciclo vital que nasce da experiência da Aliança, da relação entre Deus e o ser humano: uma experiência viva e contínua, que a cada encontro com Deus, se renova e reforça a certeza da Sua fidelidade. Um ciclo que, compreendido com os olhos da fé, revela-se uma fonte de esperança para aqueles que confiam na Palavra de Deus e força motriz para que se realizem as transformações necessárias à dignificação da vida. Deste modo, o que se pretende é construir uma base de conhecimentos e, em última instância, de experiências que tornem os alunos capazes de compreender que ao longo da história da salvação, desde o Antigo Testamento até ao Novo Testamento, a fidelidade de Deus é demonstrada repetidamente. Não obstante, considera-se que o estudo da Nova Aliança, num momento inicial, não será determinante para atingir o objetivo «Reconhecer que Deus é sempre fiel à sua aliança». Antes, a proposta prossegue com a exploração de alguns textos bíblicos que não só testemunham e fundamentam a esperança de Israel, como permitem introduzir o tema da Nova Aliança.

²⁸⁰ Surian, 18.

b) Interpretar textos bíblicos sobre a esperança de Israel

O segundo objetivo, «Interpretar textos bíblicos sobre a esperança de Israel», propõe a exploração de uma série de fontes bíblicas, um total de quatro textos, que nos guiam até ao cerne dos conteúdos a tratar. Ou seja, permitem compreender a centralidade do tema da esperança na fé do povo de Israel, desde as promessas feitas aos patriarcas até às profecias sobre a vinda do Messias.

Para este objetivo, são destacados textos do Antigo Testamento, o primeiro remonta à narrativa de Moisés, o segundo é da autoria de Jeremias e os restantes dois, de Isaías. Moisés, Jeremias e Isaías integram a linhagem dos profetas, ou seja, são mensageiros e intérpretes da palavra divina, são enviados de Deus para manifestar a Sua vontade e serem eles próprios sinais através das suas palavras e ações.

Enquanto profetas, o seu papel foi fundamental no desenvolvimento religioso de Israel, mas, igualmente, determinante na esperança de Israel, a esperança que animava o povo de Deus.²⁸¹ São eles que alimentam a confiança num Deus que está atento às necessidades do Seu povo e que, apesar das adversidades, intervém na história e renova as Suas promessas de libertação e salvação.

Por forma a atender ao objetivo supracitado e respetivos conteúdos, serão transcritos os excertos bíblicos propostos no programa, seguidos de um breve comentário.

Êxodo 3, 7-10- Missão de Moisés:

Iahweh disse: «Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu grito por causa dos opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel, o lugar dos cananeus, dos heteus, dos amorreus, dos ferezeus, dos heveus e dos jubeseus. Agora o grito dos israelitas chegou até mim, e também vejo a opressão com que os egípcios os estão oprimindo. Vai, pois, e eu te enviarei a Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os israelitas.» (Ex 3, 7-10)

O primeiro excerto bíblico remonta à saga de Moisés, ao episódio da sarça ardente, momento em que Moisés é chamado por Deus. O que se segue é o primeiro diálogo entre Deus

²⁸¹ De acordo com a *Bíblia de Jerusalém*, cada um dos profetas contribuiu de forma peculiar para o edifício doutrinal. Contribuições estas que se conciliam mediante três linhas orientadoras, aquelas que diferenciam a religião do Antigo Testamento: o monoteísmo, a moral e a espera da Salvação. Cf. *Bíblia de Jerusalém*, 1230-4.

e Moisés, que se traduz num marco do processo de descoberta da vocação de Moisés e na evidência de que existe, por parte Deus, uma opção pelo povo de Israel.²⁸²

Este é também o momento em que Deus comunica a Moisés os seus sentimentos a respeito de Israel, o Seu povo: «Eu vi, eu vi [...] Ouvi [...] conheço [...] Por isso desci [...]». (Ex 3, 7-9) Deus apresenta-se como aquele que vê a aflição e escuta o clamor, ou seja, como o Deus que sofre e se compadece do sofrimento humano. No limite da escravidão israelita aparece a radicalidade de Deus. E, não só escuta como desce, isto é, intervém, para recuperar o povo. Deus aproxima-se do homem no extremo de sua dor, tendo como finalidade: aliviar o peso do sofrimento para poder afirmá-lo como ser humano.²⁸³

Jeremias 31, 31-33 – A Nova Aliança:

Eis que dias virão – oráculo de Iahweh – em que concluirei com a casa de Israel (e com a casa de Judá) uma aliança nova. Não como a aliança que concluí com os teus pais, no dia em que os tomei pela mão para fazê-los sair do Egito – minha aliança que eles próprios romperam, embora eu fosse o seu Senhor, oráculo de Iahweh! Porque esta é a aliança que concluirei com a casa de Israel depois desses dias, oráculo de Iahweh. Porei minha lei no fundo de seu ser e a escreverei em seu coração. Então serei seu Deus e eles serão meu povo. (Jr 31, 31-33)

A Bíblia de Jerusalém, no comentário da alínea *d*, refere-se aos versos transcritos como sendo «o ápice espiritual do livro de Jeremias».²⁸⁴ Um atributo que expressa a novidade da Aliança anunciada pelo profeta, a Nova Aliança.

De alguma forma, o texto de Jeremias aponta uma continuidade com as antigas perspetivas: «a fidelidade dos homens à Lei e presença divina, que assegura aos homens a paz e a prosperidade material (Ez 36, 29-30), ideal que se expressa na fórmula “Eu serei vosso Deus e vós sereis meu povo”.»²⁸⁵ Perspetivas estas que edificam o ciclo vital da Aliança, em particular, daquela que foi celebrada no Sinai. Ciente desta dinâmica e da realidade que o rodeava, o profeta insiste na restauração das esquecidas tradições israelitas do Êxodo e do Sinai.

²⁸² Em Ex 3, 7-10, Deus compromete Moisés com os Seus sentimentos em relação ao povo de Israel. Através das Suas palavras, Deus faz com que Moisés se torne solidário com os Seus sentimentos e com o drama do Seu povo, despertando-o para o esquecimento em que havia caído e dando-lhe a conhecer que quem sofre são os seus irmãos. Deste modo, a experiência religiosa de Moisés que, inicialmente, é individual, transforma-se em missão. Cf. Julio Jaramillo M. Pbro., «La experiencia religiosa de Israel», *Medellín*, vol. 17, n.º 67 (1991): 311.

²⁸³ A propósito de Ex 3, 7-10, Jaramillo refere em nota de rodapé (n.º 65) que o tema da dor é frequente nos primeiros capítulos do Êxodo. A dor permite um modo de relação entre Deus e o ser humano: o homem clama, Deus escuta. Este aspeto qualifica a presença de Yahveh em contraste com outras formas e funções da divindade no Antigo Oriente. Cf. Jaramillo, «La experiencia religiosa de Israel», 311.

²⁸⁴ *Bíblia de Jerusalém*, 1420.

²⁸⁵ *Bíblia de Jerusalém*, 1420.

A promessa de nova Aliança traduz-se numa resposta divina ao fracasso humano: mais uma vez, Deus faz-se próximo pela Sua bondade e Se compadece da miséria humana que advém do rompimento do compromisso assumido pelo povo. E, portanto, a certeza de que, apesar das falhas, Deus ainda os vê como Seu povo e está disposto a restaurar essa relação. Ou seja, a última Palavra de Deus não é o castigo, antes sobrepõe-se o Seu perdão e, por isso, continua a realizar as Suas promessas. «A nova aliança é, por assim dizer, o perdão de Deus que chega ao seu povo; é um entrar do povo no dom de Deus, que confere o perdão sem perguntar pelo arrependimento.»²⁸⁶

Para além da iniciativa divina do perdão dos pecados, uma das novidades da Aliança profetizada por Jeremias é:

[A] interiorização da religião: a Lei deixa de ser a carta puramente exterior para tornar-se inspiração que atinge o «coração» do homem (v. 33; 24, 7; 32, 39), sob a influência do Espírito de Deus, que dá ao homem coração novo (Ez 36, 26-27; Sl 51, 12; cf. Jr 4, 4+), capaz de «conhecer» a Deus (Os 2, 22+). Esta aliança nova e eterna, proclamada [...] pelos últimos capítulos de Isaías (Is 55, 3; 59, 21; 61, 8; cf. Br 2, 35) [...], será inaugurada pelo sacrifício do Cristo [...].²⁸⁷

Ao afirmar que a Lei seria escrita no coração do povo, Jeremias sugere uma transformação interior profunda, «Deus mesmo, sem intermediários, estará no coração de cada um [...]. Trata-se de uma nova espiritualidade!»²⁸⁸ A Lei já não seria apenas um incentivo externo e, portanto, distinta daquela que Deus concluiu com os patriarcas. O que Deus pede é uma religião interior, uma renovação espiritual que supera a simples observância ritual. É a promessa de uma Aliança que supera as anteriores: a promessa de renovação e transformação interior, assente no perdão eterno de Deus, e, por isso, garantia de que Deus não desistiu de Israel. Deus mantém-se atento às necessidades do Seu povo e é fiel à Sua promessa de vida. Esta é a âncora da esperança de Israel que se traduz na expectativa de um futuro diferente, de uma nova era de fidelidade e comunhão, com a Lei de Deus inscrita nos corações do povo. Uma expectativa que está diretamente ligada à esperança messiânica, que se cumpre plenamente no cristianismo através de Jesus Cristo, visto como o mediador da Nova e eterna Aliança.²⁸⁹ Assim,

²⁸⁶ Jacir de Freitas Faria, «Jeremias, o perdão e a nova aliança: esperança ou sonho?», acessado a 27 de agosto de 2024, <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/42-comentario-do-evangelho/642179-jeremias-o-perdao-e-nova-alianca-esperanca-ou-sonho>.

²⁸⁷ *Bíblia de Jerusalém*, alínea «d», 1420.

²⁸⁸ Faria, «Jeremias, o perdão e a nova aliança: esperança ou sonho?»

²⁸⁹ Tal como Isaías e Miqueias, Jeremias, nas suas profecias, vislumbra a chegada de um salvador, o Messias. Mas, enquanto para Isaías ele é Emanuel, «Deus conosco» (Is 7, 14), para Jeremias, «Jahweh é nossa justiça» (Jr 23, 6). Em Jeremias, em particular, no excerto transcrito, o advento do Reino de Deus que será estabelecido e governado

Jeremias, ao valorizar os valores espirituais, «ao manifestar o relacionamento íntimo que a alma deve ter com Deus»,²⁹⁰ não só nutriu a esperança de Israel, como preparou a Nova Aliança cristã.

Isaías 9, 1-6 – A libertação:

O povo que andava nas trevas viu grande luz,
uma luz raiou para os que habitavam uma terra sombria.
Multiplicaste o povo, deste-lhe grande alegria;
eles alegram-se na tua presença como se alegram os ceifadores na ceifa,
como se regozijam o que repartem os despojos.
Porque o jugo que pesava sobre eles, o bastão posto sobre seus ombros, a vara do opressor,
tu os despedaçaste como no dia de Madiã.
Com efeito, todo o calçado que pisa ruidosamente o chão, toda veste que se revolve no
sangue
serão queimadas, serão devoradas pelo fogo.
Porque o menino nos nasceu, um filho nos foi dado,
ele recebeu o poder sobre seus ombros, e lhe foi dado este nome;
Conselheiro-maravilhoso, Deus-forte,
Pai-para-sempre, Príncipe-da-paz,
para que se multiplique o poder, assegurando o estabelecimento de uma paz sem fim sobre
o trono de Davi e sobre o seu reino,
firmando-o, consolidando-o
sobre direito e sobre justiça.
Desde agora e para sempre,
O amor ciumento de Iahweh dos Exércitos fará isto. (Is 9, 1-6)

Se o profeta Jeremias «tornou-se o pai do judaísmo na sua linha mais pura»²⁹¹ devido à sua doutrina de uma nova Aliança firmada sobre a religião do coração, Isaías é «o grande mensageiro da esperança».²⁹²

Isaías começa por apresentar a condição de Israel, que enfrentava situações de exílio, guerra e opressão. Israel é o povo que se encontrava nas trevas, isto é, em sofrimento,

na terra pelo Messias, acompanha as perspectivas de prosperidade e poder material, supõe um clima espiritual de conversão interior, perdão divino (Jr 31, 31-34) e conhecimento de Deus (Jr 31, 34). Cf. *Bíblia de Jerusalém*, 1235-6.

²⁹⁰ *Bíblia de Jerusalém*, 1240.

²⁹¹ *Bíblia de Jerusalém*, 1240.

²⁹² Papa Francisco, «Audiência Geral - Quarta-feira, 7 de dezembro de 2016: Esperança e Advento», acessado a 10 de julho de 2024, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20161207_udienza-generale.html

injustiçado e sem esperança.²⁹³ Porém, «uma grande luz» (v. 1) indica algo de extraordinário. E tal como se sucedeu «no dia de Madiã»²⁹⁴ (v. 3), a luz penetrará na escuridão e renovará a vida do povo. Deus irá libertar Israel e estabelecerá a paz, despedaçando «o jugo que pesava sobre eles, o bastão posto sobre seus ombros, a vara do opressor» (v. 3) e queimando todo o equipamento guerreiro.²⁹⁵

A grandeza desta luz não só traduz a intervenção divina, mas também a magnitude e o alcance da transformação esperada, que só poderá ocorrer por meio da intervenção divina, da luz. A luz é a graça do amor de Deus que ilumina e guia o Seu povo na esperança da realização da Sua promessa: a vinda do Messias que inaugurará uma era de felicidade inaudita, dirigida a todos «os que habitavam uma terra sombria» (v. 1). Está disponível para todos aqueles que anseiam por ela e procuram a redenção, lembrando que a luz de Deus é destinada a todos os homens e mulheres de esperança.²⁹⁶

«Porque o menino nos nasceu, um filho nos foi dado» (v. 5) é o sinal da promessa de Deus, da Sua ação em favor de Israel. A figura do menino é por si só um sinal de esperança, pois «o nascimento é sempre fonte de esperança, é a vida que desabrocha, é a promessa de futuro.»²⁹⁷ Este «menino» é o Messias, ao qual são atribuídos magníficos títulos, declarações poderosas da sua natureza e missão: «Conselheiro-maravilhoso» cuja sabedoria é incomparável, «Deus-forte» cujo poder é ilimitado, Pai da eternidade que transcende o tempo e «Príncipe-da-Paz» que traz reconciliação e harmonia. Esta é a imagem do salvador, descendente de Davi, cujo governo eterno assegurará a justiça e a paz duradoura. O seu reino será de «paz sem fim», justiça e retidão (v. 6). O Messias é a resposta divina às necessidades humanas.

No contexto cristão, o excerto de Isaías é interpretado como uma prefiguração do nascimento de Jesus Cristo, revelado como a própria luz do mundo (Cf. Jo 8, 12), cujo reino de justiça e retidão está disponível para todos os que nele confiam, oferecendo a esperança de uma

²⁹³ Francisco, «Audiência Geral - Quarta-feira, 7 de dezembro de 2016: Esperança e Advento».

²⁹⁴ A referência ao «dia de Madiã» evoca a vitória de Gedeão sobre os madianitas com um pequeno exército (Jz 7), sublinhando que a libertação do povo não depende da força humana, mas sim da intervenção divina.

²⁹⁵ Interessante será notar que Isaías, à semelhança do primeiro excerto transcrito (Ex 3, 7-10), surge a referência ao elemento fogo como representação simbólica de Deus. Mas enquanto na narrativa de Moisés, o fogo não se consome, significando a presença e autossuficiência de Deus. Cf. Elisabete Maria Batista Rodrigues, *Esperança, o dom de ver para além do visível. Uma proposta à luz da Unidade Letiva 2 do 5.º ano*, Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada, (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa Faculdade de Teologia, 2019), 115. Em Isaías, a linguagem do fogo surge como ação purificadora de Deus: «todo o calçado que pisa ruidosamente o chão, toda veste/ que se revolve no sangue/ serão queimadas, serão devoradas pelo fogo». (Is 9, 4)

²⁹⁶ O versículo «uma luz raiou para os que habitavam uma terra sombria» (Is 9, 1) traz implícita uma mensagem de que é reforçada com a chegada do «menino», o Messias prometido - «Porque o menino nos nasceu, um filho nos foi dado» (Is 9, 5).

²⁹⁷ Francisco, *O meu presépio – Vou falar-vos das personagens do Natal*, 21.

vida transformada e a salvação. Neste sentido, Jesus é o Messias prometido, o cumprimento das promessas de Deus, que inaugura o Reino de Deus.

Isaías 11, 1-9 – O descendente de Davi:

Um ramo sairá do tronco de Jessé,
um rebento brotará de suas raízes.

Sobre ele repousará o espírito de Iahweh,
espírito de sabedoria e de inteligência,
espírito de conselho e de fortaleza,
espírito de conhecimento e de temor a Iahweh:

no temor de Iahweh estará a sua inspiração.

Ele não julgará segundo a aparência.

Ele não dará sentença apenas por ouvir dizer.

Antes, julgará os fracos com justiça,
com equidade pronunciará sentença em favor dos pobres da terra.

Ele ferirá a terra com o bastão da sua boca,
e com o sopro dos seus lábios matará o ímpio.

A justiça será o cinto dos seus lombos
e a fidelidade, o cinto dos seus rins.

Então o lobo morará com o cordeiro,
e o leopardo se deitará com o cabrito.

O bezerro, o leãozinho e o gordo novilho andarão juntos
e um menino pequeno os guiará.

A vaca e o urso pastarão juntos,
juntas se deitarão suas crias.

O leão se alimentará de forragem como o boi.

A criança de peito poderá brincar junto à cova da áspide,
a criança pequena porá a mão na cova da víbora.

Ninguém fará o mal nem destruição nenhuma em todo o meu santo monte,
porque a terra ficará cheia do conhecimento de Iahweh, como as águas cobrem o fundo do mar. (Is 11, 1-9)

«O descendente de Davi» é, na Bíblia de Jerusalém, o «título» que encabeça o poema de Isaías.²⁹⁸ Uma referência que nos aponta, desde logo, para os primeiros versículos do texto

²⁹⁸ Na sequência do ensaio de Mauro Negro, surge em nota de rodapé (n.º 25) um comentário interessante quanto aos «títulos» que iniciam a perícopes bíblicas: «o que modernamente se chama de título são as primeiras palavras dos textos. Os “títulos” que estão nas Bíblias e que já estão confirmados pelo uso, são atribuições feitas pelas tradições canônicas». Negro, «O justo José – A vocação de José, no relato de Mateus», 118. A propósito do mesmo tema, segue ainda outra nota (n.º 26): «o título do Evangelho indica o que o texto deseja apresentar e para tanto vai desenvolver como argumentação». Negro, «O justo José – A vocação de José, no relato de Mateus», 118. A

e conteúdo a tratar: «um descendente (ou descendência), que será o agente humano dotado pelo sopro de YHWH, que estabelecerá um reinado paradisíaco, sustentado pelas colunas da justiça, sabedoria, equidade, igualdade e paz.»²⁹⁹ Entendido na linha do profetismo messiânico, poderá ser compreendido não só como uma alusão à identidade do Messias, mas também como uma mensagem de esperança.

Nos primeiros versículos, o profeta começa por centrar a sua atenção na descrição da origem do ramo-rebento e, portanto, algo insignificante, mas cujo tronco do qual «sairá» é vivificado por uma seiva perene, a Promessa de Deus.³⁰⁰ Este ramo-rebento apresenta as seguintes características: será descendente de Jessé (v. 1.); estará cheio do Espírito de Iahweh (v. 2); fará reinar sobre os homens a justiça (v. 3); será uma justiça para «os pobres da terra» (v. 4); e irá distinguir-se pela sua justiça (v.5). Segundo Murillo, trata-se de uma imagem elementar, simples, mas, ao mesmo tempo, apta para expressar com clareza o que o autor deseja comunicar. É um rebento que surge de um tronco do qual nada se espera; a esperança nasce ali onde aparentemente não há esperança.³⁰¹

A partir da imagem do ramo-rebento, Murillo depreende que a origem do consolador do povo tem uma origem humilde, é alguém que experimenta na sua própria carne o mesmo sofrimento que os seus irmãos. Neste sentido, faz notar que o profeta não se refere diretamente a Davi, mas ao pai deste: Jessé.³⁰² Uma referência, entendida por alguns especialistas, como uma fórmula de humildade e reconhecimento das suas origens humildes.³⁰³

Concomitantemente, também é possível afirmar que esta imagem alude a um líder carismático (o Messias), uma vez que este é dotado de Espírito, e que segundo o antigo ideal carismático de liderança é aplicado a uma personalidade régia.³⁰⁴ É, pois, a presença do Espírito que o caracteriza e, ao mesmo tempo, o distingue como futuro líder do povo (v. 2). As características são apresentadas em três pares de dons: sabedoria e inteligência; conselho e

alusão ao ensaio de Negro surge no seguimento da referência direta ao título do texto bíblico, feito no corpo do trabalho. Não obstante, parece evidente que os comentários tecidos pelo referido autor se aplicam aos restantes textos da Bíblia.

²⁹⁹ Omar João da Silva, «Os símbolos de uma utopia paradisíaca em Is 11, 1-9», *Estudos Bíblicos*, v. 35, n. 139 (2018): 308-9.

³⁰⁰ Cf. Luís Carlos Jaime Murillo, «Isaías 11: forma y significado. Un canto de paz y de esperanza», *Revista de Cultura Teológica*, n. 4 (1993): 51.

³⁰¹ Cf. Murillo, «Isaías 11: forma y significado. Un canto de paz y de esperanza», 53.

³⁰² *A Bíblia de Jerusalém* faz o seguinte comentário sobre Jessé na alínea «b»: «Pai de Davi (1Sm 16, 1s; cf. Rt 4, 22) e antepassado de todos os reis de Judá e do Messias (cf. Mt 1, 6-16).»

³⁰³ Cf. Murillo, «Isaías 11: forma y significado. Un canto de paz y de esperanza», 60.

³⁰⁴ Na verdade, é difícil uma posição segura acerca da personalidade a que Isaías se refere. Esta perspetiva torna-se clara quando consultamos o artigo de Omar João da Silva. Cf. Silva, «Os símbolos de uma utopia paradisíaca em Is 11, 1-9», 309-10.

fortaleza; conhecimento e temor a Yahveh. Esta é a listagem de dons³⁰⁵ que celebra a plenitude do Espírito de Deus que habitará o líder ideal, capacitando-o para cumprir a sua missão divina: administrar a justiça (v. 5). E, portanto, implementar uma nova forma de governo, sendo que os principais assuntos do seu julgamento são os pobres e humildes da terra, ou seja, aqueles que geralmente têm menor interesse para as classes dominantes.

Os v. 3-5 encerram o primeiro bloco de nossa perícopes informando-nos da eficácia e das qualidades que a dotação do sopro de YHWH proporciona. É aqui que a teologia do redator/compilador fica evidente. O poema nos conduz à expressão temor de YHWH, sem o qual a utopia do futuro paradisíaco será impossível de acontecer. Claro que, na perspectiva de Isaías, esse futuro é certo, pois é o próprio YHWH que o estabelecerá.³⁰⁶

Nos versículos seguintes (v. 6-9), o vocabulário deixa de ser jurídico e punitivo e começa a descrever a harmonia entre os seres que habitam a terra ou, dito de outro modo, «um mundo mitológico paradisíaco».³⁰⁷ Isaías serve-se do contraste entre animais selvagens e domésticos, predador e presa, para oferecer a visão de um mundo transformado pela paz e pela harmonia. Esta visão simbólica recorda que, sob o governo do novo líder, a violência e a divisão serão dissipadas e o mundo retornará à paz paradisíaca. Afinal, não é apenas a natureza do opressor que se transforma, tornando-se um membro pacífico; a das presas também muda, pois, o medo deixa de ser a atitude predominante dos fracos e vulneráveis. Como refere João Omar da Silva:

Esses versos finais complementam o anúncio do reino restaurado, assegurado pela presença do próprio YHWH. Com isso, a nossa perícopes apresenta o que parece ser recorrente nos oráculos de Isaías, isto é, o plano de YHWH para uma nova ordem universal, em razão do seu caráter de julgamento e restauração, conectado às ideias de paz e segurança.³⁰⁸

No contexto cristão, as palavras de Isaías encontram o seu cumprimento na pregação e ação de Jesus, descendente de Abraão e da casa de Davi (cf. Mt 1, 1-17). Jesus é o «rebento», Deus que desce na pequenez, um menino nascido no estábulo de Belém. Aquele em quem os dons do Espírito de Deus se realizam na sua plenitude, que agiu com justiça, sabedoria e compaixão durante toda a sua vida e ministério. Ele é o Salvador Messias que inaugurou o Reino Deus na terra.

³⁰⁵ A *Bíblia de Jerusalém* refere no comentário da alínea «d» que: «a enumeração destes dons pela Setenta e pela Vulgata (que acrescem a “piedade” por desdobramento do “temor a Iahweh”) tornou-se a nossa lista dos “sete dons do Espírito Santo”.» *Bíblia de Jerusalém*, 1272.

³⁰⁶ Silva, «Os símbolos de uma utopia paradisíaca em Is 11, 1-9», 310.

³⁰⁷ Silva, 311.

³⁰⁸ Silva, 311.

Ao longo dos comentários tecidos em torno dos textos bíblicos, pontos de referência para tratar os conteúdos programáticos do objetivo «Interpretar textos bíblicos sobre a esperança de Israel», tornou-se evidente que para o povo de Israel a esperança não era uma mera expectativa vaga, mas uma profunda confiança na fidelidade de Deus às Suas promessas, não obstante o fracasso humano. Neste sentido, esta esperança manifestava-se na certeza de que Deus, em Sua Aliança eterna, cumpriria as Suas promessas de redenção e salvação.

É certo que a ação e pregação profética surge em momentos de crise, denunciando e alertando o povo a cada quebra do compromisso com Deus, que resulta na perda dos benefícios da promessa divina. Mas, é igualmente certo que diante da dor, da ameaça de decadência da convivência e da vida dos mais fracos, Deus não só se compadece do sofrimento humano, como está pronto a intervir para recuperar a relação com o Seu povo, afirmando-o como ser humano. Neste sentido, são as palavras dos profetas, imbuídas do Espírito de Deus, que ao anunciar a promessa de uma nova Aliança e da chegada do Messias, reafirmam o compromisso de Deus e mantêm viva a esperança do povo num futuro próspero e pacífico. Deus revela-se atento às necessidades do seu Povo, agindo em conformidade com as mesmas.

Outra evidência é também a relação que existe entre as visões proféticas e a visão cristã do Novo Testamento, por meio da qual é possível compreender como as promessas de Deus encontram o seu cumprimento em Jesus Cristo. Na narrativa de Moisés, a promessa de libertação do povo da opressão egípcia antecipa a redenção final de Deus por meio de Jesus, que também responde às necessidades humanas, libertando-a do pecado e da morte. Em Jeremias, a nova Aliança cuja lei seria inscrita no coração do povo realiza-se através de Jesus Cristo, que inaugura uma nova relação entre Deus e a humanidade, marcada pela graça e transformação interior. Por fim, os textos de Isaías apontam para o nascimento de um menino, um líder vindo da linhagem de Davi, cheio do Espírito de Deus, que trará a justiça e harmonia universal. No Novo Testamento, esta profecia também encontra o seu cumprimento em Jesus, o Messias que inaugura o Reino de Deus, onde a paz e a justiça prevalecerão eternamente. Com efeito, os profetas não só prepararam da Nova Aliança cristã, como a realização das suas profecias no Novo Testamento, sublinham a continuidade do plano de salvação de Deus.

Na lecionação do segundo objetivo, importa ter presente que qualquer um dos textos propostos e respectivos profetas, reforçam, de forma peculiar, o fundamento da esperança de Israel, acrescentando pistas que guiarão os alunos até aos restantes objetivos. De igual modo, mediante um exercício de comparação, promovem uma reflexão sobre o papel dos profetas e da esperança nos dias de hoje, estimulando questões como, por exemplo: será que também nós

podemos ser profetas? O que significa ser profeta nos dias de hoje? Será que a esperança é uma constante nas nossas vidas? E de que forma se manifesta? Qual a sua importância?

Neste contexto, surge ainda outro aspeto relevante que tem que ver com a gestão do tempo e as características cognitivas dos alunos: atendendo à faixa etária dos alunos, caracterizada por uma capacidade de abstração ainda reduzida e, portanto, pelo entendimento literal da mensagem simbólica,³⁰⁹ o processo de interpretação dos textos bíblicos prevê-se moroso. Assim, o número de textos e a pertinência dos respetivos conteúdos a serem explorados devem ser ponderados tendo em vista o todo e não apenas a soma das partes.

c) Reconhecer em Jesus a nova Aliança de Deus com a Humanidade

O objetivo «Reconhecer em Jesus a nova Aliança de Deus com a Humanidade» é um convite a mergulhar no epicentro da fé cristã: compreender como, através de Jesus, Deus realiza as Suas promessas e Se aproxima da humanidade de maneira definitiva e transformadora.

Os conteúdos alusivos ao referido objetivo apontam para duas linhas mestras. A primeira, evoca o nascimento de Jesus, descrito no Evangelho de Mateus (Mt 1, 18-25), como evento a partir do qual a Palavra e amor de Deus se tornam palpáveis e presentes na história humana. A segunda, remete para o culminar dessa proximidade de Deus: a Nova Aliança instituída por Jesus na Última Ceia, conforme ilustrado nos relatos de Mateus (Mt 26, 26-28) e Lucas (Lc 22, 20), onde Jesus se apresenta como cumprimento da esperança de Israel.

Tendo em vista o itinerário proposto no presente objetivo, far-se-á o aprofundamento dos conteúdos a partir da exploração dos relatos bíblicos anteriormente referidos.

Mateus 1, 18-25 – José assume a paternidade legal de Jesus:

A origem de Jesus Cristo foi assim: Maria, sua mãe, comprometida em casamento com José, antes que coabitassem, achou-se grávida pelo Espírito Santo. José, seu esposo, sendo justo e não querendo denunciá-la publicamente, resolveu repudiá-la em segredo. Enquanto assim decidia, eis que o Anjo do Senhor manifestou-se a ele em sonho, dizendo: «José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, pois o que nela foi gerado vem do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho e tu o chamarás com o nome de Jesus, pois ele salvará o seu povo dos seus pecados.» Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor havia dito pelo profeta:

Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho

³⁰⁹ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 166.

e o chamarão com o nome de Emanuel.

o que traduzido significa: “Deus está conosco”. José, ao despertar do sono, agiu conforme o Anjo do Senhor lhe ordenara e recebeu em casa sua mulher. Mas não a reconheceu até ao dia em que ela deu à luz um filho. E ele o chamou com o nome de Jesus. (Mt 1, 18-25)

A perícopes de Mateus parece remeter, desde logo, aos eventos que antecedem o nascimento de Jesus. Contudo a profundidade da mensagem do evangelista vai muito mais além do simples relato literal destes eventos.³¹⁰ A Anunciação a José é, antes de mais, um testemunho pós-pascal da fé eclesial, uma declaração da adesão ao Mistério de Jesus Cristo. E, neste sentido, Mateus recorre às informações teológicas presentes na literatura narrativa e profética para apresentar a novidade do nascimento do Messias, Jesus.³¹¹

Partindo da abordagem de Mauro Negro, a figura de José é fundamental para compreender o texto mateano, pois «perdendo, José, quem mais perde é Jesus, pois aquele determina grande parte da identidade (Pessoa e Missão) deste.»³¹² Através de José é confirmada a messianidade de Jesus, e, portanto, a sua identidade dentro da história da Salvação, «pois o liga às tradições davídicas e abraâmicas.»³¹³ Aliás, ao integrar Mt 1, 18-25 na secção de «aberturas» do Evangelho de Mateus, terá de se levar em conta que em Mt 1, 1 é já introduzido o tema teológico de fundo, a «origem de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão.» (Mt 1, 1): «Jesus Cristo é o Messias, isto é, o Cristo, e [...] está inserido na história do Povo da Aliança, é o cumprimento da mesma Aliança e por isso é o filho de Davi e filho de Abraão.»³¹⁴

José é o «justo».³¹⁵ Um atributo deveras importante e sobre o qual se alinham vários elementos. A crise que se desencadeia com a gravidez de Maria (v. 19), é também o momento em que José recebe o chamamento de Deus, por meio do «Anjo de Senhor» que se manifestou em sonho (v. 20-23). Na anunciação noturna, José não só escuta a verdade divina sobre a vocação de Maria, sua esposa, como descobre a sua própria vocação. A maternidade de Maria é obra do Espírito Santo, do Deus da Aliança que acompanha Israel desde as suas origens. Por

³¹⁰ Negro faz algumas considerações dignas de serem aqui apontadas: 1) O texto de Mateus é do tipo midráxico e como tal não deve ser lido de modo «plano». Cf. Negro, «O justo José – A vocação de José, no relato de Mateus», 115; 2) A denominação de «Evangelhos da infância», na qual é incluída o texto de Mt 1, 18-25, não parece a mais adequada, já que limita a expressão do conteúdo e género do texto. Neste contexto, o autor apresenta quatro pontos para sustentar a sua posição (que não serão aqui descritos), propondo uma nova abordagem: que se chame de «aberturas» esta secção dos Evangelhos canónicos. Cf. Negro, 117-8.

³¹¹ Cf. Negro, 114.

³¹² Negro, 114.

³¹³ Negro, 115.

³¹⁴ Negro, 118.

³¹⁵ «Justo» é a característica que determina a sua identidade (Pessoa e Missão): enquanto homem do Deus da Aliança, ele «deve estar disposto a viver a intensidade da Aliança.». Negro, 115. Com efeito, a noção de justiça, tal como é compreendida pela modernidade, não encontra correspondência, nomeadamente, quando confrontada com as expressões das quais deriva. Neves dedica grande parte do seu trabalho ao aprofundamento deste conceito com intuito de descobrir a figura de José. Cf. Negro, 122-37.

sua vez, José é chamado a um profundo ato de fé diante do Mistério que lhe é apresentado, a participar na Economia da Salvação que o introduz no Mistério da maternidade de Maria, garantindo, assim, a proteção paterna de Jesus. É a justiça de José que o faz assumir a proposta da paternidade legal de Jesus, determinando, assim, a origem deste.³¹⁶ «José está em função de continuar a herança recebida dos seus pais, os Patriarcas e homens santos da História de Israel, e fazê-la progredir na história que se inicia com a vinda do Messias [Jesus] [...] ele é o herdeiro de Abraão e Davi, que aparecem encabeçando a genealogia de Jesus. Este é o seu modo de declarar sua adesão ao Mistério do Deus da Aliança.»³¹⁷ Ele é a representação do Patriarca que responde afirmativamente à Aliança e conduz a sua família ao cumprimento da mesma.³¹⁸ E, por conseguinte, «enraíza Jesus na História de Israel e na esperança do Povo de Deus [...] [José] é o portador da herança religiosa de Jesus.»³¹⁹

A seu tempo, parece evidente a atenção do evangelista ao facto de que na vida de Jesus, ainda antes do seu nascimento, tudo se desenrolou em conformidade com um plano preestabelecido por Deus. A fórmula «isso aconteceu para que se cumprisse» (v. 23), acompanhada da referência ao texto de Isaías, reafirma a unidade e continuidade do projeto de Deus, que se cumpre em Cristo.

O esquema narrativo adotado pelo evangelista para descrever as várias vicissitudes é o de introduzir sempre uma aparição angélica que assinala a presença extremosa de Deus sobre José e a sua família, acrescentando uma citação do Antigo Testamento, para assim mostrar como a vida de Jesus está inserida e torna-se a meta de plenitude de toda a história da salvação.³²⁰

Jesus é o Filho de Deus, concebido pelo Espírito Santo, «trata-se de um Filho que - segundo a promessa divina - realizará plenamente o que este nome significa: Jesus - *Yehosua*, que quer dizer “Deus salva”.»³²¹ Ele é o cumprimento das promessas messiânicas anunciadas pelos profetas: o Filho da Virgem, o «Emanuel» que significa «Deus está conosco» (v. 23), cujo nascimento é o sinal da radical proximidade e amor de Deus. Nele «o Verbo se fez carne, e

³¹⁶Ao considerar que a perícopa de Mateus é a descrição da origem de Jesus (v. 18), Negro aponta a necessidade de olhar semanticamente o termo «origem»: «Este conceito [...] perpassa toda a Escritura. “Origem” tem a ver com a Criação e esta é ato absoluto de Deus. “Origem” tem a ver também com “ordem”: quando o que acontece, acontece conforme a sua natureza ou conforme a ordem natural para a qual foi criado.» Negro, 122.

³¹⁷Negro, 123.

³¹⁸Cf. Negro, 137.

³¹⁹Negro, 137.

³²⁰Gianfranco Ravasi, «José: Retrato essencial do pai legal de Jesus», trad. Rui Jorge Martins, acedido a 24 de julho de 2024, https://www.snpcultura.org/jose_retrato_essencial_do_pai_legal_de_Jesus.html

³²¹Papa João Paulo II, «Exortação Apostólica *Redemptoris Custos* – sobre a figura e a missão de São José na vida de Cristo e da Igreja», n.º 3, acedido a 24 de julho de 2024, https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html

habitou entre nós» (Jo 1, 14), a Palavra eterna do Pai encontra a natureza humana para estar conosco e em nós, por isso, faz-Se homem e manifesta a Sua graça, trazendo salvação e estabelecendo uma nova relação com a humanidade, de comunhão com Deus. Assim, o nascimento de Jesus é o sinal que inaugura um novo tempo em que o amor e a Palavra de Deus não são distantes ou abstratos, mas presentes e acessíveis a todos. É o sinal da Nova Aliança.

Mateus 26, 26-28 – Instituição da Eucaristia:

Enquanto comiam, Jesus tomou um pão e, tendo-o abençoado, partiu-o e, distribuindo-o aos discípulos, disse: «Tomai e comei, isto é o meu corpo». Depois, tomou um cálice e, dando graças, deu-o a eles, dizendo: «Bebei dele todos, pois isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que é derramado por muitos para remissão dos pecados.» (Mt 26, 26-27)

Lucas 22, 20 – Instituição da Eucaristia:

E, depois de comer, fez o mesmo com a taça, dizendo: «Essa taça é a Nova Aliança em meu sangue, que é derramado por vós». (Lc 22, 20)

As passagens bíblicas acima transcritas assinalam o evento da Última Ceia, mais tarde conhecido como a Instituição da Eucaristia, onde surge de forma significativa, no discurso de Jesus, o termo «Nova Aliança», permitindo uma releitura deste evento no contexto da Aliança.³²²

A Última Ceia é a ceia que juntou Jesus e os discípulos em torno de uma mesa para cumprir com o preceito estipulado por Deus: «Este dia será para vós um memorial, e o celebrareis como uma festa para Iahweh; nas vossas gerações a festejareis; é um decreto perpétuo.» (Ex 12, 14). Portanto:

[A]contece dentro da celebração da Páscoa que, por sua vez, era, por excelência, a celebração da libertação da escravidão do Egito, início da caminhada para o encontro com Deus no Sinai onde foi celebrada a Aliança com o Senhor. Toda a superposição de eventos, festas, memórias e celebrações ganham novo sentido nas mãos de Jesus, com o pão e o vinho repartidos e com a sua morte e sua ressurreição.³²³

³²² A celebração da Última Ceia é um acontecimento ímpar no Novo Testamento: para além das várias passagens bíblicas (Cf. Mt 26, 26-29; Lc 22, 14-20; 1Cor 11, 23-25; Jo 13, 1-30) onde a cena é descrita e lembrada, este momento, a fazer-se presente na vida da comunidade cristã até aos dias de hoje: «por mais de dois mil anos, os cristãos continuam reunindo-se em torno do altar para celebrar a Eucaristia, lembrando as palavras e gestos de Jesus em sua Última Ceia.» Surian, *Teologia da Aliança e sua relação com a dignidade humana*, 87.

³²³ Surian, 88.

É sob a luz do memorial dos acontecimentos do Êxodo que Jesus estabelece uma Nova Aliança, ou melhor, renova a Aliança realizada por Deus, no Antigo Testamento. A Última Ceia revela a intenção de celebrar uma Aliança, sendo que o contexto em que é celebrada (da Páscoa) evidencia o seu vínculo com a tradição da Aliança do Antigo Testamento. Neste sentido, importa referir que no capítulo 24, do Êxodo, o ritual da Aliança inclui três elementos que poderão clarificar esta relação: a Palavra, a ceia em comum e o sangue.³²⁴

A Palavra de Deus é a base da Aliança, pois sem a primeira não existe a segunda, «os termos Aliança e Palavra de Deus são equivalentes.»³²⁵ E «a festa da Aliança que Jesus preparou é um memorial de fidelidade à Palavra, o mesmo que dizer de lealdade à Aliança.»³²⁶ Neste contexto, o pão, simbolicamente identificado como corpo de Jesus, distribuído para ser «acolhido e comido», só poderá ser compreendido através da Palavra e vice-versa. É através de Jesus que a Palavra pode ser compreendida, integrada e praticada.

A ceia em comum é um costume que procede o selar de uma Aliança, por isso, os israelitas «comiam e bebiam» (Ex. 24, 11) depois da cerimónia da Aliança do Sinai. A seu tempo, a Última Ceia é o banquete messiânico, através do qual Jesus pretende satisfazer a fome e a sede dos que nele acreditam e nele permanecem, pois, «a partir daquele momento, o pão se torna no corpo e o vinho novo, no sangue de Cristo, os alimentos do corpo e do espírito.»³²⁷

A cerimónia da Aliança também pressupõe um ritual de sangue. Em Ex. 24, 6-8, o sangue do sacrifício é aspergido sobre o altar, que representa Deus, e sobre o povo.

[Esta ação] tem um sentido revigorante, aponta para a esperança, reaviva as energias para continuar a caminhada. Dividir o sangue do sacrificio com Deus significa dizer que Deus [...] está próximo. [...]. Partilha a vida (o sangue do sacrificio) com o povo. Receber o sangue em aspersão pode ter o significado, para o povo no deserto, de estar recebendo sobre si a «vida nova de Deus».³²⁸

Contudo, agora, Jesus diz: «Quem come minha carne e bebe meu sangue permanece em mim, e eu nele.» (Jo 6, 56) Assim, na Última Ceia, ao identificar simbolicamente o pão e o

³²⁴ Importa referir que apesar do texto bíblico do Êxodo constituir-se aqui uma referência a partir da qual se estabelece uma relação entre os acontecimentos da história do Povo de Israel, em particular, da Aliança celebrada no Sinai e os gestos e palavras de Jesus na Última Ceia, também as palavras dos profetas encontram o seu cumprimento neste último evento.

³²⁵ Nicoletta Crosti, *O Convite da Nova Aliança (A Celebração da Eucaristia)*, Caderno 8, trad. Tomázia Santa Clara (s.l: Fundação Betânia, 2005), 6.

³²⁶ Crosti, *O Convite da Nova Aliança (A Celebração da Eucaristia)*, 6.

³²⁷ Rodrigues, *Esperança, o dom de ver para além do visível. Uma proposta à luz da Unidade Letiva 2 do 5.º ano*, 116.

³²⁸ Surian, *Teologia da Aliança e sua relação com a dignidade humana*, 66.

vinho com o seu corpo e o seu sangue, Jesus antecipa a sua paixão e morte na cruz e sua ressurreição; o sacrifício único e definitivo, realizado por fidelidade à Aliança para redenção e salvação da humanidade. O cálice, sangue de Jesus, é a novidade da Aliança.

É o elemento que faz nova a aliança com Deus, dá um salto qualitativo já predito em Jeremias e Ezequiel: «...diz o Senhor, [...] farei uma nova aliança [...] vou gravar a minha lei dentro deles, vou escrevê-la nos seus corações» (Jr 31, 31-33) e «vou dar-vos um novo coração e um novo espírito [...] vou pôr o meu espírito em vós» (Ez 36, 25-28).³²⁹

A Nova Aliança traz a proposta de uma transformação interior, de uma vida nova entregue pelo Espírito de Jesus que «é o Espírito que o Pai dera ao Filho no Jordão e que Jesus dá agora àqueles que acreditam nele, para que o Espírito permaneça neles com todos os seus dons. Jesus entra no nosso foro íntimo “entregando-nos” o seu Espírito, que é o Espírito Santo.»³³⁰ Assim, a Nova Aliança, o caminho para alcançar a vida eterna, é a Aliança no Espírito Santo. Com efeito, o sangue derramado para remissão dos pecados não é tão só a expressão do sentido redentor da cruz, o sangue do resgate e libertador, fazendo de Jesus o Salvador, é também o sangue da Nova e eterna Aliança.

Deste modo, na perspectiva da Aliança, é possível afirmar que a Páscoa também passou a ser o momento da celebração da Nova Aliança, ainda que isto não signifique que esteja concluída.³³¹ Antes, apresenta-se como marco inicial de um processo que exprime uma relação dinâmica do homem com Deus, de um Povo com o Deus que o escolheu, lembrando continuamente o homem da sua dignidade, que é imagem e semelhança de Deus.³³²

Portanto, «Reconhecer em Jesus a Nova Aliança de Deus com a humanidade» significa reconhecer em Jesus o cumprimento do plano salvífico de Deus e a realização da esperança de Israel. Uma esperança alimentada ao longo de séculos de história e profecias que encontra em Jesus a encarnação da Palavra e do amor de Deus, o Messias prometido, descendente de Davi, que inaugura uma nova dinâmica relacional entre Deus e a humanidade. Com efeito, ao atender

³²⁹ Crosti, *O Convite da Nova Aliança (A Celebração da Eucaristia)*, 7.

³³⁰ Crosti, 8.

³³¹ Uma das características da Aliança no Antigo Testamento tem que ver com facto de não ser apresentada, celebrada e consumada num único momento. Esta evidência verifica-se nos três principais relatos de Noé, Abraão e Moisés: «há sempre um longo tempo de preparação que, de alguma forma, já integra o contexto necessário para a celebração da Aliança. [...] A “berit” com Noé foi precedida pela construção da Arca e todo o tempo do dilúvio. Com Abraão, os longos dias de sua vida, a ponto de sua esposa “sorrir” ao saber que ainda teria um filho para que se realizasse a promessa de uma grande descendência. Com Moisés e o povo no Sinai, toda a vida de Moisés, o longo confronto com o Faraó e depois a caminhada e sofrimento no deserto antecederam o desfecho do Monte Sinai. Em cada um destes eventos, houve um tempo precioso que se distendeu antes que se pudesse selar a Aliança.» Surian, *Teologia da Aliança e sua relação com a dignidade humana*, 89.

³³² Cf. Surian, 89.

à AE «Saber que o Natal é a celebração do Nascimento de Jesus e a realização da esperança cristã» que encontra correspondência implícita com o referido objetivo, acresce a consciência de que, para os cristãos, a celebração do Natal marca um evento importante para a humanidade: não se reduz tão só à celebração do nascimento de Jesus, é, em primeiro lugar, o início da redenção, consumada na Sua morte e ressurreição.

d) Compreender o sentido do Advento

O objetivo «Compreender o sentido do Advento», visando o conteúdo «O Advento: tempo de espera e esperança», é um convite a viver este tempo fundamental do ano litúrgico, que nos prepara para o Natal, e devido a esta preparação é um tempo de espera e de esperança.

O Advento é o primeiro dos cinco tempos do ano litúrgico, a partir do qual a Igreja inicia, em cada ano, um novo itinerário de fé.³³³ Correspondendo aos quatro domingos que antecedem o Natal, tem início num domingo, próximo do final de novembro, e finda na véspera de Natal.³³⁴ Muito embora o tempo do Advento seja o primeiro elemento proposto pelo atual Ciclo de Natal, dentro do ano litúrgico, cronologicamente, o seu surgimento data do século IV, ou seja, ele foi o último elemento a compor este Ciclo. De acordo com Bargellini e Frade, nas Normas gerais sobre o Ano Litúrgico e o Calendário, visando o seu núcleo originário, é apresentada uma fórmula que acolhe a globalidade de uma visão que se desenvolve segundo duas vertentes:

[O] tempo do advento tem uma dupla característica: é tempo de preparação para a solenidade do Natal, no qual se recorda a primeira vinda do Filho de Deus entre os homens e contemporaneamente é o tempo onde através de tal recordação, o Espírito é guiado para a espera da segunda vinda do Cristo no final dos tempos (n. 39). O período de 17 a 23 de dezembro está dedicado a uma preparação mais direta para o Natal do Senhor (n. 42).³³⁵

Todavia, na perspetiva dos referidos autores, o núcleo originário do tempo do Advento deve ser entendido num outro nível, mediante o qual o ciclo Advento – Natal – Epifania é visto como uma unidade orgânica, isto é, como parte de uma «dinâmica histórico-salvífica e

³³³ A Igreja católica possui um calendário próprio. Cada ano litúrgico tem a mesma duração do ano civil (365 ou 366 dias), mas um e outro divergem na sua organização e respetivas finalidades. O ano litúrgico, tal como nome indica, organiza-se de acordo com a celebração dos principais acontecimentos da vida de Jesus Cristo e da história da salvação; dividindo-se em cinco tempos: Advento, Natal, Quaresma, Páscoa e Tempo Comum. A cada ano, a Igreja é chamada a percorrer um novo itinerário de fé.

³³⁴ ECCLESIA, «O Tempo do Advento», acedido a 27 de julho de 2024, <https://agencia.ecclesia.pt/portal/o-tempo-do-advento/>.

³³⁵ Emanuel Bargellini e Gabriel Frade, «À espera de sua vinda: uma leitura teológico-litúrgica do tempo de Advento – Natal – Epifania e sua ligação com a Páscoa», *Revista de Cultura Teológica*, v. 19, n.º 74 (2011): 117.

mistérica-sacramental». Assim sendo, a categoria teológica «manifestação do Senhor» é um elemento unificante deste ciclo que permite uma compreensão global do seu sentido unitário, assim como a especificidade de cada um dos seus componentes. Isso é, sobretudo, válido na esfera teológico-espiritual, na medida em que se ultrapassa o plano da «gênese histórica», e se reúne no plano da «substância» o ciclo da Natal ao ciclo da Páscoa, pois a morte-glorificação de Cristo é o momento auge e definitivo da «manifestação do Senhor».³³⁶

No ciclo de Advento – Natal – Epifania, o critério hermenêutico central que fundamenta a visão teológica e espiritual subjacente à celebração da totalidade deste ciclo e ao uso dos textos bíblicos (do Antigo e do Novo Testamento) e litúrgicos, percebe-se mediante um olhar amadurecido da fé que compreende de forma integrada o projeto de Deus: «a história de ontem, o caminho de hoje, o horizonte amanhã. Confia à memória celebrada os eventos cumpridos, exulta na percepção da ação de Deus em ato, invoca e espera vigilantemente o aproximar-se da linha de chegada definitiva.»³³⁷ Neste sentido, o Advento é o tempo que exprime com maior evidência esta consciência unitária da história da salvação e, concomitantemente, articula a tensão entre os seus diferentes momentos e aspetos – passado, presente e futuro. Os textos litúrgicos deste período são exemplo disso: frequentemente, dentro do mesmo texto, as referências ao Verbo na carne, à sua presença na alma do crente e à vinda gloriosa do Cristo como juiz no final dos tempos, surgem de forma intercalada, entrelaçada e mutuamente reforçada, de modo contínuo e natural.³³⁸

No *Angelus* de 29 de dezembro de 2020, pode ler-se:

São Paulo (cf. *1 Cor* 1, 3-9) indica o objeto da espera. Qual é? A «manifestação do Senhor» (v. 7). O Apóstolo convida os cristãos de Corinto, e nós também, a concentrar a atenção no encontro com a pessoa de Jesus. [...] O nosso Deus é um Deus-que-vem - não vos esqueçais disto: Deus é um Deus que vem, vem continuamente. [...] Veio num momento histórico específico e fez-se homem para assumir sobre si os nossos pecados - a festividade do Natal comemora esta primeira vinda de Jesus no momento histórico - virá no fim dos tempos como juiz universal; e vem também uma terceira vez, de um terceiro modo: vem cada dia para visitar o seu povo, para visitar cada homem e mulher que o acolhe na Palavra, nos Sacramentos, nos irmãos e irmãs.³³⁹

³³⁶ Cf. Bargellini e Frade, «À espera de sua vinda: uma leitura teológico-litúrgica do tempo de Advento – Natal – Epifania e sua ligação com a Páscoa», 117-8.

³³⁷ Bargellini e Frade, 120.

³³⁸ Cf. Bargellini e Frade, 120.

³³⁹ Papa Francisco, «Angelus. Domingo, 29 de dezembro de 2020», acedido a 29 de setembro de 2024, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2020/documents/papa-francesco_angelus_20201129.html.

O Papa Francisco fala de uma tríplice vinda do Senhor. A fórmula «Deus-que-vem» exprime, precisamente, esse processo contínuo da presença de Deus na história através de Jesus Cristo. Deste modo, o tempo do Advento constitui-se como um tempo privilegiado de espera ativa e de preparação espiritual, onde o crente é chamado a acolher e aprofundar a uma e múltipla manifestação de Deus. O Advento revela-se um tempo de renovação da fé e da esperança, um convite a viver cada momento como uma oportunidade para reencontrar o Senhor, que continuamente se aproxima e se faz presente.

Assim, esta época litúrgica não só antecipa o Natal, mas oferece um itinerário espiritual para fortalecer o compromisso de fé, acolhendo a ação de Deus no presente, enquanto se recorda o passado e se projeta no futuro com esperança. A espera do Advento é, portanto, uma espera que celebra o Deus-que-vem, um tempo de preparação para acolher a plenitude da salvação, de conversão e renovação da vigilância espiritual que reforça a caminhada cristã rumo ao encontro definitivo com Cristo.

A espera vigilante assemelha-se à da espera de um amigo ou de um noivo (por parte da noiva) e, por isso, está em ressonância com a alegria. O Advento é um «estímulo para estarmos com os olhos e corações bem abertos, vigilantes e atentos à descoberta da presença de Deus nas nossas vidas, na Igreja e na Sociedade, na família, no trabalho, na escola, na dor e na alegria.»³⁴⁰ Pois, o que se espera certamente acontecerá. Uma esperança que aceita as provações, porque é fundada na confiança da fidelidade de Deus às Suas promessas, no Deus libertador atento à dor e sofrimento do Seu Povo, que liberta e salva. A mesma esperança que percorre a história do povo da Antiga Aliança e que espera a chegada do Messias. Porém, o Senhor que vem, só virá se encontrar os corações abertos. E, por isso, preparar a vinda do Senhor, é também um convite ao recolhimento e à conversão, a rever as atitudes essenciais que aproximam cada ser humano de Deus. Mais, é um convite que tem dentro de si um dinamismo que inquieta e impulsiona a ser sinais da presença de Deus, a aceitar a proposta de transformação e ação: de viver o Advento como tempo de, por meio de atitudes, promover a construção de uma sociedade mais humana e fraterna.

Concluindo, o objetivo «Compreender o sentido do Advento» é fundamental para reconhecer o tempo que antecede o Natal, como tempo de preparação para o nascimento de Jesus. Com este objetivo, adentramos numa das principais temáticas da UL 2. Os alunos são convidados a olhar para além da azáfama que caracteriza esta época, ou seja, a viver com mais atenção, esperança e a renovar o compromisso de construção de uma sociedade mais justa,

³⁴⁰ Oliveira, «Reflexão: Advento, tempo de renovação e esperança».

humana e fraterna, em conformidade com os valores cristãos. Deste modo, os alunos não só são chamados a descobrir nos símbolos e manifestações artísticas do Advento o apelo à mudança e à preparação da vinda do Messias, como a ser, eles próprios, sinais da presença de Deus.

e) Identificar as figuras do Advento

O objetivo «Identificar as figuras do Advento» propõe um itinerário de descoberta das principais figuras que inspiram o tempo de preparação para a celebração da vinda do Filho de Deus e, por conseguinte, a aprofundar o sentido do Advento. João Batista; Maria, mãe de Jesus e José, descendente de Davi e pai legal de Jesus: cada uma destas figuras são modelos de quem espera o Senhor, ou seja, são exemplos da disposição e atitudes fundamentais necessárias para acolher o Senhor que vem.

João Batista é o profeta que prepara o caminho do Senhor (cf. Mt 3, 1-3); é considerado precursor de Jesus. O próprio nome «Batista» evoca a sua atividade profética mediante a qual não só anuncia a iminência da chegada do Messias, como apela à conversão, batizando no rio Jordão todos aqueles que acolhiam a sua Palavra.³⁴¹

Revisitando as palavras do Papa Francisco, sublinha-se a vocação de João como testemunha de Cristo. Ele é aquele escolhe o caminho da humildade e anulação de si mesmo, para que Cristo «cresça».

João «é o provisório e Jesus é o definitivo. João é o provisório que indica o definitivo». Mas «a grandeza de João» consiste precisamente neste ser provisório, neste seu «ser para». Um homem «sempre com o dedo ali», a indicar outro. [...] Por isso João «é grande», porque «se põe sempre de lado». Ele, explicou Francisco, é grande porque «é humilde e toma o caminho do abaixar-se, aniquilar-se, o mesmo que tomará Jesus em seguida». E também nisto «oferece um grande testemunho: abre aquele caminho da aniquilação, do esvaziamento de si mesmo» que foi o de Jesus.³⁴²

Como modelo para o Advento, João Batista ensina a importância de preparar o coração para receber o Senhor. A sua mensagem de arrependimento é, por isso, um convite à introspeção, à purificação interior e à renovação da vida da fé, para acolher o Senhor com um coração sincero e transformado. Mais, chama os cristãos a assumir o compromisso de «ser

³⁴¹ Cf. Elisa Urbano et al., *Conta Comigo*, Manual do aluno - Educação Moral e Religiosa Católica - 5.º ano (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2015), 43.

³⁴² Papa Francisco, «Meditações matutinas na Santa Missa celebrada na Capela da Casa Santa Marta. Aquele dedo que indica, 16 de dezembro de 2016», acedido a 29 de setembro de 2024, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20161216_dedo-indica.html.

testemunhas de Jesus”, a encher a vida “com aquele gesto” que foi típico de João Batista: “indicar Jesus”.»³⁴³

Maria, mãe de Jesus, é a figura de maior destaque do Advento. Ela é o modelo de esperança e fé. Quando o anjo Gabriel lhe anuncia que será a mãe do Salvador, Maria responde com humildade e total entrega: «Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38). A sua atitude de fé consiste «em ouvir a Palavra de Deus para se abandonar a esta Palavra com plena disponibilidade de mente e coração.»³⁴⁴ O seu «sim» exprime um desejo vivo, que nada tem que ver com uma aceitação fraca e submissa, é um «sim» ativo de total aderência a Deus, que transforma a espera em presença.³⁴⁵ Deste modo, com o seu «sim», Maria revela dois aspetos essenciais da sua atitude, que deverão ser modelo do modo como se prepara o Natal: o primeiro é a fé, que ouve a Palavra de Deus, que confia e se abandona totalmente à Sua vontade, mesmo sem compreender as suas implicações; o segundo, consiste na capacidade de «reconhecer o tempo de Deus», ou seja, «captar o momento favorável em que Jesus passa na nossa vida e pede uma resposta pronta e generosa.»³⁴⁶

Por fim, José é o «justo» que abandona o seu projeto de vida para aceitar o desígnio do Senhor: aceita Maria como sua esposa e assume a paternidade legal de Jesus. Ele é um modelo de obediência à vontade de Deus, mesmo quando esta desafia a lógica humana e as expectativas pessoais. Nas palavras do Papa Francisco:

José era um homem que ouvia sempre a voz de Deus, [...] um homem atento às mensagens que lhe chegavam do fundo do coração e das alturas. [...] Aceitando-se segundo o desígnio do Senhor, José encontra-se plenamente a si mesmo, para além de si. Esta sua liberdade de renunciar ao que é seu, à posse da sua própria existência, e esta sua disponibilidade interior para a vontade de Deus, interpelam-nos e mostram o caminho.³⁴⁷

Com José aprendemos o que significa uma expectativa vigilante: atenta aos sinais de Deus e de total abertura de coração para acolher a vontade de Deus, em vez de sucumbir à dúvida e ao orgulho humano. Mais, que o caminho é acolher as surpresas da vida, até mesmo as crises, sem ceder a sentimentos negativos.³⁴⁸ Não obstante, o papel de José na vida de Maria e Jesus, também deve ser fonte de inspiração durante o Advento. «Ser guardião é a característica

³⁴³ Francisco, «Meditações matutinas na Santa Missa celebrada na Capela da Casa Santa Marta. Aquele dedo que indica, 16 de dezembro de 2016».

³⁴⁴ Francisco, *O meu presépio – Vou falar-vos das personagens do Natal*, 39.

³⁴⁵ Cf. Francisco, 38.

³⁴⁶ Francisco, 39.

³⁴⁷ Francisco, 50-1.

³⁴⁸ Cf. Francisco, 51.

de José: é a sua grande missão»³⁴⁹ que se revelou em ações concretas de proteção e de dedicação total àqueles que lhe foram confiados por Deus. Neste sentido, José inspira a viver o Advento com um espírito amoroso, de responsabilidade e cuidado para com os outros.

Portanto, podemos afirmar que o objetivo «Identificar as figuras do Advento» surge como complemento ao objetivo anterior, pois oferece aos alunos exemplos concretos que os ajudam a compreender a importância das atitudes e disposições necessárias para preparar a vinda do Senhor. A compreensão destas figuras permite uma visão integral do Advento, não só como tempo de espera e esperança, mas como tempo de transformação e ação.

f) Conhecer a situação histórica do nascimento de Jesus

Para o objetivo «Conhecer a situação histórica do nascimento de Jesus» são contemplados os seguintes conteúdos: «Jesus, o Salvador: Emanuel, Deus conosco na história»; «Jesus encarna uma realidade histórica» e «a Palestina do tempo de Jesus: situação geográfica, política e social». Entende-se que o itinerário apresentado pelos conteúdos poderia ser formulado na seguinte afirmação: Jesus é verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

Reconhecer em Jesus de Nazaré, o Salvador, só é possível à luz do evento Pascal. Portanto, a partir de uma visão soteriológica que se revela funcional, na medida em que fixa Jesus a partir das funções que este executa em favor da humanidade, isto é, através da interpretação da Sua Ressurreição como confirmação da Sua exaltação e promessa da Sua manifestação futura e gloriosa. Enquanto Salvador, é sublinhada a missão redentora de Jesus e a Sua união com Deus em favor da humanidade.³⁵⁰

Na sequência dos conteúdos a tratar, é proposto um excerto bíblico do prólogo do Evangelho de João:³⁵¹

João 1, 1-4. 14:

No princípio era o Verbo
e o Verbo estava com Deus
e o Verbo era Deus.

³⁴⁹ Francisco, 52.

³⁵⁰ Este parágrafo constitui uma apropriação de algumas das ideias exploradas no seguinte artigo da revista *online De Magistro de Filosofia*: Cf. Ueslei Vaz Aredes e Fr. Flávio Pereira Nolêto, «Jesus Cristo: verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, segundo Hans Kessler», *Revista De Magistro de Filosofia*, Ano VIII, n.º 17 (2015), acessado a 29 de setembro de 2024, <https://catolicadeanapolis.edu.br/revistamagistro/ano-viii-no-17-anapolis-20152/>.

³⁵¹ À semelhança do Evangelho de Mateus, o prólogo de João constitui-se uma declaração de adesão ao Mistério de Jesus Cristo e introduz o tema teológico de fundo, a Identidade de Jesus.

No princípio, ele estava com Deus.
Tudo foi feito por meio dele
e sem ele nada foi feito.
O que foi feito nele era a vida,
e a vida era a luz dos homens;

E o Verbo se fez carne,
e habitou entre nós;
e nós vimos a sua glória,
glória que ele tem junto ao Pai
como Filho único,
cheio de graça e de verdade. (Jo 1, 1-4. 14)

Importa, em primeiro lugar, não perder de vista que os versículos do evangelista são antes de mais uma declaração de fé a Jesus Cristo. Segundo Aredes e Notêlo, o prólogo de João é um hino ao *Logos*, cujo objetivo da reflexão não é a encarnação, mas a ideia do envio:

[O] Pai enviou o Filho que, de origem divina (cf. Jo 1,18), é o único que pode revelar o Pai ao mundo perdido. E mostrar o amor salvador e dar a comunhão através de Jesus. Em João o Filho enviado ao mundo pelo Pai tem a missão de comunicar vida divina ao mundo. Concluída sua missão, ele abandona o mundo e retorna ao Pai para atrair todos a si.³⁵²

Destaca-se, assim, a consequência e efeito soteriológico da encarnação: a salvação da humanidade, que só poderá ser alcançada se o *Logos* (Verbo), pela encarnação, não perder a sua essência divina e conservar a «carne» (entendida como ser humano na condição de criatura). Com efeito, o *Logos* “se fez carne” implica assumir a plenitude das naturezas humana e divina, mediante a qual a humanidade participa da plenitude do Verbo.³⁵³

Neste sentido, poderíamos afirmar que Jesus é o Verbo eterno de Deus que assumiu a «carne», isto é, a condição humana com todas as suas fraquezas, inclusive a morte, para tornar o ser humano participante da Sua luz e vida divina. Deus fez-Se «um só conosco na pessoa de Jesus, verdadeiro homem e verdadeiro Deus.»³⁵⁴ É através de Jesus que Deus se faz presente de forma única e concreta na história da humanidade: «o Deus eterno reduz-Se para que nós

³⁵² Aredes e Nolêto, «Jesus Cristo: verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, segundo Hans Kessler».

³⁵³ Aredes e Nolêto, «Jesus Cristo: verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, segundo Hans Kessler». A problemática da divindade e humanidade de Jesus marcou a história do Cristianismo. Segundo Michel-Yves Perrin, os séculos IV e V dão conta de «um tempo de elaboração doutrinal intensa, marcada inicialmente pelas controvérsias trinitárias e, depois, no século V, pela querela cristológica; tanto as primeiras como a segunda punham em causa a divindade do Filho e, simultaneamente, a economia da salvação que ela implica.» Cf. Michel-Yves Perrin, «A elaboração de uma ortodoxia nos séculos IV e V», em *História do Cristianismo. Para compreender melhor o nosso tempo*, trad. António Maia da Rocha (Lisboa: Editorial Presença, 2008), 86.

³⁵⁴ Francisco, *O meu presépio - Vou falar-vos das personagens do Natal*, 25.

possamos caminhar com Ele e para que Ele possa pôr-Se ao nosso lado [...]»³⁵⁵ E, habitando a história humana tal como ela é, «com todo o peso dos seus limites e dos seus dramas»,³⁵⁶ exprimiu o Seu desejo de total partilha e grande intimidade.

Portanto, Jesus é o Salvador: Emanuel, Deus connosco: a presença divina, Encarnação do amor e da presença de Deus entre nós, manifestada em Jesus de Nazaré, que não só caminha ao lado da humanidade, como lhe oferece a redenção prometida.

É através do conteúdo «A Palestina do tempo de Jesus: situação geográfica, política e social» que compreendemos a realidade histórica que acolheu Jesus.

A Palestina, no tempo de Jesus, era uma região localizada na extremidade oriental do Mar Mediterrâneo, sendo uma extensão mediana de terra que funcionava como uma espécie de ponte entre o continente africano e asiático. O seu território possuía cerca de 34.000 km² e povoado por cerca de 650 mil habitantes. Era uma terra de contrastes geográficos, com regiões montanhosas, vales férteis, banhadas por mar e cortadas por rios (como o Rio Jordão) e lagos. Estas características geográficas influenciavam o modo de vida e as atividades económicas, como a agricultura, a pesca, o pastoreio e o comércio.³⁵⁷

No tempo de Jesus, a Palestina estava sob o domínio do Império Romano. No ano 63 a. C., Pompeu foi o responsável por fazer com que Roma chegasse ao Médio Oriente. A sua política expansionista romana, que visava a proteção contra os povos vizinhos rivais e aquisição de mais terras para a agricultura e o pastoreio, rapidamente tornou-se uma fonte de riquezas em metais preciosos e em escravos. Com efeito, quis e conseguiu dominar grande parte da Europa, Ásia e África, contribuindo para cinco séculos de guerras.³⁵⁸

Assim a Palestina passa a fazer parte do Império Romano. Herodes, o Grande (37- 4 a.C.) obtém de Roma o título de *Idumeu*, rei da Judéia. É no seu reinado, por volta do ano 7 ou 6 a.C., alguns anos antes da morte do Rei Herodes, o Grande (4 a.C.) e durante o governo do imperador romano Augusto, que ocorre nascimento de Jesus de Nazaré. Durante a vida de Jesus, a palestina foi governada, principalmente, pela Dinastia Herodiana.³⁵⁹

No ano 37 a.C., Herodes, o Grande, conquistou Jerusalém com o apoio romano, tendo sido nomeado, por seu pai, governador da Galileia. Herodes era ambicioso e procurou apoio

³⁵⁵ Francisco, *O meu presépio – Vou falar-vos das personagens do Natal*, 7.

³⁵⁶ Francisco, 25.

³⁵⁷ Cf. Paulo Bastos, «Jesus de Nazaré e a Palestina do seu Tempo: Uma análise do Jesus histórico em relação à opressão económica, social e política», *CES Revista* 23, (2009): 105-6.

³⁵⁸ Cf. Bastos, «Jesus de Nazaré e a Palestina do seu Tempo: Uma análise do Jesus histórico em relação à opressão económica, social e política», 105.

³⁵⁹ Bastos, 105.

dos governantes romanos para consolidar seu poder. A conquista de Jerusalém foi longa e marcada pela brutalidade, não só devido às suas muralhas difíceis de transpor, mas também pela enorme matança e pilhagens protagonizadas pelo exército romano. Herodes governou uma Jerusalém em ruínas e profundamente ressentida. Ao longo do seu governo enfrentou muitos desafios: a população era heterogênea, portanto, composta por judeus, divididos por facções internas, e pagãos, por ser um ponto de encontro de povos e culturas. Herodes ficou conhecido como um governante cruel, mas também como um político astuto e um grande construtor. Na Palestina, estabeleceu um governo próprio para controlar rigidamente o povo, organizando um exército de mercenários estrangeiros e uma polícia secreta com uma extensa rede de espiões. Além disso, limitou o poder das instituições judaicas e formou um Sinédrio com pessoas de sua confiança, por forma a garantir os seus interesses.³⁶⁰

A sociedade da Palestina, no tempo de Jesus, era altamente estratificada, existindo uma clara divisão entre ricos e pobres. A maioria da população vivia na pobreza, especialmente nas áreas rurais, onde a vida era difícil devido aos pesados impostos e à exploração por parte dos proprietários de terras. A presença romana era marcada pela opressão, altos impostos e um sistema jurídico que favorecia os interesses de Roma.

Havia escravos por toda parte. Dois terços da população de Corinto era formada por escravos, cerca de 400 mil pessoas. Por não conseguir pagar uma dívida, alguém poderia tornar-se escravo. Ademais, a corte romana obrigava a população a pagar impostos. [...] A situação era aflitiva para a maioria da população, pois, para sustentar seus projetos arquitetônicos, a vida de luxo da corte e os presentes à família imperial, Herodes impôs aos súditos uma carga pesada de impostos que eles só cumpriam com enorme dificuldade.³⁶¹

A Palestina estava profundamente dividida por tensões dinásticas, sociais e religiosas. A população, muito diversa, caracterizava-se pela impressibilidade e rebeldia, verificando-se frequentes tumultos e revoltas. O povo judeu, marcado pelo sofrimento, devido às sucessivas guerras, invasões e deportações, alimentava a esperança na vinda de um salvador, um Messias descendente de Davi, conforme prometido nas Escrituras. Neste clima de expectativa messiânica, Herodes, como não pertencia à casa de Davi, pois era idumeu, não era considerado um rei legítimo. É nesse cenário que a Bíblia narra a matança dos inocentes, ordenada por Herodes pouco depois do nascimento de Jesus. Para salvar o Menino, Maria e José fugiram para o Egito, onde permaneceram até a morte de Herodes, quando o perigo já havia passado.³⁶²

³⁶⁰ Cf. Urbano et al., *Conta Comigo*, Manual do aluno - Educação Moral e Religiosa Católica - 5.º ano, 55-6.

³⁶¹ Bastos, 106.

³⁶² Cf. Urbano et al., *Conta Comigo*, Manual do aluno - Educação Moral e Religiosa Católica - 5.º ano, 56.

A religião desempenhava um papel central na vida quotidiana. O Templo de Jerusalém era o centro espiritual e cultural do povo judeu e as leis religiosas governavam todos os aspetos da vida. No entanto, existiam diferentes grupos judaicos, como os fariseus, saduceus, essênios e os zelotas. Os fariseus eram um grupo religioso que surgiu no século II a.C., dedicado à observância rigorosa da Lei de Moisés e das tradições judaicas. Como leigos, eles pertenciam à classe média e tinham a responsabilidade de ensinar a Torah. Nos evangelhos, são criticados por multiplicarem leis e proibições, tornando-as inacessíveis e pouco conhecidas para grande parte dos judeus. Além disso, eram adversários políticos de Roma. Os saduceus eram rivais dos fariseus e exerciam grande influência na política. Esse grupo religioso judaico incluía muitos sacerdotes, levitas, proprietários ricos e comerciantes, compondo a aristocracia de Jerusalém. Para os saduceus, apenas os cinco primeiros livros do Antigo Testamento — a Torah — eram considerados sagrados. Os essênios formavam um grupo religioso judaico, cujos membros viviam em comunidades caracterizadas por uma vida ascética, de isolamento e introspeção. Esse grupo parece ter surgido entre os séculos II a.C e I d.C., como forma de protesto contra os sacerdotes. Embora mencionado por historiadores da época, os essênios se tornaram mais conhecidos após a descoberta dos manuscritos de Qumran, perto do Mar Morto. Por fim, os zelotas eram membros de um movimento nacionalista judaico que defendia a resistência armada contra a ocupação romana. Recusavam prestar honras ao imperador e alimentavam a esperança de uma libertação completa de Israel por meio da luta contra o domínio romano. Esse grupo teve participação ativa na revolta de 66-70 d.C. contra o poder imperial.³⁶³

g) Promover o valor da esperança na sociedade de acordo com a mensagem de Jesus

Para se alcançar o objetivo «Promover o valor da esperança na sociedade de acordo com a mensagem de Jesus», e atendendo às AE e aos conteúdos definidos para a UL 2, desenvolveu-se uma análise assente em duas ideias centrais: «Jesus veio para nos salvar: o significado da esperança cristã»; «a construção de uma sociedade mais justa, humana e responsável de acordo com o projeto de vida de Jesus».

No que concerne à primeira ideia, é importante abordar três assuntos: a esperança na salvação; Jesus como fonte de esperança; e a presença contínua de Jesus. Relativamente à esperança na salvação, impera referir que a essência da esperança cristã está enraizada na crença de que Jesus veio ao mundo para salvar a humanidade:

A esperança permanece sólida mesmo quando as coisas não estão a correr bem. A esperança conduz à ação mesmo nos momentos mais sombrios. A esperança não vive no

³⁶³ Cf. Urbano et al., 57-8.

momento, mas está enraizada na promessa de Deus de um futuro melhor. A esperança está enraizada num futuro abençoado prometido por Deus, assegurado pelo sacrifício de Jesus na cruz, garantido pela ressurreição de Jesus e selado pelo dom do Espírito Santo.³⁶⁴

Esta salvação não é apenas uma promessa de vida eterna, mas uma transformação radical da vida presente. Com Jesus aprendemos que a salvação é acessível a todos os homens através da fé, do arrependimento e do amor. A esperança cristã é, portanto, a confiança de que, independentemente das dificuldades e desafios que enfrentamos, Deus está presente nas nossas vidas, guiando-nos para a plenitude da vida em Cristo.

Jesus como fonte de esperança, convoca a ideia de que Jesus é a personificação da esperança cristã. Ele traz a Boa Nova de que Deus ama a humanidade incondicionalmente e que está sempre pronto para perdoar e renovar. A esperança cristã assenta na certeza de que Jesus venceu o pecado e a morte e que essa vitória é compartilhada com todos os que creem nele. Neste sentido,

[Q]uando redescobriremos a verdadeira esperança cristã, quando experimentarmos a poderosa presença e atividade de Deus ao nosso lado e em nós, viveremos no Espírito, levaremos a vida aos outros e seremos geradores de vida nas suas múltiplas formas, e nos sentiremos unidos numa alegria atrativa e convincente.³⁶⁵

A ressurreição de Jesus é o símbolo máximo dessa esperança, pois demonstra que o amor e o poder de Deus superam tudo, até mesmo a morte, oferecendo a todos os crentes a promessa de uma vida nova e eterna.

A presença contínua de Jesus. Jesus prometeu estar com os seus seguidores «todos os dias, até o fim dos tempos» (Mt 28, 20). Essa promessa fortalece a esperança cristã de que nunca estamos sozinhos, mesmo nas situações mais difíceis. A presença contínua de Jesus, através do Espírito Santo, é fonte de conforto, orientação e força. Por isso:

[A] virtude da esperança responde ao mais profundo desejo humano de felicidade, que foi colocado por Deus no nosso coração. A esperança absorve o desejo humano de felicidade, purifica-o e conforma-o ao desejo de Deus. Portanto, a virtude da esperança cristã dirige a nossa mente e o nosso coração para Deus. Consequentemente, um mundo sem Deus é um mundo sem esperança.³⁶⁶

Em relação ao conteúdo «a construção de uma sociedade mais justa, humana e responsável de acordo com o projeto de vida de Jesus», urge a necessidade de se fazer referência

³⁶⁴ Joachim Rego, «Esperança cristã, uma luz para a ação», acedido a 19 de setembro de 2024, <https://passionistas.pt/esperanca-crista-uma-luz-para-a-acao-2/>.

³⁶⁵ Rego, «Esperança cristã, uma luz para a ação».

³⁶⁶ Rego, «Esperança cristã, uma luz para a ação».

a temas como a justiça no Reino de Deus, a humanidade e responsabilidade e o amor como base da esperança.

Abordar o assunto da justiça no Reino de Deus, remete-nos para a ideia de que o projeto de Jesus é a construção do Reino de Deus, que é caracterizado por justiça, paz e amor. E para promover a esperança, os cristãos são chamados a participar ativamente na construção de uma sociedade que reflete esses valores. Até porque:

Uma espiritualidade da esperança tem a convicção de que qualquer situação humana tem uma profunda sede de confiança, justiça e fraternidade, que a base de tudo está na genuína sede de Deus. Isto significa que, sobretudo para nós ministros, devemos ser pessoas que vivem a fé em profundidade. Deus deve ser o verdadeiro coração e o centro das nossas vidas; devemos crer sinceramente o que pregamos.³⁶⁷

Entende-se, assim, que a esperança cristã não é passiva; ela inspira a ação para transformar o mundo de acordo com os princípios do Reino de Deus. A justiça que Jesus prega vai além das leis humanas; é uma justiça divina que procura restaurar a dignidade de cada pessoa, especialmente a dos pobres, marginalizados e oprimidos. A esperança cristã motiva-nos a lutar por um mundo onde todos têm acesso ao que é necessário para uma vida plena.

O projeto de Jesus também nos chama a reconhecer e a valorizar a dignidade de cada ser humano. A esperança cristã promove uma visão do mundo em que as pessoas são tratadas com respeito, compaixão e amor, independentemente das suas diferenças. Jesus ensina que todos são filhos de Deus e que nos devemos amar uns aos outros como Ele nos amou (cf. Jo 13, 34). Por isso, sustentamo-nos nas palavras do Papa Francisco proferidas na Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social: «Sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos» (FT, 8).

Surge, assim, um duplo sentido de responsabilidade: temos a responsabilidade de cuidar uns dos outros e também a responsabilidade de cuidar da Criação. A esperança cristã implica assumir um papel ativo na promoção do bem comum, na defesa dos direitos humanos e na preservação do meio ambiente, como forma de colaborar com o plano de Deus para a humanidade e o mundo. Até porque Deus «criou todos os seres humanos iguais nos direitos,

³⁶⁷ Rego, «Esperança cristã, uma luz para a ação».

nos deveres e na dignidade, e os chamou a conviver entre si como irmãos, a povoar a terra e a espalhar sobre ela os valores do bem, da caridade e da paz».³⁶⁸

O tema do amor como base da esperança, revela a centralidade do mandamento do amor no projeto de Jesus. A esperança cristã é construída sobre o amor de Deus por nós e o nosso amor pelo outro. Este amor manifesta-se na prática da caridade, da solidariedade, na promoção da justiça e na procura da paz:

A caridade na verdade, que Jesus Cristo testemunhou com a sua vida terrena e sobretudo com a sua morte e ressurreição, é a força propulsora principal para o verdadeiro desenvolvimento de cada pessoa e da humanidade inteira. O amor — «*caritas*» — é uma força extraordinária, que impele as pessoas a comprometerem-se, com coragem e generosidade, no campo da justiça e da paz. É uma força que tem a sua origem em Deus, Amor eterno e Verdade absoluta. Cada um encontra o bem próprio, aderindo ao projecto que Deus tem para ele a fim de o realizar plenamente: com efeito, é em tal projecto que encontra a verdade sobre si mesmo e, aderindo a ela, torna-se livre (cf. *Jo* 8, 32). (CV, 1)

De facto, é através do amor que a esperança se torna visível e transforma a sociedade, na medida em que:

O amor de Deus chama-nos a sair daquilo que é limitado e não definitivo, dá-nos coragem de agir continuando a procurar o bem de todos, ainda que não se realize imediatamente e aquilo que conseguimos atuar — nós e as autoridades políticas e os operadores económicos — seja sempre menos de quanto anelamos. Deus dá-nos a força de lutar e sofrer por amor do bem comum, porque Ele é o nosso Tudo, a nossa esperança maior. (CV, 78)

A mensagem de Jesus desafia-nos a amar. A amar até mesmo os nossos inimigos e a trabalhar pela reconciliação e pelo perdão. E é esta atitude de amor e misericórdia que é fundamental para a construção de uma sociedade que reflete os valores do Reino de Deus.

Portanto, entende-se que a esperança é o motor da transformação individual e social. Promover o valor da esperança, segundo a mensagem de Jesus, significa reconhecer que Ele veio para nos salvar, oferecendo-nos a promessa de uma vida plena e eterna. Essa esperança cristã não é apenas uma expectativa passiva do futuro, mas um motor que nos impulsiona a agir no presente, concorrendo para a construção de uma sociedade mais justa, humana e responsável. De acordo com o projeto de Jesus, somos chamados a ser agentes de transformação no mundo,

³⁶⁸ Cf. Papa Francisco, «Viagem Apostólica do Papa Francisco aos Emirados Árabes Unidos. Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum», acedido a 20 de setembro de 2024, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html.

vivendo de acordo com os valores do Reino de Deus e espalhando a esperança através do amor, da justiça e da responsabilidade.

3.1.3. O Presépio no contexto da UL 2: Advento e Natal

Tal como ficou evidente a partir da análise dos objetivos e conteúdos contemplados para a UL 2: Advento e Natal, o Presépio enquanto símbolo, manifestação artística e cultural do Natal, não é um tema explorado. A seu tempo, também se verificou que a AE «Compreender manifestações culturais e artísticas cristãs relativas ao Advento e Natal» não encontra correspondência com nenhum dos objetivos. A constatação destas evidências evoca, inevitavelmente, as questões colocadas quando, numa primeira abordagem, nos debruçamos sobre a relevância do Presépio no âmbito da UL 2: até que ponto o Presépio pode assumir um papel de maior destaque no itinerário proposto pelo programa de EMRC, no âmbito da UL 2? Será que este itinerário deverá considerar o Presépio apenas como representação simbólica do Natal? Ou também deverá ponderá-lo num contexto de mediação patrimonial e cultural? Mais: será que, diante de uma proposta concreta de ação, encontramos Presépios que se constituem referências patrimoniais e culturais capazes de integrar este itinerário? Que atendam às dimensões de identificação e transmissão crente enunciadas por Hervieu-Léger?

Considera-se que estudo desenvolvido no capítulo anterior, permitiu revelar a centralidade do Presépio no âmbito das festividades do Advento e Natal. Podendo antever-se, uma vez mais, a relevância do seu contributo para a lecionação da UL 2, na medida em que condensa de forma visual e tangível a essência da mensagem cristã, no que toca ao verdadeiro sentido do Advento e significado do Natal. Neste sentido, importa referir que o Presépio, entendido como principal representação simbólica do Natal, encontra, em primeiro lugar, correspondência com as metas preconizadas para a UL 2: Advento e Natal. E, por isso, abrange os três domínios de aprendizagem que deverão ser trabalhados no âmbito da disciplina de EMRC.³⁶⁹ Concomitantemente, verifica-se uma estreita relação com os objetivos e conteúdos da UL, remetendo-nos para a dimensão espiritual e ético-moral do Presépio. Destacam-se os seguintes objetivos:³⁷⁰

- a) Interpretar textos bíblicos sobre a esperança de Israel

³⁶⁹ Verificar *Tabela 2 – Metas curriculares enquadradas segundo domínios de aprendizagem*.

³⁷⁰ Chama-se à atenção para o facto de os objetivos destacados e respetivos conteúdos não corresponderem à sua totalidade. Este dado não significa que tenham sido descurados. Antes, refletem a necessidade de afunilar o estudo, encontrando «pontos de contato» entre o Presépio e os objetivos e respetivos conteúdos, preconizados para a UL 2. Neste sentido, salvaguarda-se que não é intenção desenvolver um estudo exaustivo dos objetivos referenciados, dado que este estudo foi realizado ao longo do trabalho.

Tendo como ponto de partida o Presépio, importa relevar três passagens bíblicas propostas para exploração do objetivo supramencionado: Jr 31, 31-33; Is 9, 1-6 e Is 11, 1-9. De um modo geral, e tal como já foi referido, qualquer um dos textos dá conta de uma dinâmica que sustenta a relação entre Deus e a humanidade: o ser humano, na sua fragilidade que lhe é característica, quebra o compromisso com Deus, e, inevitavelmente, é objeto de sofrimento. Deus, por sua vez, compassivo e atento, aproxima-se para aliviar o peso do sofrimento humano, afirmando-o como ser humano. Uma dinâmica que se deixa entrever na pequenez³⁷¹ com que Deus Se apresenta ao mundo e se concretiza no nascimento de Jesus, cumprimento da esperança de Israel. A par do valor da esperança, ambos enfatizam a centralidade de uma espiritualidade genuína que só poderá realizar-se no encontro com Deus. Sendo que, no Presépio, esta proposta espiritual, traduz-se na caminhada até Belém. Neste contexto, salienta-se os pastores e os Magos como modelos que espelham as atitudes necessárias para encontrar o Deus Menino. Deste modo, os textos dos referidos profetas, em particular, de Isaías, têm um papel determinante na liturgia que assinala o tempo de Advento, isto é, de preparação para o Natal, recordando o Deus que age na história em sentido salvífico e incentivando os próprios fiéis a fazer parte do projeto de divino.

Não obstante, se atendermos a cada um dos textos de forma individual, podemos relacioná-los de forma mais concreta com o Presépio. Com Jeremias somos estimulados a refletir sobre o impacto do nascimento de Jesus na humanidade, remetendo-nos para as várias figuras que povoam «o mundo do Presépio». Nos dois textos de Isaías, este impacto também é evidente, mas estende-se à Criação³⁷² que no presépio é representada pelo musgo, mostrando que o Reino de Deus chegou. E, portanto, a concretização da promessa de um futuro de paz, justiça e amor. Acrescem ainda alguns elementos que nos permitem reconhecer na figura do Menino de Belém a Identidade do Messias: Ele é a luz que «raiou para os que habitavam uma terra sombria» (Is 9, 1) lembrando-nos a razão pela qual celebramos a noite de Natal; «Porque o menino nos nasceu, um filho nos foi dado» (Is 9, 5) aponta o sinal do cumprimento da promessa de Deus, revelado aos pastores por meio dos anjos; «Um ramo sairá do tronco de Jessé, um rebento brotará de suas raízes.» (Is 11, 1) alude à humildade que caracteriza o nascimento de Jesus, bem como à sua descendência davídica (dada por intermédio do seu pai adotivo, José).

b) Reconhecer em Jesus a Nova Aliança de Deus com a humanidade

³⁷¹ Lembremos que a pequenez de Deus não traduz apenas a imagem de um recém-nascido; ela traz-nos a consciência da fragilidade da condição humana e do valor das pequenas coisas que fazem parte da vida quotidiana.

³⁷² E, de modo particular, na perícope: Is 11, 1-9.

«Reconhecer em Jesus a Nova Aliança de Deus com a humanidade» significa reconhecer o cumprimento das profecias do Antigo Testamento (Palavra de Deus) e em Jesus («Deus salva») a presença de Deus entre nós (Emanuel) que, no seu amor infinito, Se entrega à humanidade. Em Jesus, a humanidade encontra a resposta definitiva à sua busca por Deus e por salvação, inaugurando uma nova relação com Deus. No Presépio, é possível que ao contemplar a simples presença do Menino sejamos guiados até ao cerne do objetivo em questão. Contudo, a meu ver, esta constatação ganha maior clareza se considerarmos o local que acolhe o nascimento de Jesus, isto é, o significado da palavra «Belém», bem como o facto de Jesus ter nascido num estábulo, tendo sido reclinado numa manjedoura. De facto, em Belém, na «casa do pão», o Menino, reclinado sobre a manjedoura, o lugar onde os animais comem, é conotado como aquele que se entregará como «pão da vida» para salvação da humanidade. A partir daqui é possível estabelecer uma relação entre a Natividade e a Eucaristia, que nos permite identificar a Pessoa e Missão de Jesus, como o Messias, Salvador. Portanto, o Seu nascimento anuncia o mistério eucarístico: a presença real de Jesus, que se oferece a si mesmo para nos nutrir e redimir, revelando-se como Messias, Salvador.

c) Identificar as figuras do Advento

Com o objetivo «Identificar as figuras do Advento» voltamos o olhar para «o centro do Presépio». Para Maria e José, duas das principais personagens que inspiram o tempo de preparação para a celebração do Natal e, com efeito, ajudam a aprofundar o sentido do Advento. Pois, estas figuras constituem-se modelos concretos da vivência da fé e dos valores cristão. No Presépio, estas figuras são, facilmente, identificadas: Maria, a mãe de Jesus, e José, o pai adotivo de Jesus, ambas ao lado do Menino Jesus. Para aceder aos seus ensinamentos, talvez, seja pertinente olhar a forma como são representadas neste contexto: comumente, Maria apresenta-se de joelhos (isto é, numa postura de oração); José está de pé, encostado a um bordão e, por vezes, com um lampião na mão, sendo que as duas figuras estão orientadas na direção de Jesus. Ou seja, daqui poderá depreender-se Maria como um modelo de fé e José como guardião (que protege e guia a família); por estarem absorvidos no Menino, revelam a centralidade de Deus em suas vidas.

d) Conhecer a situação histórica de Jesus

Poderíamos resumir os conteúdos do referido objetivo na seguinte frase: Jesus é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. E, neste sentido, a perícopes de João (1, 1-14; 4) é fundamental por nos revelar o essencial da fé cristã: o Mistério da Encarnação do Filho de Deus. No Presépio é a presença efetiva do Menino Jesus que nos mostra esta dimensão: «E o Verbo

se fez carne e habitou no meio de nós» (Jo 1, 14). Atendendo ao objetivo, releva-se a humanidade de Jesus, reivindicada pela realidade histórica do Seu nascimento, que o insere num determinado contexto geográfico, político e social. De igual modo, no Presépio, mediante elementos que aludem ao quotidiano palestinese, encontramos esta dimensão. São exemplos disso: os animais, os pastores, os Magos, os soldados, entre outros.

O Presépio percecionado como manifestação artística, adquire o estatuto de «objeto» patrimonial religioso,³⁷³ que expressa uma visão e cultura cristãs. Portanto, considera-se que atender à AE «Compreender as manifestações culturais e artísticas das comunidades cristãs relativas ao Advento e Natal» significa «Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé»³⁷⁴, na medida em que as vivências e gestos, que caracterizam a dinâmica de uma determinada sociedade, constituem-se expressões vivas da fé cristã.³⁷⁵ Deste ponto de vista, o Presépio apresenta-se como artefacto de mediação cultural. No contexto da UL 2, poderá ser entendido como ponto de partida para desenvolver uma maior consciência do carácter evolutivo da fé ou, até mesmo, do seu amadurecimento, concretizando-se no reforço da identidade crente. Para os alunos que não são cristãos uma oportunidade para compreenderem melhor o que os cristãos celebram no Natal e até mesmo o impacto social que esta celebração tem nos modos de vida. Concomitantemente, poderá fortalecer o sentido de pertença a uma comunidade crente que se distende no tempo e no espaço, mediante crenças, valores e gestos partilhados. A propósito, encontramos no modelo de Hervieu-Léger a possibilidade de fundamentar esta dinâmica. Diante das quatro dimensões de identificação e transmissão crente, foi possível aferir que o Presépio promove a identidade da comunidade cristã; o diálogo com a cultura, os valores cristãos e desperta experiências afetivas. Não obstante, importa salvaguardar que qualquer uma das dimensões definidas por Léger, poderá figurar-se um terreno delicado e, em última análise, ambíguo, quando se parte da premissa de que a frequência na disciplina de EMRC não garante que os discentes professem ou venham a professar a fé cristã. Mais, a escola de hoje pertence a todas as crianças e jovens, por conseguinte, as salas de aula acolhem alunos com variadas origens culturais, talentos e necessidades.

Respondendo às questões iniciais, considera-se que o Presépio pode assumir um papel de maior destaque na lecionação da UL 2: Advento e Natal, não só como principal símbolo do

³⁷³ A Diocese de Braga noticiou, em 2016, a candidatura do presépio tradicional português a património imaterial da humanidade, «inserindo-se numa candidatura mais abrangente apresentada pela Federação Mundial dos Presépios à Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).» «Presépio português é candidato a património imaterial», acedido a 20 de setembro de 2024, <https://www.diocese-braga.pt/noticia/1/13773>.

³⁷⁴ Identificada, no programa de EMRC, como meta (L.), nomeadamente, para a UL 2: Advento e Natal.

³⁷⁵ As diferentes expressões de fé permitem «Identificar o fundamento religioso da fé cristã» (isto é, permitem atingir a meta P.).

Natal, mas, de igual modo, como «objeto» de mediação patrimonial e cultural. Deste modo, vislumbra-se a possibilidade de um itinerário pedagógico que contemple o Presépio, tendo em conta as dimensões de identificação e transmissão crente enunciadas por Léger.

3.2. Proposta de um itinerário pedagógico

A proposta de um itinerário pedagógico traduz-se numa ação, em particular uma visita de estudo. Para o efeito, foi contemplado o Presépio do Prior Evaristo Gouveia, alocado na ilha de São Miguel, Açores. Entende-se que este deverá ser analisado, por forma a clarificar a proposta de ação pedagógica, procurando explicitar a pertinência da mesma nos processos de identificação e transmissão religiosa.

Uma das razões que pautaram o processo de seleção do artefacto é óbvia: o estudo realizado ao longo deste trabalho, tendo em vista uma aplicação prática no contexto da lecionação da UL 2: Advento e Natal. Não obstante, importa referir que o facto de me encontrar a lecionar na ilha de São Miguel, mais concretamente, na cidade da Ribeira Grande, pesou neste processo. Na verdade, não é o único presépio da ilha que merece tal valorização, mas é com certeza um ensaio para um itinerário pedagógico, em última instância, mais amplo no âmbito do ensino religioso católico. Importa também referir que o Presépio comporta algumas particularidades que poderão ser um foco de interesse alunos como, por exemplo, a movimentação das figuras e respetiva representação pueril. Mais, eventualmente, promover a exploração de possibilidades de aproximação pedagógica ao artefacto em questão.

3.2.1. O Presépio do Prior Evaristo Gouveia: caracterização, descrição e justificação do artefacto religioso segundo o modelo de Hervieu-Léger

O Presépio do Prior Evaristo Gouveia localiza-se na ilha de São Miguel (Açores), no concelho da Ribeira Grande, estando instalado no Museu Municipal (comumente chamado Casa da Cultura) desde 1985.³⁷⁶ Tal como o próprio nome indica, a conceção deste presépio é atribuída ao Prior Evaristo Carreiro Gouveia, pároco da Igreja Matriz da Nossa Senhora da

³⁷⁶ De acordo com Mário Moura, o Presépio foi instalado no Museu Municipal, no Natal de 1985, após quatro anos de interregno, pelo Sr. Gualberto Faria. Cf. Mário Fernando Oliveira Moura, *Memórias do Presépio da Ribeira Grande* (s.l: s. ed., 2015), 9.

Estrela e a sua criação data de 1915.³⁷⁷ É «obra de vários autores, colaboradores e fazedores»,³⁷⁸ desde a sua fundação até à sua conservação: desde aqueles que pertenceram à Juventude Católica da Matriz até aos que trabalharam e trabalham no Museu.³⁷⁹ Mediante a informação disponibilizada no *website* da Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores, o Presépio do Prior Evaristo Gouveia figura-se «um *ex-libris* cultural, histórico, religioso e etnográfico do povo da Ribeira Grande»³⁸⁰ e tem a particularidade de ser movimentado. Em 2008, foi classificado como «Bem de Interesse Municipal» e é parte do património municipal.

Para o presente estudo, a caracterização, descrição e justificação do Presépio do Prior Evaristo Gouveia segundo o modelo de Hervieu-Léger, pretende clarificar o itinerário de acesso pedagógico que será traçado, procurando explicitar a pertinência do mesmo nos processos de transmissão e identificação religiosa.

a) Dimensão comunitário-identitário

Esta dimensão comunitária refere-se à definição formal (ritual) e prática das pertenças. Atendendo ao «objeto» selecionado, somos imediatamente remetidos para um ritual secular da cultura cristã, o Natal. Para os cristãos, é um momento singular de grande importância, atualizado a cada dezembro, mediante rituais e práticas que permitem a evocação deste passado histórico e religioso, fundado na narrativa bíblica. De entre os rituais e práticas que assinalam esta época festiva e sinalizam fatores de pertença, destaca-se a construção do Presépio e, em última instância, a visitação do mesmo.³⁸¹

O Presépio constitui-se um dos símbolos mais importantes do Natal, como recriação da Natividade, precisamente, por compilar toda a sua carga simbólica. Desde cedo, encontrou um lugar privilegiado no seio da comunidade crente, que viu o seu imaginário cristão corporizado nas mais diversas expressões artísticas, ocupando os espaços domésticos e os espaços públicos. A construção do Presépio, integrada nas festividades natalícias, marca o ritmo de um ciclo ritual

³⁷⁷ Não existem registos de carácter histórico que confirmem a fundação do Presépio. Acredita-se que terá surgido entre 1911, data de nomeação do Prior Evaristo como pároco da Igreja da Matriz, e 1918, data recorrida a partir de testemunhos. A referência que sustenta a sua data de fundação remete-nos para uma publicação feita no «Jornal Oriental», de 25 de dezembro do referido ano civil, onde é, pela primeira vez, mencionado um presépio armado pelo Prior. Cf. Moura, *Memórias do Presépio da Ribeira Grande*, 33.

³⁷⁸ Moura, 13.

³⁷⁹ Cf. Moura, 9-14.

³⁸⁰ Cf. Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores, «Presépio do Prior Evaristo Carreiro Gouveia», acedido a 2 de junho de 2021, <http://www.redemuseuscolecoesvisitaveisacores.pt/colecao/preseprio-do-prior-evaristo-carreiro-gouveia/>.

³⁸¹ Qualquer uma destas hipóteses é discutível. De facto, o gesto de armar o Presépio não implica a adesão pessoal à fé cristã e, muito menos, a visitação do mesmo. No entanto, considera-se que armar o Presépio é uma expressão da identidade de uma comunidade.

que poderá assinalar o desejo de manutenção de uma linhagem crente pautada por especificidades locais. O seu sentido comunitário e identitário passa, quer pela identificação com uma tradição religiosa cristã, quer pelas características que a comunidade local lhe imprimiu.

Ao considerar o Presépio do Prior Evaristo Gouveia, neste contexto, importa ter em conta que o regime de transação entre os indivíduos e a Igreja, que antes assinalavam o ritmo das identidades, atualmente, figura-se ambíguo ou até mesmo oculto. De facto, a construção deste presépio é uma iniciativa de foro eclesial. Com efeito, nos primeiros anos da sua existência, havia toda uma dinâmica social capaz de diferenciar aqueles que «pertenciam» ao grupo religioso dos que «não pertenciam». Tal como refere Moura, «este presépio não pode ser entendido fora do âmbito mais vasto do trabalho pastoral do sr. Prior. É a actividade da época natalícia [...]. Ao longo do ano existiam outras.»³⁸² A partir do mês de outubro até ao Natal, não havia nada «em que um adolescente temente a Deus pudesse ocupar cristãmente os seus serões.»³⁸³ Estes jovens adolescentes pertenciam à Juventude Católica. Também é possível que esta iniciativa tenha sido uma estratégia para fazer face às dificuldades trazidas pela instauração da Primeira República e investidas anticlericais dos clubes republicanos. Neste sentido, a Igreja e a ação pastoral do Prior tinham um papel fundamental na sociedade, em particular, junto dos jovens. A preparação do Presépio figurava-se não só como uma forma de evangelização que marcava o ritmo de vida dos crentes, mas também de promover o lazer entre os jovens.

Com o passar do tempo, «a autarquia, ocupou o lugar de animador da comunidade outrora ocupado pela instituição igreja»,³⁸⁴ chamando a si «a responsabilidade de restaurar e conservar o presépio da Ribeira Grande.»³⁸⁵ Deste modo, tornou-se pouco clara a evidência de um traço identitário que vincula os indivíduos, que colaboram na manutenção do presépio ou o vão visitar, a uma comunidade crente. Deu-se lugar a um fenómeno ao qual podemos designar de «romarias turísticas». Não obstante, considero que continua a ser uma instância da identidade crente açoriana, transmitida de geração em geração, cuja visita assinala um ritual natalício. Tal como refere Moura, «Todo o turista que vem a São Miguel pára aqui, porque é uma peça de Museu. Por seu turno, no Natal são as pessoas que inserem esta visita no seu programa

³⁸² Moura, *Memórias do Presépio da Ribeira Grande*, 34.

³⁸³ Moura, 39.

³⁸⁴ Moura, *Memórias do Presépio da Ribeira Grande*, 54. Nesta obra, o autor prima por uma contextualização sociocultural, a partir da qual ficam claros alguns dos fatores que influenciaram a dinâmica entre a igreja e a sociedade: desde o aparecimento da rádio, isto é, novas formas de lazer; passando pelos movimentos migratórios até aos regimes políticos. Cf. Moura, 36-66.

³⁸⁵ Moura, 54.

natalício».³⁸⁶ É, inclusive, anunciado no «ranking» do «*Top Azores: 10 Coisas sem as quais não é Natal em São Miguel*».³⁸⁷

Em suma, os tempos hodiernos parecem relevar o caráter cultural do Presépio do Prior Evaristo Gouveia. Assume-se inclusive que a construção ou visita ao Presépio não tem a mesma força que têm outras marcas sociais e simbólicas, na definição das fronteiras de um grupo religioso (neste caso, cristão) como, por exemplo, o batismo. Porventura, no caso do Presépio, este poderá encontrar a sua força ao aliar-se a outros rituais assumidamente cristãos. Contudo, arriscar-me-ia a dizer que, apesar do que foi referido, o Presépio do Prior constitui-se, por altura do Natal, um «local de peregrinação» de inúmeras famílias e, portanto, lugar de acesso a uma memória coletiva e crente. Neste sentido, é um ponto de encontro e partilha, onde os habitantes da cidade se reúnem, não apenas para celebrar o Natal, mas também para reafirmar o seu sentimento de pertença à tradição cristã e à cultura açoriana.

b) Dimensão cultural

A dimensão cultural alude a um o conjunto de elementos cognitivos, simbólicos e práticos que compõem o património de uma determinada tradição. Ainda que, do ponto de vista dos processos de transmissão e identificação crente, esta dimensão implique cada vez menos a adesão pessoal ao sistema de crenças que esteve na origem da construção deste património, considera-se relevante a sua apresentação no itinerário de aproximação pedagógica ao «objeto» selecionado. Numa perspetiva pessoal, a reflexão que poderá aqui discorrer, é uma possibilidade em aberto de exploração de outras vias da religiosidade popular insular, bem como das referências históricas que marcam a identidade da comunidade ribeiragrandense do século XX.

O Presépio do Prior Evaristo Gouveia, como referido anteriormente, está classificado como «Bem de Interesse Municipal» desde 2008. Pertencente à paróquia de N.^a S.^a da Estrela, da Ribeira Grande, é um dos mais antigos e mais apurados presépios movimentados portugueses. Como obra de arte coletiva, a sua construção e manutenção contou com «vários autores, colaboradores e refazedores» locais. De entre eles, destaca-se como autor dos primeiros bonecos, Luís Gouveia, afamado barrista e bonecreiro lagoense, sobrinho do Prior.

³⁸⁶ João Pedro Borges, «Ribeira Grande Mantém Tradição de Longa Data Com Os Presépios».

³⁸⁷ Cf. Ana Oliveira, «Top Azores: 10 Coisas Sem as Quais Não é Natal Em São Miguel», acedido a 12 de julho de 2021, <https://agendacores.pt/10-coisas-sem-as-quais-nao-e-natal-em-sao-miguel/>.

O Presépio do Prior Evaristo Gouveia é também considerado uma obra de arte popular, cuja temática religiosa e profana é transversal a todos os presépios. Nele, figuram cenas bíblicas relacionadas com o nascimento e vida de Jesus, a par de quadros que retratam o quotidiano da Ribeira Grande, na primeira década do século XX: «sapateiros de poucas letras», lavradores e pedreiros, pescadores, a matança do porco, a romaria quaresmal e as festas do Espírito Santo, tal como a representação dos ambientes da paróquia que o acolhe, como a Procissão do Coração de Jesus, o Cortejo dos Reis, um arraial na Cascata, a Igreja Matriz, o edifício da Câmara, o Jardim Municipal, o Parque Infantil, a Fábrica de Laticínios ou mesmo as Cavalhadas de São Pedro.

Além disso, o «Presépio do Senhor Prior» alberga outras características que o distingue de tantos outros: a herança das máquinas setecentistas e o legado do Arcano de Madre Margarida do Apocalipse.³⁸⁸ Nas palavras de António Araújo, «o segredo mais guardado [deste Presépio] era o do maquinismo que fazia andar as figuras».³⁸⁹

Este Presépio foi, desde o seu início, uma das grandes atrações natalícias da ilha de São Miguel. Segundo Araújo, vinha gente de toda a ilha admirá-lo:

aos milhares, chegavam de camioneta, enchiam as lojas junto à praça em busca da fava guisada e do vinho de cheiro, compravam batata-doce assada perto da Ponte do Paraíso. Organizava-se um bazar no Passal, o Manuel Manco trazia a música, e todos pagavam bilhete para visitar o presépio do senhor prior, exceto os idosos do asilo e as crianças da catequese, que iam devidamente separadas por sexos. No final, padre Evaristo dava-lhes figos, alfarrobas, nozes - e, às catequistas, santinhos com os mistérios do Rosário.³⁹⁰

Atualmente, existem dois tipos de público: aquele que visita o presépio pelo Natal, os moradores; e os que o fazem durante todo o ano (os turistas). Segundo Moura, as pessoas que integram a visita ao Presépio do Prior Evaristo Gouveia no seu itinerário de Natal, fazem-no «porque há música própria da quadra, prova de licores; incenso a queimar; as pipocas à saída do Museu».³⁹¹ Acrescenta ainda que, a curiosidade destas pessoas é aguçada pelas pequenas modificações ou inovações que se vão realizando anualmente, apesar da estrutura do Presépio se manter, em 90%, fiel à original. Em verdade, a visita ao Presépio incorpora uma das tradições do Natal dos naturais de São Miguel, a par da “Visita aos Presépios” da ilha, da inauguração da

³⁸⁸ «Madre Margarida do Apocalipse dedicou parte da sua vida (20 anos) a executar o Arcano: pequenas figuras moldadas em miolo de pão e goma-arábica, representando cenas do Antigo e Novo Testamento». Cf. Oliveira, «Top Azores: 10 Coisas Sem as Quais Não é Natal Em São Miguel».

³⁸⁹ António Araújo, «O Presépio do Sr. Prior», acedido a 8 de dezembro de 2018, <https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/antonio-araujo/o-preseprio-do-sr-prior-10294391.html>.

³⁹⁰ Araújo, «O Presépio Do Sr. Prior».

³⁹¹ Borges, «Ribeira Grande Mantém Tradição de Longa Data Com Os Presépios».

iluminação de Natal, da Missa do Galo, ou até mesmo a tradição «O Menino Mija». A seu tempo, é de ressaltar que o Município da Ribeira Grande apresenta uma forte ligação com a execução de presépios, remontando ao aparecimento do Arcano, e que tem vindo a ser protelada a partir de iniciativas como o concurso de presépios a nível particular ou coletivo.

O presépio do Senhor Prior destaca-se pelo seu caráter monumental, envolvendo toda a comunidade na sua construção e exposição, tornando-se um evento cultural marcante para a população local. A sua dimensão e riqueza de detalhes espelham a forma como a fé cristã é vivida nos Açores, através de uma ligação profunda com a terra e as tradições locais. Assim, o presépio torna-se uma forma de preservar e transmitir não só a fé, mas também o património cultural dos Açores às novas gerações.

Neste sentido, segundo o polo cultural de Hervieu-Léger, o Presépio da Ribeira Grande é uma ponte entre a religião e a cultura, refletindo a identidade açoriana e perpetuando a tradição cristã de forma viva e contextualizada na realidade local.

c) Dimensão ética-axiológica

A dimensão ética e axiológica é a de aceitação dos valores ligados à mensagem religiosa transmitidos por uma determinada tradição e que, por conseguinte, orientam a ação. Neste sentido, é perceptível que o Presépio do Prior Evaristo Gouveia parece apelar a uma relação entre um *ethos* cristão e as vivências sociais.

Ao aprofundar o significado do Natal, e, por conseguinte, do presépio, ultrapassando a ideia de que esta época festiva é a marca de um acontecimento histórico – o nascimento de Jesus –, somos confrontados com o Mistério da Encarnação do Filho de Deus, como máximo dom de Deus, a sua máxima manifestação da gratuitidade do seu amor. O Natal como «festa dos dons para imitar Deus», configura um momento que só poderá ser vivido em comunidade mediante um espírito de fraternidade, de dádiva de si. É, portanto, neste contexto que situamos o Presépio do Prior Evaristo Gouveia, enquanto lugar que foi e é capaz de reunir uma comunidade, onde cada um partilha o seu seu dom e se dá ao outro. Atentemos às inúmeras mãos que, ao longo do tempo, foram dando forma a este Presépio; aqueles que, diante deste Presépio, transmitem às gerações mais novas as suas vivências religiosas e sociais; ou até mesmo, aqueles para os quais esta visita é uma oportunidade de adorar o Menino e, uma vez mais, trazer a si o «espírito natalício». Em verdade, o próprio ambiente criado pelos

responsáveis do Museu, ao apresentar os visitantes com licores, poderá ser enquadrado neste contexto.

d) Dimensão afetivo-emocional

À luz desta dimensão, a afetiva-emocional, coloca-se a ênfase na forma como esta prática religiosa envolve as emoções, a memória e os vínculos pessoais, fomentando um sentimento de pertença e de identidade coletiva.

Em termos de envolvimento emocional com a tradição religiosa, o presépio do Prior Evaristo Gouveia em São Miguel foi concebido para provocar emoções, atraindo os participantes para a história do nascimento de Cristo. Além disso, o presépio não é apenas um símbolo religioso universal, figurando também um símbolo que faz parte da cultura local.

Além disso, a partir do modelo Hervieu-Léger, constata-se que o papel dos rituais religiosos na transmissão da memória coletiva é indiscutível, reconhecendo-se que o presépio do Prior Evaristo é uma memória cultural e religiosa, preservando a ligação à herança católica da ilha. Por outro lado, o presépio do Prior Evaristo Gouveia promove uma ligação emocional entre gerações. Pais, filhos e avós e netos participam juntos, dando uma continuidade emocional que preserva as tradições religiosas e familiares.

Prosseguindo com esta análise, também não se pode descurar a ligação à comunidade através da participação emocional (solidariedade emocional, rituais e identidade), bem como a estética e o apelo emocional. Assim sendo, o presépio do Prior Evaristo Gouveia em São Miguel pode ser entendido como um instrumento emocional e catalisador da fé cristã, que funciona como um meio de transmissão religiosa, um local de solidariedade emocional e de ligação comunitária e, ainda, como uma fonte caracterizada pelo envolvimento afetivo que liga os indivíduos à sua fé e à sua identidade cultural.

3.2.2. Presépio do Prior Evaristo Gouveia: exploração das possibilidades de aproximação pedagógica ao artefacto

O Presépio do Prior Evaristo Gouveia oferece inúmeras possibilidades pedagógicas que podem ser exploradas à luz do modelo de identificação e transmissão crente enunciado por Hervieu-Léger. E, concomitantemente, contemplar as orientações do programa para a UL 2: Advento e Natal, indo de encontro às características, necessidade e interesses dos alunos do 5.º

ano de escolaridade. Como atividades que poderão pautar este itinerário, sugerem-se as seguintes:

a) Visita ao Presépio do Prior Evaristo Gouveia

A visita ao Presépio do Prior Evaristo Gouveia surge, em primeiro lugar, como oportunidade para introduzir os alunos a uma prática e tradição cristã, dos locais da ilha de S. Miguel e, conseqüentemente, estimular o sentimento de pertença a uma comunidade crente. Neste contexto, importa ter presente que esta abordagem não descarta a apresentação do Presépio como principal símbolo do Natal. Pelo contrário, este configura-se um ponto de partida essencial para o itinerário a percorrer, no sentido da descoberta do verdadeiro significado do Natal. Neste âmbito, importa ainda referir que a própria visita de estudo nos remete para uma experiência comunitária, que deverá ter lugar num tempo específico, em dezembro.

Em segundo, deixa entrever o Presépio como mediador cultural. Pois, os alunos não só poderão ser confrontados com as dinâmicas subjacentes ao Presépio (desde a sua manutenção até à organização das visitas), mas também com dados históricos e sociológicos da cultura açoriana, conferindo-lhes uma visão mais ampla de como a fé pode influenciar o ambiente cultural em que se insere e vice-versa.

Em terceiro, a exploração do Presépio do Prior nas suas várias vertentes poderá ser um ponto de partida para relacionar valores cristãos com dinâmicas sociais concretas, desde a sua origem até ao presente. Neste contexto, a própria figura do Prior Evaristo Gouveia poderá ser uma referência.

Por fim, a visita ao Presépio poderá proporcionar uma experiência significativa capaz de gerar um vínculo afetivo-emocional, atendendo a que o simples anúncio de uma visita de estudo, com tudo o que isso implica, é motivo de excitação por parte dos alunos. Outro aspeto tem que ver com a experiência de grupo que, sendo num espaço exterior à sala de aula, estimula o estreitamento das relações interpessoais, trazendo maior significado à vivência.

b) Ilustração de figuras

A ilustração das figuras do Presépio do Prior Evaristo Gouveia poderá ser uma estratégia pedagógica que permitirá aprofundar a simbologia do Natal mediante a identificação dos símbolos e personagens presentes no Presépio em questão e, por conseguinte, o sentido do Advento e do Natal. A seu tempo, também irá possibilitar uma abordagem histórica e sociológica da cultura açoriana, segundo a mesma lógica.

Neste contexto, importa salientar «distorção pueril» e erros de perspectiva das figuras que povoam o Presépio do Prior. Esta particularidade poderá constituir-se um fator motivacional para a realização da atividade. Pois, se por um lado, as figuras apresentam-se como um modelo de desenho acessível aos alunos do 5.º ano; por outro, são capazes de gerar um sentimento de identificação com os registos gráficos dos próprios alunos.

c) (Re)produção de narrativas

A partir do Presépio do Prior Evaristo Gouveia os alunos poderão ser convidados a encontrar relações entre as várias figuras, sejam elas bíblicas ou alusivas ao contexto sociocultural açoriano, e a (re)produzir narrativas mediante diversas formas de expressão – escrita, oral ou dramática. Neste sentido, o movimento que caracteriza as figuras deste Presépio, pode ser entendido como um estímulo aquando da realização desta atividade.

A seu tempo, esta atividade também acarreta a possibilidade de identificar os valores cristãos e refletir sobre a sua aplicabilidade no dia a dia, através da interação entre personagens.

d) Construção de um presépio

O Presépio do Prior Evaristo Gouveia poderá funcionar como fonte de inspiração na construção de um presépio, tendo em vista o fortalecimento do sentimento de pertença à comunidade cristã e local, mostrando que todos os alunos têm um papel importante na preservação da tradição e que a fé é vivida em comunidade. Para o efeito, poderá servir o trabalho colaborativo entre os alunos, aliado à reflexão sobre a importância do Presépio como símbolo de Natal e «objeto» de mediação patrimonial e cultural açoriano, que une diferentes pessoas e gerações. Neste sentido, os alunos ainda poderão ser incentivados a compreender, na prática, a dicotomia que existe entre o Presépio entendido como símbolo religioso universal e expressão cultural, que se adapta e reflete características da comunidade local. Este objetivo poderá ser concretizado através de um exercício de comparação, tendo como referência o Presépio do Prior, assim como a análise das construções elaboradas pelos alunos. Os alunos poderão ainda ser desafiados a contruir um presépio que implique o uso de materiais típicos da região e a integração de figuras que representem a vida quotidiana da comunidade atual.

O processo de montagem de um presépio poderá, inclusive, suscitar afetos e emoções, na medida em que exige um maior envolvimento por parte dos alunos e uma maior interação entre estes. Por forma a promover um vínculo afetivo-emocional com o «objeto», durante a montagem ou até mesmo no fim, poderão criar-se espaços de partilha em que os alunos possam expressar emoções em relação ao processo de trabalho e ao próprio Presépio. A seu tempo, este espaço também poderá ser de contemplação e reflexão acerca do significado do Presépio;

dos valores cristão e respetiva aplicabilidade no dia a dia, em particular, durante o processo de montagem.

e) *Peddy Paper*

A atividade consiste num percurso com desafios e perguntas, permitindo aos alunos recolher informações e explorar conteúdos de forma interativa e colaborativa, para que seja completado um determinado circuito. Esta estratégia tem um carácter bastante abrangente, pois permite abordar as diferentes dimensões contempladas no Presépio, desde questões relacionadas com a fé até à história e tradições natalícias da comunidade local. Durante a atividade os desafios também podem exigir a aplicação dos valores cristãos, não só entre os membros do mesmo grupo, mas também com os restantes e até mesmo com visitantes ou funcionários do Museu. O *Peddy Papper* pode ainda incluir momentos de partilha de emoções e experiências pessoais relacionadas, não só com a atividade, mas também com os conteúdos tratados.

Em suma, foram apresentadas cinco hipóteses de estratégias pedagógicas, tendo como referência o Presépio do Prior Evaristo Gouveia. Considera-se que as referidas estratégias podem, de forma criativa, enquadrar, simultaneamente, os quatro polos de identificação e transmissão crente, enunciados por Léger (comunitário-identitário; cultura; axiológico ou ético e afetivo-emocional); e as orientações programáticas da UL 2: Advento e Natal. Deste modo, torna-se possível proporcionar aos alunos uma aprendizagem ativa e experiencial, mediante a qual poderão ver reforçada a sua identidade e, com efeito, o sentimento de pertença a uma comunidade (crente e/ou local); serão desafiados a refletir sobre os valores cristãos e a pô-los em prática; e convidados a desenvolver um vínculo afetivo-emocional.

3.2.3. Proposta de ação

A proposta de ação que aqui se apresenta, traduz-se numa visita de estudo ao Presépio do Prior Evaristo Gouveia a ser realizada pelos alunos do 5.º ano e que frequentam a disciplina de EMRC. Não obstante, salvaguarda-se que esta opção poderá integrar uma diversidade de estratégias pedagógicas, nomeadamente, as elencadas no ponto anterior deste trabalho.

a) Razões justificativas da visita de estudo

Enquanto estratégia, uma visita de estudo, quando devidamente planeada, pode afirmar-se uma experiência pedagógica onde os alunos têm a oportunidade de sair do espaço escolar

para aprender de forma interativa e num contexto real. Até porque se concorda com a ideia de Roldão, ou seja, a ideia de que as estratégias de ensino são o resultado de uma planificação concebida pelo docente e que visa o desenvolvimento de competências em contexto real.³⁹² Nesta ordem de ideias, a visita de estudo a proporcionar aos alunos do 5.º ano, que frequentam a unidade curricular de EMRC é, claramente, uma estratégia que visa facilitar e promover a aprendizagem sobre o significado do Advento e do Natal, tornando significativa:

[É] uma das estratégias que mais estimula os alunos, dado o carácter motivador que constitui a saída do espaço escolar. A componente lúdica que envolve, bem como a relação professor-alunos que propicia, leva a que estes se empenhem na sua realização. Contudo, a visita de estudo é mais do que um passeio. Constitui uma situação de aprendizagem que favorece a aquisição de conhecimentos, proporciona o desenvolvimento de técnicas de trabalho, facilita a sociabilidade.³⁹³

A visita de estudo é, assim, uma estratégia de ensino que pretende facilitar a aprendizagem e a sua natureza lúdica e didática, concorre para uma aprendizagem mais estimulante para os próprios alunos. Ela traduz-se numa oportunidade de aprendizagem:

Do ponto de vista didático, as visitas de estudo potenciam a assimilação dos conhecimentos pois, podem ser um momento de concretização do saber teórico e abstrato da sala de aula, por via do acesso direto e planificado a conteúdos de aprendizagem, aproveitando as potencialidades pedagógicas do meio. Assumem-se, ainda, como situações educativas em que a utilidade do saber científico é demonstrada, recorrendo-se a exemplos concretos, que proporcionam uma aprendizagem significativa, através da interligação que se estabelece entre a teoria e a prática.³⁹⁴

Portanto, a visita de estudo ao Presépio do Prior Evaristo Gouveia pretende ir de encontro às características e necessidades dos alunos dos alunos do 5.º ano, por forma a favorecer a aquisição e consolidação de conhecimentos subjacentes ao Presépio e, por conseguinte, sobre o verdadeiro sentido do Advento e do Natal; proporcionar-lhes uma experiência concreta e prática de um saber teórico e abstrato, simultaneamente, didática e grupal. Neste sentido, devem ainda ser consideradas algumas etapas essenciais para a planificação de uma visita de estudo

³⁹² Cf. Maria do Céu Roldão, *Estratégias de ensino – o saber e o agir do professor* (Porto: Fundação Manuel Leão, 2009), 55-56.

³⁹³ Miguel Monteiro, *O ensino numa escola plural in Actas do IV Curso de Verão da Ericeira* (Ericeira: Mar de Letras, 2002), 188.

³⁹⁴ Helder Oliveira, «As potencialidades didáticas das visitas de estudo: a perceção dos alunos sobre a aprendizagem desenvolvida», em *XIII Coloquio Ibérico de Geografía - Respuestas de la Geografía Ibérica a lacrisis actual*, ed. Dominic. Royé; José Vázquez; Miguel Otón; Maria Mantiñán e Marcos Díaz (Santiago de Compostela: Meubook, 2012), 1682.

como a definição dos objetivos da visita de estudo, a par da preparação, realização e avaliação da mesma.

b) Objetivos da visita de estudo

Seguindo a linha de pensamento iniciada nas razões justificativas da visita de estudo, começamos por identificar as metas, objetivos, conteúdos e aprendizagens essenciais definidos para a UL 2: Advento e Natal, por forma a contextualizar a visita de estudo, destacando os elementos do programa que deverão ser alvo de particular atenção ao longo da lecionação das aulas.³⁹⁵

Metas	Objetivos	AE		Conteúdos
A.	2. Interpretar textos bíblicos sobre a esperança de Israel.		Compreender as manifestações culturais e artísticas das comunidades cristãs relativas ao Advento e Natal.	- A grande esperança de Israel, Deus está atento às necessidades do seu povo: Is 9, 1; Is 11, 1-9.
G.	3. Reconhecer em Jesus a Nova Aliança de Deus com a humanidade.	Saber que o Natal é a celebração do nascimento de Jesus e a realização da esperança cristã.		- O nascimento de Jesus a Palavra e o amor de Deus que chegam até nós: Mt 1, 18-25; - A Nova Aliança, Jesus, o cumprimento da esperança de Israel.
	5. Identificar as figuras do Advento.	Identificar as figuras do Advento; Reconhecer o Advento como tempo de preparação para o Natal. ³⁹⁶		- As figuras do Advento, modelos de quem espera o Senhor que vem: Maria e São José.
	6. Conhecer a situação histórica do nascimento de Jesus.	Conhecer a situação histórica do nascimento de Jesus.		- Jesus encarna uma realidade histórica: Jo 1,14.
P. L.	7. Promover o valor da esperança de acordo com a mensagem de Jesus.	Assumir a construção de uma sociedade mais justa, humana e responsável de acordo com a mensagem de Jesus.		- A construção de uma sociedade mais justa, humana e responsável de acordo com o projeto de Jesus.

Tabela 4 - Metas, objetivos, AE e conteúdos da UL 2: Advento e Natal, no contexto da visita de estudo ao Presépio do Prior Evaristo Gouveia.

³⁹⁵ Os objetivos, aprendizagens essenciais e conteúdos foram selecionados e adaptados tendo em vista a estratégia pedagógica em questão.

³⁹⁶ Entende-se que a identificação e exploração das figuras do Advento, permitem aprofundar o sentido do Advento.

Para a visita de estudo, definiu-se um objetivo geral e vários objetivos específicos, em função da tabela anterior:

- Objetivo geral: proporcionar um contacto próximo com o objeto em estudo (o Presépio do Prior Evaristo Gouveia) e o aprofundamento do conhecimento adquirido, por meio de uma experiência prática e interativa;
- Objetivos específicos:
 - ✓ Compreensão religiosa: ajudar os alunos a compreender o significado religioso do Advento e do Natal, tendo como referência um exemplo real e concreto do Presépio do Prior Evaristo Gouveia; explorar a simbologia do Presépio;
 - ✓ Aprendizagem interativa e no terreno: proporcionar uma experiência de aprendizagem interativa e prática para complementar as aulas sobre o Advento e o Natal; promover o desenvolvimento de valores e atitudes alinhados com a mensagem cristã.
 - ✓ Apreciação estética e cultural: incentivar o desenvolvimento da capacidade de contemplação das expressões artísticas religiosas e culturais, nomeadamente, a forma como as realidades locais impactam a conceção e os temas de um presépio; constatar como o património cultural, a arte e a religião convergem no contexto específico de São Miguel;
 - ✓ Comunidade e tradição: demonstrar o papel das tradições na promoção da identidade crente/local; explorar a importância da transmissão de tradições e a forma como estas experiências contribuem para a preservação e transmissão da identidade crente/local.

c) Preparação, realização e avaliação da visita de estudo

Tendo em vista um planeamento adequado da visita de estudo ao Presépio do Prior Evaristo Gouveia, foram ainda consideradas as seguintes etapas: preparação, realização e avaliação da visita de estudo, de forma que os objetivos anteriormente definidos sejam alcançados com sucesso.

Para além da definição dos objetivos, a preparação da visita de estudo deve ter em conta aspetos como:

- Visitar previamente o local;
- Solicitar autorização à entidade escolar, aos pais/encarregados de educação e à instituição a ser visitada;
- Determinar atores e disciplinas a envolver;
- Preparar os alunos:

- ✓ Lecionação dos conteúdos preconizados para a UL 2: Advento e Natal;
- ✓ Aula de sensibilização: fornecer aos alunos informações sobre o Presépio do Prior Evaristo Gouveia, enquadrando-o no âmbito da UL 2 e do trabalho a realizar durante a visita; solicitar aos alunos o registo de questões sobre o local de visita para que possam ser colocadas ao guia responsável pela visita.
- ✓ Levantamento dos dados essenciais: dia, local/ hora de partida e chegada, materiais que cada aluno deve levar.

A realização da visita de estudo poderá ser orientada segundo duas tipologias: visita guiada e visita por descoberta. A primeira pressupõe que o professor ou monitor conduza as aprendizagens, explicando e transmitindo conhecimentos. Do ponto de vista pedagógico, corresponde a um modelo de ensino centrado no professor ou monitor e que, aplicado a uma visita de estudo, implica intervenções de curta duração, para um número reduzido de alunos. A segunda, concretiza-se através de um método de descoberta intencional e orientada, em que os alunos são desafiados a analisar e a pensar o que estão a observar, relacionando com os conteúdos da disciplina. Portanto, pedagogicamente, apoia-se em modelos de ensino centrados nos alunos. De acordo com o programa de EMRC, acredita-se que este tipo de modelos «cumpre melhor os Objetivos propostos»³⁹⁷ para lecionação da disciplina, «já que, através destes, se pode agir para melhorar o desempenho escolar, desenvolver competências sociais e a capacidade de agir em cooperação com os outros.»³⁹⁸ No contexto da visita de estudo ao Presépio do Prior, entende-se que as duas tipologias e, por conseguinte, modelos de ensino podem ser aplicados faseadamente no decorrer da ação. Assim, na realização da visita de estudo, poderão ser considerados os seguintes aspetos:

- Visita guiada:
 - ✓ Incentivar a observação;
 - ✓ Orientar os alunos na observação dos locais com o auxílio do guia;
 - ✓ Promover um diálogo que estimule a (re)criação de narrativas;
 - ✓ Propor aos alunos que mantenham um diário de bordo, onde possam registar observações, ideias e impressões ao longo;
- Visita por descoberta:
 - ✓ Realizar um *Peddy Papper*;

³⁹⁷ Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 157.

³⁹⁸ Secretariado Nacional de Educação Cristã, 157.

- ✓ Garantir que se proporciona um ou dois momentos em que os alunos têm a oportunidade de colocar questões;
- ✓ Proporcionar momentos adequados de convívio entre os alunos.

A visita ao Presépio do Prior Evaristo Gouveia pode, inclusive, articulada com outras áreas curriculares.³⁹⁹

Disciplina	Domínio	Aprendizagem Essencial
EMRC	Cultura cristã e visão cristã da vida	<ul style="list-style-type: none"> - Saber que o Natal é a celebração do nascimento de Jesus e a realização da esperança cristã; - Identificar as figuras do Advento; - Conhecer a situação histórica do nascimento de Jesus; - Compreender as manifestações culturais e artísticas das comunidades cristãs relativas ao Advento e Natal.
	Ética e moral	<ul style="list-style-type: none"> - Assumir a construção de uma sociedade mais justa, humana e responsável de acordo com a mensagem de Jesus.
Cidadania e Desenvolvimento	Interculturalidade	<ul style="list-style-type: none"> - Valorizar a diversidade de culturas, sociedades e mundivisões, atribuindo-lhes uma relevância equitativa; - Compreender as inter-relações entre as pessoas, os lugares, as economias e os ambientes, do local ao global e vice-versa.
Educação Visual	Apropriação e reflexão	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar diferentes manifestações culturais do património local e global, utilizando um vocabulário específico e adequado; - Compreender os princípios da linguagem das artes visuais integrada em diferentes contextos culturais (estilos e movimentos artísticos, épocas e geografias); - Reconhecer a tipologia e a função do objeto de arte, design, arquitetura e artesanato de acordo com os contextos históricos, geográficos e culturais.
	Interpretação e comunicação	<ul style="list-style-type: none"> - Interpretar os objetos da cultura visual em função do(s) contexto(s) e dos(s) públicos(s); - Compreender os significados, processos e intencionalidades dos objetos artísticos; - Intervir na comunidade, individualmente ou em grupo, reconhecendo o papel das artes nas mudanças sociais; - Expressar ideias, utilizando diferentes meios e processos (pintura, escultura, desenho, fotografia, multimédia, entre outros).
	Experimentação e criação	<ul style="list-style-type: none"> - Utilizar diferentes materiais e suportes para realização dos seus trabalhos; - Reconhecer o quotidiano como um potencial criativo para a construção de ideias, mobilizando as várias etapas do processo artístico (pesquisa, investigação, experimentação e reflexão); - Justificar a intencionalidade dos seus trabalhos, conjugando a organização dos elementos visuais com ideias e temáticas, inventadas ou sugeridas.

Tabela 5 - Visita de estudo: articulação com outras áreas curriculares

A visita de estudo enquanto estratégia pedagógica deve ser sempre objeto de avaliação, considerando «a utilização de um leque amplo e variado de *instrumentos e estratégias de*

³⁹⁹ Apesar de se ter feito referência a apenas três áreas curriculares, não significa que a visita de estudo não possa ser articulada com as demais áreas curriculares.

avaliação, no qual se inclui, necessariamente, a autoavaliação dos alunos.»⁴⁰⁰ Esta avaliação, por norma, formativa, permite acompanhar o processo de desenvolvimento das competências dos alunos e, por conseguinte, compreender o impacto da visita de estudo. No entanto, também pode fornecer elementos para uma avaliação sumativa e, por isso, a recolha de evidências concretas das aprendizagens e competências adquiridas. Acresce ainda a avaliação do modo como decorreu a visita, salientando-se os aspetos positivos, negativos e sugestões de melhoria.

Na avaliação das aprendizagens podem ser considerados instrumentos como, por exemplo: o diário de bordo, discussões de grupo, apresentações orais promovidas pelos alunos, um questionário, um relatório reflexivo, a (re)produção de narrativas, a organização de uma exposição, a construção de um presépio, entre outros. Aqui, a criatividade e engenho do professor poderão ser bons aliados!

⁴⁰⁰ Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 160-1.

CONCLUSÃO

Com o presente relatório, tentei projetar um itinerário que fosse capaz de responder a alguns dos desafios contemporâneos e, assim, colocar-me ao serviço da disciplina de EMRC, de forma mais significativa. Tais desafios são conhecidos, aliás, amplamente estudados e teorizados: empurram-nos no centro de complexas transformações sociais que, naturalmente, se estendem ao núcleo da Igreja. Como não podia deixar de ser, estes desafios devem ser considerados pelos educadores e, em especial, pelos docentes de EMRC. Este sentido de missão foi gerado no ceio da UL 2: Natal e Advento e, de modo particular, a partir da interrogação sobre importância do Presépio no contexto da referida UL. Mais concretamente: até que ponto o Presépio pode assumir um papel de maior destaque no itinerário proposto pelo programa de EMRC, no âmbito da UL 2? Afinal, estamos diante de um dos símbolos mais emblemáticos do Cristianismo – a representação do nascimento de Jesus Cristo, o lugar onde se condensa de forma visual e tangível a mensagem central da fé cristã: o Mistério da Encarnação do Filho de Deus. Todavia, não se tratou apenas de reconhecer a importância do Presépio no âmbito dos conteúdos da UL.

No contexto da prática letiva, tornou-se evidente a necessidade de projetar e fundamentar uma estratégia que facilitasse aos alunos o acesso a este símbolo. Um processo que pressupõe, desde logo, um olhar mais amplo sobre a realidade circundante. Podemos falar de uma crise de transmissão que revela uma reestruturação profunda do fundamento das identidades e dos modos de comunicação. Esta crise reflete a uma transformação radical dos fundamentos do laço social. Com a perda de referências sólidas, os indivíduos e as comunidades veem-se impelidos a construir novas formas de pertença e de identificação, muitas vezes desprovidas do apoio das tradições religiosas. Tal fenómeno é particularmente relevante no contexto cristão, uma vez que tem contribuído não só para o agravamento da comunicação entre a Igreja e a sociedade em geral, mas também para que as figuras, símbolos e narrativas cristãs sejam alvo de reinterpretações que desvirtuam os seus significados originais. No caso das festividades do Advento e Natal esta crise de transmissão manifesta-se na diluição do seu fundamento e sentido religioso, que frequentemente cede espaço a representações meramente comerciais e, porventura, culturais. O Presépio, por exemplo, embora profundamente enraizado na tradição cristã como símbolo do nascimento de Cristo e do mistério da Encarnação, enfrenta o risco de se tornar apenas um objeto decorativo, alheio ao seu valor espiritual e catequético, senão mesmo, culturalmente desconhecido.

Paradoxalmente, assiste-se a um certo reinvestimento cultural na esfera da religião-património, permitindo-nos vislumbrar um novo contexto para a transmissão religiosa. No

âmbito de EMRC, tendo o Presépio como referência, este cenário traduz-se nas seguintes questões: será que devemos considerar o Presépio apenas como representação simbólica do Natal? Ou também deverá ser considerado num contexto de mediação patrimonial e cultural? Será que, diante de uma proposta concreta de ação, encontramos Presépios que se constituem referências patrimoniais e culturais capazes de atender às dimensões de identificação e transmissão crente enunciadas por Hervieu-Léger? Portanto, a mediação patrimonial apoiada pela mediação/transmissão cultural emergiu como uma estratégia de reconhecimento, isto é, reconhecer que a memória cristã é parte da cultura, enquanto «co-residência», que acolhe as novas gerações, permitindo-lhes recolocar, de forma criativa, aquilo que recebem e lhes é transmitido. Visando a articulação entre os processos de transmissão e identificação, considerou-se o modelo enunciado por Danièle Hervieu-Léger (comunitária-identitária, cultural, ética-axiológica, afetivo-emocional).

Ora, com base no estudo realizado no segundo capítulo, foi possível compreender a centralidade do Presépio no âmbito das festividades do Advento e Natal, evidenciando-se o seu contributo para a lecionação da UL 2. De facto, este símbolo, não só condensa de forma visual e tangível a essência da mensagem cristã, no que toca ao verdadeiro sentido do Advento e significado do Natal, como está alinhado com os domínios de aprendizagem, metas e, particularmente, com os objetivos e conteúdos preconizados para a UL, remetendo-nos para a dimensão espiritual e ético-moral do Presépio. A seu tempo, o presépio entendido como manifestação artística, adquire o estatuto de artefacto religioso, que expressa as vivências e gestos, que caracterizam a dinâmica de uma determinada sociedade enquanto expressões vivas da fé cristã. Neste contexto, a mediação patrimonial constitui-se um processo que facilita o acesso ao presépio, através da sua conservação e interpretação, valorizando o seu estatuto cultural, histórico e simbólico. Este processo, sustentado por um outro mais amplo de mediação/transmissão cultural confere ao presépio um espaço de diálogo entre o passado e o presente, dando sentido ao presente, possibilitando a sua recriação e, por conseguinte, continuidade ao longo do tempo e do espaço. Emerge, assim, como um novo contexto para a transmissão religiosa. O modelo de Danièle Hervieu-Léger fundamenta esta dinâmica, uma vez que o Presépio integra as quatro dimensões de identificação e transmissão da fé: fortalece a identidade comunitária cristã, incentiva o diálogo cultural, promove os valores éticos da tradição cristã e desperta uma conexão afetiva com o mistério do Natal.

No âmbito da prática letiva, estas estratégias surgem como um novo contexto para que os alunos compreendam melhor o que os cristãos celebram no Natal, o impacto social que esta celebração tem nos modos de vida e, em última instância, para que desenvolvam uma maior

consciência do carácter evolutivo da fé ou, até mesmo, do seu amadurecimento, concretizando-se no reforço da identidade crente.

Deste modo, o Presépio poderá desempenhar um papel significativo na leccionação da UL 2, não só como símbolo do Natal, mas como artefacto pedagógico que permite uma abordagem capaz de integrar as dimensões de identificação e transmissão crente, respeitando a diversidade cultural e religiosa presente nas salas de aula. A proposta de um itinerário pedagógico traduziu-se numa ação, nomeadamente, uma visita de estudo ao Presépio do Prior Evaristo Gouveia. Verificou-se, inclusive, que este artefacto oferece inúmeras possibilidades pedagógicas que podem ser exploradas à luz das dimensões (comunitária-identitária, cultural, ética-axiológica, afetivo-emocional) enunciadas por Hervieu-Léger.

Em suma, considero que o presente relatório poderá confirmar a pertinência de uma abordagem pedagógica que valorize a dimensão cultural e patrimonial dos símbolos, gestos e práticas religiosas, no âmbito da disciplina de EMRC, muito embora o nosso ponto de partida tivesse sido o Presépio. Afinal, o que está em causa não é apenas o papel religioso do cristianismo, mas a rutura de uma memória coletiva que, de um ponto de vista mais amplo, é fundamental para a construção de uma identidade cultural e social. Portanto, não será por mero acaso que hoje assistimos a um reinvestimento cultural na esfera da religião-património.

A seu tempo, não poderia deixar de referir que este processo se revelou moroso e complexo, e o horizonte almejado longínquo, não fossem as informações disponíveis uma tempestade tumultuosa para a mente e para o espírito. De facto, estou convicta que o tema que me propus tratar é-me caro e, a seu tempo, a capacidade de o refletir e sintetizar afigurou-se reduzida diante de tamanha convulsão. Objetivamente, muita informação ficou por analisar, por refletir, depurar, por tomar forma na letra. Mas, mal de nós se nos deixássemos ficar por aqui! Aliás, considero que o presente trabalho é tão só o princípio de uma reflexão teórico-prática que pretendo dar continuidade. Pois, o que se espera é claro, contribuir para uma educação religiosa que seja não apenas informativa, mas formativa e transformadora.

BIBLIOGRAFIA

Fontes e Documentos

Câmara Municipal do Nordeste. «Município de Nordeste/Câmara Municipal de Nordeste». Acedido 4 de novembro de 2021. <https://cmnordeste.pt/>.

Direção-Geral da Educação. «Aprendizagens Essenciais de Educação Moral e Religiosa Católica: 5.º ano, 2.º ciclo do Ensino Básico». Acedido a 8 de setembro de 2024. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/emrc_2c_5a.pdf.

Escola Básica e Secundária do Nordeste. «Projeto Educativo de Escola – Escola Básica e Secundária do Nordeste – 2016-2019».

Escola Básica e Secundária do Nordeste. «Composição Unidade Orgânica». Acedido a 6 de setembro de 2024. <https://ebsn.edu.azores.gov.pt/2018/11/22/composicao-unidade-organica/?cn-reloaded=1>.

Bento XVI. Carta Encíclica *Caritas in Veritate* do Sumo Pontífice Bento XVI aos Bispos, aos Presbíteros e Diáconos, às pessoas consagradas, aos fiéis leigos e a todos os homens de boa vontade sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade. Acedido a 20 de setembro de 2024. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html.

Francisco. «Angelus. Domingo, 29 de dezembro de 2020». Acedido a 29 de setembro de 2024, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2020/documents/papa-francesco_angelus_20201129.html.

Francisco. «Angelus». Acedido a 11 de setembro de 2024. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2020/documents/papa-francesco_angelus_20201227.html.

Francisco. «Carta Apostólica *Admirabile Signum* sobre o Significado e Valor do Presépio». Acedido a 2 de maio de 2024. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20191201_admirabile-signum.html.

Francisco. *Carta Apostólica Admirabile Signum Sobre o Significado e Valor do Presépio*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2019.

- Francisco, «Meditações matutinas na Santa Missa celebrada na Capela da Casa Santa Marta. Aquele dedo que indica, 16 de dezembro de 2016». Acedido a 29 de setembro de 2024, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20161216_dedo-indica.html.
- Francisco. *O meu presépio – Vou falar-vos das personagens do Natal*. Cascais: Lucerna, 2023.
- Francisco. «A Santa Sé. Solene celebração da Santa Missa na noite do Natal do Senhor. Homilia do Papa Francisco». Acedido a 10 de setembro de 2024. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2018/documents/papa-francesco_20181224_omelia-natale.pdf.
- Francisco. «Natal do Senhor». Em *Convergência*, editado por Irmão Lauro Daros, 7-9. Brasília: Direção, Redação e Administração, 2017.
- Francisco. «Audiência Geral - Quarta-feira, 7 de dezembro de 2016: Esperança e Advento». Acedido a 10 de julho de 2014. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20161207_udienza-generale.html.
- Francisco. «Audiência Geral – Quarta-feira, 28 de dezembro de 2016: Contra toda a esperança». Acedido a 20 de julho de 2024. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20161228_udienza-generale.html.
- Francisco. «Viagem Apostólica do Papa Francisco aos Emirados Árabes Unidos. Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum». Acedido a 20 de setembro de 2024. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html.
- Francisco. «Carta Encíclica *Fratelli Tutti* do Santo Padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social». Acedido a 20 de setembro de 2024. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html.
- Governo Regional dos Açores. «Vila do Nordeste». Acedido 26 de junho de 2021. <https://www.azores.gov.pt/NR/exeres/928FB64A-64C2-4E1D-BBDD-C11351A63D12.htm>.

Instituto Nacional de Estatística. «Censos 2021 – Resultados definitivos». Acedido a 4 de junho de 2023. <https://www.ine.pt/xurl/pub/65586079>.

João Paulo II. «Exortação Apostólica *Redemptoris Custos* – Sobre a figura e a missão de São José na vida de Cristo e da Igreja». Acedido a 24 de julho de 2024. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos.html.

Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores. «Presépio do Prior Evaristo Carreiro Gouveia». Acedido a 2 de junho de 2021. <http://www.redemuseuscolecoesvisitaveisacores.pt/colecao/presepio-do-prior-evaristo-carreiro-gouveia/>.

Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Ensinos Básico e Secundário*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2007.

Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014.

Secretaria-Geral da Educação e Ciência. «Escolas Primárias em Portugal (anos 40-70) – Plano dos Centenários». Acedido a 11 de setembro de 2024. <https://www.sec-geral.mec.pt/pt-pt/pagina/7a-exposicao>.

Serviço da Juventude do Patriarcado de Lisboa. «Itinerário Juvenil. Temas para grupos de jovens (pós-crisma)». Acedido a 16 de setembro de 2024. <https://juventude.patriarcado-lisboa.pt/docs/Itiner%C3%A1rio%20Juvenil%20-%202020ano.pdf>.

UNESCO. «Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural». Acedido a 16 de setembro de 2024. <https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/decl-diversidadecultural.pdf>.

Urbano, Elisa, Martins, Sérgio e Pires, Mónica. *Conta Comigo, Manual do aluno - Educação Moral e Religiosa Católica - 5.º ano do Ensino Básico*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2015.

Estudos e Ensaios

Ambrósio, Juan. «Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares. Programa de EMRC, edição 2014». *Pastoral Catequética*, n.º 31/32 (2015), 63-81.

- Ambrósio, Juan. «A experiência religiosa e as suas múltiplas expressões culturais». Acedido a 30 de setembro de 2014, https://www.snpcultura.org/a_cultura_como_dimensao_especifica_do_humano.html.
- Alencar, Valéria. *O mediador cultural: considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de exposições e museus de arte*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2008.
- Arends, Richard. *Aprender a ensinar*. Madrid: McGraw-Hill, 2008.
- Aredes, Ueslei Vaz e Fr. Flávio Pereira Nolêto, «Jesus Cristo: verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, segundo Hans Kessler», *Revista De Magistro de Filosofia*, Ano VIII, n.º 17, 2015. s.p.
- Apolinário, Fernando. *A arte, alma da cultura e caminho de transcendência. O uso da arte no ensino de EMRC*. Lisboa: Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, 2020.
- Araújo, António. «O Presépio do Sr. Prior». Acedido a 8 de dezembro de 2018. <https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/antonio-araujo/o-preseprio-do-sr-prior-10294391.html>.
- Bastos, Paulo. «Jesus de Nazaré e a Palestina do seu Tempo: Uma análise do Jesus histórico em relação à opressão económica, social e política». *CES Revista* 23, (2009): 103-113.
- Bargellini, Emanuel e Gabriel Frade. «À espera da sua vinda: uma leitura teológico-litúrgica do tempo de Advento – Natal – Epifania e sua ligação com a Páscoa». *Revista de Cultura Teológica*, n.º 74 (2011): 111-133.
- Borges, João Pedro. «Ribeira Grande Mantém Tradição de Longa Data Com Os Presépios». Acedido a 12 de julho de 2021. <http://joaopedroborges.bravehost.com/padreevaristo3.html>.
- Carvalho, Cristina de Sá. *Curso Geral de Catequistas – Psicologia*. Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2004.
- Carvalho, Cristina de Sá. «Pastoral Juvenil e Diálogo Entre Carismas». *Theologica* 47, n.º 1 (2012): 125-133.
- Carvalho, Diana. «Mediação do Património Cultural». Acedido a 16 de setembro de 2024, https://www.academia.edu/39135452/Media%C3%A7%C3%A3o_do_Patrim%C3%B3nio_cultural.

- ChristianPure. «Estudo bíblico: O que é a nova aliança? Jesus, o novo testamento e a visão bíblica». Acedido a 17 de setembro de 2024. <https://christianpure.com/pt/learn/bible-study-what-is-the-new-covenant-jesus-the-new-testament-and-biblical-insights/>.
- Coelho, Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural. Cultura e imaginário*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1997.
- Conegero, Daniel. «O que significa Sarça Ardente? O que é uma sarça na bíblia?». Acedido a 14 de setembro de 2024. <https://estiloadoracao.com/sarca-ardente-significado/>.
- Corbellini, Dom Vital. «O sentido da Sagrada Família». Acedido a 10 de setembro de 2024. <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2022-12/sentido-da-sagrada-familia.html>.
- Corbin, Alain (ed.). *História do Cristianismo. Para compreender melhor o nosso tempo*. Traduzido por António Maia da Rocha. Lisboa: Editorial Presença, 2008.
- Crosti, Nicoletta. *O Convite da Nova Aliança (A Celebração da Eucaristia)*. Traduzido por Tomázia Santa Clara. s.l: Fundação Betânia, 2005.
- Cunha, Sónia. *A simbólica Cristã da Unidade Letiva 2 “Jesus Nasceu”, no 1.º ano do 1.º ciclo do Programa de de Educação Moral e Religiosa Católica*. Braga: Faculdade de Teologia, da Universidade Católica Portuguesa, 2015.
- Diocese de São João del Rei. «Advento: espiritualidade da espera». Acedido a 29 de julho de 2024. <https://diocesedesaojoaodelrei.com.br/advento-a-espiritualidade-da-espera/>.
- Direção Regional da Cultura. «Enciclopédia Açoriana / Nordeste (concelho)». Acedido a 11 de maio de 2024. <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx?id=9012>.
- ECCLESIA. «Educação: Professor Alfredo Teixeira desafia à partilha do que se está a fazer para operar “movimento de transmissão”, no âmbito da escola católica». Acedido a 14 de outubro de 2024. <https://agencia.ecclesia.pt/portal/educacao-professor-alfredo-teixeira-desafia-a-partilha-do-que-se-esta-a-fazer-para-operar-movimento-de-transmissao-no-ambito-da-escola-catolica/>.
- ECCLESIA. «O Tempo do Advento». Acedido a 27 de julho de 2024. <https://agencia.ecclesia.pt/portal/o-tempo-do-advento/>.
- Escaraboto, Kellen. «Sobre a importância de conhecer e ensinar». *Psicologia USP* 18, n.º 4 (2007): 133-146.
- Esperança, Eduardo. *Património e Comunicação – Políticas e Práticas Culturais*. Lisboa: Vega, 1997.

- Faria, Jacir de Freitas. «Jeremias, o perdão e a nova aliança: esperança ou sonho?». Acedido a 27 de agosto de 2024. <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/42-comentario-do-evangelho/642179-jeremias-o-perdao-e-nova-alianca-esperanca-ou-sonho>
- Faria, Nelson. «Os cinco atos da história da salvação». Acedido a 17 de setembro de 2024. <https://congressoeucaristico.pt/os-cinco-atos-da-historia-da-salvacao/>.
- Filipe, Ana et al. *Mediação cultural: objetos, modelos e públicos*. Património a Norte 5. Porto: Direção Regional de Cultura do Norte, 2020.
- González, Maria. «Educação Inclusiva: Uma Escola para Todos». Em *Educação Especial e Inclusão. Quem Disser que Uma Sobrevive Sem a Outra Não Está no Seu Perfeito Juízo*, editado por Luís Correia, 57-72. Porto: Porto Editora, 2010.
- Gonçalves, Vanessa. *Descobrimo Portugal com os Sentidos*. Lisboa: ISEC, 2014.
- Hervieu-Léger, Danièle. *O peregrino e o convertido, a religião em movimento*. Lisboa: Gradiva, 2005.
- Instituto Humanitas Unisinos. «O verdadeiro significado do Advento». Acedido a 19 de setembro de 2024. <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/614803-o-verdadeiro-significado-do-advento>.
- Lamelas, Isidro Pereira e Ana Lúcia Esteves. *De Belém a Grecci. O Presépio de São Francisco de Assis*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2023.
- Lima, António Manuel et al. *Centros interpretativos: técnicas, espaços, conceitos e discursos*. Património a Norte 3. Porto: Direção Regional de Cultura do Norte, 2019.
- Lutz, Gregório. «A espiritualidade do Advento». Acedido a 27 de julho de 2024. <http://centrodeliturgia.com.br/a-espiritualidade-do-advento/>.
- Melo, José de Almeida. *Presépios na ilha de São Miguel*. Ponta Delgada: Publiçor, 2008.
- Mendonça, José Tolentino. «Não somos nós a preparar o presépio para Deus nascer». Acedido a 20 de julho de 2024. <https://www.imissio.net/artigos/53/5401/nao-somos-nos-a-preparar-o-presepio-para-deus-nascer/>.
- Mendonça, José Tolentino. «A mediação cultural – um novo contexto para a transmissão religiosa?». *Communio* 23, n.º 4 (2006): 435-441.
- Moita, Fernando. «*A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual*», Pastoral Catequética. Fórum de Educação Moral e Religiosa Católica «Descobrir a solidez da fé:

- Testemunho e missão do professor de EMRC». *Revista de Catequese e Educação*, n.º 26 (2013).
- Monteiro, Miguel. *O ensino numa escola plural in Actas do IV Curso de Verão da Ericeira*. Ericeira: Mar de Letras, 2002.
- Moura, Mário Fernando Oliveira. *Memórias do Presépio da Ribeira Grande. 1.º Centenário 1915-2015*. Câmara Municipal da Ribeira Grande, 2015.
- Murillo, Luís Carlos Jaime . «Isaías 11: forma y significado. Un canto de paz y de esperanza», *Revista de Cultura Teológica*, n. 4 (1993): 51-68.
<https://doi.org/10.19176/rct.v0i4.14104>.
- Negro, Mauro. «O justo José – A vocação de José, no relato de Mateus». *Revista de Cultura Teológica* 20, n.º 77 (2012): 111-157.
- Neves, João. *As figuras do Presépio*. Cascais: Lucerna, 2014.
- Neves, Tony. «Lusofonias – Presépio, Mistério admirável». Acedido a 11 de setembro de 2024.
<https://agencia.ecclesia.pt/portal/lusofonias-presepio-misterio-admiravel/>.
- Oliveira, Ana. «Top Azores: 10 Coisas Sem as Quais Não é Natal Em São Miguel». Acedido a 12 de julho de 2021. <https://agendacores.pt/10-coisas-sem-as-quais-nao-e-natal-em-sao-miguel/>.
- Oliveira, Helder. «As potencialidades didáticas das visitas de estudo: a perceção dos alunos sobre a aprendizagem desenvolvida». Em *XIII Coloquio Ibérico de Geografía - Respuestas de la Geografía Ibérica a la crisis actual*, editado por Dominic. Royé; José Vázquez; Miguel Otón; Maria Mantiñán e Marcos Díaz, 1680-1687. Santiago de Compostela: Meubook, 2012.
- Oliveira, Monsenhor André Sampaio de. «Reflexão: Advento, tempo de renovação e esperança». Acedido a 27 de julho de 2024.
<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2023-12/reflexao-advento-tempo-renovacao-esperanca.html>.
- Paróquia de São José. «Página Litúrgica. Quinta-feira Santa». Acedido a 12 de setembro de 2024. <https://saojose.pt/files/56b0319e070245589f22cd35c9199534.pdf>.
- Pbro, Julio. «La experiencia religiosa de Israel». *Medellín* 17, n.º 67 (1991), 305-332.

- Ravasi, Gianfranco. «José: Retrato essencial do pai legal de Jesus». Traduzido por Rui Jorge Martins. Acedido a 24 de julho de 2024.
https://www.snpcultura.org/jose_retrato_essencial_do_pai_legal_de_Jesus.html.
- Rego, Joachim. «Esperança Cristã, uma luz para a Ação». Acedido a 19 de setembro de 2024.
<https://passionistas.pt/esperanca-crista-uma-luz-para-a-acao-2/>.
- Rodrigues, Elisabete Maria Batista. *Esperança, o dom de ver para além do visível. Uma proposta à luz da Unidade Letiva 2 do 5.º ano*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa Faculdade de Teologia, 2019.
- Roldão, Maria do Céu. *Estratégias de ensino – o saber e o agir do professor*. Porto: Fundação Manuel Leão, 2009.
- Silva, Luís. «O tempo é advento». Acedido a 10 de janeiro de 2024.
<https://agencia.ecclesia.pt/portal/o-tempo-e-advento/>.
- Silva, Omar João da. «Os símbolos de uma utopia paradisíaca em Is 11, 1-9». *Estudos Bíblicos*, v. 35, n. 139 (2018): 301-315.
- Sousa, Rodrigo. «Símbolos, memória e a semiótica da cultura: religião entre a estrutura e o texto». *Estudos de Religião* 29, n.º 1 (2015): 70-86.
- Surian, Francisco Emílio. *Teologia da Aliança e sua relação com a dignidade humana: aspetos coincidentes entre a Nova Aliança e as principais celebrações da Aliança no Antigo Testamento*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.
- Teixeira, Alfredo e Juan Ambrósio. *A religião como modo de habitar o mundo. Manual do aluno – EMRC – Ensino Secundário*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2015.
- Teixeira, Alfredo. «As montagens mediáticas da sacralidade», *Revista Portuguesa de Ciência das Religiões* 1, n.º 2 (2002): 93-103.
- Teixeira, Alfredo. «“Casar pela Igreja”: Pedagogia paroquial e “terciarização” dos estilos de vida». *Theologica* 41, n.º 1 (2006): 75-96.
- Teixeira, Alfredo. «A exterioridade Deus. Uma aproximação à teoria da religião de Régis Debray». *Didaskalia* 457 (2008): 455-481.
- Teixeira, Alfredo. «O canto da natividade. A mística do sul». *Communio* XXXI, n.º 1 (2014): 111-127.

Teixeira, Alfredo. «Religião, memória e cultura: perspectivas teóricas a partir de Maurice Halbwachs». *Horizonte* 17, n.º 53 (2019): 915-935.

Teixeira Alfredo. *Não sabemos já donde a luz mana. Ensaio sobre as identidades religiosas*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2004.

Teixeira, Priscila e Bernardelli, Kellen. «A Heterogeneidade: Um trabalho para todos e cada um em sala de aula». *Olhares & Trilhas* 18, n.º 3 (2010): 165-191. <https://doi.org/10.14393/OT2016aXIII.n.25.170-196>.

Vaz, Armindo. «A Bíblia, património cultural e formativo», *Communio* XXIII (2006): 443-451.